

Sangue e Neve



Ida Borchardt



IDA BORCHARDT

Sangue e Neve

Despertada em
SANGUE E NEVE

Um prelúdio escrito nas chamas ao luar

Há centenas e centenas de anos, numa época perdida no passado
Houve uma guerra no chão estelar, na amplitude do infinito
E no plano das nuvens, dos seres feitos do pó do universo
Nasceu a discórdância e o conflito em meio a harmonia,
O rancor e a dor em meio à paz nesse extenso firmamento

Fragilizada a amplidão em todos os tons e cores
Partido pela emoção e aversão vertidos
Rasgou-se o véu e expulsos eles foram:
Os elementais do céu, gerados da colisão das constelações
Ainda em profunda batalha voraz, ao solo foram atirados

Aqui, recebidos, aos prantos e gritos
Diante da própria dimensão,
Imortais, mas tocáveis,
Finalmente compreenderam e lamentaram
Que ao seu antigo lar não mais poderiam retornar,

E o sol, Senhor do calor, ainda clama
E a Lua, mãe da luz, ainda chora
Pelos filhos perdidos, elos rompidos
Caídos e perdidos na terra do lamento e da morte
De onde jamais escaparão

De sua canção de exílio
Seu lamento no soturno solstício
Magia aqui fora libertada
Das lágrimas que irromperam das feras
Encantos eternos foram conjurados

E naquela noite
As estrelas caíram dos céus.
“E o céu chorou seus filhos
A poeira descida das nuvens,
Tomou a forma de deuses.
Carne, presas, sangue e asas:
Assim nasceram os dragões
As estrelas caídas do céu (...)

1. Do despertar ao desespero

Cheiro de sangue e ferro,
Ferrugem e correntes...

Prisão. Esqueça a dor, esqueça a dor. Murmuro para mim mesma.
Tento ficar de pé, mas é impossível... fico ali, imóvel, quebrada.
Então caio de novo. Me perco mais uma vez, na escuridão.

ريال ∞Ω∞. ريال

Sangue e Neve.

Todas as minhas lembranças dolorosas durante essa parte da minha vida contêm esses dois elementos. Todas essas lembranças, pintadas de branco e vermelho, foram o que me trouxeram até aqui. Naquela noite nevava e o rubro sangue cobriu o claro manto de neve, como se as pétalas de uma roseira caíssem todas ao mesmo tempo. A noite em que me transformei pela primeira vez.

Eu acordei no meio da madrugada ouvindo os berros e sentindo o cheiro da fumaça. Era inverno e mais uma noite de frio e neve nos abraçava quando o alarme foi soado: Um ataque! Me levantei e saí correndo pela casa ouvindo a voz grave do meu pai, falando para mim mãe:

— Saqueadores, acordem as crianças.

Fiz o caminho de volta para o quarto, Aram dormia no colchão de palha ao meu lado. Ajoelhei-me, o peguei nos braços e saí correndo em direção à porta. Porém, mal consegui chegar até onde estavam meus pais, com um baque ensurdecedor a porta foi arremessada ao chão, e vários homens armados com espadas e foices entraram. Eles berraram coisas sujas. O cheiro das roupas imundas entrou por minhas narinas e me deu ânsia de vômito. Estava a ponto de molhar as calças de medo.

Meu pai soltou um grito: — Não temos nada, nem dinheiro, nem comida. Deixe as crianças em paz...

Um dos saqueadores calou a boca dele com um murro.

— Não temos nada... não toque nas crianças.

Outro homem tentou me agarrar e me jogar contra a parede. Abracei Aram e comecei a soluçar. Minha mãe estava abaixada no canto, chorando

compulsivamente. Meu pai avançou contra o homem que estava tentando arrancar meu irmãozinho dos meus braços e também arrancar minhas roupas. Vi o brilho da lâmina rapidamente, antes dela ser enfiada na barriga dele... meu pai caiu no chão, numa poça de sangue, morto. Minha mãe, desesperada, se jogou contra o corpo berrando seu nome: Lugh! Lugh!

O monstro que esfaqueou meu pai chutou o rosto da minha mãe. Ela se levantou e tentou correr, mas foi agarrada pelos cabelos e arrastada para o outro cômodo. Eu ouvi os gritos e corri na direção dela. Fui derrubada no chão e Aram, arrancado dos meus braços. Senti-me tão fraca... não era o primeiro ataque que a vila sofria, mas era o primeiro em que a morte era algo tão claro.

Aos 15 anos, você se acostuma com a fome e a desgraça facilmente. Se acostuma com a morte e a peste por escassez, quase como respirar. Mas naquele momento, estava ensanguentada e sendo espancada por 4 homens, enquanto tentava ignorar meu pai morto ao meu lado no chão e minha mãe berrando coisas horríveis, vindo do quarto.

Precisava proteger Aram. Me levantei entre os chutes e tentei alcançar a criança silenciosa sendo erguida pelos braços como um monte de feno. Sem nenhum grito.

— Por que o moleque não grita? Não tem graça se eles não suplicam.

A montanha de sujeira e músculos que levantou meu Aram pegou uma faca e traçou um corte no peito do garotinho. Sangue e lágrimas se misturaram, ele estava apavorado tanto quanto eu.

Aram soluçou, contudo, não fez som algum. Porque Aram jamais falou. Ou gritou. Porque Aram nasceu diferente. Por isso eu cuidei de Aram. Eu levantei e fui na direção dele.

— Solta ele. Solta. COMO PODE MACHUCAR UM BEBEZINHO!

Lágrimas caíram, escorrendo pelo meu rosto. Avancei de novo e fui novamente chutada. Vomitei sangue. Um dos saqueadores gargalhou enquanto tentava arrancar meu vestido. Os risos se confundiam aos sons da batalha, lá fora. Eles estavam se divertindo. Sofrimento era o prazer desses desgraçados.

Fiquei em pé. Não ia chorar. Não ia dar prazer a eles. Então senti a morte vindo. Ou, naquela hora, pensei que era algo como morrer. O fogo ardendo embaixo da minha pele. Abracei o meu corpo e comecei a gritar. Os homens me

olharam de um modo estranho. Eu senti o fogo e, agora, queria que ele me queimasse. Mas a única coisa que pensava era: de onde ele vem? Quando jogaram fogo em mim?!

Somente aí percebi que era tarde. Eu morri ou adormeci... e estava em algum tipo de sonho. Um pesadelo em que eu trazia o sofrimento e a dor a eles.

Quando a fera vem à tona, a consciência humana se refugia nas trevas e abraça o silêncio. Essa lição aprendi somente anos depois, depois de sessões cansativas e violentas de treinamento. A questão é que a fera anseia pela destruição. Busca o sangue e a morte. E em nada pensa quando esta enfurecida. Somente causa dor em quem a despertou.

Eu lembro do som dos ossos quebrando. Lembro das súplicas pela vida. E, principalmente, lembro do gosto do sangue e da carne dos saqueadores.

Matei a todos. Um por um. Os cacei na escuridão e no caos da vila semidestruída pelo ataque. O cheiro de sujeira, desgraça e metal das espadas me guiou. Na verdade, não fui eu, mas o monstro que farejou e os rasgou. Então o dia raiou, o lobo partiu e me deixou caída na lama.

Quando o dia clareou, vi os primeiros rostos espreitando por detrás dos casebres. Eram pessoas que eu conhecia. Meus vizinhos, amigos de meus pais. Pais! Cambaleante, levantei do chão e fui tentar caminhar até minha casa. Aram, papai, mamãe! Como pude esquecê-los?!

O chefe da vila murmurou algo para um dos homens. Eles caminhavam até mim vagarosamente. Há alguns metros de distância, ele falou:

— É seguro chegar perto?

— O lobo já se foi e não voltará tão cedo... é o momento certo para amarrá-la.

Me amarrar?! Recuei um passo para trás. Fugir seria complicado. Estava rodeada pelos moradores da vila. Precisava enfrentá-los. Precisava fazer algo. Assim, tomei fôlego e gritei com eles:

— Me amarrar? Mas eu salvei vocês... vocês não queriam um lobo?! Eu sou um lobo! Cadê mamãe e Aram?

— Você não entende nada, criança tola. O lobo teria que ser um homem, e não uma menina estúpida que despertou antes da idade certa. Você é azar e destruição!

Nesse instante, olhei ao meu redor e percebi o que estava por vir. Os homens carregavam correntes pesadas. Conheci-as de relance. As correntes de prata que vi outrora na casa do grande chefe.

—Você não respondeu o que perguntei... onde estão mamãe e Aram?

— No inferno. Para onde você vai em seguida.

Então veio o sinal e as correntes foram atiradas ao meu redor.

ريال ∞Ω∞. ريال

A jaula: meu novo lar

Sujeira e sangue: meus companheiros.

Ratos, os únicos olhares que procuravam o meu sem terror em sua face.

Há menos de 7 dias passados, eu era Andarim. Filha mais velha de Lugh e Astar, irmã de Aram. Catadora de cogumelos da floresta e ajudante da minha mãe. A vendedora de pães. Agora, eu era o monstro acorrentado.

Cinco correntes de prata espessas me prendiam às paredes da cela. Não havia prisões na nossa vila e eu só sabia da existência delas pelas histórias. Das narrativas dos viajantes que passavam por aqui. Porém, havia a jaula. Esse espaço imundo e minúsculo em que eu estou presa nos últimos dias, cercada pela neve que persiste ainda em cair, tornando tudo branco à minha volta.

Eu ouço vozes à minha volta. Sei que a vila está sendo reconstruída e que os corpos dos invasores foram queimados numa enorme fogueira. E sei que os moradores da vila estão sendo sepultados aos poucos. Eu ouço as lágrimas, os gritos de dor. Mas o pior de tudo: sei que minha mãe sobreviveu à toda desgraça e não foi até agora tentar me soltar.

Eu a vi dois dias depois de ser trancada na jaula. Ela estava com a multidão que foi assistir à minha confinação. Só que havia algo de errado em seus olhos, no seu modo de respirar, na forma como seu corpo se movia. Ela estava morta por dentro e não me ajudaria... e, provavelmente, ninguém ajudaria a ela também.

Ninguém foi me soltar ou afrouxar as malditas correntes que cortavam onde tocavam. Meus pulsos e tornozelos estavam muito feridos e com um cheiro abominável saindo deles. Ninguém me deu comida desde a manhã do ataque. Ninguém me dirige a palavra mais. Eles esperam que eu morra na jaula.

Eu ouvi as últimas conversas ao redor da minha prisão. Eles não tinham coragem de tirar a minha vida. Haviam me visto crescer e brincar na soleira das suas portas. Só que eu não poderia mais viver... eu traria a desordem e a morte para a vila toda. O meu despertar, como se referiam a noite do ataque, tinha sido a minha sentença final.

No início, eu chorei. Eu supliquei que me soltasse. Eu gritei por comida e confessei a minha fome e medo. Então as horas viraram dias... eu ansiava pela voz forte do meu pai, me contando contos na escuridão da noite. Eu queria ouvir a aguda voz da minha mãe, dando-me ordens e reclamando do quanto eu era desastrada. Mas o que mais desejava era o abraço forte e doce de Aram. Meu pequeno irmão, a quem não consegui proteger e nem enterrar.

Em algum momento, eu desisti de lutar. Não tinha mais forças para pedir nada. Se a morte viesse, eu a abraçaria em silêncio. Não me importava com os ratos vindo beliscar minha pele. Ou com o cheiro de podridão à minha volta. Eu tinha quinze anos e iria morrer ali, sozinha e acorrentada, como o bicho que eu havia me tornado. Os sonhos vieram com a exaustão e com eles o calor.

O Lobo lutava dentro de mim para sair, mas eu estava fraca demais. Ele uivava nos meus pensamentos, tinha medo por mim. Foi ali, nas trevas da jaula, que eu entendi que a fera me amava mesmo eu a odiando. Ela havia saído de mim para me salvar, só que sua vinda tinha destruído minha vida.

Aquele intenso calor ia e vinha, de dentro, irrompendo. E os pesadelos também. Morte e mais morte, misturada com cheiros e sons. E quanto eu acordava, eu tentava parar minha respiração para acabar com tudo.

O lobo tentava a todo custo me manter viva. Quando eu perdia a consciência, ele liberava o calor e me fazia tentar arrancar as correntes. Quando eu tentava chorar, ele trazia à tona lembranças bonitas de Aram e papai... e o rosto da mamãe ferida e calada ao lado das grades para me lembrar: o coração dela ainda bate, é isso que importa.

Numa certa manhã, eu uivei.

Não como nos sonhos que bagunçaram a minha mente, não como nos sons que o lobo fazia quando vagava pelas florestas e se enfiava entre as árvores, quando eu fitava as folhas da cor dos meus olhos, além da jaula. Eu uivei porque o lobo sussurrava para mim que aquilo me faria sentir melhor... e fez. Eu me senti um pouco menos ferida, mais viva, mais livre.

Aí vieram os barulhos próximos à minha prisão. Passos, vozes altas, tilintar de espadas. Será que era agora que terminava? Em torno da jaula havia um grupo diferente de pessoas. Vestiam grandes capas de viagem cor marrom terra, decoradas com bordados verdes. Homens de cabelos escuros e pele bronzeada, guerreiros do reino. Entre os recém-chegados que olhavam aterrorizados para minha forma suja e acorrentada, surgiu uma mulher.

Ela cheirava a flores e mel. Mesmo à distância eu podia sentir esses odores. Ela era incrivelmente alta, não era pequena e magrela como as mulheres da nossa vila. Os cabelos dela eram uma confusão de grossos cachos castanhos avermelhados, vestia uma capa semelhante aos dos demais soldados, só suas roupas de baixo que eram diferentes: um corpete de couro, com uma veste xadrez avermelhada cobrindo um corpo de formas volumosas, calça de tecido grosso verde musgo e botas para cavalgar até os joelhos.

Mulheres não usavam calça em nossa vila, nem em nenhum lugar que eu conhecia, mas aquela usava. Também não carregavam espadas ou armas, somente ela estava parada me fitando alarmada enquanto sua mão enluvada apertava fortemente o punho de uma longa espada presa à sua cintura. Mulheres comuns não fazem perguntas em voz alta aos homens, mas ela fez:

—Por que ela está presa? – Falou a estranha com uma voz rouca e profunda.

—Não é da sua conta, soldado do rei. – Falou o chefe da vila. —É assunto nosso.

Ela se voltou bruscamente para o velho, agarrou-o pelo colarinho e o ergueu alguns centímetros do chão:

—Não sou só um soldado, sou uma comandante. E exijo que me explique porque este vilarejo mantém uma criança presa numa jaula como um animal.

— Ela deve ficar onde estar e morrer aí. Seu sangue vai acalmar a fúria dos ancestrais, seu corpo deve ser enterrado no solo dessa vila em breve. Não se engane tendo pena, ela só trouxe morte a este povo. É um monstro capaz de atos abomináveis.

— Quem trouxe a morte foram os saqueadores que NÓS estávamos perseguindo e vieram atacar sua vila no caminho. Uma criança não tem nada a ver com a mente de merda que aqueles homens possuíam. Agora, eu ordeno que abra essa maldita porta antes que eu tenha que usar o poder real e mandar prender a todos.

— Sua cadela real! Os moradores da vila foram surgindo. Foices e espadas velhas e enferrujadas nas mãos.

— A menina pertence a esta vila e o destino dela é decidido por nós. Tem a permissão para passar uma noite nessa vila, nada mais. Então, deve partir. E se você se aproximar da jaula de novo, você e seus soldadinhos terão o que merece!

— O homem está louco, ameaçando uma guarnição real assim. — Murmurou um dos combatentes. — Nádia, o que vai fazer? Quais são suas ordens.

A mulher girou em seu próprio eixo olhando os homens armados à sua volta. Sua boca se mexia silenciosamente, contando. Abaixou o rosto e suspirou:

— Vamos armar um acampamento no limiar da vila. Precisamos de uma fogueira, comida e lugar para descansar.

Por fim, voltou-se ao velho chefe e falou usando um tom ameaçador: —Essa discussão não termina aqui, meu caro. — E saiu arrastando a capa entre a multidão, com seus soldados a seguindo.

ريال ∞Ω∞. ريال

2. No cavalgar da tropa de alazões

AVila era um amontoado de desgraça e fracasso. Homens fugidos das capitais, bandidos escondidos de seus crimes e um monte de roceiros sem cultura, educação ou qualquer habilidade que não seja plantar e colher o milho na data certa. Pequenas propriedades em torno de um punhado de lavouras decrepitas, próximas a um riacho raso.

Perseguir um bando de saqueadores durante incansáveis semanas pelas florestas úmidas e escuras e encontrá-los todos mortos num cenário de morte não foi a maior surpresa dessa jornada. A grande incógnita e razão pela qual não conseguia dormir, mesmo estando exausta, tinha cerca de um metro e meio de altura e os olhos mais verdes que já havia vislumbrado em minha vida. Faz três dias que estamos acampados e o rancor contra os moradores do lugarejo vem inflamando a mim e aos soldados que comigo aguardam o desenrolar da teia do destino.

O líder da vila se negava a narrar o que havia ocorrido antes de nossa chegada, contudo, minha experiência e própria vivência me permitiam ter algumas intuições e visões daquela noite. Eu sentia e mentalmente admitia o inevitável. Ela havia executado os nossos alvos. Uma alma partida em duas, um corpo que mudava em situações de conflito, um chamado de uma fera que rasgava a realidade e dominava as tempestades. A criança possuía garras e uma forma animal, ocultas num corpo ferido e assustado que eu ansiava tirar daquele inferno.

Meu próprio passado me confrontava naquela jaula, como se o destino subitamente decidisse me trazer lembranças e sentimentos por mim repelidos. Eu compreendia o medo estampado nos seus olhos e a dor de se sentir sozinha, estranha e perdida. Como mercenária e escrava, lutei em uma guerra e salvei um rei da morte. Mas antes disso, bem antes disso, precisei aprender a sobreviver e lidar com algo novo, algo assustador. Eu e a menina éramos partes da mesma trama, duas almas e naturezas no mesmo corpo.

Foi no terceiro dia de acampamento à beira da Vila que pude me aproximar novamente da jaula. Ela estava desacordada, adormecida. Tal como um pássaro preso à uma gaiola, tentando voar com suas asas abertas, ela estava suspensa com seus braços estendidos.

Os moradores do vilarejo sabiam bem o que ela era, aquelas correntes não eram simplesmente para prender uma pessoa qualquer: eram grossas e feitas de

prata pura. Eu já havia sido acorrentada usando correntes bem parecidas e sabia o quanto elas eram dolorosas para nós, metamorfos.

Ao longo dos anos lidando com minha própria dupla natureza, me confrontei com muitos nomes e teorias sobre o que éramos. Homens de caldas e garras, seres de duas almas, demônios assassinos ocultos em pele humana, mensageiros dos corações das florestas.

No final, todos os rótulos e histórias terminavam do mesmo jeito: ninguém tinha certeza de quem era o primeiro homem-animal a caminhar sobre o solo, nem porquê ou como. Porém, nós existíamos, mesmo que algumas cidades fizessem questão de nos tratar como mitos, seres inexistentes.

Em geral, as pessoas repeliam o que não entendiam ou não podiam dominar, principalmente os Senhores de cidadelas. Esta estirpe desagradável que se rotulava nobreza não passava de lama e bosta de cavalo. Para nada serviam, viviam de sugar dos mais pobres e humilhar a quem os servia. E, pelo jeito, aquela Vila cheirava a esterco e mofo, tinha alguns seres lamentáveis que se achavam de algum modo superiores, como nobres. Do jeito que minha paciência estava com os líderes daquela porcaria de lugar, acabaria abandonando todo o diálogo e partindo para a ignorância em poucas horas.

Sentada à beira da jaula, comecei a pensar em como libertaria ela sem criar mais uma batalha neste lugar. Era certo que, caso alguém me atacasse, eu e meus guerreiros poderíamos nos defender. E inclusive matar. E nenhuma responsabilidade nos seria delegada, visto que ainda estávamos como representantes do Rei, concluindo uma missão. Contudo, já tinha muitos problemas com a capital real para justificar a destruição de uma Vila qualquer, que contribuía com impostos para a Cidadela Esmeralda. Muitas complicações no horizonte me receberiam, certamente.

Quando dei por mim, estava há algumas horas ali, perdida em pensamentos sentada no chão, e ela me observava, através das grades e das mechas douradas do cabelo. Mudei minha posição e fiquei diante dela com as pernas cruzadas. A pele dela era uma confusão de sujeira e pequenos arranhões.

Então me toquei que as correntes estavam impedindo o processo de autocura. A fera devia estar irada, presa numa carcaça ferida e faminta. Faminta? Merda, agora que havia me tocado que já passava da hora de dar algo de comer a ela. Enfiei a mão em minha bolsa de provisões presa contra o corpo e retirei um pedaço de carne de carneiro seca e algumas amêndoas.

Estiquei um generoso pedaço da carne para dentro da grade, na direção dos lábios da criança. Ela balançou a cabeça negando e ouvi uma leve voz, murmurando:

— Se você me der comida, eles irão te matar. Saia daqui.

— E acha que eles vão conseguir? Pare de falar asneiras e coma. A carne é boa, bom tempero. Irá te dar forças. E essas são as amêndoas mais doces de todo o lado sul do reino, cultivadas pelos capricornianos à beira de lagos de água azul e grande fartura de peixes.

— Capricornianos? Nunca ouvi falar desse reino...

—Não é um reino, é um povo. – Expliquei, enquanto arrancava uma lasca da carne e me estiquei através da grade, entregando-o para a menina que abocanhou e mastigou lentamente.

—Eles têm chifres arredondados, como os carneiros. E pés de bode. Ahhh, eles têm pelos grossos pelo corpo todo e os olhos... são incríveis, brilhantes como as estrelas.

A menina olhou espantada para mim, com os olhos arregalados e a boca aberta, surpreendida. Saber que aquela história a interessou me deixou feliz. Arranquei mais um pedaço da carne e dei para ela, a distância entre a grade e ela é grande, então fico feliz por minha altura avantajada e meus braços longos me permitirem alcançar-lhe a boca, mesmo com dificuldades.

— Então eles são monstros? Esses capricornianos? Eles são animais?

Gargalhei, enquanto ela abocanhava a peça de carne de novo e dessa vez também mordisquei um pedaço, porque a fome também estava me visitando. Então olhei para o céu claro, além da copa das árvores e fiquei pensando como ia formular as palavras para explicar isso. A primeira vez que vi os capricornianos, entendi que havia muito mais do que as pessoas nas cidades estavam nos contando: a ignorância sobre o que havia longe das fazendas e muros era gigantesca.

—Nem uma coisa, nem outra. Não há monstros, só coisas diferentes, outras raças. Você passou sua vida nesse pedaço de estrume que chama de Vila. O mundo lá fora é muito maior, há todos os tipos de seres e criaturas, capazes de fazer mais bem e agir com mais educação que esses párias que te mantêm aqui.

—Me leva lá? Se eles não são monstros... se são diferentes como eu..., talvez, não queiram me matar. – Falou a menina, com os olhos cobertos de

lágrimas densas e a voz embargada, suplicando-me.

Engoli em seco o punhado de carne que estava mastigando, que desceu áspero pela minha garganta. Estava ali, rindo e comendo com uma criança que morreria em breve se não fosse tirada daquela jaula. Que tipo de porcaria de líder de guerra eu era, se não sabia exatamente como livrá-la do sofrimento que lhe foi imposto? Como eu poderia proteger a honra de um reino, se não a protegesse?

— Eu vou te salvar. Vou cuidar de você e te levar para conhecer aqueles arrogantes chifrudos dos satíricos, mas já te aviso logo: o senso de humor deles só não é pior que o hálito. Também tem os sagitarianos, com seus corpos de meio homem, meio cavalo: esses não sabem o que é um banho há anos. Só que a sopa deles de cogumelos do deserto com mel é uma das coisas mais gostosas do mundo. E tem os....

— Sua IMBECIL REAL! MULHER INFELIZ! O que você está fazendo aqui!?

Fui interrompida pelos berros do líder do vilarejo, aquele velho asqueroso arrastando sua cintura redonda e suas roupas gastas e bregas. Dei um sorriso para a menina e sussurrei “volto logo”, antes de me levantar e confrontar o homem que chegava, nos interrompendo.

— Sua mãe nunca te ensinou que interromper a conversa dos outros é feio? Se bem que, feia mesma, é essa sua cara de leitão gordo. Perdeu seu prato de lavagem por aqui e veio procurar?

O homem ficou vermelho de raiva e pôs a mão sobre uma espada de ferro enferrujada, presa a cintura. Eu fiz menção de desembainhar a minha, mas por trás do gordinho nervoso surgiram meus guerreiros um a um, olhando para ele com fúria. Um sinal meu e ele seria apunhalado e rasgado por tantas lâminas que o sangue jorraria tal como uma chuva vermelha.

Respirei fundo, fiz um sinal com a cabeça para que eles me seguissem e atravesssei o tenso cenário, intocada.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Vamos, sua corja de bebedores de cerveja e devoradores de pernil! Sua capitã precisa de ideias. E precisa agora.

— Quem diria que um dia iríamos ver essa cena: a suprema Nadja pedindo ajuda porque não sabe o que fazer.

— Mais uma gracinha e perderá mais um dos seus brilhantes e alvos dentes, Ross. Sua noiva já não está contente com seu atraso em pedi-la em casamento e, ainda, receberá um noivo banguelo e inchado quanto voltarmos.

Pietr quase caiu do tronco que estava sentado, gargalhando. Tomou um longo gole da bolsa de couro cheia de licor e, antes de passar o odre a outro, disse: — Ross não tem amor à vida, não. Não sei o que é pior, deixar a capitã furiosa ou aquela mulher dele, que consegue amedrontar qualquer um com um olhar ou uma palavra!

Ross ergueu suas mãos enluvadas e sorriu abestado, mostrando aqueles dentes branquelos que usou para conquistar a futura esposa, junto com aquele cabelo cobre espetado e sua famosa lábia na cavalaria.

— Minha doce Sophie pelo menos parece uma donzela, de vez em quando. E a sua mulher que parece um açougueiro, com aqueles braços redondos e musculosos? Conta para nós, qual tapa dói mais: o da Berenice ou da nossa adorável capitã?!

Meu querido guerreiro de cabelos já cinzentos pelo tempo, Pietr, ergueu seu corpo volumoso rapidamente e deu um empurrão de leve em Ross, cambaleando e quase caindo em cima de Orfen e Dichen, que estavam sentados ao lado de dele.

— Estou rodeada de beberrões implicantes, que agem como criança, disputando quem tem a mulher mais assustadora ou o que? Pelas altas colinas congeladas, ninguém aqui consegue pensar em algo útil, não?

— Capitã, porque a menina é importante? Já cumprimos nossa missão, devemos voltar à capital e fazer nosso relatório ao Comandante. Estamos perdendo tempo aqui... -Falou Androx, enquanto limpava sua espada, sentado num canto mais distante da roda. Ao lado dele, Castor, Andross e Verdan acataram as palavras com a cabeça, ainda a comer.

Olhando fixamente para mim completou, então, Murab, fincando seu punhal na terra úmida:

— E a menos que você nos esclareça o porquê, fica difícil nos empenharmos em uma luta, quando está nos deixando à parte dela.

Peguei o odre, dei uma longa golada e repassei mentalmente as palavras do meu espadachim mais habilidoso. Olhei para meus companheiros da cavalaria silenciosamente, sentados em círculo à minha volta, curiosos, fitando-me e esperando uma resposta.

—Já conduzi vocês por todo tipo de confusão e missão perigosa nesses últimos quatro anos, poderiam só acreditar em mim sem perguntas quando digo que ela é valiosa e, de certa forma, importante para mim?

Os nove homens da pequena companhia que comigo viajavam se entreolharam, cheios de perguntas e indagações silenciosas. Mas, por fim, ergueram-se aos poucos e puseram as mãos sobre meus ombros, acatando minhas palavras. Meu posto como capitã não seria questionado, ainda. Tinha-os ao meu lado e isso já bastava, por hora.

Subitamente, meu querido falastrão Ross engasgou ao virar o odre num gole e ficou embasbacado, tossindo com os olhos esbugalhados. Ele se levantou desajeitado e começou a socar o próprio peito com o punho esquerdo, até recobrar o fôlego e me olhar com um brilho lunático na face. Então, liberou o sorriso mais cheio de zombaria que já vi em toda a minha existência, e soltou de uma vez, uma frase cheia de reticências e todo tipo de interpretação:

— E uma pequena fraude?!

— Como assim, Ross? – Perguntei agarrando o ombro do homem, virando-o em minha direção.

— Não podemos matar ninguém, correto? Nem destruir a vila..., mas e sobre lograr e enganar? Ludibriar um bando de camponeses com cérebro lerdo não será nada difícil...

— Ainda mais se usarmos toda essa superstição deles como arma... – Ele começou a freneticamente esfregar as mãos, pensativo.

— Fala logo o que pensou sua carcaça bêbada! – Retrucou Pietr já de pé, com a voz cheia de interesse e animação.

— E pode ser bem divertido... – Androx completou. – Quando começamos?

Ross agarrou a capa e a bolsa de mantimentos, e correu até alcançar seu cavalo, com um sorriso presunçoso de quem estava se sentindo sortudo. Ele montou rapidamente, vestiu sua capa e gritou dali:

— Me sigam! Precisamos de algumas coisinhas para que o plano tenha êxito.

— Para onde vamos, seu maluco?! – Falei antes de catar meus próprios pertences e ir até minha montaria. – Você realmente espera que vamos segui-lo sem nem saber para onde vamos?

— Explico no caminho, bela Capitã. Confia em mim?

— Tenho alguma opção no momento, cabeça de caranguejo?

Balancei a cabeça, rindo. Pelo menos agora tínhamos um plano e um bando de guerreiros animados com a possibilidade de zombar do povo daquela rústica aldeia e resgatar a menina, tudo em um golpe só. Assim, o tropel de alazões deixou o acampamento, com um breve rastro de pó pelo caminho.

ريال ∞Ω∞. ريال

3. *O Epitáfio da Rosa*

V eludo, seda, linho, fibra de pelo de arminho. Camadas de tecido, sobrepostas, presas um a um. Branco, dourado e vermelho. Sim, roxo, a cor da nobreza, da realeza. E um novo broche, cravejado de cristais azuis e ouro, no formato de um camafeu. Por último o véu, bege com leves bordados vermelhos. Pronta ela estava, minha rainha, Asbel.

Sentado naquela poltrona em silêncio, vendo-a se vestir, como em toda manhã. Sendo ajudada por tantas servas, quanto às necessárias. Tornar-se a figura deslumbrante que adorna meu palácio, mais que qualquer pintura. Ela se levantou da sua cadeira de madeira clara e se voltou para mim, enquanto suas auxiliares iam esticando a calda da longa veste recém posta.

Seu sorriso já não era tão mais claro como no passado, quando a conheci. Mesmo as rugas sobre suas faces começavam a ocupar mais espaço do que há pouco tempo atrás. O cabelo cor de carvão cada vez mais ostentava fios prateados em seu comprimento. Ainda assim, ela tinha uma altivez e beleza que transpunham os anos e a idade, afinal, qual o maior encanto do que envelhecer ao meu lado?

Fui até lá e toquei sua face delicadamente e disse que a esperaria no saguão, para a primeira refeição. Saí do quarto e tomei o corredor do castelo, ainda sonolento, terminando de vestir aquela capa real, incômoda e pesada. No hall principal, fui abordado por uma das muitas meninas que serviam a Senhora minha esposa, trazendo aquela coisinha que eu sempre me esquecia de colocar pela manhã:

— Majestade, Rainha Asbel pediu para entregá-la a você.

Os braços finos da menina me estendiam aquele acessório ao qual ainda não estava totalmente acostumado, enrolado num lenço, para ocultá-lo. Minha coroa, aquele aro prateado, adornado com inscrições e pequenos desenhos. O símbolo do cargo que eu exerço há 15 anos: afinal, sou o Rei.

Coloquei a coroa sobre a cabeça, rapidamente, e cruzei os portões do Saguão principal. Uma mesa estava posta com pompa, comida em grande quantidade, flores para enfeitar e uma jarra de água cristalina próxima à minha cadeira, na extremidade. Asbel entrou minutos depois, seguindo um dos mais desnecessários rituais da realeza: as mulheres deviam se servir após os homens terem iniciado. Não me agradava, mas mudar a etiqueta à essa altura do campeonato não era algo que fosse possível.

À mesa, meu primeiro general e meu astuto filho mais velho, sentados à esquerda, já estavam se servindo quando cheguei e Asbel, minha rainha, sentada à minha direita, iniciou sua refeição. Nos servimos conversando sobre coisas variadas, havia alguns relatos do reino, pequenos incidentes, casos de pragas em algumas plantações e focos de atividade de rebeldes. Ainda era numerosa a quantidade de famílias nobres que não aceitavam a minha coroação e tramavam ações para tentar assumir o trono designado a mim.

Asbel tomou de seu cálice e ficou fitando o líquido calada por alguns instantes, antes de voltar seus olhos à minha direção e falar:

— Preciso prestar condolências ao túmulo de minha irmã.

— Nós já discutimos sobre, Asbel. Ir até lá em meio a essas pequenas revoltas pode gerar desconforto. – Falei delicadamente, segurando sua mão.

— Ela é sangue meu, minha irmã mais velha. Em breve completará mais um ano de sua morte, preciso prestar homenagens... são as tradições! Ano após ano você me nega esse direito, me prende nesse castelo, me impede de fazer o que devo fazer.

— Mamãe, ouça as palavras do seu Rei e marido. Não insista em visitar a sepultura de Marsha. – Disse meu filho, Nótt, antes de se levantar da mesa.

— Nótt... – Ela sussurrou, olhando fixamente para o filho mais velho, na plena e forte constituição de seus 19 anos.

Percebi o quanto sua voz saiu reprimida e cheia de sentimentos não bem definidos. A perda da irmã era dolorosa. Mas todos naquela sala certamente saberiam que o processo em torno da morte de Marsha era muito complexo por si só. Uma dama da nobreza, morta na guerra com o esposo. Uma revolta rebelde em meio a uma disputa delicada pela coroa. Disputa essa que foi vencida pela minha pessoa, minha casa de sobrenome mediano e poucas posses.

— Minha rainha, pense na situação e na sua posição. Se ainda insistir nesse pensamento, conversaremos novamente a respeito. Mas por hora, a resposta é não.

Ela terminou de beber o conteúdo de sua taça, fez uma reverência e deixou a sala pisando forte, altiva e em silêncio. A criação nobre de minha esposa e a minha se diferenciava em pontos sólidos: onde nós nascemos e como fomos criados. Mesmo após 25 anos naquele casamento, a personalidade forte e altiva dela, uma nobre da cidade, ainda entrava em colisão com meu jeito rústico e prático de

Senhor de terras do interior. Nessa hora, deveria prevalecer o bom senso e esse desejo dela, certamente traria problemas futuros.

— Bem, minha Excelência..., você sabe que ela abordará novamente o assunto assim que estiverem sozinhos. Correto? – Falou meu primeiro general, Argus, cortando mais um pedaço de seu pernil de cordeiro e levando à boca

— Eu sei que ela o fará. – Suspirei, olhando para meu companheiro de batalhas.

— Enfim, há um assunto que preciso lhe transmitir. A Segunda Cavalaria está distante da capital já há muitas semanas e não temos recebido mensagens de seu paradeiro.

— Nadja não tem feito qualquer contato? Que estranho. Qual foi a última missão para a qual foram designados?

— Perseguir e capturar alguns saqueadores que atacaram algumas residências próximas à capital. Eles fugiram em direção às florestas escuras de Folha Parda e, depois, não tivemos mais notícias do grupo.

— Foram enviados rapidamente e imaginávamos que retornariam em alguns dias, e nada até agora. Era uma missão relativamente simples.

— Isso não é do feitio dela... pode ser o guerreiro mais cabeça dura, teimoso e genioso que já comandeï. Mas é leal e sempre presente. Seu silêncio é estranho... em que circunstâncias o contato foi perdido?

— Logo após adentrar as florestas. Os alvos estavam descontrolados atacando todo tipo de propriedade que encontravam pelo caminho... muitas perdas e destruição, diga-se de passagem.

— Envie um rastreador, alguém de confiança. E peça que remeta qualquer informação diretamente a mim quando souber de algo.

— Teme uma traição, Majestade? Por parte de alguém da cavalaria ou da própria Capitã, talvez?

— De certo não. Problemas, talvez. Alguma confusão com toda absoluta certeza. Não deve se esquecer do que temos oculto no coração das florestas de Folha Dourada, meu comandante.

— Vilarejos, algumas propriedades rurais decrepitas, alguns riachos... não sei o que há de importante nesse cenário, meu Senhor.

— Não se faça de tolo, Argus. Clãs de homem-animal. Famílias antigas que há muito não tem descendentes capazes de se transformar. Nós estamos fazendo pesquisas sobre, com os anciões do Enslaved.

— Pretende trazer mais desses “guerreiros” à capital, Majestade? Pergunta ele, com crescente desdém.

— Alianças, meu grande amigo. Alianças. —Respondo, em alto e bom tom, enquanto o encarei diretamente. Sua aversão pelo povo de dupla natureza há muito vinha me gerando problemas por baixo dos panos. Ainda mais quando você precisa manter um véu entre eles e o resto do reino, mantendo-os ocultos até mesmo dentro do próprio exército.

— Não entendo o porquê, quando possuí tantos bons soldados por aqui. —Ele continua. Ótimo, meu general real amanheceu o dia pronto a me irritar.

— O que mais pode acontecer depois de encarar uma esposa geniosa e um subordinado que não concorda com seus métodos? — Disse entre os dentes, enquanto saboreava um pedaço de pão.

A porta principal foi aberta num solavanco e um moleque mirrado em roupa de servo entrou tropeçando na própria túnica, com a face perplexa, seguido de perto por duas damas de companhia da minha rainha. Ora vejamos, eu e minha maldita boca. Senti que a situação estava à beira de piorar

ريال ∞Ω∞. ريال

— Qual parte de ir visitar o túmulo de uma rebelde de guerra você ainda não entendeu como um problema, Rainha Asbel?

Ele me falou olhando com certo desprezo, que me incomodou, contudo, precisei ignorar. Por hora, andando pelo quarto buscando ser exata na escolha de pertences. E rápida. Antes que Lucien aparecesse e acabasse com meus planos. A menos que eu fizesse as coisas de modo tão articulado, que ele não pudesse me impedir. As minhas serviçais se negaram a me auxiliar e olhavam tudo impassíveis e estáticas: elas sabiam que o que eu estava fazendo ia desagradar o Rei. Ou seja, estava sozinha nessa empreitada.

— Bem, vamos começar pela parte que você não me chama mais de MÃE e que estamos falando do aniversário da morte da sua TIA. Assim você entende melhor?

— Ok, “Mãe”. Marsha foi a sua irmã, mas olha como ela morreu! Ela resolveu conduzir um monte de soldados para uma batalha sem sentido e contra o seu esposo, que já era Rei.

— Ela estava atordoada com a morte de Heitor. Pelo pó das Fadas, Nótt. Preciso do seu apoio agora e não de uma lição de moral sobre as escolhas erradas de Marsha.

— O seu marido, o seu REI, acabou de lhe dizer que não deve fazer qualquer tipo de visita àquele lugar e o que você faz? Sai da sala do trono e mandar preparar cavalos porque irá partir em uma hora para aquele lugar. É absurdo! Pare de fazer esse maldito baú e ouça o que tenho a dizer. — Ele me deteve, agarrando minha mão. Estava com raiva, muita raiva.

— Talvez quando seu pai me devolver seu irmão, não insistindo na ideia de o enviar para aquele antro bestial, possamos ter algum diálogo. Por hora, não tente me deter.

Sabia que citar a iminente partida de Liam não seria uma boa ideia, a competição entre os dois irmãos era grande e, para muitos no castelo, a perda do irmão mais novo antes do mais velho era algo demasiadamente triste.

Arranquei meu braço de sua mão e terminei minha bolsa de viagem, pedi meu casaco carmim mais grosso e quente para uma das serviçais, que murmurou algo como “*não faça isso, minha Senhora*”, mas, ainda assim, foi obediente o suficiente para ir até o outro quarto e voltar com a peça de roupa pendurada em seu braço. A mirrada menina olhou assustada para o príncipe aguardando uma definição, gaguejando algo com voz tão baixa a ponto de ser impossível de ser ouvida, enquanto Nótt continuava a me confrontar:

— Eu gostaria muito de saber onde foi parar aquela mulher eloquente e cheia de pompa e obediência que um dia eu conhecia como minha mãe.

Parei diante da serviçal e esperei até sentir a peça ser devidamente presa pelos broches e cordões sobre meu vestido matinal e saí caminhando, arrastando meus pertences, seguida por meu filho que ainda debatia sobre minha insanidade temporária, e as serviçais aos prantos, aconselhando-me a não desobedecer uma ordem real.

Então, diante do portão inferior, à frente da minha carruagem que me esperava com as portas abertas. Intocável e imponente, com os braços cruzados sob um manto de peles de animal, adornado com dezenas de braceletes prateados com

todo tipo de incrustação e pedras preciosas. O Rei supremo, meu marido há 25 ciclos perfeitos. Pai de meus dois filhos. Hora de duelar e nem precisei de cavalos, lanças ou escudos para isto.

— Vejo que já foi informado de minha partida. — Tentei manter o máximo de controle e me impor. Recomecei a fala, decidida e tentando manter a firmeza da voz: — Está decidido, voltarei em alguns dias.

— Decidido em que instância? Na medida em que desafia seu rei e esposo diante de todo um castelo? Ou porque está se apoiando em sua legendaria teimosia e arrogância para justificar uma decisão tola? Usa o sangue como justificativa para sua atitude e ignora o matrimônio sagrado entre um casal para prosseguir com suas impensadas ações.

— O sangue clama por respeito, são os sortilégios da morte. São ritos sagrados. Por que não tenta me entender? — Precisei persistir em minha opinião, muitos olhares já se reuniam à nossa volta, afinal, naquele horário muitos eram os lacaios e pessoas do reino que se aproximavam. O ar estava tenso e senti que as coisas não estavam nem um pouco a meu favor.

— Lucien, eu voltarei em alguns dias, só ficarei por algumas horas lá. É impossível que isso gerará todo esse conflito que vocês temem. Ou será que não confia na estabilidade do seu reino? — Ótimo, mesmo em uma situação dessas não consegui conter minha ironia. Meu esposo me olhou com uma fúria digna de uma fera selvagem, pronta a atacar. — Já faz 15 anos que ascendeu ao trono e que venceu essa guerra, já está na hora de me permitir chorar a morte da minha irmã em paz.

— Rainha Asbel, contestar a estabilidade do seu reino e a autoridade do seu marido não é uma forma digna de defender seu ponto de vista. Afinal, você não é igual parte desse cenário? A morte e loucura de sua própria irmã não seria sua culpa também?

Meu sangue ferveu e formulei um milhão de frases violentas, mas antes mesmo de pronunciar qualquer uma delas, um cavaleiro avançou do portão velozmente, sendo precedido por cavaleiros com longas bandeiras do reino.

À frente dos alazões, um colossal homem amadurado, com sua imensa barba negra e cabeça raspada, desmontou em um salto, fazendo o solo levemente tremer ao tocá-lo. Bergan fez uma breve reverência em minha direção, sem ousar olhar diretamente nos meus olhos, e então se voltou para Lucien e começou a falar imediatamente:

— Nobre rei, trago notícias não promissoras... Alguém está forjando criar um cenário fantasioso. Estão brincando com os mortos e tentando transformar o Epitáfio da Rosa em realidade.

— Do que falas, Bergan? Que absurdo é esse que está proferindo?

— Juro por todas as Fadas das florestas e Ninfas dos mares. Pela lua que brilha nos altos céus. O homem gesticulou nervoso, enquanto falava atordoadado.

O Epitáfio da Rosa... do que falavam?! Aquelas palavras ecoaram na minha mente e eu inutilmente fiquei tentando buscar em minha memória ao que se referiam. Até que, em súbito relampejar de consciência, uma imagem surgiu diante dos meus olhos, coberta por trepadeiras e rosas; um túmulo com uma inscrição marcada usando magia. No lugar onde minha irmã agora repousa...

— O que diabos houve na sepultura de Marsha?! – Esbravejei, agarrando as vestes do guerreiro e fazendo-o olhar diretamente para mim.

— Sua irmã não está mais lá, Rainha Asbel. O corpo se foi.

ريال ∞Ω∞. ريال

4. *Aquele que repousa sob a pedra*

Na escuridão da minha ferraria, repassava mentalmente as orientações do pedido recebido recentemente. Da empunhadura até o final da lâmina, ela deveria conter 115 polegadas, aço temperado, cabo adornado com pequenos entalhes circulares: uma *claymore* nova para o mais novo guerreiro do Enslaved. Pena que meu irmão, Dustan, dificilmente conseguiria levantar tal espada, com seus braços ainda finos e o corpo de moleque de 16 anos que ostentava. Joguei mais carvão no fogareiro e aticei as chamas, debruçado sobre o caldeirão no qual o aço derretia.

A ideia de presentear aquela espada a um menino soava um tanto quanto presunçosa, porém, havia partido do Senhor do Clã e não podia ser contestada. No ano seguinte, Dustan finalmente seria considerado adulto perante os anciãos, mas para mim, Olaf, ainda era o mesmo pirralho franzino que corria atrás de Mikael e de mim nos treinamentos e missões. Era estranho pensar que logo ele estaria em suas próprias batalhas, deixando a segurança do lar e a companhia dos irmãos.

Quando o aço já borbulhava intensamente, tomei as pinças e ergui o caldeirão, fazendo a mistura descer por sobre a pedra de forja. No mesmo instante, enquanto o aço se moldava aos espaços vagos da moldura, tomei o martelo e o acertei seguidamente, na medida em que deixava aparar arestas, retocar prováveis imperfeições. A colisão do metal ainda maleável golpe a golpe gerava um som ritmado que se reunia à minha respiração e aos meus batimentos, na bela arte de transformar o bruto ferro em algo mortal.

Horas de trabalho seguidas depois, gastas em etapas e mais etapas para o nascimento de uma arma como aquela, tomei a espada que já ganhava formas, afundei o metal ainda quente no tonel de água ao lado da mesa e a ergui contra a luz, afim de ver o resultado. Enquanto observava o próprio reflexo sobre a lâmina recém-nascida um ruído ecoou, e sobre o metal uma longa rachadura surgiu. “*Isso é ruim...muito ruim... um mau presságio*”, murmurei. O ar ficou frio e as chamadas do forno, com um sopro gélido, apagaram. Havia mais alguém em meu lar.

Olhei à minha volta, levei a mão ao martelo deixado sobre a bigorna e atirei a lâmina imperfeita na água, liberando ambos os braços para a luta que aparentemente viria. Não ouvi quaisquer passos, o que me levou a crer que meu oponente certamente não era um ladrão ou guerreiro normal.

Havia algo de místico no ar. Foi quando o vi. O ar ficou turvo e as cinzas que preenchiam a ferraria pareciam flutuar, enquanto ele caminhava em minha direção. Mas como sempre, o que mais chamou à atenção na enorme figura, que se movia levemente como uma pluma, eram seus retorcidos chifres. Ótimo, tinha uma visita inesperada e era logo um capricorniano.

— Esse lugar continua sujo e bagunçado... e com um cheiro repulsivo... algo como uma mistura de suor com comida estragada. — Falou o recém-chegado, com seus olhos prateados e brilhantes e uma cicatriz profunda na lateral do rosto.

O indesejado invasor era nada menos, nada mais, que um dos líderes do povo chifrudo, um dos consortes da Senhora de Ensiferum. Certamente ele não tinha vindo até ali só compartilhar cerveja e pão. Meu passado vinha em meu encalço novamente e aquilo certamente não terminaria bem.

— Me lembra alguém que eu conheço, não, Taranis? E você, que nunca coloca roupas novas, parece um mendigo pedinte da capital? O que diabos está fazendo na minha casa, atrapalhando meu serviço? — Vendo que apesar da intromissão, não se tratava de um inimigo, sentei num banquinho e comecei a preparar fumo para meu cachimbo. Conhecendo os chifrudos como conhecia, aquela conversa deveria demorar.

— Estamos sentindo sua falta nas reuniões do Conselho Púrpura, meu querido amigo de duas pernas. Você sempre foi mais sensato que outros da sua raça.

O grandão parecia mais estranho do que nunca, os chifres tortos de carneiro estavam enfeitados com fitas roxas e negras, da mesma cor que as pinturas que cobriam suas mãos, peito e cascos. A barba trançada tinha pedaços de asas de insetos e penas presas em todo o comprimento. O cerne exótico de sua beleza sempre me assustava, ao mesmo tempo em que me atraía as vistas.

— Não me meto mais em guerras, disputas e todo esse *blá blá blá* de paz entre os reinos. Nem armas direito eu forjo mais. Você estragou a única espada em que trabalhei nos últimos meses... — Falei, apontando para o tanque de água e dando mais uma baforada na direção dele.

Ele me olhou de um jeito demorado e inquisitivo, antes de se inclinar e assoprar meu cachimbo, apagando-o. Ótimo, esqueci que fumo não é algo que o agrade, também. *Por todas as fadas, o que esse chato queria de mim dessa vez!* Desde antes da guerra, vinha querendo me afastar daquela maluquice toda de ter aliados de outros povos: sempre terminava mal, comigo ferido, ferrado e largado

em algum lugar perigoso, tentando sobreviver. Não tinha mais 17 anos, para ficar me enfiando em aventuras desnecessárias.

— Olha, Taranis, eu...

— Nós temos uma missão para você e não pode ser outro. E não precisará viajar para nenhuma terra esquisita e distante. Será nessa floresta mesmo. Então, não reclame.

— Primeiro, não entre na minha cabeça. Nada de ler pensamentos. Nada, ok? Odeio isso...*arghhhhhhhhhhhh!*

Levanto e coloco o dedo contra as vestes estranhas do meu antigo companheiro de lutas.

— Não estou nem aí se a missão é aqui ou no Mar Congelado, não conte comigo. Nada de me meter com capricornianos, ou me enfiar no deserto dos sagitarianos. Já basta estar rodeado de homens-animal tentando provar quem tem a mordida maior e, além do mais....

— Precisamos que você alimente um dragão. O Dragão.

— Isso não pode ser sério... é? – Olhei alarmado para meu antigo companheiro de armas e vi que era.

O verdadeiro Senhor daquelas montanhas. A fera que ajudou a guerra a ser encerrada. Ele havia acordado.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Faz muito tempo que não forjo armas, Mikael. Agora sou só um ferreiro que faz panelas e arados. Deixei a cutelaria para os mais jovens. Não me respondeu ainda porque exige isso de mim...

— Porque você é um idiota, arrogante e cheio de si. Mas é um dos melhores que eu conheço para forjar espadas. Além do mais, Dustan é seu irmão também, considere como um presente meu e seu. – Mikael desembainhou a nova espada de sua bainha de couro e cortou o ar em alguns golpes com um ar de satisfação, ao testar o peso e agilidade da lâmina feita por mim.

— Em alguns meses, Dustan vai estar ajoelhado na frente daquele castelo branco e perfeitinho, rodeado de cavaleiros limpos e dentes branquinhos, sendo mais um peão da “Majestade” Lucien. Aposto que o pobre morrerá de tédio em

uma semana. — Mika olhou para mim com reprovação, vendo que estava fazendo piadas com nosso atual suserano, e pigarreou alto, me impedindo de continuar.

— Sem desrespeito à coroa, Olaf. Você é o mais velho de nós três, mas constantemente é o menos eloquente, também. Temos sorte de a coroa não ter nos destruído anos atrás e ter permitido a liberdade que possuímos.

— Você treina os soldados ferais deles. Somos fornecedores de matadores cheios de dentes, garras e pelos. É claro que ele faria paz com Enslaved, você o ajudou a ganhar aquele título.

— Olaf, há quanto tempo não dorme com uma mulher? Seu mau humor está chegando a níveis desagradáveis. Posso arranjar algumas mulheres do vilarejo para te aliviarem, se quiser...

Me virei e desci a colina de uma vez, não deixando Mikael terminar mais um de seus discursos longos e saturados de lorde e irmão. Aquilo tudo me irritava, a necessidade de tudo ser tão imaculado, pacífico e político. Mas as batalhas também não me atraíam. O sangue, a morte, a raiva. Era como se não me encaixasse em mais nada. O serviço de ferreiro me ocupava a mente e garantia dinheiro para carne, cerveja e noites de diversão na taverna. E só.

Desde a visita do meu amigo chifrudo no dia anterior, tantos eram os pensamentos e frustrações que me vieram à mente, que simplesmente não consegui dormir e passei a noite toda em torno da espada que precisava entregar, absorvido pelo calor do forno e o som das batidas contra o metal. Quando finalmente terminei o último detalhe da entrega, a costura da bainha usando uma peça de couro que Mika havia me deixado dias antes, o dia há muito já havia raiado e duas marcas roxas surgiam em volta dos meus olhos, devido a insônia que me deixara a noite toda acordado.

A colina que marcava o início das terras do meu irmão era meu lugar de descanso favorito há anos. Longe dos campos de treinamento, dos casebres dos vilarejos e do falatório demasiado das pessoas que viviam ali. Não fora à toa que, quando desejei meu espaço, acabei por construir minha cutelaria ao pé dela, em volta de todas aquelas macieiras e pedras cobertas de musgo. Sentei embaixo de uma das árvores e puxei o pergaminho que havia sido deixado por Taranis, antes de sua partida.

O mapa era simples, mas de fácil entendimento e indicava o caminho para a gruta onde repousava a verdadeira e maior arma do Rei Lucien: Wilhelme, o dragão azul, Senhor das colinas cinzentas. A fera estava adormecida desde a

grande guerra, anos atrás, no coração dessas montanhas. E estava com fome, muita fome.

No passado, esse papel tinha cabido à minha amiga Nadja, durante o tempo em que ela ainda estava na Vila e a guerra transcorria. Agora, desejavam que eu assumisse essa maldita missão, afinal, se o dragão deixasse a caverna para buscar comida, problemas poderiam ocorrer: boatos de gente sumindo, rebanhos diminuindo sem explicação. Complexa situação.

Eu tinha consciência do porquê havia sido escolhido, mas aquilo não ajudava em nada a me motivar para aceitar a hostil tarefa. Queriam que eu tomasse responsabilidade sobre a maldita coisa mais perigosa dentro dos limites do reino. Que merda, logo eu, um ferreiro, um boêmio que passou parte da juventude imerso em viagens andantes, disposto a conhecer cada taberna do reino, bem como o calor de cada mulher que me acolhesse em seu leito.

Já fui chamado de bêbado, grosseiro e preguiçoso entre outros comentários “agradáveis” sobre o hábito de evitar a casa do meu pai, o líder do vilarejo de mercenários. Todavia, eu tinha talentos e habilidades que me diferenciava dos demais, coisas que aprendi em minha jornada, conhecimentos que acumulei em anos fugindo do meu próprio lar.

Fiquei olhando a fumaça subindo em arcos pelo céu azul claro, repassando meus pensamentos. Foi após a morte do pai que tomei a decisão de retornar em definitivo e assumir algum lugar ao lado de meu irmão. Não me sentia à vontade com o comércio de metamorfos, muito menos com os treinamentos. Tampouco era sociável para bancar o homem público e me envolver nos meandros das relações políticas em torno de Mikael. Acabei me ocupando com o trabalho de cutelaria, algo em que eu era bom e que a prática de alguns anos como escravo em uma terra distante havia refinado substancialmente.

Então, vieram as guerras e os embates. E, para minha surpresa, em pouco tempo possuía uma importância maior dentro do meu próprio reino, ao me ver rodeado por guerreiros e entraves reais, quando minha nova amiga, e então também escrava daquele lugar, salvou a um dos lordes nos campos de batalha e ascendeu a uma nova posição como Cavaleira de um novo governo que surgia.

Com o passar da proeminente guerra, que se estendeu por uma década, um novo Rei subiu ao trono, um homem diferente de todos os demais que já ocuparam aquele lugar antes: alguém escolhido pelos ferais, defendido por diversas raças. Um nobre inicialmente com pouco poder e ouro, mas com um respeito jamais visto outrora.

Quanto a mim, que pouco possuía senão meus próprios talentos em batalha ou na ferraria, retornei à terra de meu povo, construí a ferraria longe do Vilarejo e me isolei de todo o resto pensando, assim, ter encontrado meu lugar no mundo, algo o que fazer. Mas seria mesmo o meu destino tão limitado àquelas paredes cheias de pó e entre as garrafas de vinho barato pelo chão? Talvez encarar o dragão agora não fosse algo tão idiota, no final de tudo.

Levantei-me desajeitadamente, buscando o pedaço de papel no bolso interno da túnica, e desdobrei para confrontar os traços sinuosos que revelavam o caminho para a entrada do lar da fera de escamas azuis. O ser mais tempestuoso, arrogante e indolente que já havia conhecido.

Comecei a descer a colina percebendo que a decisão de ter tomado tantas taças de vinho ao amanhecer certamente foi estúpida. Estava mareado e via tudo meio nublado. Depois de uma caminhada de cerca de 40 minutos, a cabeça doía e o corpo cheio de álcool clamava por descanso. Ah, que se explodisse tudo, mas não confrontaria o lagartão levemente bêbado.

Procurei à volta o melhor lugar para descansar e vi a sombra de uma árvore retorcida pela ação do tempo, e que em sua volta se estendia um campo florido e verde. Dobrei a capa, colocando-a como travesseiro e adormeci contemplando minhas botas surradas, refletindo se não seria uma boa hora para comprar um novo par. Foi assim, logo ao fechar os olhos, que a visão veio.

Estava nas ruínas de algum castelo, mas não conseguia distinguir, entre os pedaços de granito caídos no chão e as paredes cobertas de heras, que lugar era aquele. Já estivera em muitos castelos abandonados, em muitas terras, não conseguia me lembrar daquela abóbada de vitrais partida, nem daquele hall circular repleto de colunas partidas. Aquele lugar havia de ter sido belíssimo no passado.

Caminhando entre os cacos de vidro no chão e o mato que começava a cobrir todas as superfícies, fui em direção à cadeira do trono e algo me chamou a atenção. Uma coroa repousava ali, coberta de sangue. Estendi a mão e toquei o aro metálico, sentindo um imenso frio tomar conta, quando tive um lampejo de reconhecimento momentâneo. Já vira aquela tiara antes, numa certa cabeça muito conhecida.

Acordei encharcado de suor e sobressaltado, ante o estranho momento que vivenciara ali. Pela posição do sol, percebi que havia dormido bem mais do que necessário e a tarde já caía, encaminhando-se para o final do dia. Ainda respirando com dificuldade ante minha descoberta, levei o odre de água aos lábios, e enquanto o frescor do líquido me preenchia, percebi a dimensão do que havia visto em meus

sonhos. Premonições não eram algo que deviam ser ignoradas, eu havia visto homens morrerem por ignorar sinais como aqueles.

Já de pé e cheio de energia pelo descanso, tomei a direção devida e avancei mata adentro com passadas largas, finalmente decidido. Não entendia exatamente o porquê dos últimos acontecimentos, porém, tinha uma única certeza, que agora latejava na mente: A morte sondava a capital e a vida de Lucien estava em perigo. E a única razão para que aquela revelação tenha vindo até mim estava no fato de que o dragão era um poderoso aliado. Era chegada a hora do guerreiro nele renascer e, para isso, precisava enfrentar seus receios e buscar o conhecimento do mais antigo ancião daquelas terras. Ele serviria a Wilhelme, conforme solicitado.

ريال ∞Ω∞. ريال

5. *Liberta e Viva*

“Esperança é como o primeiro fio de sol que aparece no horizonte após uma intensa tempestade”.

Papai falava algo assim, sempre que estávamos todos juntos em torno da pequena fogueira a crepitar, enquanto as chuvaradas caíam intensamente lá fora.

Ele dizia que era preciso esperar calmamente e sem chorar, porque após os trovões e a água forte que descia, era tempo de plantar. Esperar na esperança de que tudo ia melhorar, que haveria trigo para o pão, coelhos gordos para caçar e cogumelos maiores e mais suculentos para eu na floresta encontrar. Então a chuva podia cair e cair, porque depois, o sol ia voltar e o solo secar.

A colheita boa era o início de um bom ano, sem preocupação. Sem homens indo caçar cada vez mais longe, sem mulheres rezando à beira das fogueiras para o alimento durar.

A comida que a mulher de cabelos castanhos me trazia também me trouxe isso, a vontade de *“esperar na esperança”*, tal como meu pai me ensinara. Ela não havia voltado, desde que o chefe Nicola a surpreendeu me alimentando. Porém, eu sabia que ia voltar. Que nem as estrelas que brilhavam lá no alto dos céus, e eu não conseguia ver dali..., mas estavam lá.

Só havia outra coisa que me deixava mais acordada do que me lembrar do gosto e do cheiro da carne que ela me deu para comer. Eram suas histórias, as coisas que havia me contado. Chifres, garras e cascos: homens animais, fadas e lugares escondidos. Tantas coisas que pensava só serem partes de histórias que minha mãe contava e que existiam de fato em algum lugar.

Naquela tarde, os aldeões vieram com lanças e machados ao meu redor gritar. Clamavam para que minha fogueira fosse logo acesa, queriam me cortar e esfolar. Eles esperavam que eu chorasse novamente, que suplicasse para não morrer: aquilo havia se tornado um divertimento para eles. Só que a força dentro de mim não deixava, ela crescia e me enchia de uma vontade de viver e de confrontá-los mais e mais.

O corpo estava pesado, o sangue descia pelos cortes criados pelas algemas atadas às correntes prateadas. O cheiro continuava me enjoando e fazendo vomitar. Ainda assim, quis lutar. E quando o primeiro infeliz quis uma foice para dentro da

jaula enfiar, reuni minhas forças e o corpo ergui num salto. Então, gritei fazendo a voz mais desagradável que consegui. O aldeão caiu assustado na poça de lama gritando alarmado, saindo tropeçando nos próprios pés e indo para trás da multidão.

Gargalhei da minha própria audácia, ou talvez burrice. Não me importava mais. Outro aldeão rodeava a jaula e me feriu pelas costas com uma lança. Virei a cabeça na direção dele e rosnei os dentes, evitando que a dor do golpe me fizesse gritar. Outra aldeã se aproximou com uma tocha acesa, fazendo menção de jogá-la em mim, mas percebi que não passara de mais um blefe: a covarde não teve coragem de chegar a menos de dez passos das grades e se deteve.

O grupo ficou ali por uma hora ou mais me irritando e, por fim, desistiu e retornou às suas casas. Quando o último homem desapareceu por detrás das folhagens, me permiti desabar, cansada do esforço de encará-los. A fome veio forte e fazendo meu estômago doer, então, comecei a repassar tudo que gostaria de comer naquele momento, falando baixinho: *“pão...sopa de coelho...maças... leite com mel... codorna assada...amoras...”* e adormeci.

Acordei com um barulho na escuridão. O breu da noite já havia caído lá fora e os tradicionais sons noturnos competiam com alguma coisa diferente, como se algo fosse arrastado no metal sem parar. Algo estava acontecendo ao meu redor, só que eu ainda estava muito sonolenta e faminta para entender exatamente o que era.

Me concentrei e olhei na direção de onde o ruído vinha e me deparei com um homem mexendo na tranca da gaiola, sendo iluminado por uma pequena chama, de uma tocha minúscula, segurada por outro indivíduo. Os rostos não me eram conhecidos, o que significa que não eram do vilarejo... um deles percebeu meu olhar e levou um dos dedos aos lábios, sinalizando que eu devia ficar em silêncio.

Estava pronta para reiniciar a mesma cena que havia feito durante a tarde, quando do nada as portas da jaula foram escancaradas e, para dentro dela, pulou um dos estranhos todo risonho, falando:

— Não disse que minha habilidade de abrir fechaduras não havia enferrujado? Ainda sou o melhor nisso por aqui!

— Você demorou quase 40 minutos para abrir um cadeado e ainda quer se gabar, Dichen?!

A outra pessoa também entrou na jaula com a tocha, veio direto para as algemas, com uma pequena lâmina de ponta retorcida, e começou a cutucar o

fecho.

Instintivamente comecei a me debater, tentando chutar e morder a estranha dupla, mas fui impedida por uma terceira pessoa, que acabava de vir fazer companhia aos seus amigos. Ela me abraçou, imobilizando meu corpo e, sussurrando em meu ouvido, me falou ternamente:

— Nós somos seus amigos, criaturinha brava. Eles são Orfen e Dichen, são dois irmãos malucos que vivem de competir entre si. E eu sou Ross, nós vamos te tirar daqui e levar para nossa capitã.

— Capitã?!— Murmurei, olhando o homem agora de perto. O cabelo e barba ruivos me remeteram a uma raposa das matas. O sorriso bobo, ao meu pai.

— Somos os membros da 2ª Cavalaria do Rei Lucien, e Nadja, a Fúria, é nossa capitã. E isso é um resgate.

Quando ele acabou de falar, as correntes se soltaram ao mesmo tempo em que meus dois punhos. Os irmãos de antes, ao que parecia, eram realmente bons no que faziam. O cavaleiro que se chamou de Ross me jogou por sobre os ombros como se eu fosse um saco de farinha, e saltou da jaula, mas não foi seguido pelos outros dois, que ficaram lá dentro dela.

— Hora do show, Pietr! Venha logo aqui!

Da escuridão da floresta surgiu um cara enorme, carregando um animal nos ombros. O pelo cinzento e a silhueta do corpo me remeteram a um cão ou um lobo. Só sabia que era algo grande e que estava morto.

O homem passou o bicho aos irmãos na gaiola que, com grande rapidez, prenderam-no nas correntes, numa posição semelhante a que eu estava. Nessa hora, percebi um cheiro no ar e um clarão logo adiante: fogo e fuligem, bem próximos. Mais dois homens com longas chegaram correndo, rindo, bradando tochas ao alto e gritando:

— É melhor darmos logo o fora daqui, porque a casa do chefe logo estará reduzida a cinzas e eles vão notar que algo está errado.

Os homens caminharam até alguns cavalos que estavam presos logo adiante, exceto os dois recém-chegados, que espalharam uma espécie de óleo por todo caminho até a jaula e sobre o lobo pendurado. Por fim, atiraram as tochas e saíram correndo para dentro do mato.

— Ross, em quanto tempo você acha que eles perceberão que foram enganados? – Perguntou o homem grande e grisalho ao ruivo que me levava em seu cavalo.

— Algumas horas, talvez? Sei lá... o importante agora é irmos o mais distante que conseguirmos. – Respondeu o Senhor raposa, usando uma das mãos para afagar meu cabelo, enquanto conduzia o cavalo com a outra.

Os cavalos iam correndo pelas trilhas noite adentro. O frio e o vento da cavalgada tocavam a minha pele como nunca antes eu pude sentir. O cheiro das folhas e da terra úmida pelo orvalho me impregnava. E, lá em cima, tantas estrelas brilhavam e eu podia olhar para elas sem grades estreitas. Estava livre. Sem algemas, sem correntes, e viva.

ريال ∞Ω∞ ريال

A ideia era simples, mas ao mesmo tempo genial. Usar uma tática básica de invasão: criar uma distração, pegar o que nós queríamos e partir velozmente. Uma pequena diferença e problemática ali é que não íamos enganar só alguns guardas, mas uma vila inteira. Nessa hora, vinha a malícia que Ross propunha, usar o medo dos aldeões contra eles mesmos.

Pessoas de vilas assim sempre tem medo das mesmas histórias. As mesmas canções com poucas variações eram cantadas nas festividades por todo o reino, as mesmas histórias de terror para criancinhas eram repassadas. E tinha um certo mito, de um fantasma de um cervo em chamas, que vinha e tudo o que tocava destruía, que sempre causava certo alvoroço quando era contado. Por uma noite e um dia inteiro, caçamos floresta adentro até conseguir os dois animais da nossa astuta armadilha: um lobo morto e um cervo, bem vivo e arisco.

Retornando ao fatídico vilarejo, nos reunimos o mais longe que conseguimos do nosso antigo acampamento para repassar o plano. Alguns homens iriam espalhar o óleo escuro incandescente pela cidade, criando pequenos incêndios pelo lugar, tirando o foco do nosso plano final.

Por fim, o golpe final era liberar nosso falso espírito do fogo sobre a casa do velho chefe: uma pequena vingança pela péssima recepção recebida naquele lugar. Antes disso, porém, me ajoelhei ao lado do animal de grandes chifres e aprisionado, encostei minha tez sobre ele e murmurei perdão e agradecimentos pelo sacrifício de sua vida. Tomei o odre cheio de óleo incendiário e saí espalhando

no pelo do cervo até terminar o conteúdo. O fogo ia ferir e provavelmente o matar, contudo, era preciso.

— Androx, já sabe o que fazer. — Chamei um dos guerreiros, enquanto já lavava as mãos numa poça de chuva à frente. Agora era só esperar e ver se a ideia mirabolante traria os resultados esperados.

Naquela clareira, fiquei repassando as orientações na minha mente e, algumas horas de espera depois, me toquei de que já era hora de montar no cavalo e ir aguardar os soldados na trilha que conduzia para longe da Vila. Contudo, passos acusaram a presença de outra pessoa ali.

Repousei a mão sobre o cabo da espada e virei na direção do som, pronta para sacar a arma, quando me deparei com uma mulher magra e descabelada, vestida em farrapos, com os cabelos da cor da palha do trigo e olhos verdes como as folhas de um carvalho, iguais aos da menina aprisionada. Uma irmã mais velha talvez? Não, provavelmente sua progenitora.

— Porque a mãe de uma criança que sofre de fome e dor vem até mim armada e não ao encontro dela para libertá-la?

Os olhos arregalados cheios de rancor não demonstraram amor ou preocupação. E ela certamente não estava ali para ter uma conversa agradável, visto que enquanto vinha em minha direção, tirava da cintura um punhal de lâmina enferrujada, que ergueu com as duas mãos.

— Aquele monstro não é minha filha. Ela morreu na invasão, com Aram e Liam. Você está tentando salvá-la e isso me irrita.

A mulher era uma visão triste do que o desespero pode fazer. Descalça, com os pés sujos e cobertos de feridas, ela se aproximava passo a passo com o punhal apontado em minha direção. Ela ia me atacar. Só me faltava essa.

— Todos os dias eu vou até a gaiola, pensando na hora em que eu vou matá-la. E sempre tem alguém lá para me atrapalhar. Principalmente você. Cheia de pompa e de ordens, dando comida para aquele monstro!

Ela terminou a frase tentando me golpear, mas sua mão era tão lerda quanto seu falar e, com um passo para o lado, desviei. Outra tentativa e andei para o lado de novo, chegando a ser patético o quadro. Rodei sobre meu próprio eixo, me colocando atrás da mulher, e a derrubei com uma rasteira. Ela tentou se levantar e, com uma única mão, a atirei na grama bruscamente.

A mãe da menina caiu no chão, estatelada e com fúria, tentando fincar sua lâmina em meus pés. Chutei a faca para longe e pisei nos dedos dela, antes de virar seu rosto para cima e ver raiva e descontrole estampado em seus olhos. Ela não iria parar, estava fora de si.

— Fique aí no chão, sua escória, e talvez eu te deixe viver. Tente me ferir de novo e te mato. Entendeu?

Ouvi os cavalos vindo em minha direção. Pelo visto, encontrarei meus companheiros antes mesmo do planejado. Caminhei para meu cavalo pensando no que levaria uma mulher a rejeitar e tentar matar sua própria filha, como aquela ali desejava fazer. O som do bater dos cascos no cascalho aproximava-se mais e mais, até chegar à clareira em que estava, mas algo que não contava sucedeu a percepção da chegada dos cavaleiros.

A mulher havia se levantado do chão enquanto eu buscava meu alazão e já havia recuperado sua arma. Então, tudo aconteceu ao mesmo tempo. Ross parou seu cavalo na minha frente, com a menina protegida entre seus braços. E a infeliz criatura vestida em trapos a viu e, quase em um salto, correu na direção dela com o punhal pronto a atacar. Não precisei pensar e nem hesitar, somente fiz o que era necessário. Afinal, uma mulher que não protegeu seus filhos, não merecia nem mesmo pena ou compaixão.

Um golpe de espada sobre o corpo fraco e magro, retalhou do ombro até a cintura. A menina, o cavalo e Ross... sangue em tudo respingou. A mulher caiu morta e a criança começou a chorar sem parar. Estava feito.

ريال ∞Ω∞. ريال

Quando os cavalos chegaram naquela clareira, diminuíram a marcha e começaram a rodear alguém, então, eu a vi. Cabelos cor de mogno, calças e cheiro de mel: era a capitã a mulher que prometeu me salvar, a que me deu comida nos últimos dias.

Mas havia outro alguém ali, outra pessoa que só reconheci segundos depois, quando ela veio até o cavalo em que eu estava correndo, com um punhal nas mãos e ódio no olhar. Antes de o sangue voar para todo lado e ver aquela que chamavam de Nadja com uma espada a golpeá-la. Uma única vez e a vida dela se foi.

Minha mãe ainda ficou alguns segundos ali, moribunda, me fitando e balbuciando palavras sem sentido, enquanto o sangue escorria dos seus lábios. Aos poucos o corpo foi caindo ao chão e à sua volta uma poça vermelha se formou. A

última pessoa da minha família estava morta, e havia morrido tentando me matar. E a única coisa que eu conseguia fazer era chorar.

Nadja pegou um lenço de dentro de sua bota e começou a limpar o sangue da lâmina da espada em completo silêncio. Nenhum dos cavaleiros falava nada, o clima de tensão era nítido no ar. Ela olhou para o corpo no chão por um breve momento de tempo, antes de fazer um sinal e uma ordem dar:

— Dois de vocês, peguem o corpo e façam uma fogueira. Ela terá um enterro como o dos reis antigos. Não há tempo para uma sepultura. Os outros venham, sem demora.

Ela montou um dos cavalos e sumiu na névoa noite adentro. Todos os outros cavaleiros a seguiram, inclusive o que me carregava. Essa foi a última vez que vi minha mãe. E, assim, enquanto o cavalgar nos afastava da clareira, eu ficava olhando para trás e a via cada vez mais longe, o brilho de uma nova fogueira acesa, onde agora queimava o corpo de alguém que já eu havia chamado de mamãe.

Os cavalos não pararam por toda a noite, não importando o quanto os homens comigo parecessem exaustos. Quando os céus começaram a tomar o brilho rosado da chegada do amanhecer, nos detemos diante de um lago, rodeado de barracas coloridas. Uma feira estava sendo erguida. À frente do grupo, a imponente líder ergueu a mão fazendo sinais, e um acampamento ali foi rapidamente montado.

A mulher alta dá ordens o tempo todo: que os guerreiros descansassem em turnos, que alguns deveriam conseguir mantimentos com os comerciantes e que outros deveriam acender uma fogueira e preparar um desjejum com a comida que ainda restava. Quanto a mim, deitei-me no gramado, envolta em uma capa grossa que durante a madrugada havia sido posta sobre meus ombros e, imersa nas vozes e no odor do tecido e da folhagem caída à minha volta, adormeci sentindo as lágrimas quentes encharcando meu rosto, lembrando da minha mãe morta que não veria mais, e de uma mulher de cabelo cor de casca de árvore que usava calças e espadas, que me levava consigo.

6. *Aprisionada*

Havia um oceano de areia diante de mim, só que ela não era dourada como a areia das praias que eu havia visitado no passado. Era negra. Meus pés afundavam naquela imensidão ônix e, em vão, meu corpo buscava equilíbrio diante do vento forte que emanava de todas as direções, carregando aqueles grãos escuros para meus olhos, minha garganta e minha pele. Estava sufocando, sendo arrastada, sendo engolida.

O saibro ao meu redor parecia me puxar cada vez mais para o fundo, cada vez mais restringia meus movimentos. Olhei à minha volta, procurando algo ou alguém. Não havia nada que não o material soturno que me engolia e o céu escuro, sem qualquer nuvem, sol, lua ou estrelas. As lágrimas vinham, mas algo as impedia de sair. Da mesma forma, a minha voz, que buscava incansavelmente uma saída para libertar o grito aflito que vinha há muitas décadas guardando. Meu corpo vibrava de inquietação, raiva, medo.

Tantas emoções acumuladas, tanta tensão lutando em meu íntimo para tomar forma e nada, nada fazia o cenário mudar. Prisão, infligida e mantida. Só restavam os movimentos restritos, memórias banidas e a vontade, aquela vontade que emergia ante o esforço físico e mental de manter-me sã a qualquer custo: Plena consciência e domínio do meu corpo.

Uma queimação veio, uma sensação estranha não antes sentida ou será que... não... eu conhecia aquilo. Fazia tanto tempo desde a última visão e eu parecia imersa nos meus próprios sonhos quando o ser surgiu diante de mim, em pé nas ondas de areia. Uma premonição diante de mim, há alguns passos: uma menina, de longos cabelos de cor azul como o céu, num dia de primavera. Ela contemplava o céu, chorando. Então, correu arrastando uma longa túnica e, antes que eu pudesse alcançá-la, desapareceu como pó.

Ainda atordoada pelo resquício do meu poder original me chamando, senti a presença vindo, a onda de dominação retornando. Nenhuma concentração era suficiente para abarcar o desespero que me tomava conta quando aquilo veio até mim. Meu corpo afundava no mar obscuro e minha psique era levada de mim, só me restava a escuridão. A certeza de estar totalmente sozinha e sem escapatória.

Tentei focalizar uma lembrança, qualquer coisa do meu passado que pudesse ajudar a transição a ser menos dolorosa. Algo veio, desfocado, aos poucos, encoberto pelo esquecimento do passado. Conjurei com mais força, quase

chorando: Venha, venha até mim. Me preencha. Uma mão trançando meus cabelos longos, um monumento de pedras coberto de marcas, o sol ardente no alto céu, iluminando. Calor, quente, luz, carinho. Deixei aquelas sensações plenamente belas tomarem conta do que restava do meu coração humano, minha poção de bruxa ainda não maculada.

Mas não era suficiente para a liberdade total. Ao abrir os olhos novamente, estava lá de pé, a casca vazia. O corpo, outrora meu, agora por outro controlado. Em pé diante de uma clareira escura, à beira de uma estrada, outro lugar desconhecido. Outro crime ultrajante que a voz confabulava e ansiava. O ódio crescente foi aos poucos sendo oprimido, como todos os meus pensamentos, emoções e sensações.

Uma voz rouca, barítono, à distância murmurava... ordens e mais ordens. Ele me tinha nas mãos há tanto tempo que já nem me lembrava mais de como era pensar completamente sem a presença dele por detrás da névoa. No princípio, fui fraca e me deixei levar. Era jovem, não lutei o suficiente, minha magia era frágil, pouco desenvolvida. Mas isso mudou, afinal, eram 200 anos de experiência presa ao mesmo feitiço, enquanto um miserável me fazia de marionete. Brincando com minha alma, corpo e destino.

Quando comecei a tentar resistir, percebi que a minha prisão era poderosa. Perdi a conta de quantas preces recitei às fadas, pedindo que olhassem por mim, me ajudassem. Tudo em vão. *“Oh, minhas aides, olhem por mim, levem meu espírito e acabem com a aflição”*. Coisas assim, tantas palavras perdidas. Então, comecei a recitar canções, encantos e, por fim, maldições: nada, nada tirou a escuridão. NADA!

O corpo se movia na direção da clareira à frente, onde alguns homens compartilhavam uma refeição. Era cair da noite, o ar estava frio e pesado. A voz falava, uma informação deveria ser deles retirada e ninguém deveria fugir. Todos cairiam. Mais morte, mais destruição. A escuridão procurava algo, algo antigo, alto e cheio de poder. O que quer que fosse, seria usado para um grande mal.

Eles não me viram chegar, só a nuvem negra e o farfalhar das folhas. E os pássaros. Aquela forma deplorável que se movia como o vento e era tão letal quanto um batalhão de homens armados. *“O primeiro golpe é para assustar”, “precisa da informação antes de eliminá-los”*. Eu sabia, eu sabia. Eu queria saber onde ele estava. O homem mais velho havia de saber, era uma questão de lógica. Ou talvez não e se ele não soubesse? *“Ele sabe, ele tem o que preciso”*.

Presa, cativa, comandada. As ordens vinham e eu não podia ignorá-las. Mortes viriam, algo a ser tomado. Mais assassinatos para no meu coração pesar. Passos sinuosos entre as árvores, um corpo que realmente ao chão não tocava. Seria eu ainda humana por trás da massa negra que com a neblina se locomovia?

Já não sabia mais. Minha consciência está fugindo, precisava mantê-la acordada um pouco mais. Pensei, busquei algo... um desejo, sentir a maciez do solo úmido com meus próprios pés. Uma casa na floresta, uma poção doce e o riso doce de sua mão: fiapo de lembrança, era só o que precisava e nada mais. E aí, o breu tomou conta e ele se foi. E o sangue jorrou em todas as direções.

Estava de volta ao deserto. Sozinha. Não havia mais floresta ou cabeças decepadas. O cheiro do cozido ainda persistia em algum lugar da minha mente, ainda que começando a sumir. O calor do fogo que ardia sutilmente nas brasas chegou brevemente a me acolher e preencher, só que, como tudo, foi levado. Cometi outra desgraça. Se eu pudesse vomitar, vomitaria. Se eu pudesse acabar com minha vida, o faria. Mas eu não podia, era uma marionete. Marionetes não se rebelavam ou se suicidavam. Muito menos fazia o seu corpo fazer o que desejavam.

Lá fora, eu podia ouvi-lo sussurrar ao longe. Eles, porque há algum tempo já não era um, mas dois. Dois que me roubaram de mim e não me devolveram. O destino agora era outro. Isso não era natural, antes me mantinham parada sem me mover, por anos. Algo mudou. Outro lugar para ir? Outra pessoa a matar?

Vi uma cena replicada dentro de mim, uma imagem de algo que ele procurava. Por alguns instantes eu e a marionete estávamos vendo a mesma coisa, ouvindo as mesmas palavras. Eles queriam um pergaminho, algo que chamavam de grimório. Algo que há muito estava perdido, os homens na floresta sabiam de algo, ela os fez falar. Vi imagens nascendo em torno de mim: árvores tão grandes que cobrem pessoas e casas, campos de grama azulada e constelações que nunca vi igual. E um lago de água tão límpida e pura que seria capaz de curar todas as doenças do meu povo.

As vozes declamaram as ordens. Um pergaminho que deveria ser achado. Em três partes, ele outrora foi rasgado. Nas mãos de um povo arcaico, no escuro foi oculto. Por lobos vigiado e na pedra guardado também ele estava. A terceira parte, ninguém sabia onde. Quando todos os pedaços fossem encontrados, este pergaminho os mortos trariam de volta. Um grimório velho encharcado de sangue a me chamar.

ريال. ∞Ω∞ ريال

7. Domador de estrelas

Senti minha consciência se unindo à minha couraça, retornando ao mundo mortal aos poucos acerca de meses atrás. O aroma das folhagens doces das minhas terras me circundando, as flores primaveris desabrochando na nova estação. E as vozes ao longe, humanas, ferais, guinchos de esquilos, zunido de asnos e os uivos. Sempre os uivos. Mais agudos, mais graves, roucos e juvenis. Me lembrando da terra que fui destinado a governar. Mesmo que confinado à essa montanha, onde pagava minha penitência.

Ah, o doce sangue humano que me conduziu à minha própria degradação. Cinco séculos condenado, aprisionado. Pelo menos a guerra trouxera um divertimento condizente à minha força. Essa caverna cheia de riquezas jamais iria suprir minha vontade de voar pelos ares.

Nessa manhã, mexi minha primeira pata. Foram poucos centímetros, mas a sensação de retornar do sono draconiano era sempre tão maravilhosa que isso já configurava um admirável trunfo. Em breve estaria desperto e poderia dar uma espreguiçada digna, da ponta das asas até a última garra. Senti minha calda torta de tanto ser prensada contra uma parede, depois de 5 ciclos de sono ininterrupto.

Outra coisa também estava voltando, já podia sentir: era a presença dele, meu lacaios. A voz macia e grave dele, dando ordens e enfrentando embates, combinava com a posição que eu lhe presenteei. Ainda assim, esperava que ele me presenteasse com lembranças e emoções mais animadoras, visto o que alcançou até aqui, e não esse drama familiar humano e sem graça, com a esposa sempre o confrontando e os dois filhos que não chegavam nem aos pés do meu humano.

Eu o escolhi bem, não fui como outros antes de mim fizeram, esses pactos sem ter certeza da qualidade do material humano em que estavam investindo sua atenção. Tornar uma criatura mortal, frágil e arrogante como eles em algo a mais deveria considerar parâmetros altos. Apesar de Lucien ter sido trazido até mim repentinamente, no meio da guerra, ele dava para o gasto: Era um homem viril, deveras eloquente e cheio de valores. Todos os pormenores que o tornavam apropriado para mim.

Eu, o Senhor das montanhas nubladas, das cordilheiras azuladas, o último dragão azulado. O domador de estrelas que acordou e que sentia fome.

8. *Lá tão distante, há tantos passos atrás*

Era uma vez uma Rainha chamada Cailleach, mesmo que o significado disso em sua terra natal não fosse mais que um mero título para alguém nascido numa família antiga e poderosa. Esta mulher não usava longas e caras vestimentas de tecidos raros e belíssimos. Muito menos adornava seu corpo com as mais estonteantes e valiosas joias. Sua pele era coberta de pinturas de guerra e seus longos chifres de cor avermelhada, sua maior beleza. E ela tinha uma filha, uma de muitas, a qual tratava com grandes honras. Uma jovem guerreira, jovem para o padrão do nosso povo, chamada Mannileach. Eu, Manni.

Nasci como filha de líderes e a vida toda fui treinada para ser uma guerreira e uma mediadora de conflitos, tal como minha mãe e meu pai foram um dia. Aprendi línguas tribais e antigas, há muito perdidas, conhecimentos mágicos e sobre batalhas inestimáveis. Não cresci em castelos feitos de pedra, madeira e cimento. À minha volta, erguiam-se árvores de copas e troncos gigantescas, com folhas que chegavam ao tamanho de um homem adulto e mais belas e perfumadas flores, a água mais limpa e transparente, o céu mais estrelado... de toda a terra de Lagos Azuis.

Porém, havia uma barreira, uma lei em meu povo que restringia todo o meu poder: eu jamais poderia tirar a vida por puro ódio ou rancor, matar outro ser fora de uma batalha: seria firmemente punida se o fizesse. E um dia, fraquejei e o fiz. Agora, estava ali, olhando aquele menino de pouco mais de um metro e meio de olhos dourados e cabelos castanhos como as nozes, tentando se entender com uma seleção de talheres brilhantes. Há pouco tempo uma grande revelação havia sido feita a ele, e muitas outras crianças ficariam perturbadas com isso. Contudo, não ele. Era um príncipe também, filho de um pai determinado e um grande líder em sua raça.

Depois que seus olhos foram abertos, era inútil tentar não ver. Tudo estava tão claro, tão óbvio, agora ele podia ver. Outros podiam ver. Mas outros ignoravam ou fingiam ignorar. Ele, não mais. Mas a verdade não foi descoberta por ele como um herói, um guerreiro, um sábio: era só uma criança, um moleque pirracento, que até bem pouco tempo corria pelo hall do castelo em suas calças curtas. O filhote que por missão eu deveria proteger.

O garoto estava sofrendo em mais uma aula estúpida de etiqueta, mais manias de humanos, manias de mortais. Qual a razão para tantos talheres prateados, taças de cristal, modos à mesa? Coisas tão profundamente distantes dos

ensinamentos de ervas, poções, dadas em torno das fogueiras em minha terra natal. As escritas antigas ocultas no sulco da casca dos carvalhos.

A beleza daqueles ensinamentos me levava a suspirar: a posição das incandescentes estrelas brilhando nos céus, o leve mudar do tom das folhas e do cantar dos pássaros, anunciando a iminente chegada de uma nova estação. Quase podia vislumbrar a copa das imensas árvores ancestrais, o cheiro de suas centenas de flores distintas entre si. Então, senti: ele me observava. Ignorando sua tutora de forma, que anormalmente gesticulava em torno da mesa, ele me contemplava com seus olhos dourados.

Ele sabia da minha verdadeira forma, da minha real natureza e condição. Após anos andando de um lado para o outro, usando feitiços para me assemelhar a um humano, uma forma mais agradável para acompanhar e ganhar a confiança do estimado príncipe mais jovem. Tudo mudara há cerca de trinta dias passados, quando o véu fora retirado de Liam e, a ele, certos segredos foram cuidadosamente contados.

O próprio Rei, acompanhado da sua general Feral, revelou meu verdadeiro nome e o fato de que não se tratava de um menino humano como ele: eu era uma capricorniana e fêmea. Somente um detalhe havia sido ocultado nestas revelações: minha condição como membro da realeza de meu povo. Eu era uma princesa do povo dos cascos, apesar de jamais poder revelar isso a ninguém, desde meu banimento.

Enquanto todos esses pensamentos vinham à minha mente, observava os modismos do garoto de 14 anos em torno da mesa, perguntando-me quanto tempo mais ficariam ali, brincando de realeza, quando uma viagem tão importante como a que os esperava estava chegando. O garoto era alto para sua idade e tinha boa constituição física.

Não era lá um dos mais dedicados ao treino com armas e lutas corporais, constantemente fugindo e se escondendo pelo castelo em outras armações. Contudo, era inteligente e capaz de conversar de igual para igual sobre muitos temas que outros adultos humanos teriam certa dificuldade. Ele era uma boa escolha.

Quando a cúpula púrpura decidiu que só apoiaria o novo candidato à coroa durante a guerra, passados anos atrás, se ele fizesse um juramento solene de seguir seus conselhos e manter os sábios ferais sempre por perto, aquele arranjo jamais poderia ter acontecido. Então, quando a coroação foi concretizada, os anciões ferais fizeram um pedido: Um príncipe aos humanos, um para as raças ferais. O

posto de Fério, que pertencia ao Rei no palácio de mármore, deveria ter uma continuação e esse papel havia sido delegado a um de seus filhos: o mais jovem.

Nótt, o filho primogênito, seria treinado e viveria como um nobre convencional da corte, mesmo ciente do que havia do outro lado do véu. No futuro, ele seria coroado e assumiria o trono, após seu pai Lucien. Já Liam receberia ensinamentos e conhecimentos destinados aos sábios capricornianos, sagitarianos e, talvez, os do povo de Escorpião, se eles aceitassem o menino. Viveria cercado e protegido pelos metamorfos desde a infância: aprenderia suas línguas, seus costumes, seria a ponte entre os mundos e tornar-se-ia um conselheiro valioso ao seu Irmão e Rei, uma figura de valor entre os não-humanos.

Liam claramente já não estava tão interessado na aula e começava a revirar a comida dentro do lustroso prato de porcelana, na mesma intensidade em que revirava os olhos ao ouvir as palavras da matrona Lisbel. Por fim, bateu com o garfo no canto e com certa ausência de delicadeza na taça diante de si, e olhando firmemente em minha direção, falou ao rapaz que o olhava friamente:

— Por que só eu tenho que fazer essas aulas chatas? Que eu saiba, o Senhor Falcor ali também precisa de um pouco de etiqueta à mesa. — Disse com ar zombeteiro, apontando o garfo sujo de carne para a esbelta figura encostada na parede de pedra.

— Meu lorde, caso sua mente esteja passando por mais um episódio de esquecimento voluntário, já tenho 16 anos e passei por aulas tão “atraentes” quanto essas, há muitos anos atrás. — Respondi, dando de ombros em minha forma humana, Falcor, meu disfarce constante dentro da corte.

— 16 anos a minha bun... — Antes mesmo de terminar a colocação indecorosa ao espaço, Lisbel deu com uma colher de madeira pomposa na cabeça do jovem príncipe e falou em tom de voz ávido.

— Isso são modos à mesa!? Comporta-se com a mesma educação de um fanfarrão bêbado de taverna. Sua mãe não me delegou um príncipe, mas um desastre em miniatura.

O menino se levantou quase num salto da cadeira e com os braços abertos começou a freneticamente gesticular, lembrando um galo que caçava briga com outro em um quintal, enquanto os demais servos na sala tentavam não rir do cenário. Certamente a cena seria motivo de risos e gargalhadas na mesa do jantar, mais tarde. Em minha forma masculina, quase me esqueci de minha posição ali

como soldado, e quase comecei a gargalhar freneticamente, frente ao ataque hilário do menino.

— Miniatura? Tá me chamando de baixinho????!! Sou mais alto que a maioria dos garotos da minha idade! E por que me bateu? Saiba que essa coisa dói, sua velha gorda e....

Na forma de Falcão, saltei na direção do infame Liam e cobri sua boca com a mão, enquanto o levantava do chão. O garoto já havia falado demais e era bom mantê-lo inteiro, com todos os dentes, pelo menos até a partida da capital. Deixar a capital Borknagar por seis meses seria uma grande novidade para o pirralho, mas as coisas só começariam ali. Tudo dali para frente seria diferente para ele.

Deixei a sala de jantar, levando-o sobre o ombro, tomando o caminho da torre leste, e subi os degraus de dois em dois, ignorando os protestos do meu protegido, exigindo que o colocasse no chão. Chegando no alto do lance de escadas, já na parte superior do castelo e de onde era possível ver toda a imponente muralha que cercava o lugar, coloquei o garoto no chão e olhei inquisitiva a ele:

— Não entendo como consegue ser tão maduro em algumas situações e tão infantil em outras. — Falei bagunçando o espesso cabelo castanho do garoto.

O menino olhou para cima e mostrou a língua para mim, sua protetora, antes de subir e sentar sobre o parapeito de pedra, ficando de costas.

—E o que tinha nessa cabeça de vento pra ficar comentando sobre minha idade? Argh, não se esqueça de que não pode ficar criando boatos por aí, de que eu não sou o que aparento ser.

— Quantos anos você tem de verdade, então? Tenho certeza de que não é 16 anos, como diz. E quando vou poder pegar nos seus chifres de novo? Por que você tem que andar assim, como menino?... Gosto mais da outra forma.

— Você fala demais, Liam, alguém já falou que é bem irritante e inconveniente o tempo todo?

Liam levantou a mão suja de poeira e começou a contar nos dedos, falando:

— Nót, o papai, a mamãe... ah! Principalmente a Lisbel. Você é a quinta pessoa que fala isso comigo... se bem que, acho que o mestre de armas também falou algo assim semana passada, no treino...

Notei que o menino parou de falar e começou a contemplar as nuvens, com um olhar muito triste nos olhos. Eu imaginava a razão daquela expressão e a razão

dele estar tão agitado.

— Não se preocupe, tudo terminará bem na Terra dos Lagos.

— E só que... tenho medo... um lugar tão longe, tão assustador! Tanto tempo sem ver a mamãe, o papai... mesmo do Nótt sentirei falta.

— Sei que seu lar é aqui, mas fará de lá sua casa também. Há muita vida e luz em meu antigo lar. Você será protegido por muitos seres fortes e por cada ser que habita aquela terra e, acredite, aprenderá muito...

— Minha mãe falou que existem coisas que podem me matar, lá. — À essa altura eu já estava ao lado de Liam, com a mão sobre o ombro do príncipe. Notei a tensão quando citou morte. E senti pena. Tão humano, tão frágil.

— Existem coisas que podem te matar aqui, lá, em todo lugar. A morte é uma conclusão da teia da vida, se tiver de chegar para você, encontrará uma forma, qualquer que seja ela. É inexorável.

— Você parece tão sábia quando fala assim! Aposto que tem mais anos de vida que o papai... não entendo porque mamãe odeia todos vocês.

— A rainha é humana como você e teme tudo que pode a destruir. Ela já testemunhou o melhor e o pior que as raças não-humanas podem oferecer.

ريال ∞ Ω ∞. ريال

Ficamos por mais algumas horas conversando ali, escondidos no alto do castelo. Respondi as infinitas perguntas que o garoto fazia seguidamente, coisas variadas de como era o céu durante a noite na terra para qual viajaríamos, como seria feita a viagem, a que tipo de comidas existiam lá.

Já estávamos quase chegando ao pátio, onde pretendíamos pegar os cavalos e partir para uma cavalgada antes do almoço, quando Erian, um dos guardas da sala do trono, surgiu diante de nós e falou rapidamente, após fazer uma breve reverência a Liam:

— Mestre Falcor, Vossa Majestade o espera na sala do trono. Estive procurando vocês por toda a parte!

— O que o Rei Lucien pode querer de mim neste horário. Vamos Liam, vamos descobrir o que ele quer.

O guarda se colocou à minha frente, bloqueando a passagem, e disse olhando para o príncipe:

— Acredito que a presença do garoto não seja desejada no momento. Trata-se de um assunto que só diz respeito a você, Falcor. O General me pediu para lhe adiantar que é sobre uma missão.

Não compreendi o porquê de me passarem uma missão com a partida da capital tão próxima. Em cerca de sete dias partiríamos para a Terra dos Lagos e isso era de conhecimento de todos os servos, soldados e até mesmo do supremo Rei. Será que a partida seria adiada? Isso geraria problemas entre os anciões do Conselho Púrpura.

— Tudo bem, Liam. Vá com Erian escovar Atreyu um pouco, enquanto descubro o que está acontecendo. Não saia do castelo sem mim, entendeu?

O príncipe olhou emburrado para o alto guarda moreno, parado diante de si, e assentiu com um leve gesto de cabeça antes de seguir pelo corredor em direção ao estábulo. Caminhei rapidamente até a sala do trono, só aí notando uma estranha agitação pelos corredores. O que quer que tenha rolado nas primeiras horas da manhã no castelo, deveria ser a razão da súbita convocação à presença do Rei.

No final do corredor mais extenso, as duas portas de mogno pesadas, que fechavam uma das entradas do Hall, abriram-se subitamente e, diante delas, surgiu o primeiro general do exército, o humano Argus. O corpulento homem olhou com desdém para mim, em minha forma de rapaz, e cuspiu no chão antes de me encarar com uma feição de escárnio:

— Então, Lucien, mandará um monstro lidar com outro?

— Escolha de palavras interessantes, meu general. Desde quando Vossa Majestade permite que se refira a ele sem pronomes de honraria?

— Saia da minha frente, bicho esquisito. Pode usar essa aparência de rapaz para cima e pra baixo, mas sei bem como você é, debaixo dessa máscara.

Os encontros com Argus só não eram mais “agradáveis” do que os encontros com a rainha Asbel. Não era de se estranhar que os dois gostavam tanto de conversar, afinal, compartilhavam o mesmo ódio aos ferais. Após cinco anos servindo no castelo, eu já tinha feito meus próprios juízos de valor sobre quem evitar naquele lugar.

A sala do trono era completamente branca e forrada de pedras de mármore, adornada com os mais belos e coloridos vitrais que a satírica já vira em sua vida numa construção. No centro, ficava um pomposo trono de pedra e madeira, forrado com peles e veludo. E nele, agora sentado com uma expressão séria e preocupada, o Rei Lucien esperava.

— Os soldados não te achavam e nem a Liam em lugar nenhum, por onde estavam, Falcor? Precisava imediatamente de você e nenhum sinal dos dois pelo castelo.

— Desculpe-me Vossa Alteza, estava acalmando o jovem príncipe sobre a viagem. Estávamos na ponte de acesso à estufa, no alto do castelo. Os soldados daquele setor nos viram, se tiver alguma dúvida.

Lucien balançou a cabeça antes de acariciar a empunhadura de sua espada, pensativo. Ele não teria dúvidas, eu era leal, por isso precisava de mim.

— Acredito em você, amigo, mas tenho problemas no momento e careço de lhe designar uma missão complexa. Preciso das suas habilidades.

— Estou às suas ordens. Porém, não ocultarei que estou um tanto apreensivo por ter sido chamado à uma missão quando estamos prestes a partir. Deve se tratar de algo bem grave.

— Bem... —Começou o soberano, buscando as palavras mais claras para expor seus desejos. — Alguém aproveitou a última tempestade que assolou as imediações do Castelo Rubi para roubar o corpo da irmã da minha esposa, que se encontra chorando e destruindo vasos lá em cima agora, provavelmente. E Nótt não tem o mínimo de bom senso com a própria mãe... podemos começar assim.

— Nossa, você teve um dia cheio até agora, meu lorde. Só ainda não entendo em que minhas habilidades podem ser úteis. Quer que eu desmaie sua esposa e apague sua memória? Ou que procure os responsáveis pelo furto do corpo da Marsha?

O soberano se levantou, apoiou as duas mãos em meu ombro e soltou uma sonora gargalhada, chamando a atenção dos dois guardas presentes. Por fim, se recompôs e terminou sua fala.

— Nem uma coisa, nem outra. Apesar da ideia da minha “delicada esposa” desacordada e calma por um tempo soar bastante convidativa. Não posso arriscar colocar você em uma busca tão detalhada quanto essa haverá de ser, não posso adiar a partida de Liam, mesmo que isso me doa. Nadja, minha estimada capitã,

está desaparecida com todos os soldados da Segunda Cavalaria. Saiu para uma missão e não retornou, nem envia notícias. Você sabe quantos inimigos aquela mulher possui e o valor dela para este reino. Temo algo pior que uma simples complicação de viagem. Sua missão é encontrá-la e trazê-la para o castelo. E me informar por que diabos ela sumiu esse tempo. Já tenho problemas o suficiente, não gosto de ficar lidando com outros membros do exército fazendo insinuações sobre traição e falta de confiança.

— Parto imediatamente, Rei Lucien. - Ajoelhei-me sobre uma perna diante do trono e inclinei a cabeça, em respeito. — Lhe enviarei notícias em no máximo 3 dias, eu prometo. — E, em passos largos, deixei a sala e meu Rei, que novamente olhava para a espada, absorto em suas próprias divagações, refletindo sobre as recentes complicações.

ريال ∞Ω∞. ريال

9. *O que nos espera depois da tempestade*

Andarim parecia entorpecida nos dias de viagem seguintes, comendo cada vez mais menos e praticamente nunca falando. Quando não estava dormindo, estava olhando silenciosamente às próprias mãos, sempre se demorando mais nos profundos cortes em torno de seus pulsos e pescoço, mexendo nas ataduras que os circundavam. Por terem sido feitos usando prata enfeitiçada, eram ferimentos que dificilmente se fechariam. Marcas de todo horror que a criança havia vivenciado em sua antiga vila.

Meus companheiros da Segunda Cavalaria não faziam perguntas desde nossa partida da vila após o resgate de Andarim, mas compartilhavam comigo o mesmo receio: estávamos atrasados há dias com o retorno ao castelo para novas ordens e não conseguimos encontrar um único pássaro mensageiro real por todo trajeto. De qualquer modo, não podia levar a pequena metamorfa para a capital, ela precisava de uma casa segura, onde pudesse aprender a controlar sua forma feral, ainda mais sendo uma despertada como ela. O meu coração se apertava toda vez que eu pensava que só havia um lugar assim em todo reino. Uma terra que trazia péssimas recordações.

A menina seguia tensa entre meus braços, durante os dias de cavalgada. Eu e meus homens dividíamos a responsabilidade de levá-la na sela, para cansar os cavalos igualmente e sem exigir demais de nenhum animal. Estamos já embrenhados em algum lugar da floresta de Folhas Pardas quando percebi que era chegada a hora de pensar em como falar para meus comandados que eles deveriam seguir sozinhos à capital, porque eu precisava deixar a menina em outro lugar.

Conhecendo-os como os conhecia, eles fariam um estardalhaço, exigindo seguir comigo a fim de me proteger, bem como Andarim. Um bocejo atraiu a minha atenção para baixo e vi que a criança adormeceu com a cabeça apoiada em meu peito, exausta.

Talvez fosse uma boa hora para uma parada, pensei, a tarde chegaria logo e uma boa refeição daria mais forças para todos continuarem. Montar um acampamento não era uma má ideia. Daria tempo para pensar como abordar o assunto com os cavaleiros, apesar de achar que por seus semblantes, eles desconfiavam de algo. Levantei a mão e fiz sinal alertando aos homens para parar.

— Vamos descansar, por hora. Precisamos almoçar e conseguir água.

Ross tomou os odres de água de todos e saiu em busca de algum córrego ou nascente para enchê-los, enquanto Androx amarrava os cavalos em árvores próximas e já planejava o local da fogueira. Mais dois homens saíram para buscar gravetos e folhas secas, enquanto as trouxas e cobertores eram descidos das celas pelo resto da cavalaria.

Quanto a mim, saltei do cavalo e peguei Andarim no colo, andando até uma parte em que a grama se elevava mais que trinta polegadas, e a deitei. Tirando minha capa real, a envolvi e a deixei descansar. Viagens a cavalo como aquela eram pesadas até para adultos, quanto mais para uma menina.

Toquei o tecido xadrez de fios trançados e me lembrei do dia em que recebi aquela capa, a espada presa em minha cintura e meu título como Capitã. O dia da coroação de Lucien foi o início daquele período de paz que o Reino de Krônia vinha experimentando nos últimos quinze anos. Para algumas pessoas, era um período muito curto, poucos anos, mas para mim, que estive imersa numa guerra de uma década e antes vira todo o horror das disputas civis nos castelos e da quase escravidão em Enslaved, aquilo era uma dádiva.

O xadrez nas capas era um símbolo militar de honra ao reino. Cada um dos 13 capitães – guerreiros de confiança do Rei – havia recebido uma daquelas, com um padrão de xadrez e cores diferentes. O meu tinha a cor vermelho vinho como predominante, intercalada com linhas verdes e marrons. Os soldados da cavalaria que me acompanhavam possuíam capas de cores comuns, e o que se destacava nelas eram os broches que as fechavam, de ferro fundido com a forma de uma asa de dragão: o estandarte que Lucien adotou após a guerra.

Comecei a acariciar os cabelos loiros de Andarim, perguntando-me o que se passava pela cabeça dela. Será que me odiava? Não era a minha intenção matar a mãe da menina diante dela, porém, se não o fizesse, a mulher certamente teria ferido a criança ou o meu guerreiro: estava descontrolada. Eu tomei a decisão certa, agi como líder daquele grupo, mas será que a menina me entendia?

— Capitã! Capitã! Venha logo aqui.

Ross retornara poucos minutos depois que chegou. Atirou os odres ainda vazios no chão. Havia algo naquele olhar perplexo que trouxe consigo que me preocupou. Problemas.

— Fale homem, parece que viu um fantasma!

— Não um fantasma, mas corpos. Sete homens assassinados. Ou pelo menos essa foi a quantidade de cabeças que contei jogadas pelo chão.

— Como assim, Ross? – Eu já havia me levantado e segui na direção da voz do meu fiel cavaleiro.

— Muitos cortes, partes inteiras separadas do corpo. Houve tortura, brutalidade, tudo que você pode imaginar. É uma cena bem feia, Nadja.

Androx, Pietr e mais quatro dos homens me acompanharam, enquanto os demais ficaram montando o acampamento e cuidando de Andarim. O lugar indicado por Ross ficava a quase 10 minutos de caminhada. Segundo ele, havia subido nos galhos de uma árvore buscando a fonte de água mais próxima quando localizou o cenário de conto de terror. Aquela viagem toda estava a ponto de se tornar ainda mais complicada.

ريال ∞Ω∞. ريال

O sangue nos corpos já havia se tornado uma crosta e a pele já ganhava um tom azulado. Isso mostrava que o crime bárbaro que estávamos investigando ali já havia acontecido há algumas horas, talvez um dia ou dois. Os homens haviam sido claramente atacados em algum momento de descontração: estavam caídos em torno do que fora um dia uma fogueira, na qual a comida estragava dentro de uma caçarola amassada.

Os pertences estavam jogados por todos os lados, o que indicava que não tinham sido vítimas de salteadores. O quadro desenhado em sangue e corpos decapitados só ia piorando à medida em que eu caminhava e tentava entender o que havia transcorrido ali.

Um dos corpos estava caído num angulo torto sobre algumas pedras e parte da pele do seu peito aparecia por debaixo da camisa de cambraia ensanguentada, junto ao cabo de um punhal que nunca pôde ser puxado a tempo. Vi ali um detalhe em tinta escura que foi imediatamente esclarecedor. Abaixei-me e levantei o tecido para ver o resto do desenho que surgia no corpo.

— Navegantes! Confiram os outros corpos. Procurem marcas como essas. - Ordenei, levantando e chutando o tronco de outro corpo para procurar resquícios dos mesmos desenhos circulares em outras partes do corpo.

Ross puxou outro corpo e encontrou o mesmo padrão de pinturas circulares azuis cobrindo as costas. Mais à frente, Androx cortou a perna da caça de outro

defunto para mostrar uma outra complexa tatuagem circular subindo pela coxa. Sete Navegantes, um bando de malditos mercenários havia entrado nas terras reais, sabe-se lá como, e agora estavam mortos numa poça de sangue numa floresta próxima ao recanto dos corvos. Definitivamente isso era problemático.

— Capitã, eles apagaram as pinturas visíveis pelo corpo por alguma razão, não é? Esconder o que eram e o fato de viajar fora das estradas indica que no mínimo estavam com más intenções.

— Navegantes precisam pedir autorização para circular pelo reino. Eles não são nossos aliados, não respeitam nenhuma lei dos continentes. São comerciantes e, mais do que isso, mercenários. Um trabalho talvez, capitã? – Refletia Dichen, enquanto revistava um dos homens mortos.

— Temo que algo mais complexo. Uma entrega, infelizmente. – Abaixei-me e mostrei aos meus homens um buraco no chão, coberto por musgo, galhos e folhas.

— Esses miseráveis trouxeram algo para dentro do reino que não deveria estar aqui, por isso todo o segredo.

—*Erhhh...* e pelo jeito, foram roubados, e o que quer que tenham trazido está nas mãos de gente que gosta de sangue e cortes limpos.

— Ladrões capazes de enganar os sentidos de navegantes e causar todo esse estrago são criaturas que precisamos conceber como inimigos da corte, sem hesitação. Levantem acampamento imediatamente. Preciso deixar a menina em Enslaved e voltar à capital o mais rápido possível!

Tomei fôlego e continuei de onde parei, tentando não demonstrar aflição com a cena ou com o desenrolar dos fatos que ela poderia desencadear.

— Dê as ordens ao resto da cavalaria, Ross, e Dichen, levante o acampamento depois que enterrarem esses pobres. Juntem e tragam os pertences dos cadáveres em um dos cavalos, talvez possamos encontrar alguma pista do que eles trouxeram para Krônia.

10. *Um príncipe aos ferais*

Eu tinha 10 anos quando conheci Falcor. Estava brincando com Nótt quando meu pai chegou cercado de soldados com aquele garoto ao lado. Tinha o cabelo escuro descendo em cachos pelos ombros e uma pele negra como a noite. Ele se vestia igual a qualquer moleque nobre ali do castelo, mas eu senti que era diferente. Papai disse que ele seria meu novo amigo e companheiro. Que ficaríamos muito tempo juntos, treinariamos juntos e que ele me protegeria.

Não podia imaginar como um pirralho como aquele iria me proteger, até o dia que uns caras maus invadiram o jardim e me acertaram com uma flecha. Eu caí na hora que senti a dor na perna. Gritei de dor e medo, pensando que logo iria ser atingido de novo, até que ele saltou do castelo e atacou os caras nas árvores sem hesitar.

Naquele dia aprendi algumas coisas: Falcor sabia lutar, não só brigar como os outros moleques do castelo faziam. Ele sabia derrotar homens adultos na porrada. E que ele era perigoso e realmente me protegeria se eu precisasse. A ideia da tal viagem não me era nada animadora: afinal, quem gostaria de atravessar o país para ir a uma terra erma, cheia de monstros e criaturas desconhecidas?

O Rei Lucien, meu pai, tinha me dito que eu devia aceitar isso de cabeça erguida e coração aberto. Não entendi o que diabos significava aquilo, só sabia que era uma ordem e eu não podia dizer não. Então era isso, estava empilhando roupas num baú sem a ajuda de nenhuma serviçal, porque além de tudo eu não teria “regalias ou luxos” nessa viagem. Falcor me disse claramente: “— *Sua bagagem é sua responsabilidade. Você irá a carregar por dias seguidos*”. “— *Teremos cavalos, mas pesos excessivos farão mal a eles*”. “— *Escolha o que irá vestir, o que irá levar, mas se lembre de que não estamos indo para um castelo ou uma cidade*”.

Escolhi uma camisa de cetim azul que achava requintada em mim e me coloquei diante do espelho, pensando: será que eu ficarei bonitão usando isso no meio de uma floresta? Coloquei o tecido apoiado nos ombros e fiquei fazendo poses, pensando se alguma moça bonita poderia reparar em mim, naquele visual.

— Você irá parecer um idiota pomposo. Não leve isso, moleque.

A voz de Falcor fazendo um dos seus tradicionais comentários ácidos não me era estranha. Estranho era ele de novo estar lendo meus pensamentos. Eu odiava

aquilo, era pior do que quando minha mãe adivinhava que eu havia feito algo de errado ou quando meu pai me via treinando e indicava todas as minhas falhas de posição ao segurar a espada. Peguei a camisa e joguei no baú.

— Deveria haver uma regra para guarda-costas não lerem os pensamentos de seus Senhores, não?

— Deveria haver alguma regra para meninos nobres não deixarem a mamãezinha os vestirem como bonecas. Olha essa porcaria aqui! Tem mais bordados e pérolas que as roupas da rainha Asbel! – Disse ele, erguendo pelo dedo indicador um dos casacos mais coloridos e enfeitados que eu tinha.

Tomei o casaco de Falcor e arremessei no baú de pirraça, então catei as outras roupas pelo quarto e as lancei no guarda-roupas aberto, escondendo-as. Ser zoadado pelas minhas roupas já era outro nível de intimidade. Falcor irritante. Estava me virando pro meu colega de treinos quando quase fui acertado por uma maçã voadora, arremessada para mim. Peguei ela no ar e mordi.

— O que diabos meu pai queria com você para me proibir de entrar na sala do trono?

— Negócio de gente grande, moleque. Uma missão para mim. Terei que deixar o reino por alguns dias.

— Mas a sua missão não era me levar pro seu reino? Não estou entendendo mais nada. Vão mandar outra pessoa me conduzir? Ou acabou tudo e não terei mais que fazer viagem alguma?

— Sem drama, por favor. Farei o que tenho para fazer e volto. Só eu tenho autorização para te levar às Terras do Lagos. Não se livrará de mim, nem da viagem. – Falcor falou sem olhar diretamente pra mim, mas pro céu, através da janela. Pensativo.

Deitei na cama, mordi a maçã de novo e, ainda mastigando, repeti o mesmo pedido que fiz várias vezes nos últimos dias.

— Me fala sobre lá. O reino dos lagos, dos outros capricornianos. O que eu vou aprender lá?

Falcor sentou no chão, próximo à cama, e começou a brincar com a ponta de uma flecha que tirou da sua bota. Respirou fundo e começou a falar, com sua voz feminina, a voz do outro Falcor que vivia escondido dentro do meu amigo.

— Lá não há castelos ou casas de pedras. Somente árvores grandes, onde fazemos nossas cabanas com folhas e galhos. O céu tem cores de púrpura e azul ciano todos os dias do ano. Nunca comemos carne, só coisas que colhemos na floresta. É proibido tirar a vida de qualquer ser, somente em caso de autodefesa. Os lagos são lindos e profundos. Eles estão em toda parte e escondem histórias e coisas que se perderam.

Eu podia imaginar esse lugar, os lagos com água transparente, as árvores maiores que moinhos. Parecia bonito. Mais aí eu me lembrava das outras coisas que Falcor contou. A neblina que envolvia aquele lugar e poderia desaparecer com alguém para sempre, os monstros que devoravam pessoas em uma única mordida, as fadas que por vezes odiavam a presença de humanos e pregavam peças que poderiam matar. Um arrepio subiu minha espinha, deitei de lado olhando pro meu amigo.

— Por que eu tenho que ir e não o Nótt?! Tenho medo.

— Você foi escolhido porque é príncipe e tem um grande coração. Um dia você será um grande líder, corajoso e forte. Está indo até lá para receber treinamento e crescer. Você será um grande fêrio. Além do mais, quantas vezes tenho que te dizer...

— Que irá me proteger... eu sei, eu sei...é só que...promete que eu não odiarei esse lugar e voltarei para casa bem?

— Não posso te prometer que não irá odiar. Você será testado, terá que se esforçar e por vezes ficará exausto. Só posso te garantir que sempre que voltar, irá valorizar mais o seu lar e a companhia de sua família.

Nem percebi que adormeci ouvindo as palavras do meu amigo-amiga. Ou talvez foi ele que me fez dormir. Eu sabia que ele fazia isso às vezes, não gostava de tê-lo entrando na minha cabeça, me fazendo fazer coisas que eu não queria ou me derrotando sempre que lutávamos. Falcor irritante. Olhei pro lado e havia um bilhete rascunhado com a caligrafia descuidada dele.

Volto logo, termine sua bagagem. Você fará a primeira parte da viagem sem mim, o capitão Bergan e a terceira cavalaria farão sua segurança até que eu o reencontre. Não me desaponte, nanico.

Amassei o bilhete e arremessei a bolinha de papel pela janela, mirando na cabeça de um dos guardas vigilantes que circundavam aquela parte do jardim. Vi o indivíduo se virando cheio de marra arregalar os olhos ao ver quem fora o autor do

arremesso, se recompor e fingir que nada aconteceu, focando o horizonte. Era quase fim da tarde e o sol começava a fazer o trajeto para se pôr, lá fora os vigias começavam a se posicionar para o patrulhamento da noite.

— Não acredito que aquele idiota do Falcor não viajará comigo desde o início! O que será que meu pai pediu pra ele que é tão importante, a ponto de ele ter que partir imediatamente assim?

ريال ∞Ω∞ ريال

11. Uma vila de guerreiros

Eu sabia que nossa jornada até Enslaved estava chegando ao fim quando os pinheiros e vegetação fria do condado de Moonsorrow foram sendo substituídos por frondosas árvores de copas altas e raras folhas amareladas. Na terra aonde a menina vivia já era inverno, mas nessas paragens, o outono ainda insistia em permanecer.

Enslaved não havia sido sempre ali, muito embora hoje em dia a região parecesse ser mais parte da nossa vila de mercenários que dela mesma. Muitos dos nossos acabaram sendo enterrados ali, entre as pedras daquelas colinas, sob o solo escuro, sendo velados por aqueles bosques verdes até o findar dos dias.

Andarim continuava a ser silenciosa e, aparentemente, depressiva. Passara boa parte da viagem adormecida sobre minha capa ou em completo silêncio, contemplando as estradas. Mesmo os meninos da cavalaria não conseguiam causar nela um sorriso ou empolgação, enquanto a provocavam ou a tentavam alegrar com mimos e brincadeiras.

Então, numa manhã com sol tímido e ventos frios, chegamos. Depois de quase 14 dias de cavalgada, finalmente estávamos dentro das terras do condado de Finntroll e logo subiríamos as montanhas que ocultavam Enslaved, a vila oculta dos de dupla natureza. Logo na encosta da montanha encontramos um velho, apoiado em um cajado e recostado em uma rocha. Ele baforava um cachimbo longo e cantarolava canções em um dialeto antigo. Ante a chegada de tantos cavaleiros, parou de cantar e, com uma voz tranquila, fez a pergunta que eu já esperava antecipadamente.

— Aqueles que caminham pela noite são bem-vindos?

—Aqueles que buscam caminhanes, igualmente. — Respondi, relembrando uma das senhas de acesso à vila. O homem era um vigilante e, provavelmente, um dos lupinos mais velhos e fortes que já conheci. — Beren, é sempre bom vê-lo vivo e inteiro. — Sorri.

— É sempre bom ver a Fúria Rubra de volta ao lar também. Muito embora gostaria de entender porque se apresenta nessas terras acompanhada de nove cavaleiros tão bem armados. Problemas na capital?

— Não exatamente, não ainda. Estávamos em missão, perseguindo saqueadores ao norte de Moonsorrow, por isso as armas e o número de homens.

Por hora, desejo uma audiência com Mikael.

— O Senhor de Enslaved partiu para a caça mais cedo com os filhos. Mas em breve estará por perto. Achamos que Brendom despertou antes do fim desse inverno. Teremos mais um leonino pelas terras logo, logo.

— E como anda o pequeno Dustan e nosso amigo Olaf? – Saber que mais um dos filhos de Mikael estava para despertar era o tipo de informação que eu não fazia muita questão de saber, nada sobre o casamento de Mikael me atraía, na verdade. Mudar o assunto para pessoas que de fato eram queridas parecia mais apropriado.

— Dustan está crescendo, logo será enviado à capital para servir ao Rei Lucien. Quanto ao Olaf... bem, é o Olaf. Nunca sabemos exatamente o que anda fazendo, ainda trabalha na ferraria e parece à volta com algum projeto estranho que o faz deixar a vila todos os dias carregando coisas... enfim, acho que você deseja subir e não ficar aqui de papo com um velho falante, não é mesmo? Irei anunciar que um aliado está subindo.

Beren tomou um arco e uma flecha adornada com penas verdes, que tinha oculta sob suas vestes longas. Mirou num ponto específico da clareira e atirou. Alguns minutos depois, a flecha foi atirada de volta, com uma fita vermelha amarrada nela.

— Bem, a sua subida foi autorizada pelos anciões, mas você sabe o significado da fita vermelha não é, minha cara Nadja?

— Sim, devo subir sem os cavaleiros, sozinha. Pelo jeito os anciões continuam não indo muito com a minha cara, não é mesmo?

O velho começou a rir e estendeu a mão, mostrando que minha passagem para o caminho em direção à montanha estava aberta. Os homens olhavam para mim curiosos com a cena que acontecera ali, mas não fizeram perguntas, afinal, não era a primeira vez que me acompanhavam até ali e sua subida não era permitida. Minha preocupação agora era com a criança loira que me olhava ainda sentada em meu cavalo. Caminhei até ela e comecei a falar baixinho, tentando transmitir alguma tranquilidade.

— Preciso subir essa montanha e conversar com uma pessoa. Lá em cima tem um vale e nele, uma vila. Uma vila de pessoas que são como eu e você, meio ferais.

— Porque eu não posso ir com você? Quero ver esse lugar também!

— Fui autorizada a somente subir sozinha. Mas assim que eu terminar a conversa, desço para te buscar. Se tudo der certo, aqui poderá ser um lar para você.
– Abracei ela junto ao peito. – Essa já foi a minha casa em tempos menos bons, talvez possa ser a sua também.

As lágrimas desceram pela face pálida de Andarim, mas ela se controlou e prometeu que ficaria ali com os homens até que eu resolvesse as coisas que me eram necessárias. Ordenei que os homens organizassem um acampamento e preparassem algum alimento para o almoço. Então, comecei a subida do caminho em direção às montanhas, sentindo da floresta uma dezena de olhos de rastreadores acompanhando a volta da Fúria Rubra para seu lar.

ريال ∞Ω∞. ريال

Meu antigo lar não era circundado por muralhas imponentes ou extensas plantações, como as cidades em que eu vinha trabalhando. Tudo ali era natural, rústico e forte por si só. Sem adornos, enfeites e ilusões. Cavernas cheias de pedras eram depósitos, cabanas fortes erguidas em volta de árvores antigas, lares.

Quando cheguei ao centro da vila, fui informada que Mikael já sabia da minha chegada e me aguardava na área de campina, onde os arqueiros treinavam. Como era de se esperar, muito embora houvesse muitos rostos conhecidos me fitando, ninguém veio até mim jogar conversa fora. As cores do exército real em minha capa e mesmo a minha presença ali poderia ser vista como ofensiva por alguns deles. Os outros só eram covardes demais para vir até mim, mesmo.

Já fazia anos que não aparecia em Enslaved, muito porque evitava tratar dos assuntos referentes aos demais soldados ferais que serviam ao Rei e preferia me concentrar em minhas missões e nos meus próprios cavaleiros. Quando cheguei na campina, Mikael estava em pé contemplando a extensão do vale em absorto silêncio.

O cabelo loiro escuro já começava a ter fios prateados aparecendo, o corpo grande e musculoso estava oculto por uma camisa e uma calça de tecidos de cor escura. Na cintura, um punhal curto e uma espada longa estavam presos a um cinto largo de couro. Ainda lindo, mas como sempre, só um objeto distante para minha admiração. Me aproximei a passadas largas na grama aparada e logo afirmei qual o objetivo de minha visita.

— Há uma menina, uma criança lupina. A encontrei num vilarejo miserável em Moonsorrow. Ela tem 15 anos, precisa de treinamento e um lugar seguro para viver.

— Cumprimentar apropriadamente seu ex-Senhor seria uma forma mais educada de começar essa conversa, Nadja. Mas me esqueço que não é afeita às formas decorosas de diálogo.

— Ah, me poupe, Mikael. Você foi meu Senhor por menos de um ano antes de eu partir com Lucien e o exército para a Guerra. Antes disso, você só era mais um capacho do lixo que chamava de pai. Você permitia que ele tratasse a mim e aos outros praticamente como escravos.

— Mas eu mudei as coisas quando assumi a liderança! Não há mais dívidas eternas, há liberdade para ir e vir. Eu tornei Enslaved um lugar melhor e, ainda sim, você não voltou. Depois disso, virou cavaleira e nossas conversas se extinguíram, e nas poucas vezes que vem aqui, nunca ficou a sós comigo. Agora, aparece do nada e me pede para receber uma menina lupina. Fique com ela você, na capital poderá orientá-la até que o despertar venha nos próximos anos.

— Você se casou! Eu não podia ficar aqui vendo você ter filhos e uma esposa bem na minha frente. E ela já despertou, a menina lupina, é por isso que preciso de você.

— Além de tudo você quer que eu receba uma criança despertada?! 15 anos? Quantos ela matou quando veio à tona? Tem ideia do quão complicado é lidar com uma fêmea despertada tão cedo? Não, muito obrigado. Não lhe devo favor algum, essa menina não ficará na casa dos filhotes.

A raiva brotou pela minha pele e alma, me deixando a ponto de atacá-lo ali mesmo. Infelizmente, a profundidade dos sentimentos mal resolvidos que ainda apertava meu peito me levou a, enfim, estourar e falar tudo que estava preso na garganta há anos. Dessa vez ele não me impediria de falar tudo o que eu pensava dele.

— Você me deve isso. Me trouxe para cá, me fez acreditar que aqui era uma espécie de lar, para só depois me dizer que eu seria quase uma escrava. Me envolveu e me seduziu. Me fez promessas de amor e me beijou tantas vezes..., para se casar e me desprezar quando foi de seu interesse.

Mikael apertava o punho da espada que levava presa à cintura. Senti que citar o meu passado ligado ao dele o incomodava, mas era necessário. Precisava ganhar essa causa. Prossegui, então, inclinando-me em sua direção.

— Cuide dela, dê-lhe um teto, comida e alguma orientação. Por tudo que você me fez, me deve isso.

Lágrimas desceram, meus olhos molhados buscaram os dele. Mikael me fitava absorto, pigarreou e falou em voz rouca e baixa. — Mas ela é uma despertada...

—E o que você fará? Irá transpassá-la com uma espada como o monstro que foi seu pai?

— Você não entende os problemas que isso implica... — Ele segurou meu rosto entre suas mãos. — Leve-a consigo, ela será mais feliz ao seu lado.

—Você não entende, não posso levá-la comigo. Ganhei muitos inimigos desde que fui “agraciada” com esse maldito título militar. Entre os homens que comando há vários que só buscam uma desculpa, um motivo para me destruir. — As ásperas mãos de meu outrora amante apertavam minha face como quando me beijava há anos atrás, os dedos descreviam círculos na minha pele, aquecendo-a ao toque.

Perigo! Não podia me deixar envolver assim, não diante do nosso presente e do problema que ainda tentava solucionar. Me afastei dele, cautelosa.

— Ela seria usada para me aniquilar e seria estraçalhada.

— Se ela despertar e causar quaisquer estragos, os anciões a farão em pedaços aqui, do mesmo modo.

— Vocês ainda têm contato com os capricornianos, eles podem auxiliá-la, possuem muitos truques. Quanto aos anciões, a esconda, convença-os ou ameace-os. Sei lá. Faça algo, o seu melhor. Você é o maldito chefe aqui e tem uma dívida enorme comigo!

— Ela ficará comigo.

Voltamo-nos para a beirada da colina, onde um vulto enorme galgava a subida passo a passo. O irmão mais velho de Mikael, Olaf, arrastava suas vestes pela grama molhada, focando seus olhos azuis cristalinos diretamente em mim. Ele encostou as costas num carvalho, puxou o saquinho de fumo da capa e se pôs tranquilamente a amassá-lo e colocá-lo num cachimbo.

— Minha casa fica fora da aldeia, é pouco visível e tem espaço para receber alguém pequeno como ela. —Disse o ferreiro, apontando o cachimbo para a criança sentada na pedra há alguns metros. — Já treinei homens e lutei em guerras, posso cuidar de uma pirralha.

— Olaf.... Olaf, meu amigo fiel. — Olaf, o único miserável naquele lugar que me tratou com respeito e igualdade. Olaf, o único por quem eu havia nutrido afeição no vilarejo, após a súbita partida e vezes em que retornei brevemente, após os acontecimentos da guerra.

— Posso protegê-la e ensinar um truque ou outro. — Ele friccionou uma pedra em outra, acendeu uma breve faísca e acendeu o fumo. — Mas nunca serei um mestre tão bom quanto você seria para ela, Fúria. Venha visitá-la quando der e lhe dê um pouco do que sabe, também.

Ele se aproximou e bagunçou meu cabelo, como se eu ainda fosse a pequena de 17 anos que ele outrora tratava como uma irmã mais nova. Sorridente pelo carinho repentino, retribuí com um afago em seu braço forte, oculto pelas vezes grossas de lã.

— Ela não é bem-vinda aqui. — Mikael cruzou os braços sob a pesada capa. Havia voltado à sua versão mais agressiva e impassível. O homem líder, o leão que conduzia o clã.

— Ela virá à minha casa e não à sua torre, irmão. — Olaf se aproximou encarando o irmão mais novo, seu líder. — E se não for aqui, levarei a menina até o território dos capricornianos, os vales do povo de Sagitário, até ao palácio eu iria, se quisesse. — A baforada que se seguiu foi harmonizada com um sorriso arrogante.

— Aqui você pode ser o líder, mas lá fora, quem tem as grandes alianças e contatos sou eu. E não se esqueça, Mikael, você também tem algumas dívidas comigo, pequeno irmão.

De repente, o peso da nossa história se fez presente naquela clareira. Agora eu era Nadja, a general dos rastreadores, uma mulher solteira e assustadora com seus 32 anos por sobre os ombros. Porém, no passado eu vivi como a Fúria Rubra, escrava do vilarejo de Enslaved e apaixonada por Mikael. Este, o filho do Senhor das terras mercenárias e herdeiro do título. Em contraponto havia Olaf, o filho mais velho, que não era Senhor de nada, mas respeitado e visto como grande guerreiro pelos povos com garras e cascos, ocultos nos cantos mais perdidos do mundo.

— Então temos um trato, cabeça de corvo. Cuida da menina e, quando me for possível vir, o farei, até que possa levá-la daqui de vez.

Me coloquei entre os dois irmãos e estendi o punho com os dedos voltados ao chão. O gesto amigável e não usado há anos os espantou, mas foi respeitado e

imitado. Tínhamos um acordo de novo e esperava que este fosse honrado por ambos os irmãos.

— Nadja, nós vamos precisar apresentá-la de algum modo aos demais ferais. Algo que justifique que ela resida comigo como moradora, e não como soldado. O que você sugere? – Disse Olaf, olhando-me atenciosamente e, de fato, curioso sobre o que eu responderia.

Refleti alguns instantes e uma palavra veio à minha cabeça, um termo quase nunca usado por mim na última década.

— Mãe... Diga a todos que eu a assumo como mãe.

— Mãe? Mas como... ela não é... não será... – Mikael balançou a cabeça. Ele sabia bem o peso que se anunciar como pai ou mãe de uma criança naquelas terras acarretava.

— Mãe adotiva. Bem, é um bom título para a pirralha. Andarim, a filha adotiva da Fúria Rubra. Trará algum respeito com certeza. –Gargalhei.

Olaf pegou o cachimbo, puxou fundo e soltou um aro de fumaça pelo céu, com sua expressão risonha que eu adorava. Se tinha alguém que poderia proteger outra pessoa e fazer ela se sentir bem e alegre no processo, essa pessoa estava diante de mim.

— Antes de partir e buscar a criança, há notícias que preciso compartilhar e essas trago como mensageira real, Mikael e Olaf. Em minha viagem até aqui encontrei um grupo de navegantes mortos em uma floresta. Ao que parece, eles transportavam algo que foi roubado e foram assassinados de forma bastante brutal.

— Acha que foi algum tipo de metamorfo? – Perguntou Mikael.

— Não havia cheiro de metamorfo na área..., porém, havia um cheiro que não captava desde a guerra. Magia. Sangrenta e da escuridão.

— Tem certeza disso, Nadja? Saber que magia está sendo praticada por aí novamente é questão muito delicada. Precisaremos investigar isso a fundo.

— Preciso partir para a capital e informar ao Rei as minhas recentes descobertas. Vou buscar a garota agora para apresentá-la a vocês e, então, seguirei para a cidadela esmeralda sem demora.

Desci a colina e fui até a menina, que estava comendo quando cheguei.

— Você subirá comigo agora, há uma pessoa que vou te apresentar. O nome dele é Olaf, e é um bom homem. Você morará com ele a partir de agora.

— Mas eu quero morar com você e não com ele. — Falou a menina com os olhos cheios de lágrimas, pronta a desmoronar.

— Eu não posso te levar para a capital, ainda, e é lá que eu preciso ficar. Porém, eu prometo. Em alguns meses virei te visitar e assim que possível, te levo comigo. Até lá, preciso que me prometa que vai me esperar, que vai obedecer ao Olaf e que se esforçará para aprender tudo o que eles te ensinarem.

A menina olhou dentro dos meus olhos, com a face molhada de choro e a voz embargada:

— Não tenho muito escolha nisso, né? Eu não posso voltar para casa e não posso morar com você. Então eu tenho que ficar aqui mesmo...

— Sim, você tem que ficar aqui. — A abracei ternamente ali, sentada no chão entre meus soldados.

A peguei pela mão e começamos a subir até chegar numa parte do vale entre as árvores, onde ficava a ferraria de Olaf. Ali nos despedimos pela primeira vez com mais um abraço e, enfim, eu parti deixando uma parte do meu coração com aquela criança que, em menos de um mês, eu aprendi a amar.

Algumas semanas depois...

12. No calor da ferraria

Poucos dias após a partida de Nadja e o recebimento da nova moradora da minha ferraria, pouco havia mudado. A criança dormia e comia. E chorava. Mais nada. Ela falava bem pouco, nunca reclamava, fazia birra ou pedia qualquer coisa. Outras crianças faziam isso tudo à minha volta, mas ela não. De fato, por vezes eu poderia me esquecer dela por perto, ela se movia entre os móveis da ferraria como uma espécie de fantasma.

Em pouco tempo, descobri que o coração e mente dela estavam feridos, talvez em definitivo. A menina me buscava com o olhar pela ferraria, sentava-se no chão ao lado de onde eu estava, comia o que lhe entregava e dormia onde eu indicava..., somente isso, não havia qualquer interação ou diálogo. Desde que Nadja a deixou sob meus cuidados, minha rotina se dividiu entre lidar com minhas obrigações com a ferraria, alimentar um dragão e cuidar dela. Uma rotina bastante incomum, diga-se de passagem.

Eu nunca sabia o que ela precisava de mim, já que nunca ouvia sua voz. E isso vinha me irritando e muito. Nos primeiros dias, toda manhã eu trocava seus curativos. Os ferimentos advindos da tentativa de matá-la em sua aldeia foram pra mim a maior prova de como a pequena conheceu a ignorância dos homens. Cortes profundos e extensos, originados das correntes em que a menina ficou presa por dias seguidos, onde a prata rasgou a pele e rompeu a carne.

Mesmo que um dia sua transformação em lobo seja completa e os machucados de lutas recentes se fechem, as cicatrizes ali não se fecharão. Eram marcas eternas. Mesmo passados todos esses meses, ela ainda cuidadosamente ocultava os pulsos, o pescoço e os tornozelos com ataduras. Como se o branco linho pudesse esconder aqueles rasgos e ser sua nova pele.

Me lembro com pesar de que quando me aproximava com a bacia d'água e as ataduras, os pequenos olhos verdes imediatamente me fitavam cheios de medo. Nos primeiros dias, tive que imobilizá-la entre meus braços e pernas para tirar os curativos... ela esperneava e gritava, havia grande dor estampada em suas feições. Agora, ela já não se mexia: deixava que eu fizesse o que tinha que fazer em silêncio. Era estranho.

Certa manhã, enquanto realizava minha tarefa matinal de cuidar dos cortes da criança, percebi o quanto a ausência de fala dela me incomodava, juntamente com sua letargia em relação ao que acontecia à sua volta. Então, decidi que era hora de conduzir as coisas de modo diferente.

— Você já está um pouco mais forte e esses cortes em breve não serão problema. O que acha de me ser um pouco útil?

Seus olhos me observaram, cautelosos. Por fim, ela assentiu com a cabeça após alguns instantes. Levantei-me do chão e peguei sua mão. A conduzi até a ferraria e mostrei uma pilha de gravetos jogados na frente da porta:

— A partir de hoje, você é minha aprendiz e ajudante aqui. Preciso da ferraria limpa, organizada e preciso do fogo sempre aceso... esses gravetos estão aqui para alimentar a chama. Mas vou te ensinar a cortar e escolher madeira, também. Consegue fazer isso?

A menina abaixou e pegou um pedaço de madeira, que ficou manuseando entre os dedos, curiosa. Quase que instantaneamente, abaixou-se diante da pilha e começou a empilhá-los nos braços. Isso, certamente, era um sim. Bom, só gostaria de saber quanto tempo essa obediência ficaria... Lobos são do tipo “rebeldes”: ela certamente não era um cordeirinho doce por dentro.

Os dias foram se tornando semanas. E as semanas, cada vez mais desafiadoras. A fala de Andarim retornou com a sua recuperação e com seu trabalho. Ela era uma pequena e incansável trabalhadora: Levou tão a sério a missão de manter o fogo alimentado que passou a dormir ao lado das chamas nos primeiros dias, preocupada que elas se apagassem durante a noite. Ela varria a ferraria com o mesmo afinco. Nunca vi uma pessoa usar uma vassoura com tanto furor quanto a menina.

Todavia, com o tempo, percebi que estar entre essas paredes, escondida assim, não era o ideal. Muitas vezes a flagrei vislumbrando o horizonte através da janela, ansiando por algo mais. Sabia que ela sentia saudades de Nadja, porque a ouvi sussurrando o nome dela, enquanto dormia. Minha antiga amiga, aos olhos desta criança, era uma criatura divina, um anjo ou uma mãe, alguém muito querido.

Pensei em ensiná-la a lutar usando espadas ou os punhos, porém, temi que Fúria não me permitiria tamanha audácia. Na verdade, mais cedo ou mais tarde, havia uma grande possibilidade da menina ser levada à casa de treinos, e isso ocorreria por uma pessoa muito menos carismática e amistosa que eu. Afinal,

sendo uma despertada ou não, ela era um Lobo. Metamorfos desse tipo eram fortes combatentes... isso também me cheirava a problemas....

Estava trabalhando em um punhal novo para Arquiam, um dos caçadores da Vila, em uma manhã ensolarada e sem nuvens no céu. Andarim organizava as lâminas e o metal nas paredes da Ferraria, enquanto eu mergulhava o futuro punhal incandescente no barril de água mais uma vez, e o colocava na bigorna. Peguei meu martelo e comecei a trabalhar nele silenciosamente, quando fui interrompido pela voz baixa da minha aprendiz.

— Eu não posso mesmo ir até a aldeia? As pessoas já sabem que estou aqui, por que me veem quando vem aqui te visitar... eu poderia... ir lá com você, de vez em quando...

Ela tomou um pedaço de madeira e jogou no fogo. Então, pegou um atizador e ficou cutucando o carvão ardente. Olhando perdida, de mim e de volta pra as brasas ardentes. Esperando algo, uma resposta minha, certamente.

— Bem, sobre a vila... é meio complicado..., mas digamos que eles não te vêm com bons olhos. Eles poderiam fazer algo ruim a você, Andarim.

— Porque eu sou um monstro? Por causa do lobo? Né? —Perguntou, ainda cutucando o fogo com o olhar perdido. — Pessoas normais não gostam de monstros.

Gargalhei. —Menina, todo mundo nessa vila é um tipo de monstro, acredite em mim. — Falei golpeando o metal quente sobre a bigorna, vendo as fagulhas brilhantes iluminarem o ambiente na penumbra.

— Você não, você é humano. Você cheira como um, pelo menos.

— E você já está falando como um dos cachorrões chatos da vila. Cheiro disso e daquilo. Se começar a mostrar suas presas para mim vou te dar um banho de água gelada do poço, hein!

Ela estava sentada nas próprias pernas, E olhando curiosa e sem entender bem o que eu dizia, de novo. De fato, ela era meio sonsinha às vezes, mas dessa vez ela tinha razão, já estava na hora de tirá-la da escuridão e confrontar o resto da Vila. A filha adotiva de Nadja devia ser oficialmente apresentada a todos os corvos cinzentos.

— Vamos, se quer tanto ver o bando de bêbados, brigões e desordeiros que moram nessa Vila, vai pelo menos comigo ao lado.

— Agora? – Ela se levantou num salto e esboçou um sorriso.

— Agora, temos muito trabalho para fazer na ferraria, então será uma visita rápida. Ponha aquela capa de couro que te dei. – Falei, tomando a minha própria capa e jogando sobre os ombros. Peguei uma das espadas que costumava usar quando saía pela região e já a deslizava pela bainha na cintura quando a pequena se pôs diante de mim, com o cabelo desengonçado escondido na capa cor de avelã que a presenteei.

Construí minha ferraria em uma distância favorável do centro da vila: distante o suficiente para não ser irritado pelos moradores de lá, próximo o suficiente para ser alertado em caso de necessidade. Estávamos caminhando a uns 30 minutos quando encontramos o primeiro grupo de metamorfos treinando: eram jovens guerreiros que se golpeavam com espadas e lanças de madeira num campo aberto, coberto de mato rasteiro. Enquanto passávamos, alguns grupos interromperam suas trocas de golpes para nos bisbilhotar, detendo-se em muitos momentos à minha pequena companheira. A curiosidade sobre ela estava começando a ser acirrada ali.

Alguns metros à frente, encontramos o campo dos arqueiros e mais alguns grupos avulsos em torno de um algum ancião, que contava algumas asneiras do passado. Era época de treinamento e logo os rastreadores, assassinos e protetores seriam escolhidos dentre os aprendizes: a nata de Enslaved, os ferais combatentes que eram contratados por todo o reino e por outras terras além do comando do Rei Lucien.

Nossa pequena excursão pela vila tinha um destino certo, já que haveria uma reunião de todos os corvos do reino com meu irmão, o líder Mikael, ao pôr do sol. Notícias haviam chegado da capital Borknagar e elas deviam ser compartilhadas com todos os veteranos guerreiros e os anciões do alto conselho de combate. Ao que parecem, não eram novidades pacíficas.

— Haverá uma assembleia dos corvos na torre central, vou te deixar aqui no campo me esperando e assim, você pode dar uma olhada em volta e ver que não está perdendo muita coisa, não vindo para cá.

A menina me fitou com curiosidade, antes de baixar os verdes olhos para as mãos cobertas de ataduras e falar quase em um murmúrio:

— Como assim, corvos? Você é um homem e eles todos são ferais. Não sabia que haviam corvos por aqui, também.

Não me controlei e gargalhei alto, segurando a pequena loba pelos ombros.

— Corvo é um título aqui na Vila, significa guerreiro importante para nós. Alguém que é ou já foi relevante nos campos de batalha de Krônia. É uma reunião chata com pessoas que só sabem falar de armas, problemas e poder.

— Não gosto de reuniões chatas. Posso procurar algo pra comer?

— Pode, aquelas Senhoras naquela cabana podem te dar um pouco de carne e pão. Não se meta em problemas e não vá à floresta sozinha. Posso contar com você? – Estiquei o punho e a convidei a socá-lo, percebendo só naquele instante que esse era o gesto entre meu irmão, eu e Nadja, e que em algum momento havia começado a usar com ela também.

Recolhi a mão sem jeito, bagunçando o cabelo cor de palha da pirralha, e sumi para dentro da minha reunião, deixando meus pensamentos cheios de passado irem embora, por hora. Percebi que muitos homens já adentraram o espaço e tomei meu caminho, deixando a pirralha parada lá, em frente à Torre.

No centro do salão da Torre de Madeira, muitos já estavam assentados esperando Mikael iniciar a sua fala. Ao lado, a mulher dele, Line, olhava de forma ativa e superior para todos, levando no colo o terceiro filho, que ainda não completara nem o seu segundo ciclo de vida. O cabelo dela havia crescido bastante nas últimas décadas, bem como o bronzeado bonito de sua pele havia se tornado menos marcante depois que deixara o posto de assassina da Vila e havia, enfim, se tornado esposa do líder como tanto almejara.

Estava ali, perdido em meus pensamentos, que nem percebi a chegada do meu irmão, arrastando sua capa de tecido escuro e arrancando as luvas de montaria para tomar seu lugar na cadeira mais alta. Line encheu uma caneca do vinho de ervas que estava sendo servido a todos e estendeu ao marido, que pegou e a olhou com gratidão, antes de virar o copo em um único gole. Tal ato só podia significar uma coisa: algo estava ruim e ele estava ansioso para terminar logo aquela reunião.

— Recebemos um alerta de outras vilas de ferais. Coisas ruins têm acontecido em pontos aleatórios do reino. Coisas ruins envolvendo humanos usando magia.

Um burburinho alto se ergueu pela sala. A magia de certa forma fora banida do reino há mais de quinze anos, desde que Lucien ascendera ao povo e o último usuário dessas práticas, o nefasto Heitor e seus aliados, caíram na guerra. Deste então, a única magia que era conhecida e praticada pertencia aos capricornianos e

fadas da floresta. E aos retumbantes dragões, escondidos pelo reino, intocados por todos. Se era verdade que humanos usuários de feitiçaria estavam por aí, fazia sentido todo aquele alarde.

— Há provas do que fala? Algum foi pego vivo para dar detalhes de como obtiveram esses conhecimentos? – Falou um dos lobos mais velhos, apoiando o que restou do seu braço, perdido em batalha, no joelho.

— Não há ainda prisioneiros. Só relatos avulsos, indícios. Coisas ligadas aos brancos que vem desaparecendo inexplicavelmente. Roubos e mortes em lugares inóspitos. A primeira mensagem veio da própria Fúria Rubra há algumas semanas, depois disso novas informações surgiram: relatos de navegantes adentrando o reino e trazendo artefatos das terras geladas. Achamos quem quer que esteja armando problemas, está reunindo pessoas e objetos, talvez armas.

Peguei minha caneca e dei um gole, enquanto formulava alguma frase para aquilo tudo. Eu sabia antes de toda aquela cena que algo estava errado. As visões e sonhos com sangue e morte iam e vinham quase todas as noites. E visitar o lorde embaixo das montanhas não ajudava muito minha paz.

Wilhelme entrava na minha mente cada vez que cruzava sua caverna para lhe levar carne. Nunca o encontrava de fato acordado, não durante o dia, não no tempo que eu passava na caverna: o corpo dragão ainda acordava pouco por dia, muito embora sua mente estivesse acesa e me informando de tudo à minha volta na vila, até de coisas que eu nem imaginava.

Ele dizia que o cheiro da magia de sangue estava surgindo por todo o reino, feiticeiros ressurgindo do nada, artefatos de poder sendo retirados do esquecimento e talvez sendo usados em várias partes de Krônia. Ponderei alguns minutos se devia compartilhar as visões do dragão naquela assembleia quando ouvi um estardalhaço do lado de fora da torre principal e uma vozinha fina, muito conhecida minha, ecoou no pátio tal como um trovão:

— Não encosta em mim!! Me solta, seu moleque estúpido!!!

Levantei e saí correndo para o lado de fora da Torre do líder, pouco antes de ver um jovem guerreiro sendo arremessado longe por uma furiosa Andarim que, ao que parece, brigava ao mesmo tempo com quatro ferais jovens. Minha aprendiz estava metida numa enorme confusão em sua primeira visita à vila. Por todas as fadas e dragões, eu não merecia isso.

— Andarim, o que diabos está acontecendo aqui!? – Perguntei, indo na direção da menina, que rosnava e gritava com um adolescente da tribo dos lupinos negros enquanto chutava, nada menos, nada mais que Brendom, um dos meus sobrinhos mais velhos. Peguei ela pela camisa e a ergui do chão alguns centímetros antes de a sacudir pelos ombros, esperando que a sanidade retornasse a ela.

— Eles começaram! Não me deixavam comer em paz, fazendo piadas, me chamando de despertada e suja. Eu mandei eles pararem!

— Nunca pensei que você fosse uma amante de brigas como a Nadja. Não podia ter simplesmente saído de perto ou voltado para a cabana?

— Não, eu queria bater neles e bati mesmo!

— Então foi você que começou a briga além de tudo? – Perguntei incrédulo, enquanto a colocava no chão e agachava em frente a ela.

— Sim, e daí? – Respondeu prontamente a minha pequena aprendiz, que agora tinha as faces coradas de vergonha por ter admitido que começou a briga.

Todos os corvos já haviam saído da Torre e contemplavam a situação, com sorrisos debochados nos rostos. Line já havia descido as escadarias da Torre e agora acudia um Brendom todo sujo de terra, que cuspiu sangue nos próprios sapatos. Mikael se posicionou ao meu lado e falou baixinho só para que eu e Andarim ouvíssemos.

— Aconselho a sair daqui de fininho com a menina e evitar aparecer com ela por uns dias. Sabe como esses anciões são. Ver os rapazes mais promissores da vila apanhando de uma garota não deve ser algo muito satisfatório e não estou afim de lidar com uma guerra no meio de Enslaved.

Me reservei a concordar com a fala de meu irmão e saí pelas cabanas carregando a pirralha a tiracolo, até alcançarmos a ferraria. Por fim, a sentei em um toco de madeira diante de nossa casa, joguei uma espada de treino para ela e comecei a fazer o que já deveria ter começado há muito tempo.

— Você é uma lupina que despertou antes da hora. Seu lado feral te confere muita força física, sim, mas você não tem controle sobre nem um terço dela e pode acabar a usando de forma irresponsável ou tola, como fez hoje na vila.

A menina abriu a boca para falar, todavia, ficou em silêncio e se pôs a chutar as pedrinhas com a bota. Acho que, pelo menos dessa vez, ela viu que tinha feito besteira e me ouviu sem tripudiar.

— A partir de agora terá lições de ferraria e lições de guerreiro. Acordará antes do sol nascer e irá dormir só quando terminar o que tiver de fazer. Amanhã iremos à vila e pedirá desculpas àqueles moleques arrogantes para que possamos manter a paz por aqui...

— Mas foram eles que começ...

— Não me interrompa, pirralha! Eu sou seu mestre e já que você já consegue brigar no meio da rua, já está na hora de aprender a lutar de verdade e controlar seu temperamento! Logo suas transformações vão começar a acontecer em ciclos e eu preciso que você seja menos feral e mais humana. Se você despertar de forma descuidada, os anciões não hesitarão em te crivar de flechas de prata. Entendeu? Você pode morrer se não aprender a se controlar!

A criança me olhava boquiaberta, a apreensão dela era palpável no ar. Por final, abaixou a cabeça e se reservou a balançá-la, concordando.

— Sim, Senhor. Farei o que mandar e pedirei desculpas..., mesmo eu querendo arrastar a cara deles no chão ao invés disso. — Estava pronto para repreendê-la um pouco mais, quando me virei em direção à casa. Senti um sopro frio e uma voz draconiana soou dentro da minha cabeça, forte e alta:

— Tenho fome. Quando virás, ferreiro?

A voz melodiosa e tenra ecoou em minha mente sem parar. *Droga!* O dragão estava acordado e me chamando. Precisava deixar a menina entretida com algo, antes de partir para a caverna. Era uma péssima hora para ser mestre e, ao mesmo tempo, lacaio do lagartão.

— Há algo que preciso fazer fora da vila. Você ainda se lembra de como eu te ensinei a forjar pontas de flecha?

— Acho que sim..., porquê?

— Quero 50 pontas de flecha perfeitas. Não quero que o metal esteja rachado, e quero elas lustradas e afiadas. Essa será sua punição pela briga de hoje.

— Isso é muito difícil para eu fazer sozinha! É injusto!

— Faça as pontas de flecha. Se ficarem erradas, derreta o metal e comece de novo. Gaste o dia todo se precisar, prefiro que use toda essa raiva martelando o metal, em vez do rosto daqueles moleques insolentes da vila. Estamos acertados?

— Sim, estamos...*droga*, vou gastar a tarde toda nisso.

— Assim espero, assim espero... – Murmurei para mim mesmo, enquanto ia à vila conseguir algum animal para levar de alimento ao verdadeiro Senhor daquelas montanhas: o velho dragão azul, Wilhelme.

ريال ∞Ω∞ ريال

13. Encontros e despedidas

De Enslaved até a capital são 30 dias a cavalo, num ritmo de viagem bom. Estávamos quase a alcançar metade desse tempo de viagem quando meus institutos ferais basicamente dispararam todos ao mesmo tempo. Algo se aproximava pelas florestas, algo não humano vinha em nossa direção. Parei Cinzento, meu cavalo, puxando as rédeas e fazendo sinal para que Dichen se aproximasse.

— Sinto alguém chegando. Continue a cavalgada com os homens, farei um pequeno desvio para descobrir quem está por vir.

— Me assusta quando fala essas coisas porque sei que está sempre certa. Não acha que deveríamos estar por perto caso seja um inimigo? – Dichen me olhava com seus olhos cor de feno e com a sua tradicional seriedade, os cabelos negros presos em uma trança longa jogada por sobre o ombro, abaixo do seu chapéu cor de ciano, levemente inclinado.

— Não se preocupe, não sinto um inimigo, tampouco tenho certeza de que se trata de um aliado. Continue com os outros. São as minhas ordens.

Dichen assentiu com o queixo e esporeou o cavalo, acelerando o passo, enquanto gritava palavras de ordem aos seus oito cavaleiros restantes, que entendendo a situação, prosseguiram estrada adentro. Ross ainda parou alguns segundos a me fitar, mas percebendo que a minha vontade era de que ele continuasse com os demais, também tomou seu caminho, deixando-me sozinha no meio da estrada.

Poucos minutos depois, o ar começou a ficar pesado e um cheiro de flores e folhas úmidas pela chuva me circundou como se o próprio coração da floresta pulsasse ao meu redor. Então, ela chegou.

Os chifres longos e curvados eram decorados com pinturas vermelhas antigas, fitas de todas as cores possíveis. Penas de pássaros desciam entrelaçadas em seu cabelo, tingindo de roxo com a seiva das árvores Maru, à moda dos capricornianos. A veste superior havia sido um dia uma camisa requintada de alguma dama da corte, mas agora tinha perdido as mangas e a barra era ocultada por uma faixa com diversos bordados, de onde pendia um arco longo, a madeira decorada por arabescos. No centro da face da feral, dois imensos e brilhantes olhos cor de púrpura contrastavam com sua pele, negra como a noite.

Estava diante de uma das princesas dos capricornianos e da leal guardacostas do príncipe Liam, Mannileach.

— O Rei Lucien está à sua procura. Demorei um bom tempo para captar seu rastro. De Moonsorrow até Enslaved, para onde estava indo agora, comandante Nadja?

— De volta à capital, companheira de armas. Sabes que essa estrada é o caminho mais rápido para Borknagar.

— Sim, eu sei. Mas é sempre bom confirmar. Nosso Rei pediu para te localizar e descobrir o que andava aprontando. Sei por onde passou, só não tenho certeza do que fez por lá, ainda. Posso dar uma versão resumida e superficial ao Rei de todas as suas paradas, ou pode me falar em detalhes tudo o que aconteceu desde que deixou a capital e, assim, meu relato moldar-se-á ao seu.

— Tens a chance perfeita de me prejudicar como capitã perante o Rei, mas vem até aqui me oferecer sua lealdade, apoiando-me. Os generais da capital ficariam bastante irritados se vissem você agora, perdendo essa oportunidade.

— Eu e você somos ferais. Eles, povo de Libra. Um juramento me prende ao Rei Lucien e ao jovem Liam. Não ao resto dos que não tem chifres e garras. Você é o mais próximo que tenho de uma aliada naquele castelo irritante.

Mannileach tinha poderes suficientes para vencer um exército se quisesse. As histórias de sua magia da terra eram legendárias. Mesmo durante a guerra, nas poucas vezes em que entrou em combate, sua agilidade era única. Saber que me tinha com tão bons olhos, mesmo que nossos diálogos fossem raros e dispersos, me aqueceu um pouco o peito.

— Façamos assim, tenho pena e pergaminho aqui comigo. Farei um relato bastante detalhado sobre tudo o que ocorreu, ocultando somente um detalhe que ainda não posso compartilhar com o Rei. Como sei que se locomove mais rápido que eu e minha cavalaria, logo você poderá entregar essa carta à Nossa Majestade e quaisquer dúvidas sobre minha missão serão enfim, afastadas.

A capricorniana se abaixou sobre suas pernas de bode, tomou uma pequena flor de um ramo à beira da estrada e a entrelaçou com uma mecha solta de seu cabelo. E disse:

— Escreva sua carta, farei que a mensagem chegue até o Rei rapidamente. Quanto ao detalhe que deseja ocultar de Lucien, acredito se tratar da menina de

cabelos loiros que estava a carregar em sua garupa, correto? Porque esconder algo do poderoso Lucien, como uma criança?

— Porque se ele souber que acolhi uma menina sob minha proteção e a deixei numa vila de mercenários, certamente me expulsará porta afora com ordens para trazê-la à capital e torná-la uma pequena dama. E no momento, receio que estaremos à beira de uma tempestade cruel e, talvez, o lugar mais seguro para ela seja no meio daquelas montanhas, escondida.

— Faz sentido, amiga-ursa. Ande, sente-se um pouco e escreva sua carta. Vou conseguir algo para comermos enquanto isso.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Onde está Falcor? Era a décima vez que fazia a mesma pergunta para meu pai e sabia que a resposta seria igual das outras nove, o que não me impedia de perguntar novamente.

— Está em missão, irá nos encontrar em breve.

Naquela manhã, meu pai estava usando uma longa capa vermelha com forro de pele de coelho. A coroa resplandecia sobre seus cabelos grisalhos. Meu pai, o rei, cavalgava comigo enquanto eu era levado para a terra dos monstros.

Já nevava em Krônia, da capital Borknagar até o coração de todos os condados. Estávamos em algum lugar bem distante das florestas reais da cidadela esmeralda. O comentário era de que logo entraríamos nas terras dos capricornianos. Cavalgávamos em marcha lenta sobre as estradas que começavam a ter mais neve que pedras aparentes sobre o solo. Meu pai me explicou uma dezena de vezes que a viagem até Ensiferum duraria mais de 40 dias em direção ao Noroeste. Nós iríamos cruzar todos os domínios de nosso país, Krônia.

Ficamos dias antes disso analisando mapas, com ele me mostrando lugares que faziam parte do nosso reino, me fazendo memorizar locais e nomes. Ao Leste ficava o mar do Sul, o condado onde minha mãe nasceu, Midnatsol e o castelo Rubi. Ao Norte, ficavam as fronteiras de Krônia e o extenso condado de Agaloch, que era nada além de um pavoroso deserto. A Oeste estava Enslaved, a terra dada aos metamorfos e onde ficava a caverna em que o dragão que meu pai servia descansava.

— Por que você a mandou em missão sendo que essa viagem toda estava para ocorrer?... Não faz sentido! Ela é de Ensiferum, não é? Faz mais sentido ter ela por perto agora que o chato do Argus!

— Argus é um bom comandante e um bom militar. Um dia será um poderoso combatente, fiel a você e ao seu irmão Nótt, que será Rei. Seja respeitoso. Vamos só tentar viajar em paz, sem ofender aos guerreiros que te acompanham, filho.

Cavalar em Bastian naquele tempo não era nada animador. Ainda não conseguia entender porque tínhamos que viajar em pleno inverno. Poderíamos esperar alguns meses e fazer essa maldita viagem na primavera, mas não... tínhamos que partir antes do final do inverno, cruzar todo o país para eu ser recebido pelos monstros que iriam supostamente me ensinar algo. Que pedante.

Já estávamos cavalgando a mais de um mês quando, enfim, Falcor chegou e se juntou ao grupo. Meu amigo-amiga surgiu do nada em uma estrada, vinha cavalgando um cavalo de pelagem escura que nunca havia visto antes. Ele atravessou a cavalaria vindo ao fundo, até nos alcançar na ponta e, por fim, estender na direção de meu pai um pergaminho. Sua voz masculina falou então em tom baixo, um que somente eu e meu pai pudéssemos ouvir àquela distância do resto dos cavaleiros.

— Localizei Nadja e a Segunda Cavalaria.

—E onde ela estava, afinal de contas? – Perguntou meu pai, enquanto parava o cavalo para desenrolar o pergaminho ali mesmo, no meio da estrada.

— A missão em Moonsorrow acabou se estendendo devido às descobertas muito intrigantes. Ela precisou ir até Enslaved reportar algumas coisas pessoalmente ao líder dos ferais, Mikael. Moonsorrow ainda possui vilas de pessoas descendentes de ferais e, ao que parece, surgiram problemas com uma. Agora que cheguei, terá minha companhia até o final de sua jornada.

Todo o resto da cavalaria começou a igualmente parar os cavalos e se alinhar em torno do Rei Lucien, que lia a mensagem enviada por Nadja com uma expressão preocupada. Por fim, soltou um suspiro longo. Aproximou seu cavalo do meu, colocou seu braço sobre um de meus ombros e falou com sua tradicional voz séria, de quem estava a ponto de dar uma notícia ruim:

— Precisarei voltar à capital, meu filho.

— Mas pai, eu não quero que você vá. O que está acontecendo de tão grave assim, que agora todo mundo fica indo e voltando? Porque vocês não ficam só aqui, do meu lado, e pronto?

— Liam, você é um príncipe e um jovem muito corajoso. E mais do que tudo, é um filho querido para mim. Essa viagem irá te trazer não só conhecimento

para o futuro, mas muitas coisas mais. Você só precisa confiar em mim, em Falcor e em todos que dizemos que você deve continuar, mesmo que sozinho.

— Eu não ficarei sozinho em Ensiferum. Falcor irá comigo, não? Não é?

Falcor me olhou por debaixo de seus espessos cílios ruivos, antes de pigarrear e falar com uma voz contida e quase triste.

— Depois de amanhã nós iremos alcançar as brumas, então estaremos finalmente nas terras do Condado de Ensiferum. Eu te acompanharei e protegerei até o limiar da névoa. Só posso ir com você até ali, circunstâncias especiais me impedem de entrar em minha antiga terra natal.

— Não! – Grito, revoltado. – Não mesmo! Você me prometeu que me protegeria. Você disse que iria comigo! Você some à beira da viagem e agora fica dizendo que só irá comigo até a fronteira. Não, você vai entrar comigo! É uma ordem.

— Liam, pare de esbravejar em público dessa forma. Tenha modos. – Retrucou meu pai, segurando meu braço e tentando me impedir de pular do cavalo. Coisa que fiz mesmo assim, enquanto caminhava na direção contrária da estrada, enfiando meus pés na neve.

— Não me importo com seus modos e etiquetas. Eu me nego, eu não entrarei em Ensiferum se Falcor não for comigo. E você não vai voltar à capital agora, também.

Devo ter dado uns dez ou vinte passos, quando senti um calafrio e vi minha visão ficar turva. Então, diante de mim, folhas e pétalas de flores se agruparam formando a figura de Falcor parado na estrada, barrando minha passagem.

— Odeio ter que usar esses artifícios com você, amigo. Mas sua teimosia e pouca eloquência estão criando uma cena desnecessária.

Falcor se aproximou e tocou com a ponta dos dedos em minha testa, fazendo com que eu imediatamente sentisse meu corpo pesado e os sentidos me abandonando. O desgraçado havia me enfeitiçado. De novo.

Acordei deitado num ninho feito de mantas e colchas, com uma panela cheia de brasas bem próxima. Falcor estava sentado ao meu lado, lendo um livro e, ao que parecia, havíamos levantado acampamento.

— Devo estipular que meu pai já partiu à essa altura?

— Sim. Há algumas horas, logo depois de eu te pôr para dormir..., ele e mais da metade da cavalaria consigo.

— Você sabe que é muito desrespeitoso ficar me enfeitiçando daquela forma. Um dia vou proibir você de andar perto de mim.

— E você não deveria agir como uma criança de 10 anos, quando já tem 15. Você é um príncipe sendo enviado em uma missão importante, contudo, ainda insiste em agir de forma infantil. Além do mais, você não pode me proibir de cumprir minha missão, andar com você é só parte do pacote.

Me espreguicei e saí do meio das cobertas e mantas, sentindo o vento frio me rodear. A noite já caiu e, à minha volta, da Primeira Cavalaria restaram menos de dez homens, que comiam e conversavam animadamente.

— Vamos retomar a viagem amanhã pouco antes do amanhecer, até o final da tarde vamos ter alcançado o limiar das brumas e, lá, uma pessoa do meu povo estará te esperando para te atravessar.

— Você sabe o nome dele? – Perguntei enquanto ainda tentava assimilar toda a situação.

— Será Taranis, o Senhor dos Ossos. Que por acaso, sou eu, meu caro príncipe.

Uma criatura de chifres longos, decorados com pequenos ossos de animais, surgiu do meio dos arbustos, caminhando em suas patas de bode até onde estávamos.

— Porque veio até nós? Amanhã entregaria o menino para você na fronteira de névoa.

— Vocês estão atrasados. Estava entediado, parado no limiar, e decidi caminhar na direção da qual vinham. Além disso, posso passar um pouco mais de tempo ao lado do sangue do meu sangue, que tão pouco consigo ver.

— Sangue do meu sangue?

— Taranis é irmão do capricorniano que me gerou. Como vocês dizem em seu mundo, ele é meu tio.

— Então, você tem tios?! E irmãos? Você tem irmãos? E sua mãe, ela também vive lá? Eu vou conhecê-los?

Fiz as perguntas sem parar e sem pensar muito, porque toda a situação me deixou agitado. A ideia de conhecer um monte de capricornianos e saber que eles são a família do meu amigo/amiga me entusiasmou, ao mesmo tempo em que me assustou um pouco. Seriam todos eles assustadores e estranhos como o feral enorme que chegara ali?

— Sim, você conhecerá a minha mãe e o meu pai, como dizem vocês, “*povo sem chifres*”. Tenho um monte de irmãos, também, muito embora eles dirão para você que não me conhecem ou que eu estou morta.

— Por que fariam uma coisa idiota como essa?

— Digamos que não sou a pessoa mais bem-vinda em Ensiferum. E que, por isso, hoje em dia sou sua guarda-costas.

Falcor estava parado abaixado, com as mãos sobre meus ombros. Aos poucos ele desfez sua forma de homem diante de mim e vi uma capricorniana de pele cor de terra molhada e olhos roxos surgir na minha frente. Seus cabelos, agora tingidos em cores de vários tons de roxos. Ela sempre mudava a cor deles, como, eu ainda não havia descoberto.

— Vamos continuar a nossa viagem. Vou com você até onde começam a fronteiras de brumas. De lá eu não posso ultrapassar. Assim você não viaja sozinho com o Taranis e eu cumpro a minha missão de te proteger. Podemos fazer assim?

— Acho que eu não tenho muitas alternativas e ser um garoto pirracento não irá surtir efeito com dois de vocês aqui, né?

Uma gargalhada aguda e estranha soou ao meu lado e vi o grandalhão de chifres retorcidos cinzentos rindo de subir os cascos, segurando a barriga.

— Não mesmo, pequeno Fério. E já que chegamos a algum entendimento, desejo prosseguir essa viagem imediatamente. Tenho sentido cheiro de magia negra e acho que deixar o garoto exposto por aí é um risco desnecessário.

— Mas é noite. Podemos ir pela manhã, Taranis!

— A noite o véu está mais forte, será o primeiro teste do menino. Vamos ver como as fadas o recepcionam.

Levantamos acampamento e prosseguimos em silêncio. Falcor caminhou em sua forma feral ao meu lado, levando uma tocha pequena acesa. Taranis ia à frente do grupo com uma outra tocha acesa, um pouco maior, e na retaguarda alguns soldados deixados pela Primeira Cavalaria, que olharam toda a cena com descrença

e claro desconforto. Muitos dentro do exército sabiam dos ferais, mas isso não significava que os aceitassem ou respeitassem.

Depois de algumas horas por aquela estranha estrada adentro, começamos a passar por várias ruínas de pedra e amontoados de madeira, em forma de fogueiras.

O cheiro à nossa volta era de terra molhada e flores silvestres dominavam tudo. Havia uma escuridão muito grande e perturbadora, e uma sensação de medo que me preencheu. Então, vi a bruma surgindo. Falcor havia me explicado que a bruma era uma névoa quase impossível de ser atravessada por pessoas normais, e que ela era criada pelas fadas que residiam em Ensiferum. Depois que você atravessava o limiar, você se tornava refém delas: poderia alcançar o outro lado e encontrar a Terra dos Lagos..., ou se perder para sempre nessa magia antiga.

Em determinado momento, chegamos numa estrutura que se assemelhava a um ancoradouro, porém, não havia água ou rio ali. Ao invés de tábuas de madeira, fragmentos de rocha e cordas grossas, que terminavam sendo engolidos por uma densa névoa que mudava de cor constantemente: parecia meio roxa, meio azul, rosa... e a cor dela mudou a cada vez que eu a olhei novamente. Era assustador, mas tão lindo...

— Bem-vindo ao Limiar, Fério. Quando entrarmos nas brumas, as fadas irão ou não te conduzir até Ensiferum. Se isso acontecerá rápido ou não, se elas te mostrarão seu futuro nessa passagem ou não, tudo isso dependerá do que as fadas lerem em seu coração e dos sortilégios que elas lançarem sobre sua alma.

— Falcor, tô com medo. Eu posso morrer lá dentro, não posso? Você me disse que eu estaria em segurança, não disse? Me diz alguma coisa...

— Você é meu amigo e sempre me tratou como uma igual. As fadas saberão disso. Elas também saberão que você divide o pão e as guloseimas do seu lanche da tarde com os meninos pobres que brincam com você perto do castelo. Elas saberão que você ama seu pai, sua mãe e seu irmão, e os honra a cada dia. Você tem grande coração, Liam, cheio de coragem. Deixe as fadas te levarem e tudo dará certo. Elas sabem que você será um dia o nosso Fério.

Todas essas coisas Falcor, em sua forma de capricorniana, disse olhando no fundo dos meus olhos, antes de me descer do cavalo como se eu pesasse como uma pena e me entregar a tocha que ela mesmo carregava. Comecei a caminhar seguindo os passos do grandão assustador, que já estava quase penetrando na névoa com a sua própria tocha. Então, um pensamento passou pela minha cabeça e me

virei gritando para Falcor, que ainda me observava em pé no início do ancoradouro:

— Eu não te perguntei uma coisa até hoje. E isso é bem idiota depois de tantos anos só te chamando de Falcor. Só que... qual seu nome verdadeiro? Porque, obviamente, Falcor não é. — Provavelmente eu estava com a cara mais sem graça do mundo naquele instante.

— Mannileach. — Ela respondeu prontamente. — Mas você pode me chamar de Manni. Alguns poucos eu deixo me chamar assim.

— Tá bom. Manni parece legal. Então, tchau Manni. Até daqui seis meses.

— Até, cuide-se. Ouça e obedeça Taranis e Sucellus. E, por fim, não cace briga com a Cailleach...

Ela sorriu, mostrando as covinhas em suas bochechas estranhas, enquanto balançava uma das pernas animais, batendo seu casco no chão. E, então, eu entrei na névoa. Caminhei, caminhei, caminhei e parecia nada encontrar. Do nada, percebi que não via mais a tocha de Taranis, que há minutos atrás surgia na névoa um pouco à minha frente. Fiquei apreensivo. Estava ofegando e cansado.

Vi o contorno de árvores, arbustos, uma pedra aqui e outra ali. E só. Contornos, nada nítido. Também vi luzes piscando e movimentos sinuosos ao meu redor. Um cheiro de flores muito forte, que parecia vir de dentro das brumas. Devo ter vagado por uma, duas, ou três horas, nem sabia mais, até enfim ver algo surgindo: Duas luzes imensamente prateadas flutuando no alto, diante de mim.

Estava a ponto de gritar ou sair correndo, quando uma mão com garras pontudas se estendeu na minha direção. Temi ser atacado, mas lembrei de onde estava e percebi que a melhor opção era só seguir o caminho, e eu segurei o temor por um instante. Então, toda a bruma à nossa volta sumiu e descobri que as luzes prateadas pertenciam na verdade a dois olhos, que pousaram no centro de um rosto capricorniano cheio de marcas e cicatrizes, com uma pele de um tom meio cinzento, meio negro.

— Bem-vindo a Ensiferum, estimado Príncipe Liam. Eu sou Sucellus e vim te buscar.

6 meses depois...

14. A Canção da espada

Eu tenho andado nessas florestas há tanto tempo que, em muitos momentos, não sabia mais se era um homem ou uma fera como os que me rodeavam. Desde antes da guerra, o limiar das árvores e os córregos na densa mata me chamavam. Aprendi a falar a língua dos animais e ler as marcas na neve ao caçar. Eu sentia parte dessas terras e de outras que conheci sob a minha pele e carregando dentro de mim, tão somente os ensinamentos dos meus ancestrais que há muito se foram.

E assim, longe de casa, um homem do ferro eu me tornei.

Não tenho o faro de lobos ou a velocidade do ataque de um grande felino. Não tenho a força de uma urso, coberta de sangue na batalha. Então, eu devia ser um homem ao máximo do que poderia ser. Aprendi a forjar em meio a batalha, quando poucos eram os que se aventuravam a tomar o martelo e moldar o aço.

Eu fiz espadas para reis que ascenderam ao trono. Eu forjei armas para homens que caíram na batalha e não mais se ergueram. Eu viajei entre os chifrudos e os homens de quatro cascos. Eu fui visitado por espíritos e fiz oferendas aos deuses antigos e esquecidos. Carregando meu martelo na cintura e uma espada na mão, um homem de ferro eu me tornei. E, agora, precisava esculpir uma guerreira dessa menina. Para que ela conseguisse sobreviver e, dessas terras de penumbra em que cresci, também pudesse um dia partir.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Golpeie à direita! À direita, menina! Golpeie à esquerda e ao centro. Proteja-se, Andarim! Se deixar sua guarda tão aberta, morrerá antes de erguer sua própria espada. Mexa os pés mais rápido e golpeie com força, como se a sua vida dependesse da sua espada atingir algo. E dependerá!

Andarim estava à beira de desmaiar de cansaço. O cabelo, empapado de suor, grudava na testa, e a traça em que ela prendeu o rabo de cavalo começava a se desfazer em meio à movimentação do treino de espada que estávamos há3h travando no terreiro em frente à ferraria.

Sabia que ela só tinha 15 anos e, em situações normais, eu dividiria esse tipo de atividade em mais horas ao longo do dia e não forçaria tanto, mas os meus instintos tinham passado a me sussurrar coisas à mente: *“uma tempestade está vindo e essa menina precisa conseguir se virar. Seja com uma espada na mão ou diante da vida”*. Eu não podia fraquejar e lhe dar um treinamento frágil e arrastado. Eu precisava moldar aquela rocha desajeitada e forte que eu recebi há 8 meses atrás, tal como moldava o ferro.

A menina rodava o gládio que a emprestei para treinamento e procurava com o olhar uma abertura em minha posição de guarda para desferir um ataque. Boa menina, boa menina...ela era impulsiva e avoada muitas vezes, ainda assim, uma boa aluna.

Porém, eu era o professor e não daria uma brecha para ela, não tão fácil. Tomei com a perna esquerda para trás, fingindo abrir a guarda, e vi ela se mover em instantes, visando me golpear com a lâmina curta na direção do ombro direito. Mal sabia ela que a perna, que fiz menção de tirar o peso, iria voltar contra o estômago dela em uma joelhada certa. E, segundos depois, ela estaria no gramado vomitando sangue e falando palavras nada adequadas à uma menina com meu nome.

—Primeira lição da tarde: se está fácil demais, desconfie.

—Aiiiii! Confessa que você tá querendo me matar antes de concluir qualquer treinamento possível. — Andarim tentava se recompor, abraçando o próprio estômago, enquanto sentada no chão.

— Não, estou só levando nosso treino a um novo nível. Ou você acha que as pessoas que você confrontará por aí se apegarão a qualquer regra de combate um a um? Eles vão usar o ambiente, jogarão terra em seus olhos, te jogarão no chão com uma rasteira e rasgarão sua garganta com um caco de vidro, se puderem.

— Tô bem, tô bem. Só me dá 5 minutos para respirar. — Murmurou Andarim, sem olhar diretamente para mim. Ela estava ajoelhada e vomitava sangue. Apertava a grama entre as mãos com se pudesse deixar a dor ir embora através das plantas.

A menina ficou de pé e passou a mão na face para limpar o suor. Agora, grama lhe enchia rosto e cabelo. Pegou a espada e se pôs em posição de guarda, de novo. Só que o alinhamento das pernas, torto, me incomodou, a espada sendo segurada sem confiança me irritou e os olhos ainda lacrimejando foram um convite ao meu idiota miserável interior a libertar sua fúria. Ainda fraca, ainda vulnerável.

— Te falta força. Te falta ódio. Te falta segurança. Ou você luta ou você morre.

Rosnei cada palavra enquanto a golpeei com força, tentando ou desestabilizá-la de vez ou tirá-la da mesmice em que estava presa. A cada golpe da minha antiga espada, “Silêncio da Madrugada”, a menina deu um passo para trás, recuando e se protegendo com a lâmina na horizontal, sobre a palma da mão. Por fim, vi o que queria surgindo no olhar: a fúria, o fogo, a força de uma lutadora.

Ela começou com resistência. Travou os pés na grama e não deixou que os golpes da minha espada a fizessem recuar. Então, com um movimento forte, ela agarrou sua própria espada curta pela empunhadura e trombou-a contra a minha, me fazendo cessar os golpes. Passou, enfim, a me atacar com o impacto que esperava dela. Implacável a cada golpe, visando a minha garganta. Com a força de uma jovem loba contida em cada movimento, com aquela espada tosca que eu havia lhe entregado no início da tarde.

Os golpes contra mim foram ficando energéticos, firmes e com sede de sangue, até que percebi algo de errado. Os olhos dela estavam faiscando e o brilho do lobo, vindo à tona: ela perdia o controle de novo. Mais um ataque da espada dela arremeteu contra mim, possivelmente com toda a força que a minha pequena aprendiz de ferreira dispunha. Todavia, no último instante, percebi que não podia me defender do golpe que viria sem me ferir e saltei um momento antes do gládio descer sobre uma pedra no terreno e rachá-la, quase até a base fincada na terra.

Fiquei alguns instantes abismado com a destruição da pedra, mas a consciência do que aquilo significava bateu mais alto em meus pensamentos. Ergui a pequena pelas camisas, fuzilando-a com o olhar:

— Você está louca ou o que? Essa força, esses olhos incandescentes não mentem. Você se transformou recentemente! Fora da lua cheia e bem embaixo do meu nariz!

Andarim ofegou diante de mim e pareceu ceder ante a minha descoberta. Os olhos, antes prontos a assumir a postura de fera, voltaram a ter o doce brilho da sua juventude amável e ela começou a gaguejar. A menina me escondeu coisas de novo e não conseguia segurar a vontade de dar uns pontapés nela por isso.

— Não é assim. Só foi uma vez. Já faz semanas... eu fui caçar coelhos para jantar e me embrenhei na floresta. Comecei a correr seguindo o riacho e segui os rastros. Senti o lobo vindo e estava tão longe da vila... foi só por algumas horas e eu juro que não ataquei ninguém. Eu juro!

A menina pareceu me contar a verdade, porém, saber que me escondeu algo tão importante como uma transformação fora do ciclo me irritou. É um dom complicado, um dom poderoso. Só adultos deveriam poder se transformar assim. Uma criança que deixou a fera vir à tona ao bel-prazer seria tratada como uma aberração na vila, uma despertada, e isso significava ainda mais problemas. Ela tremia, eu podia ouvir o coração acelerado.

— Vá buscar água no poço e farinha nas barracas. Vamos fazer o jantar e, depois, vai me contar sobre essa nova transformação. Anda, menina!

Ela caiu sentada, suspirou e fez menção de fazer algum comentário engraçadinho ou malcriado antes de ir. Contudo, meu olhar não foi convidativo para bobearias e ela só respirou fundo e saiu em direção ao poço, não sem antes arrancar a espada da pedra e jogar aos meus pés, murmurando algo que provavelmente era alguma maldição em meu nome.

Peguei a espada curta do chão e vi que a lâmina foi avariada depois do seu encontro com minha pequena loba destruidora. Ri sozinho, devolvendo-a para sua bainha de couro maltrapilho e guardando a “Luz da Madrugada” com orgulho: afinal, hoje essas espadas cantaram uma vez mais.

ريال ∞Ω∞. ريال

Meu pulso doía demais. O gládio que Olaf me cedeu para o treino de hoje tinha o dobro do peso normal das espadas que ele me entregava para os treinos. A lembrança dos golpes dele, tão precisos e diretos, em comparação às minhas tentativas tortas, me irritou. Quando eu atacava diretamente, ele bloqueava com primor, com aquela sua longa espada linda. Aí me empurrava e quando eu via, estava estirada no chão, de novo.

Quando cansei do jogo de flanquear o meu adversário e comecei a botar toda energia e raiva que tinha nos golpes, fazendo-o, enfim, se desequilibrar, me expus e ele viu. Mais energia que eu deveria ter. Como pude ser tão burra e me empolgar logo com ele!?

— Burra! Burra! Burra! Você quer o que? Que ele te proíba de caçar longe de casa? Qual é a daquele chato, também. Se golpeio com pouca força, me diz que me falta energia de guerreira. Se me solto, diz que estou descontrolada. Ahhh, isso me dá tanta raiva! Por que ele não se decide?!

Falava contra o vento, ao mesmo tempo em que pulava amassando uma pilha de folhas secas que me deparei no caminho até o poço. Chutei as folhas e os

pequenos arbustos à minha volta e estava pronta para meter a minha bota contra uma das macieiras mais próximas quando ouvi uma voz falhada e muito conhecida minha.

— As plantas não tem culpa se você é burra e nervosinha. Poderia parar com essa cena deplorável ao lado do poço e me deixar passar para pegar água?

Pronto, a velha Bearn tinha que aparecer para tornar a minha humilhação ainda maior. A velha anciã loba não ia com a minha cara e deixava isso claro em toda e qualquer situação. E eu tinha dado uma de bandeja pra ela. ÓTIMO!

Ela andava encurvada pelo tempo, vestindo uma roupa que parecia uma confusão de tecidos embaixo de uma capa cinza escura, amarrada com uma corda e um cinto de contas e pérolas falsas. A velha se inclinou sobre o poço e colocou o balde vazio que havia trazido sobre as madeiras empilhadas que formavam uma tampa sobre a fonte d'água.

Bearn suspirou e se virou subitamente pra mim, mostrando a boca com seus vários dentes faltantes e seu arredondado nariz do tamanho de uma ameixa, e soltou a próxima humilhação em forma de frase.

— Você vai ficar aí me encarando que nem uma louca ou vai ajudar uma velha a pegar um pouco de água e voltar logo para casa, antes que anoiteça?

— Não, não! Já tô pegando, pode deixar. – Tirei as tábuas o mais rápido que consegui e joguei o balde amarrado na corda, visando sair daquela situação toda o mais rápido possível. Mas aí, do nada, ela se inclinou e me CHEIROU! Por todas as fadas, essa velha me tirava do sério!

— Por que você...? – Antes que eu terminasse a frase, ela puxou uma mecha do meu cabelo e simplesmente pôs dentro da boca, e largou antes de mover a boca, soltando mais fel em forma de conversa.

— Cheiro e gosto de sangue recente no teu cabelo. Caçada boa, farta. Anda saindo por aí na pele de lobo e todo mundo achando que a pequena despertada escondida na ferraria não dá trabalho. Não pode esconder isso de mim, ah, não pode! Os anciões sabem ver essas coisas!

— Anciã ou não, dá pra não ficar me cheirando e mexendo no meu cabelo assim?! Raios que te partam, velha enjoada! Pronto, aqui a sua água, me deixa ir agora.

Ela simplesmente se inclinou e me desferiu um tapa na cabeça, antes de sair arrastando aquele horroroso vestido velho pela grama e ir pelas árvores.

— Tinha que ser cria daquela urso sem modos. Acha que vou carregar esse peso, pirralha? Anda, do jeito que você é desengonçada, é capaz de perder a água toda antes de eu poder fazer um chá em minha cabana.

— Mas..., mas...o Olaf me pediu...

— Eu sou Bearn, a anciã mais velha dessa porcaria de vila cheia de merda. Eu preciso de água e você vai ser meus braços, agora, pequeno desastre em forma de lobo. Ou quer que eu saia gritando pros líderes da vila que você é uma despertada e que tem que morrer antes de causar, sei lá, uma tragédia?

Peguei o balde, desamarrei a corda e saí cambaleando com o peso da água, tentando acompanhar os passos curtos e rápidos daquela velhinha audaz e desagradável. Ela me fez ir até o centro da vila para levar a água, passando logo em frente ao lugar que mais evitava em toda Enslaved: o campo de treinamento dos jovens.

— Por todas as fadas e ninfas do mar! ...E eu pensando que meu dia não podia piorar!

ريال ∞Ω∞. ريال

15. Através de olhos tão prateados

No meu primeiro mês em Ensiferum, eu aprendi a nadar e pescar sem usar uma lança, vara ou rede. Eu aprendi a cantar canções que encantavam os peixes e eles vinham até minhas mãos. Aí, tive que aprender a limpá-los e fazer fogueiras. Se quisesse comer algo que não fosse mel, pão ou frutas, eu precisava ir atrás: o povo de Capricórnio não me daria carne ou qualquer outro animal para comer.

No meu segundo mês na Terra dos Lagos, Sucellus me ensinou o nome de tantas plantas que eu pensei que não conseguiria me lembrar. Então, ele me deu um caderno e me falou pra anotar. Eu escrevi, escrevi e, por fim, desenhei. Cada folha e para o que cada uma servia. Desde a casca da macieira, que ajuda a curar inflamações, até as sementes de fruta do limbo, que causam alucinações e sonhos ruins. Eu precisaria aprender a entender a floresta: o povo de Capricórnio vivia nela e eu deveria respeitá-la.

No terceiro mês, ele passou a conversar comigo em línguas que eu não entendia. Uma de cada vez, sem parar, várias frases por dia. No começo eu não prestava atenção, mas logo percebi que precisaria um pouco de cada. Então, Sucellus me disse: Saiba a língua de onde está para chegar e nunca será tratado como um completo estrangeiro ou invasor. Seja gentil em todas as línguas e poderá cruzar tantas fronteiras que nem imaginará.

No quarto e quinto mês foi a vez de aprender sobre animais, criaturas e raças. Ele me trouxe “amigos” para eu conhecer, embrenhou-se entre os caules das árvores enfiadas na lama e na água, e me fez ver, tocar, cheirar e sentir. Havia tantos bichos que, na capital, eu nunca imaginei existir, havia tanta vida pra todo lado entre os lagos e as árvores que se erguiam junto ao céu...aí eu me tocava do quão pouco eu sabia.

E a cada dia, tudo que aprendi nos outros meses ele voltava a fazer. Pois foi aos poucos que eu descobri que as canções de pesca nem sempre funcionavam e, às vezes, eu precisava usar armadilhas ou lanças. Que na escuridão da noite a flor que pensei que podia mastigar e que tiraria o sono, na verdade, era do tipo que revirava o estômago e trazia febre. Que as palavras em libriano antigo tinham sido copiadas sem cuidado e agora eu não sabia como pedir mais pão de mel no almoço, e ficaria com a barriga roncando.

— Olhos dourados está pensativo hoje

— Olhos Prateados está vendo coisas de novo onde não tem. Só estou tentando copiar o desenho da asa daquela borboleta.

Estou sentado à beira d'água com meu inseparável caderno sobre as pernas. As botas estavam jogadas entre as raízes secas e gravetos pelo chão. Numa flor um pouco à frente, uma imensa borboleta de asas rosa e furta cor aproveitava o sol, pousada tranquilamente.

Estávamos sentados ao lado de uma das várias lagoas de Ensiferum, próximo ao baobá gigante, onde morava uma família de castores arteiros. Sucellus estava trançando cordões, enquanto me olhava através dos seus incríveis olhos prateados. Era algo em que estava trabalhando há dias sem cessar e eu estava cheio de curiosidade sobre o que ia virar. Em breve meu sexto mês na terra dos capricornianos iria acabar e voltaria para casa.

Senti uma mescla de alívio e alegria ao pensar nas refeições e no calor do castelo. No abraço do meu pai Lucien, nas corridas de cavalo com meu amigo Falcor. Falcor que, por sinal, havia me enganado, dizendo que viria para cá comigo e me deixando sozinho além das brumas. Sem mais dormir no chão de folhagens ou comer só o que eu pudesse catar ou caçar. Sem mais lições do início da madrugada até o cair da noite mais densa. De volta ao meu lar. Até mesmo rever meu irritante irmão mais velho Nótt.

— Quando os cavaleiros de meu pai vão me buscar mesmo, Olhos Prateados?

— Me faz essa pergunta todo dia, seja ao nascer ou cair do dia. Em breve, meu jovem, em breve. Já não te ensinei a contar o tempo pelo subir e descer do sol? Por que não me diz você, quando eles vêm?

— Daqui a 2 luas. Quando o quarto minguante estiver viajando para a lua nova. No primeiro dia do mês da fênix. Angus e alguns homens vão me buscar aqui nos lagos mais profundos, com você, e lá fora, depois das brumas e fronteiras, Falcor irá me esperar com meu cavalo Bastian e cavalgaremos 40 anoiteceres até chegarmos nas terras de Borknagar e mais 2 amanheceres, até o castelo de meu pai.

— A resposta já sabe, criança de olhos tão dourados quanto o sol. Por que agora não se deita e me deixa contar sobre o povo de Sagitário, que um dia há de encontrar?

A nevoa ficou densa e sabia que ele ia fazer a sua magia, o seu modo de “*contar histórias*”. Me aconcheguei no gramado e deixei a minha mente vagar por

onde meu mestre desejasse que eu fosse. A voz primeiro parecia límpida como a água da lagoa que nos rodeava, falando e falando. Mas, aos poucos, ela desapareceu e só a sensação de suas palavras vinha até mim. E a cada frase ou descrição, uma imagem surgia em meu pensamento e eu sabia que estava vendo algo que não estava ali, algo que meu mestre trouxera para mim.

— O povo de Sagitário nasce, cresce e vive no deserto de Agaloch. Ele fica há 7 dias de viagem em direção ao Oeste, na direção em que o sol se põe. Os sagitarianos só conhecem o sal e a areia como terra, e não plantam ou colhem como vocês, librianos sem garras ou presas. Eles caçam e criam suas presas.

— É verdade que eles têm corpo de cavalo e tronco de homem, Olhos Prateados?

— Sim, quatro patas de cavalos eles têm. Mas da cintura para cima, quase parecem humanos. E suas costas, ah, suas costas são esplêndidas. A densa cabeleira sobre a cabeça desce até encontrar o dorso animal, formando uma lindíssima crina do qual se orgulham e enchem de tranças.

— Eles também são mágicos como vocês, os sagitarianos?!

— Não, meu menino, a magia deles há muito se perdeu. Muita coisa ruim foi feita com ela e, aí, ela se fechou nas encostas de pedra das antigas cidades de Agaloch. Mas eles são bons com as mãos: tudo que fazem é lindo e forte, desde uma arma até uma rede para se deitar. Bons artesãos eles são, sem dúvida.

— Um dia você disse que o povo de Peixes também trabalha bem com as mãos...

— Aqueles que navegam muitos talentos têm. Ser artesão é uma parte deles. De certo uma boa memória você está a cultivar, meu jovem Olhos Dourados.

Bocejei e senti que a magia começou a penetrar pelos meus ouvidos e nariz, trazendo junto um profundo sono. Abracei meu caderno e, ao longe, pude ainda ouvir Sucellus falando sobre a comida apimentada de Agaloch, a dificuldade em conseguir água no deserto e sobre os grandes escorpiões que espreitavam no mar de areia... só que eu estava com tanto sono que achei que uma soneca ia tirar.

“Talvez se eu dormir só um pouquinho, chegue mais rápido o meu dia de pro castelo voltar. Sinto falta da mamãe, do pai, dos guerreiros e do meu cavalo. Sinto falta de ser só um príncipe na cidadela esmeralda”. Então, quando estava quase a dormir, olhei em direção ao gramado um pouco à frente e vi uma visão. Diferente dos homens cavalo e dos homens tatuados no mar, que a pouco vi.

Era uma menina, rodando uma espada contra o vento. Ela golpeava em sua valsa de ataque e defesa, trocando a posição dos pés, deixando a lâmina guiar a direção em que seu corpo se movia. O cabelo solto ao vento parecia seguir a direção para a qual a espada ia e seus olhos volta e meia se fechavam, parecendo se perder ao invés de comandar o que ela ia golpear. Uma garota com uma espada, e que usava calças. Uma garota com sua espada a dançar.

Senti o cheiro da noite, mas ainda era dia. Só que, antes de dormir, quando olhei na direção dela, vi todas as estrelas e uma grande lua no céu a brilhar. Então, adormeci e quase pude ouvir ao longe o coração dela, com força a palpitar.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Mestre Sucellus? Mestre Sucellus?

Estava escuro quando despertei, sendo a única luz visível a das estrelas no céu. Havia poucas nuvens naquela noite, o que me favorecia, visto que tinha que me mover na escuridão até a barraca onde passei os últimos meses: o pequeno espaço que dividia com o capricorniano que me recebeu e treinou.

Nunca entendi como um dos príncipes desse povo podia morar em um lugar tão tosco e sem conforto. Para mim, era difícil assimilar que toda aquela raça preferisse dormir ao ar livre, tomando chuva e sol diretamente, a ter um teto sobre suas cabeças. Não soava natural para mim, que cresci dentro de castelos.

Enquanto ia afastando os galhos das árvores e arbustos, buscando o caminho já conhecido por mim em meio à floresta, notei vultos em torno de uma pequena fogueira numa clareira próxima. Dois capricornianos estavam sentados em rochas e fumavam com seus cachimbos curvos, espalhando fumaça ao redor. Um deles já era muito conhecido meu, o Senhor Sucellus.

Quanto ao outro feral, não era a primeira vez que o havia visto naquelas terras, mas a aparência me assustava um bocado e não faria questão alguma de me aproximar se não fosse obrigado. Os outros do povo de Capricórnio o chamavam de “Senhor dos Ossos” quando ele passava, tão baixo que provavelmente esperavam que ele não ouvisse. Sabia que era enormemente errado ouvir sem ser convidado, porém, a curiosidade foi mais forte e acabei por me abaixar entre os arbustos, tomando a posição mais confortável possível para espreitar o diálogo.

— Como está o treinamento do Fério? – Falou em uma voz espectral e rouca o capricorniano à frente do meu mestre.

Seus chifres eram tão compridos e curvados quanto os de meu mestre, mas eram tão negros quanto as pedras de ônix que adornavam algumas joias de minha mãe. Logo eu o reconheci por seus adornos característicos: enfeites presos ao chifre, orelhas e braços, todos feitos de ossos de tamanhos e tipos diferentes: pequenos crânios de pássaros, garras, dentes e o que parecia ser o osso de uma tíbia, desciam por um emaranhado de cabelos acinzentados pelo tempo. E os olhos, incrivelmente prateados, como os que meu professor ostentava em sua face. Taranis havia, enfim, voltado à Ensiferum.

— Fluindo bem. O garoto não tem afinidade com as artes antigas, provavelmente nunca conseguirá ser versado em algum tipo de feitiçaria. Mas tem se esforçado para fazer parte do nosso mundo e consegue assimilar bem a nossa história...

— Você e suas histórias... – Interrompeu o Senhor dos Ossos. – Histórias não o salvarão quando o conflito, que está para explodir, ocorrer. Os librianos não entendem o que está por vir, eles não leem nenhum dos sinais.

— Os humanos de agora pouco têm em comparação ao povo de Libra dos tempos antigos. São explosivos, superficiais... vivem de aparências, prazeres e rivalidades. – A cada palavra Sucellus dava uma pausa e puxava mais fumaça de seu cachimbo. – Mas ainda lhes sobra valentia e resistência. Ainda são úteis nas batalhas que virão.

Taranis colocou mais um pouco de erva em seu cachimbo e aproximou um galho em chamas para acendê-lo, antes de olhar diretamente em minha direção e falar sem tirar os olhos prateados dos meus. Ele havia me visto oculto nas plantas.

— Seu pequeno aluno pode até ser valente em batalha, mas é péssimo para se aproximar furtivamente das pessoas. Aproxime-se, filhote humano.

Tentei andar para próximo dos dois seres ferais que me encaravam mantendo tudo o que restou da minha dignidade. Ser pego bisbilhotando era algo horrível em qualquer situação, mas estava diante do meu mestre, o que provavelmente aumentava a vergonha para quase o dobro do normal. O Senhor dos Ossos me examinou em silêncio, antes de soltar uma baforada em cima de mim:

— Você continua muito franzino e magro, jovem príncipe. Consegue ao menos segurar uma espada sem cair?

— Recebi aulas de esgrima pelo próprio Argus, o general do meu pai. E um dia serei tão alto e forte quanto ele. – Enfrentei o feral sem nem me importar com a

falta de tato, ele não podia ofender um príncipe assim.

— Talvez, quem sabe. Mas se vai encarar os treinamentos com o povo de Sagitário em alguns anos, vai ter que ganhar mais carne nesses braços, ou morrerá no deserto!

— Taranis... há coisas a serem ditas e há coisas a serem omitidas. Por que levantas um assunto que só terá relevância daqui a alguns anos?

— Sucellus, do que ele está falando? Por que eu tenho que ir pro deserto? Meu treinamento não é aqui com vocês?

— Há outras raças, meu jovem aprendiz. Outros povos de garras e cascos, outros que deve conhecer, conviver e confiar. Só que tudo ao seu tempo certo, não será amanhã ou daqui a um mês. Nunca se sabe ao certo, na verdade.

Senti raiva, muito raiva daqueles dois discutindo a minha vida, ali, na minha frente, dizendo para onde eu tinha que ir, como eu tinha que ser, com quem iria treinar. Só queria sair dali e arranjar algo pra comer. Fiz uma pequena reverência para o nada, antes de deixar o cheiro do fumo perfumado dos dois monstros para trás e me embrenhar no mato à frente, sem hesitar. Talvez algum coelho tivesse caído nas armadilhas que montei, próximo às barracas.

No fundo, o que eu queria mesmo não ia conseguir naquela noite. Queria carne de javali e canecas de cerveja de milho servidas em uma grande mesa. Queria uma cama forrada de lençóis com cheiro de limpeza e paz. Sentia falta de ser só o príncipe. Eu só queria meu lar.

ريال ∞Ω∞ ريال

16. Coração de lobo, mãos de ferreira

O calor e a fumaça proveniente da forja envolveu o ambiente como um abraço. O suor escorreu pela pele do meu rosto, enquanto tentei equilibrar pelas pinças o recipiente de pedra, cheio da liga metálica derretida, até as fôrmulas das pontas de flecha. Deixei o líquido borbulhante preencher cada molde, evitando ao máximo que as bolhas de ar preenchessem os espaços junto ao metal.

Depois de jogar todo o líquido espesso, fechei a tampa de mármore e comecei a regar a pedra com água dos baldes à minha volta. Então, foi só esperar o metal esfriar para martelá-lo sobre as bigornas e acertar o molde de cada ponteira.

Me voltei pro forno da forja e aticei as chamas, esperando o processo do esfriamento das fôrmulas. Esfreguei a mão enluvada no rosto, tentando enxugar o suor que vertia em bicas pelo meu corpo, quando vi meu reflexo em um resplandecente escudo de metal preso na parede e vi o que todos lá fora na vila viam: uma garota coberta de cinzas, cheirando a fumaça e que, a cada ciclo lunar, virava um monstro.

— Olhe para você, Andarim. Por que você achou que eles em algum momento tratariam bem alguém tão suja e ridícula? Seu lugar é aqui, na ferraria.

A visita mais cedo à Vila tinha sido um verdadeiro desastre. Na verdade, desde que eu havia chegado em Ensiferum, há pouco mais de 6 meses, tudo era um desastre à minha volta. Arranquei as luvas e desenrolei as várias tiras de tecido em torno dos pulsos, revelando os cortes profundos que restaram de minha prisão, em minha terra natal. Marcas tão feias que eu queria esconder. Um bando de cortes que parecia nunca sarar. O sangue ainda brotava dos cortes feitos pelos grilhões de prata e, mesmo depois de tantas transformações, parecia que nunca desapareceriam como os outros ferimentos que ganhei nos treinos e que saravam com a velocidade que Olaf devorava uma tigela de ensopado.

Respirei fundo, e a voz forte de Olaf me veio à mente: foco. Forjar exigia atenção, e não devaneio. Precisava terminar as pontas de flecha e, depois, teria que encarar Olaf no jantar. Pelo menos quando retornei da vila, posses de raiva pelos acontecimentos com os filhotes das outras famílias, ele não estava aqui para ralar sobre minha falta de controle habitual. Ou pelo fato de que eu havia socado o filho do líder da Vila no meio do campo de treinos, depois de ouvir uma série de insultos sobre o fato de não ser treinada pelos mestres de batalha de Ensiferum.

Não sentia vergonha em ser aprendiz da ferraria, pelo contrário. Só estava cansada de isso ter virado assunto para piadas.

As horas trabalhando no metal transcorreram voando e, antes que eu percebesse, olhava para uma pilha de pontiagudas flechas sobre a mesa de mármore. Meu estômago roncava. Precisava de ar puro e de um banho. Arranquei as luvas e o avental de couro pesado, que usava para lidar com a ferraria, pendurei nos ganchos próximos à saída e já estava a caminho da porta quando quase trombei com Olaf, na porta da forja.

— Trabalhando aqui sozinha a essa hora?!

Os olhos dele cruzaram o espaço, provavelmente tentando ver o que eu teria deixado fora do lugar. Parte do meu aprendizado era aprender a deixar tudo organizado e sem bagunça. Porém, toda vez que eu me aventurava a forjar, esquecia de pendurar uma pinça, colocar um molde contra uma parede, ou não fechava os foles corretamente.

— Temos aquela encomenda das flechas para a cidade de Graveland. Achei que poderia adiantar um pouco, visto que você desaparece todo final de tarde e não tem trabalhado tanto por aqui...

— Andarim, te conheço a menos de um ano e sei quando está querendo me enrolar. Você só vem forjar sozinha quando está com muita raiva e sabe que isso irá te manter concentrada. Anda, desembucha, o que aconteceu dessa vez?!

Suspirei, olhando para as minhas botas surradas de couro de cavalo, e pensei em como começar a explicar a cena toda sem sair como uma idiota nervosa, antes de novamente suspirar e me dar por rendida, decidindo apelar pro seu bom humor.

— Posso tomar um banho e comer algo antes? Digamos que é uma história bem cheia de detalhezinhos... -Gesticulei com as mãos junto ao corpo, tentando fazer a expressão mais divertida e inocente que consegui pôr na cara.

Ele fungou, andando pela forja e trocando coisas de lugar, antes de esfregar a barba e observar o brilho das pontas de flecha que eu tinha acabado de moldar contra a luz de um lampião.

— Tudo bem, espertinha. Pode ir se lavar e depois vamos comer algo. Mas só porque o trabalho ficou bem feito. Quem sabe nas próximas lições não te ensine como forjar um punhal curto ou uma adaga? Agora anda logo, porque também sinto fome e ainda preciso cozinhar pra nós dois.

Me afastei dando saltinhos, sabendo que discutir qualquer assunto com Olaf após o jantar era mais agradável que antes. Dei a volta na ferraria e entrei na cabana improvisada, visando encontrar alguma peça de roupa limpa nas tralhas jogadas no meu pequeno quarto.

Tirei uma túnica vermelho e branca, com bordados negros e alguns remendos, que ganhei de Olaf há algumas semanas, uma calça menos surrada que a que usava e um trapo de linho para me enxugar.

Podia tomar banho na tina colocada na cabana, mas ir até o lago e me banhar em água um pouco mais gelada e limpa significava adiar ainda mais o esporro que iria levar, então fui descendo o gramado animada e nem percebi que o ar à minha volta ficava mais pesado, já que um visitante único estava para chegar.

ريال ∞Ω∞. ريال

A menina havia aprontado alguma, e das grandes. Respirei fundo e decidi deixar para descobrir da boca da pivete mesmo, mantendo minha atenção ao caldeirão fervendo à minha frente. O guisado de galinha soltava um bom cheiro quando me debrucei sobre ele e remexi com uma colher de madeira.

Estava pronto para estender a minha mão e jogar mais umas folhas de tempero verde que peguei da horta das anciãs quando senti o ar ficar pesado e o cheiro de florestas antigas penetrar em minhas narinas. Ele estava de volta. Peguei a panela no fogão, coloquei sobre a baixa mesa de pedra no centro da sala e esperei a chegada do meu visitante.

O som dos cascos parecia espectral, quase um som vindo de fantasmas. Ele surgiu no arco da porta que dava para a floresta e ficou ali um bom tempo, antes de falar com sua voz feral e caminhar vagarosamente em minha direção, adentrando minha cozinha.

— Já te vi cortando inimigos com uma espada com a mesma facilidade que rasga papel. Já te vi martelando o aço para virar armas até o raiar do dia e mais um pouco. Mas te ver aí, cozinhando tão caseiro e animado não me parece uma cena que combine com você, antigo amigo.

— Taranis, se queria me ver poderia ter ido hoje até a caverna do grandão à tarde, ou simplesmente me chamado na floresta. Não na minha casa, não sem avisar.

— Por que teme que a pequena menina me veja? Mais cedo ou mais tarde ela não terá contato com outros de nós?

— Quando vocês aparecem em Enslaved trazem sempre notícias complicadas. Vocês são mais que mensageiros de problemas, é como se toda a paz que essa região conquistou nos últimos 15 anos ficasse abalada depois de uma visita de um capricorniano.

— Paz? Ah, não seja tolo, ferreiro! Se realmente houvesse paz à sua volta, tantos mercenários seriam requisitados em sua “*pacífica vila*”? E os sussurros de usuários de magias cometendo crimes nas vilas e cidades mais afastadas da capital? Ou você me confessa que está se fazendo de surdo ante os boatos? Se há de fato paz à sua volta, por que até mesmo os algozes navegantes do além-mar estão zanzando por seu amado reino?

— Olaf... quem é ele!?

A voz de Andarim ecoou pelo recinto contida e cautelosa. A menina estava em pé diante da porta pela qual Taranis passara minutos antes. Os olhos dela analisavam nosso visitante buscando algo, provavelmente ponderando se o grande feral em nossa cabana era um inimigo ou não.

Naquele instante, ela decidia internamente com seu lobo se atacaria ou não o ser de cascos e chifres, olhava-o através dos seus ternos olhos verdes. Taranis se virou e olhou diretamente para ela.

Nesse momento, a menina caminhou rodeando o recinto até se posicionar ao meu lado e me estender alguns vasilhames de porcelana que havia buscado para colocar o nosso jantar.

O corpo da menina ainda ficou por alguns minutos alerta, os músculos do braço estendidos e olhos cravados no estranho. Até que, por fim, ela simplesmente se sentou próximo à mesa, serviu uma cumbuca de porcelana de guisado e se pôs a comer, observando o capricorniano de rabo de olho.

Nosso visitante feral soltou uma risada estridente e escandalosa, abaixou-se em frente à minha aprendiz e a confrontou bem de perto, com sua tradicional fala assustadoramente rouca e seus intensos olhos cinzentos:

— Você não tem medo de mim, criança? Não acha uma audácia comer assim, tão tranquila na minha presença?

Pronto, a menina havia provocado um maldito capricorniano arrogante com sua falta de modos. Estava pronto para formular algum tipo de pedido de desculpas pelo tratamento da criança, quando ela simplesmente suspirou, enfiou a colher na boca novamente, lambendo os dedos antes de abaixar a vasilha e depositá-la entre suas pernas cruzadas.

— Andarim, eu me chamo Andarim. Não criança, pois já tenho 15 anos. E não, não tenho medo de você. Talvez... respeito. O lobo diz que você não é perigoso. Você cheira a coisas antigas e batalhas. Você tem cheiro de amigo e eu poderia comer em sua companhia.

Taranis se inclinou mais na direção da menina, pendendo sua cabeça para um lado e para outro, como se procurasse ver todos os detalhes da face da criança. Então, se abaixou e sentou ao lado dela, tomou um dos pães de dentro do cesto de vime sobre a mesa e começou a comer, enquanto os dois se observavam numa das situações mais estranhas que já vivi.

— Uma criança loba interessante você arrumou, amigo Olaf.

Seria um longo jantar. Suspirei, enchi a minha cumbuca de guisado, tomei um pão e decidi sentar. Pelo jeito, os dois não iam tentar se matar, ainda.

ريال ∞Ω∞. ريال

17. Um rei, uma serva leal e uma situação problemática

— Nadja, a palavra é sua.

A sala de reuniões do castelo era um dos lugares menos convidativos em toda a capital. Sentar-me à grande mesa de pedra, rodeada de cadeiras de madeira de lei esculpidas, causava-me certa apreensão, mesmo sendo, Nadja, a comandante da Segunda Cavalaria real. Tomei fôlego, afastando o pensamento do ambiente intimidante para os porões da minha mente e prossegui com o relato das recentes investigações.

— Estivemos na cidadela de Midnatsol há cerca de 5 meses e como já foi indicado pelo general Argus, a tumba de Marsha se encontrava com a lápide de mármore partida e o caixão, desaparecido. Fizemos investigações e Lorde Fellen afirmou que não sabia quando o corpo havia sido removido. Segundo ele próprio, o antigo cemitério nobre não era um local muito frequentado, já fazia um ano que ninguém de alta estirpe falecia e requeria ser sepultado naquela área.

— Isto é impossível, de certo algum jardineiro realiza alguma manutenção naquela área. Está me dizendo que ficou tantos meses fora, investigando, e não tem nenhuma informação que preste, mulher?!

Olhei pra Argus não fazendo questão alguma de esconder minha irritação por ser novamente interrompida por ele. Suspirei e retomei meu relato.

— Conseguimos, sim, uma informação nova. Um dos soldados rasos que fazia as rondas em torno do castelo viu um grupo estranho rondando as florestas reais, poucas semanas antes do desaparecimento ser descoberto, e acionou os batedores. Não encontraram nada. Conseguimos também alguns relatos de estranhos que vinham frequentando as feiras locais e comprando alimentos e coisas aleatórias: folhagens, temperos, flores, armas..., enfim, conseguimos reunir informações suficientes para ter um retrato da aparência de quem procuramos. Deixei dois dos melhores homens investigando em Midnatsol e vim para a capital, conforme as ordens que recebi.

Lucien esfregou a barba negra e acinzentada com a mão direita, enquanto contemplava os papéis e mapas sobre a mesa, silenciosamente.

— Nadja, quero a sua opinião direta, agora. Sem rodeios, sem hesitação. Quem você acha que pegou o corpo da irmã da minha esposa e por quê?

Estava sentada na outra ponta da mesa, mas sentir aquele olhar quente do rei Lucien diretamente em mim não era nada animador. Os dois outros generais, Bergan e Argus, também se viraram e me encararam esperando a resposta.

— Acredito que os únicos que teriam interesse no corpo de Marsha seriam os antigos apoiadores do falecido lorde Heitor. Inclusive, deixei uma série de guardas incumbidos de realizar a guarda do túmulo do dito cujo em Midnatsol, justamente resguardando qualquer possibilidade de que o corpo dele também pudesse ser furtado.

— Foi uma boa decisão, comandante. – Falou Argus, antes de virar sua taça de vinho e a colocar sobre a mesa. – E quanto à segunda pergunta do nosso Rei, Nadja?

— Quaisquer teorias que eu possa emitir nesse momento sobre a segunda questão que milorde me apresenta seriam nada mais que teorias. E todas elas convergem para as pessoas que furtaram o corpo, cuja identidade ainda não é conhecida. Então, não tenho uma resposta satisfatória, a não ser que alguém esteja determinado a fazer algum uso do corpo, de alguma forma imprópria e, de certo, desagradável.

— Nadja, já faz quase 6 meses que descobrimos que o corpo de Marsha desapareceu. Por mais que aparentemente esteja se esforçando para reavê-lo, estou incomodado com os avanços ínfimos que tem empreendido. Mesmo a sua explicação para seu atraso e posterior desaparecimento na missão anterior a esta ainda não foi totalmente clara.

As palavras de Lucien me perfuraram tal como uma adaga afiada sobre a pele. Saber que era objeto de sua provável decepção me encheu de raiva, sentimento que não podia deixar vir à tona naquele instante, visto que estava diante do conselho militar da capital. Abaixei a cabeça e acenei resignada, demonstrando meu entendimento sobre sua inquietação. Lucien então prosseguiu, em sua voz mansa.

— Você é a comandante da Segunda Cavalaria e desde a guerra tem sido uma serva competente e leal. Posso confiar que em breve teremos alguma informação mais consistente sobre o que ocorreu na cidade de Midnatsol?

Olhei diretamente pra ele e respondi prontamente, percebendo que aquela era a minha deixa para sair da sala e retomar meu trabalho.

— Sem sombras de dúvidas, Majestade. Enfieei alguns homens para levantar informações, enquanto viajava de volta à Borknagar. Assim que reunir minha cavalaria, partirei com eles da capital. Em breve trarei as notícias claras e consistentes que espera.

Sei que usar de ironia, parafraseando as palavras duras do rei para comigo, não era o ideal naquele momento, mas minha fúria feral estava a ponto de explodir depois dessa fatídica reunião militar. Precisava sair pra caçar, precisava de ar puro.

— Está dispensada, Nadja. – Disse Lucien, fazendo um movimento com a mão e me indicando a saída. Fiz uma breve reverência e tomei meu caminho.

Saí pisando fundo pelas portas do salão, abertas pelos soldados após minhas 3 batidas rítmicas indicando minha saída da reunião. Do lado de fora, Ross me esperou sentado, batendo papo com uma mocinha, certamente alguma serviçal do castelo.

Ele ostentava um uniforme militar limpo à essa altura do campeonato e o cabelo cor de cobre, devidamente penteado. Vendo meu olhar e ansiedade em deixar o espaço, me acompanhou em silêncio até o gramado do lado de fora do castelo, antes de realizar qualquer pergunta.

— Foi tão mal assim?!– Perguntou o cavaleiro, limpando a ponta das unhas com um punhal sem qualquer cerimônia. O homem podia não ser um exemplo de nobreza e bons modos, mas era leal e um dos poucos que não questionava minhas ordens desde o início. Só me restava tratá-lo com a devida sinceridade que merecia.

— Eles questionam minha competência e habilidade como comandante e rastreadora. Sou alvo da descrença dos dois principais generais e do próprio Rei Lucien.

—*Erhhh...*, isso é bem ruim, chefinha. Mais alguma notícia ruim?

— Querem resultados, notícias sobre o paradeiro do corpo ou pelo menos a identidade de quem o roubou. Conseguiu algo em suas investigações pelo castelo?

— Não no castelo. Esse lugar continua o mesmo amontoado de pedras e ostentação de sempre. Porém, tem algo promissor na cidadela. Um amigo, uma

antiga fonte, respondeu ao meu recado. Ele tem informações que julga valiosas sobre os últimos acontecimentos bizarros do nosso querido reino.

— Fala dos roubos estranhos ou das mortes inexplicáveis por todo o reino e que Lucien não toca no assunto com os comandantes das cavalarias?

— E-XA-TO. E sabe do que mais? Acho que estava certa desde o início: esses acontecimentos esquisitos têm acontecido desde antes do túmulo de Marsha ser aberto. Todavia, o nosso rei está fingindo ignorar os sinais, ou está escondendo algo.

Pensar em Lucien escondendo coisas depois de tudo que passamos na grande guerra era algo que me revirava o estômago. O que quer que ele estivesse ocultando não envolvia só apreensão sobre os estranhos crimes que aconteceram pelo reino, envolvia o mundo para além do véu. A realidade da qual eu fazia parte e que muitos naquele castelo também compartilhavam. Um quadro pintado por seres de garras e presas, os quais mesmo seu confiável cavaleiro Ross pouco ou nada sabiam.

— Marque o encontro com a fonte. Se for possível, gostaria de estar presente nessa conversa. Por hora, tenho assuntos na floresta para tratar. Irei caçar.

Ross me olhou demoradamente antes de pegar o punhal com o qual antes brincava e colocá-lo escondido sob suas vestes. Ele sabia das minhas caçadas individuais e da importância que elas fossem mantidas em absoluto segredo.

— Farei contato e assim que tiver o local e horário, mandarei um mensageiro confiável te avisar aqui, no castelo. Agora gostaria de encontrar minha Sophie.

— Deixo em suas mãos o que fazer. Desde que não desapareça e esqueça das suas demandas enquanto mata a saudade de sua noiva...

Deixei o riso tranquilo vir e estendi a mão para ele, cumprimentando-o antes de partir. Por fim, caminhei até o estábulo, peguei o cavalo na baia e o montei sem colocar a sela, somente a guia. Já estava saindo quando um cavaliço surgiu desesperado e atropelando as palavras.

— Senhora, deixe-me selá-lo devidamente ou o chefe dos cavaliços há de me dar umas boas palmadas.

O pequeno não devia ter mais que 12 anos e me olhava cheio de receio. A pele clara e os cabelos louros desarrumados imediatamente me trouxeram Andarim

à mente e a lembrança bateu forte no meu peito. Sentia falta dela, queria saber como estaria.

— Farei uma cavalgada rápida. Gosto de não usar sela às vezes pequeno, não se preocupe. Tome uma moeda, vá procurar algo pra comer. Quando eu retornar, Linfan precisará ser escovado e alimentado, de qualquer modo.

Joguei uma moeda de prata ao moleque e já saí tocando meu cavalo em direção ao pátio traseiro e aos porões do lado Oeste. Linfan respondeu bem, correndo e deixando o vento tocar meu rosto, enquanto ganhava velocidade no galope. Algumas horas de caminhada depois, estávamos bem distantes do castelo, indo cada vez mais fundo dentro da trilha de pedras que se embrenhava na floresta. Quando ouvi os ruídos de um pequeno córrego de água à frente, percebi que cheguei no ponto em que gostava de caçar.

Depois de amarrar o cavalo próximo ao corpo d'água, encontrei uma fresta entre as pedras, onde depusitei minhas vestes uma a uma, dobradas, colocando as botas e a espada que carregava igualmente escondidas. Já despida, deixei o aroma das árvores me invadir e a vontade de correr sob a minha segunda pele foi emanando, junto ao calor.

Senti diversos cheiros de caça pouco antes de me transformar. Escolhi um cheiro agradável de corça trazido pelo vento e a identifiquei como meu alvo. Então, a fera veio, e tudo se tornou menos nítido aos meus olhos e eu, mais parte daquela floresta. A urso vermelha ia caçar. Tinha fome.

ريال ∞ Ω ∞. ريال

18. Uma missão para um ferreiro e sua aprendiz

Estava na minha cabana, sentado ao lado de dois ferais, apreciando um jantar. Era uma situação deveras estranha, pra falar a verdade. Mais ainda considerando o quão destoante um do outro eram meus dois companheiros de uma refeição. Afinal, Taranis pertencia à nobreza capricorniana, muito embora como muitos dos seres de Ensiferum, tivesse escolhido partir e viver nas florestas além do véu, como uma espécie de mensageiro. Mas nada era tão simples envolvendo os chifrudos. Eu desconfiava que ele facilmente tinha mais de um século de vida além, é claro, de suas grandes habilidades com magia da terra, que me chamavam a atenção desde a guerra, quando nos conhecemos.

Quanto à Andarim, não passava de uma menina lupina com pouco mais de 15 ciclos de vida, impulsiva, ainda muito imatura quando o assunto era luta ou vida. Despertada, sim, capaz de assumir a sua forma completa de mulher loba mesmo com a pouca idade, quando se esperava em geral alcançar o início da vida adulta para uma transformação assim. Ainda assim, tinha os dois ao meu lado e meu único pensamento se resumia a tentar manter o diálogo fluindo com tranquilidade, antes da bomba que eu sabia que estava por vir.

— O Conselho Púrpura está contente por ter assumido tão bem a missão com Wilhelme, apesar de saber que você e o Senhor da trovoada não têm exatamente uma relação harmoniosa.

— Quem é Wilhelme? – Andarim enfiou um osso de galinha na boca e o sugou fazendo um barulho irritante.

— Ninguém da sua conta, ainda. Tenha modos, há visitas!

Bati na mão dela com a colher de madeira de dentro da panela. A menina não devia saber do dragão ainda ou, conhecendo ela como conhecia, iria se enfiar na floresta na primeira oportunidade até achar a caverna. Ela me olhou emburrada, mas largou o osso e começou a rasgar um pãozinho em pedaços e passá-los no caldo restante do tacho.

— A menina não sabe? Você recebe uma honra como essa e não compartilha com sua pequena filha?

Engasguei com a menção da palavra “*filha*”. Não antes de ver que Andarim me encarou inquisitiva sobre o teor da conversa, esperando ouvir minha resposta. Maldito Taranis e sua boca grande.

— Aprendiz! Ela é minha aprendiz na ferraria. E não, ela não precisa ser informada de todos os meus negócios, chifrudo enxerido. Será que podemos voltar ao ponto inicial dessa conversa maluca, quando invadiu minha casa durante o meu jantar!? O que te traz a Ensiferum, afinal de contas?

— Há uma missão delicada e que precisa ser mantida em sigilo. Ela precisa ser executada por alguém da mais alta confiança e, nesse momento, considero você o mais adequado para tal.

Os olhos cinzentos pousaram nos meus demonstrando uma apreensão não muito natural nele. O que quer que ele estivesse para me propor, era bem problemático e, de certo, perigoso.

— Diga-me, Olaf, o que sabe sobre o reino de Otyg?

Peguei o fumo no bolso do casaco e me pus a preparar um cachimbo pra acompanhar a continuidade da conversa. Otyg, um dos últimos pequenos reinos próximos da costa e do mar de Urd.

— Um dos poucos reinos independentes que faz fronteira com o nosso. Governado pela mesma família há umas 7 gerações, os Arianrhod. São aliados do Rei Lucien e lutaram ao lado dele pela coroa de Krônia. São famosos por seus rebanhos, grandes criadores de cavalos, inclusive. Qual a questão em Otyg? É um país costeiro, travam negócios com os navegantes... acho que é tudo do que me lembro.

— Um dos nossos companheiros de sangue, Boann, escolheu Otyg como seu lar já há algumas décadas. Vivia sobre uma aparência humana no castelo e nutria uma amizade com o então rei, Vougan. Mas algo ruim aconteceu no castelo e há algumas semanas recebemos uma mensagem de Boann, solicitando auxílio do Conselho Púrpura.

— Descobriram o que é? – O rumo da conversa estava ganhando uma direção inquietante. Andarim olhava para Taranis com os olhos arregalados, fascinada.

— Não consigo senti-lo. Desde o recebimento dessa mensagem não consigo mais sentir o espírito de Boann. – A voz dele soava quase triste, considerando o

quão pesado para um capricorniano era admitir que talvez um companheiro de eternidade tivesse sido morto.

— Não. Queria pessoalmente me ocupar da questão, mas não posso viajar para Otyg porque há questões em Ensiferum e na capital que me impedem. Sucellus está no meio de uma sessão de treinamento com o jovem férrio. Mandamos dois jovens capricornianos com um talento dual para luta e encantos, visando reunir informações sobre o que alarmara Boann.

— Deixa eu adivinhar... eles não retornaram.

— Não, não voltaram, nem mandaram quaisquer notícias mais, Olaf. Sinto a energia e presença deles em algum lugar, mas está enfraquecida, prestes a desaparecer. Consegui comprar algumas informações com um grupo de navegantes que esteve no porto de Otyg. O rei Vougan está preso a uma cama, moribundo, e se fala de um regente que assumiu o trono. Nenhum comunicado oficial foi feito aos cidadãos e Senhores de castelo. Temo que uma crise esteja para estourar por lá.

— Vocês, povo de Capricórnio, não se envolvem em tretas palacianas ou no governo dos humanos. Então, penso que a missão que me traz envolve os três capricornianos desaparecidos.

— De certo conheces bem nosso povo, nobre amigo. Mas há uma segunda parte nessa missão: há uma entrega a ser feita a uma pessoa no castelo. Ao dizer isso, Taranis enfiou a mão em uma espécie de bolsa que mantivera presa junto ao corpo e retirou um pequeno embrulho amarrado com cordas.

— Boann enviou essa caixa junto à mensagem, disse que era de suma importância que o conteúdo dela chegasse em segurança às mãos da Princesa Brunhild Arianrhod.

— Foi muito prudente em não enviar a caixa com os capricornianos que enviou primeiro. — Peguei o embrulho entre as mãos e senti o peso do objeto. Não havia nada extremamente pesado dentro.

— Sabes que eu não tenho obrigação alguma de pegar qualquer missão que me trazes, né?

— De certo que não, todavia, isso não me impede de vir até aqui. - Taranis abriu um esboço de sorriso zombeteiro. Ele planejava me manipular a aceitar aquilo tudo. Mal sabia ele que só a menção de três capricornianos desaparecidos em circunstâncias tão complicadas já me chamava a atenção em toda a missão.

— Podemos partir com a caravana do Raquiano em dois dias. Um grupo de guerreiros foi contratado para uma missão. Se a direção for a mesma, teríamos companhia na viagem. — Falou Andarim, com a expressão mais empolgada possível na cara.

— Podemos?! Você realmente acha que irá comigo, criança??!! Não entende o perigo envolvido nisso tudo! Eu te conheço, criança, só traria problemas vindo comigo.

— PODEMOS, SIM! Você pode me prender na casa do chefe Mikael, pode me amarrar dentro daquela caverna no alto da montanha em que se enfia toda semana e eu, ainda assim, iria fugir e ir atrás de você.

Ela estava vermelha de raiva e os olhos cintilavam de ódio. Caminhou na minha direção e falou, quase gritando.

— É perigoso ir sozinho numa situação dessas. Eu também te conheço, mestre Olaf. Vai se enfiar sozinho numa missão sem ter ideia do que irá encontrar lá, você pode ser morto, lá! Prefiro morrer sozinha do seu lado, lutando com você, do que receber uma carta idiota dizendo que você morreu. Estou farta de cartas, estou farta de todo mundo me dizendo o quão é mais seguro pra mim ficar aqui! Sou um lobo, sou mais útil indo com você e te protegendo do que sendo deixada pra trás, de novo.

— Pirralha teimosa, você precisa entender que as coisas são difíceis pra Nadja, não menospreze as cartas que ela te envia!

Ela me mostrou a língua, antes de se sentar e ficar olhando pros próprios pés. Então, vi as lágrimas escorrendo pela face rosada. Depois de enxugar as lágrimas, disse com um sorriso na face.

— Além do mais, Senhor sabichão... se vai entrar em um reino sem querer ser notado não acha que um ferreiro com sua filha chamará bem menos a atenção do que um homem viajando sozinho e com cara de poucos amigos?!

— Uma pequena loba interessante essa que você cria aqui. Corajosa e tola para a idade, certamente, mas de certo bem perspicaz sobre o comentário. Pai e filha viajando juntos para começar uma nova vida em uma nova terra. Soa bastante poético, não é mesmo, Olaf?

— Soa, até demais pro meu gosto. Se me der licença agora, capricorniano, ainda tenho trabalho a fazer amanhã ao raiar do dia e a noite adentra há muito no horário. Amanhã retornaremos a essa conversa.

Taranis fez uma pequena reverência se despedindo e partiu pela porta aberta. Enquanto isso, Andarim caminhava pelo cômodo, juntando os vasilhames e talheres em uma pilha por sobre os braços, certamente evitando o contato visual comigo.

— Não pense que essa conversa acabou e que já está decidido que irá nessa missão comigo, Andarim. Eu ainda sou seu mestre e essa é minha casa. A última palavra aqui ainda é a minha.

Ela abriu a boca, pronta para soltar alguma outra resposta malcriada, mas, por fim, empilhou a última caneca na pilha de vasilhas que carregava e murmurou resignada, enquanto caminhava para depositar os objetos na mesa.

— Sim, mestre. A última palavra é sua.

ريال ∞Ω∞. ريال

19. Uma mensagem do Senhor da montanha

Ser uma comandante de alta patente do exército trazia uma grande quantidade de possibilidades e benefícios. Eu tinha uma casa confortável e servos me esperando na capital. Havia sempre ouro em minhas vestes e seria recebida com honrarias em qualquer residência do reino. Ora essa, até mesmo se eu precisasse de um cavalo novo eu podia mandar uma mensagem e conseguiria um em algum estábulo com relativa facilidade: e cavalos eram raros e caros.

Nem mesmo os nobres os possuíam em grande quantidade. Ainda assim, ser um comandante do exército acarretava problemas com uma coisinha chamada “reputação” e, nesse momento, eu estava colocando a minha um pouco em risco, para variar, indo encontrar um dos meus soldados em um lugar não muito “nobre”.

A taverna em que Ross marcou nosso encontro era em uma das zonas menos aristocráticas da cidade. A Travessa do Feno era um lugar frequentado pela camada mais baixa dos moradores de Borknagar: mercadores, prostitutas, pedintes e soldados rasos. Havia passado na minha quase abandonada residência mais cedo e trocado os uniformes militares por um vestido de tecido barato e uma capa comprida, cor de terra. Estava terminando de ocultar a última adaga sobre o forro das vestes quando uma das serviçais entrou tropeçando nos próprios pés no quarto e perguntou o que eu desejaria cear.

— Deixe alguma refeição na cozinha e um pouco de pão. Ainda tenho coisas a tratar pela cidade. — A pobrezinha ficou me olhando alarmada, esperando alguma ordem e olhando para mim como se visse um fantasma.

— Tem certeza de que não precisa de mais nada, Senhora? Eu poderia ter ajudado você a se vestir se me chamasse e...— A interrompi imediatamente, sem paciência para seu discurso de servidão provavelmente ensaiado e falei rispidamente.

— Pare, ok!? Eu não sou uma daquelas nobres incapacitadas que precisam de serviçais pro banho, pra comer, pra se vestir...ora essa, está aqui há meses já e não aprendeu ainda que só quero que mantenha a casa organizada e limpa? Agora, se me der licença, estou de partida.

A menina ficou mais pálida que um punhado de farinha e me deu passagem de imediato, desaparecendo na direção da cozinha. Definitivamente, lidar com criadagem não era um dos meus talentos como comandante, ainda mais quando eu

aceitava qualquer miserável como servente naquela casa por não ter paciência de ficar escolhendo a dedo quem arrumava os lençóis da minha cama ou me servia uma refeição.

Algumas horas depois, já estava longe daquela casa vazia e tomando um caminho cauteloso para a Travessa do Feno. O ponto de encontro era uma taverna muito mal frequentada, conhecida como “A última taça”, que por sinal, naquela noite só recebia um bando ínfimo de clientes quando cheguei. Reconheci Ross sentado em uma das mesas mais reservadas, tendo um rapaz franzino sentado ao seu lado.

Ele também havia tirado as vestes militares e as trocado por vestes de tecido caro, cor de vinho, chamativas e de corte bem feito. Para completar, usava uma espécie de chapéu sobre a cabeça, enfeitado com penas coloridas que caíam sobre sua testa.

— Essa coisa na sua cabeça definitivamente é a aquisição mais ridícula de seu guarda-roupa atual. Qual a parte do “*não deveríamos chamar a atenção nesse tipo de espaço*” que você não entendeu, soldado?

Ross me abriu um sorriso zombeteiro, aprumou o chapéu na cabeça e prosseguiu a conversa, enquanto puxava a cadeira restante da mesa para que eu me juntasse aos dois.

— Primeiramente, Senhora, eu sou uma figura conhecida nessa área e mesmo que viesse vestido como um serviçal, seria reconhecido. Não se esqueça que sou só um soldado comum e que a pessoa que precisa se esconder dos passantes é você, minha comandante. Agora vamos às apresentações: Edgar, essa é a comandante da Segunda Cavalaria real, minha chefe, Nadja. Chefinha, esse é Edgar, e ele tem algumas coisas bastante interessantes para nos passar.

— Por todas as fadas, estou diante da Fúria Rubra em pessoa?!

O menino me olhava como se visse um fantasma, então, aproveitei para analisar a “fonte” das informações que Ross tinha ido em busca: o moleque não devia passar dos 17 anos. Era magro, vestia roupas gastas de quem provavelmente havia viajado um bocado e no pescoço pendia um cordão de couro com um pingente de ouro que brilhava contra a pele pálida. Aparentemente, um servo de castelo ou um mercador de família mediana.

— Sim, sou a Fúria Rubra, ou seja, lá como me chamam hoje em dia. E se conhece as histórias, sabe que paciência não é meu forte. O que acha de começar a

falar de uma vez, então? – Me inclinei sobre a mesa, olhando no fundo dos olhos pretos do jovem na esperança de que a ação o intimidasse a soltar a língua logo.

— Oh, minha querida capitã, não assuste meu querido fornecedor de informações. – Ross olhou debochado para mim e para o franzino rapaz à minha frente, então, enfiou a mão nas vestes, tirou uma bolsinha de couro de onde ouvi o som do tilintar de moedas, depositadas na mesa diante dele.

O jovem pegou a bolsa e abriu apressado, jogou as moedas na mesa e se pôs a contá-las. Antes de terminar de guardá-las de volta, começou a narrar a sua história.

— Meu pai tem negócios em Otyg e, de tempos em tempos, viajamos para lá. Mas na última viagem rolou um fato estranho. Saímos para beber numa taverna perto do porto da cidade e havia uns soldados lá, muito bêbados e falando pelos cotovelos.

—Prossiga, Edgar, do que os soldados desse reino vizinho falavam?

— Que o Rei deles, o tal Vougan, está preso numa cama há meses. Que ninguém o vê sem ser os curandeiros e há boatos de que ele já esteja morto há tempos e o regente enganando a todos. Falam de envenenamento, dizem que a própria princesa anda sendo vigiada e trancada dentro do castelo. Eles usaram o termo “deposição do trono” algumas vezes...

— Um golpe de estado rolando bem colado em nossas fronteiras e, ao que parece, nosso governo não tem ciência de nada... que interessante. - Peguei a cerveja e dei uma golada, pronta para me levantar e seguir caminho, quando Ross segurou meu braço e sussurrou.

— Ainda não chegamos na melhor parte, minha capitã. Ande, Edgar, fale das pessoas estranhas no porto e dos outros boatos.

O moleque arregalou os olhos, pegou a caneca diante de si e virou todo o resto do conteúdo na garganta, antes de tomar fôlego e prosseguir em sua história.

— Tem umas pessoas estranhas andando pela cidade. Cabelos tão loiros que parecem brancos, olhos assustadores. Andam entre os mercadores e fazem pedidos de compras estranhos. Usam lenços e chapéus grandes na cabeça. Um dos mercadores disse que eles estão em busca de ervas específicas constantemente: papisa, nira e eloá.

— E essas ervas servem para...? – Tentei disfarçar minha descoberta recente, de ser totalmente ignorante sobre o assunto.

— Embalsamar cadáveres e impedi-los de apodrecer. É um método usado pelos navegantes, capitã Nadja.

— Interessante... isso é tudo, moleque?

Edgar balançou a cabeça afirmando que contara tudo o que sabia. O dispensei com um aceno de mão, enquanto processava as informações na minha mente. O garoto se levantou, fez uma leve reverência e saiu apressado do lugar. Ross bebericou de sua cerveja olhando para mim, certamente esperando alguma reação minha.

— A informação dos problemas em Otyg certamente é valiosa, muito embora não saibamos o quanto ela é ou não segredo para o Rei Lucien. Mas porque saber de pessoas esquisitas comprando ervas seria interessante para nós, Ross?

— Capitã, estamos há meses investigando o roubo do corpo de Marsha e sempre encontrando informações inconclusivas. Sabemos dos relatos de roubos de corpos e coisas pelo reino. Pessoas sendo assassinadas de formas brutais, casas incendiadas. Agora temos uma informação que pode ligar tudo, tudo isso, capitã.

— Então, todos os eventos estão interligados e quem roubou o caixão com o corpo da irmã da rainha Asbel pode ter feito todo o resto? E se alguém está usando essas tais ervas nesses corpos com algum motivo escuso, tipo mantê-los inteiros para propor uma troca às famílias, pedir dinheiro ou, até mesmo, *droga*: fazer magia? Como não pensei nisso antes?!

— EXATO, CHEFINHA! Pense bem. As coisas acontecem em lugares diferentes, com dias ou meses e até anos de distância. Mas tudo converge para o fato de que alguém estava procurando coisas por toda a Krônia e não conseguimos encontrar essa pessoa. E se não estamos conseguindo encontrar porque depois de ter essas coisas ela parte e se esconde...

— ...em um outro reino, além das fronteiras, que está no meio de uma provável guerra civil, com seu governo e vigilância abalados! – Completei a linha de pensamento. Não era à toa que essa criatura sorridente era um dos meus melhores soldados.

— Precisamos ter certeza e investigar a fundo. Irei ao castelo ao amanhecer e transmitirei as informações sobre Otyg ao rei. Peça para a cavalaria se reunir, conseguirei a autorização de Lucien para investigar tudo!

O caminho de volta para minha casa foi rápido e logo estava jogada em meio aos lençóis de linho, tentando lembrar quando foi a última vez que de fato tive uma noite tranquila, sem pensamentos aleatórios e preocupações. O sono já estava quase vindo quando senti uma sensação familiar que a muito não ocorria. O ar ficou frio subitamente e cristais de gelo começaram a brotar na vasilha de água junto à cama, reservada para lavar as mãos e rosto. Algo mágico estava vindo e eu sabia do que se tratava.

Ele estava fazendo contato, havia me encontrado depois de tanto tempo de silêncio. Caminhei até o espelho redondo pendurado na parede nua do meu quarto e me deparei com a superfície coberta de umidade, embaçada. Engoli em seco, vendo o vapor que saía da minha boca, enquanto respirava com dificuldade. Percebi que não podia mais ignorar o chamado, passando a mão sobre o vidro do espelho e revelando um grande olho amarelo, rodeado de escamas azuis, me fitando:

— Olá, Nadja, não imagina o prazer que é te ver de novo...

— Bem, dragão, vejo que acordou em definitivo... é bom te ver de olhos abertos e falando comigo acordado de novo, também... aqueles sonhos malucos que me envia são bem perturbadores às vezes.

— Lamento por isso, soldada, o vínculo de sangue causa certos incômodos. E pensar que só tive algumas poucas gotas de sua essência... já faz tanto tempo...

— Bem, agora sou capitã da minha própria cavalaria, por sinal. – Percebendo que o diálogo se prolongaria mais do que eu imaginava, puxei uma cadeira e a coloquei de frente ao espelho.

— Então, mesmo quando está acordado, não é de fazer visitas sorrateiras no meio da madrugada à toa. Há alguma razão para esta amigável conversa ao luar?

— É bom saber que Lucien deu o devido mérito a você naquele castelo cheio de arrogantes e de ratos covardes. O emblema da Segunda Cavalaria fica sublime sobre seus ombros...

— Como você sabe qual cavalaria... ah, foi você! Todo esse tempo e me ascender a esse cargo foi mais um dos seus conselhos. Que tocante...há mais alguma coisa que vocês deliberaram sobre a minha vida e que eu deva saber?

— Chegamos a comentar sobre um possível parceiro para você..., mas isso não vem ao caso, por enquanto...

— Parceiro?! É sério que vocês chegaram a discutir um casamento pra MIM!?

— Não grite, minha furiosa urso, vamos manter essa conversa com plena e doce civilidade. Além do mais, minha visita tem um objetivo ainda não alcançado. Olaf me relatou do sumiço do corpo da Marsha e que isso está tirando seu sono. Então, vim te oferecer ajuda.

— Ok, não é querendo duvidar de você, Guilherme, mas faz mais de 10 anos que você não sai dessa caverna e qualquer contato seu com o mundo aqui fora, como poderia me ajudar exatamente?

— Há um navegante, neto de um certo homem que compartilhou seu sangue comigo de bom grado há algumas décadas. Toda a família me serve de forma leal e, diante deste mistério, pedi auxílio ao meu laçao e ele ficou muito retumbante em poder me ser útil mesmo depois de tanto tempo. O procurei em busca de informações, mas o destino está a nosso favor e receberemos bem mais do que só palavras privilegiadas... eles enviaram homens ao seu encontro em Otyg.

— E como esse homem, filho desse homem mais velho que ele ainda, poderá me ajudar exatamente? Como guerreiros navegantes poderão ser úteis?

— Te auxiliando a localizar Valachias, o sacerdote feiticeiro que servia a Hector, que esteve vivendo entre os navegantes após a guerra e que fugiu, após furtar do próprio Kanope, o fundador. Ele é um criminoso procurado entre os navegantes e poderia apostar até a minha última escama azulada que está envolvido com o desaparecimento do corpo da nobre Marsha.

Valachias estava vivo. O principal servo de Hector, aquele que usara de magia de sangue de forma inexplicável e poderosa nos campos de guerra e causara tantas mortes e derramamento de sangue. Meu único pensamento naquele momento era: como?!

— Ele foi enforcado... eu vi o corpo dele pendurado, eu ouvi o pescoço dele se quebrando. É impossível, como... como Valachias sobreviveu?

— Esta é uma pergunta que não conseguiremos responder, a não ser que ele seja, de fato, capturado novamente. O que importa é que o asqueroso conseguiu viver, fugiu para o mar de Urd e esteve sob o mesmo teto do navio-reino de Kanope até furtar algo de grande valor de lá e sumir inexplicavelmente há... bem, exato meio ano.

— E o desgraçado voltou para Krônia, roubou o corpo da Senhora do castelo Rubi, está causando um pandemônio maluco com esses roubos sem nexos e essas mortes aleatórias? Mas pra que? Pra que tudo isso?

— Minha cara Fúria Rubra, você sabe a verdade, você quer ver, a sente..., mas não a aceita e fica dando voltas e voltas em busca de respostas humanas para questões não tão humanas. Só deixe a sua consciência dizer o que deve ser dito... e então, ...

Minha cabeça fervilhava. Os resultados das investigações, as palavras do moleque que Ross havia me apresentado...a cena que eu havia visto meses antes, dos corpos despedaçados no meio da floresta. Os navegantes não estavam *trazendo algo* para Krônia, estavam *perseguindo* alguém. Algo que os matou, algo que esteve em Krônia e não está mais. A cabeça doía, enquanto as palavras e informações brotavam da minha cabeça. Levantei bruscamente, derrubando a cadeira, e comecei a andar em círculo pelo quarto, com as mãos enfiadas no cabelo, murmurando:

— Sacerdote, magia de sangue, corpos... Sacerdote, Marsha, Hector, sangue. Magia, sangue, corpos... Castelo Rubi, magia, Valachias, Epitáfio da Rosa...

Por fim, a verdade veio aos meus lábios, brotando como a água que surgia sobre as pedras em uma nascente:

—Valachias irá ressuscitar Marsha. Está reunindo acólitos em Otyg e fará um ritual grande. Trará outros à vida, também. O Epitáfio da Rosa que ele escreveu não era só uma provocação, era um desafio, uma meta. E ele estava indo cumpri-lo.

— Boa menina, boa menina... agora que sua mente está, de fato, aberta, entende que precisará de toda ajuda possível e qual o interesse dos navegantes nisso tudo?

— Não preciso só de um navegante metido nisso tudo, eu preciso de um exército e de chegar a Otyg o quanto antes.

Atordoadas, nem notei que o frio e a ausência de sons da rua haviam desaparecido de dentro do quarto aos poucos. A mente de Wilhelme não estava mais presente. Em compensação, a minha estava inundada de preocupações e pensamentos. Ao amanhecer, precisava reunir a maior quantidade possível de homens da Segunda Cavalaria e partir pra Otyg, tendo a bênção de Lucien ou não.

20. *Um reino de barcos, cavalos e intrigas*

Toda a minha infância tinha sido passada no vilarejo de Nile. Nunca havia ido ao castelo topázio, ou conhecido mais do condado de Moonsorrow onde, em tese, nasci. Agora eu conhecia Enslaved e os vilarejos no caminho da minha terra natal até a vila dos mercenários. E, pela primeira vez, eu viajava para ainda mais longe, para além das fronteiras de Krônia. Para uma terra de barcos, portos e cavalos. Naquela manhã, eu conheceria enfim a capital de Otyg, Grai.

Viajamos no cavalo do meu mestre, noite e dia, por quase duas semanas e após a visita de Taranis. Dormimos menos de 3 horas por noite, considerando a urgência da missão que o feral de chifre havia nos passado. Segundo o próprio Olaf, fizemos o trajeto num tempo muito inferior ao que qualquer viajante faria em geral. Assim, quando entramos pelos muros externos da capital-porto, estávamos suados, exaustos, famintos e a ponto de desmaiar a qualquer instante.

— Fique ao meu lado, Andarim, não se afaste em hipótese alguma. — Murmurou Olaf ao pé do meu ouvido, enquanto nos aproximávamos dos guardas que conferiam as identidades dos recém-chegados a Grai, junto aos portões inferiores.

Caminhamos a passos lentos, seguindo o fluxo de uma grande fila de carroças, cavaleiros e pessoas a pé que se alinhavam em torno de um conjunto de mesas de madeira, onde homens vestindo armaduras e roupas cor de bronze faziam perguntas, revistavam bolsas e interrogavam os recém-chegados à cidade.

— Seus nomes, ocupações e quais os negócios que os trazem a Grai? Respondam na ordem das perguntas ou começaremos tudo de novo e demorará ainda mais!

O homem que nos atendeu se vestia como os demais soldados, sem enfeites ou adornos, e pelo tom de sua voz e forma como se dirigiu a nós não duvidava que estava irado com a grande quantidade de pessoas entrando na cidade naquele dia. Olaf pigarreou, tomou um gole de água do cantil já quase vazio que levava na cintura e começou a falar com uma voz mansa e civilizada que jamais o ouvi usar antes.

— Sou Ivan de Laris e ela é Yami de Laris, minha filha. Sou ferreiro, de mudança de Krônia. Estamos de passagem por Grai para vender algumas peças e continuar nossa jornada até Lapre. Vou assumir uma ferraria nova por lá.

O homem da mesa escreveu numa pilha de papéis rapidamente, antes de voltar seus olhos escuros pra nós novamente e falar com uma voz áspera e estridente.

— Onde está a prova de boa-fé de suas palavras?

Prova de boa-fé? Do que ele falava, estava eu pensando quando Olaf enfiou a mão dentro das vestes, tirou uma pilha de papéis que eu não havia visto ainda e estendeu ao soldado do portão, enquanto falava:

— Há aí nossas identificações de Krônia, com o selo real de comprovação. A carta foi escrita por meu velho amigo Dovendor, foi ele quem me convidou pra assumir a velha ferraria de Lapre, agora que ele está velho, manco e não possui filhos ou aprendizes à altura da tarefa.

O homem pegou os papéis e passou o olho, lendo – ou fingindo ler – rapidamente, antes de jogá-lo na mesa próxima a Olaf. Fez um sinal com a cabeça aos soldados que barravam a entrada do portão, como que indicando que nossa passagem estava ok, e bateu um enorme e redondo carimbo imerso em tinta preta sobre os papéis que meu mestre o entregou antes.

Entramos pelos portões, caminhando vagorosamente atrás de todos os demais que cruzavam a mesma rota de pedra até uma praça movimentada. Somente alguns bons metros depois do portão tive coragem de perguntar o que eu tanto queria para Olaf.

— Onde conseguiu esses papéis, mestre?

— Falsificações, compradas três cidades atrás, de um trambiqueiro qualquer. Pelo jeito esse era um dos bons, o cara mal olhou pro papel e já acreditou.

Ele enfiou os papéis dentro do casaco novamente e começou a olhar em volta, até apontar um estábulo onde vários cavalos estavam presos e continuar sua fala.

— Precisamos pôr nosso amigo Nobre para ser tratado antes mesmo de nós. Depois, vamos procurar uma hospedaria para descansar umas horas e comer algo. Nossa missão começa agora de verdade, mas precisamos recuperar as energias antes.

Nos hospedamos num lugar chamado “O Pônei Dançarino”, que ficava a poucos metros da estrebaria onde deixamos o cavalo de Olaf, Nobre, para comer feno, ser lavado e cuidado um pouco. Olaf pediu que nossa comida fosse servida

diretamente no quarto, de modo que logo depois que entregou um punhado de moedas à dona do lugar, já havíamos subido pro andar superior e nos aconchegado em um quarto minúsculo, com uma cama, um punhado de cobertores empilhados em uma cadeira e uma tina de prata pra nos banharmos, quase cheia de uma água turva.

Depois de comer o pão, a carne assada e os vegetais cozidos que a dona da estalagem nos trouxe, só olhei para a cama e me joguei no colchão de palha. Adormeci profundamente, sem nem tirar as roupas de viagem ou as botas, tamanho era meu cansaço. Fui despertada várias horas depois num quarto vazio, já com o sol baixo, indicando o cair da tarde. Olaf não se encontrava em parte alguma e não conseguia ouvir sua voz ou sentir seu cheiro, mesmo no andar de baixo.

Decidi aproveitar para me refrescar, tirando minhas roupas empoeiradas e me lavando com a ajuda de uma pequena toalha. Estava entretida na ação, com a camisa de mangas longas aberta sobre a pele e debruçada sobre a água, quando me assustei e quase caí dentro da funda vasilha de madeira, ao ouvir um grito estridente. Fechei os botões da blusa e, por instinto, procurei a espada na cintura, demorando alguns segundos para me lembrar que deixamos as armas enterradas fora dos portões de Grai, afim de passar mais tranquilamente pelo crivo dos guardas.

Armada ou não, precisava averiguar a origem do grito, afinal, poderia ser algo relacionado à nossa busca e Olaf aparentemente não se encontrava por perto. Subi na janela e vi uma aglomeração de pessoas algumas ruas adiante da estalagem. Para economizar o tempo de descer e ter que encarar a dona da pensão no andar de baixo, pulei logo dali para o chão, aproveitando que todos os olhares se concentravam na direção contrária de onde eu estava saindo e não veriam uma menina pequena como eu pulando de mais de 5 metros de altura e caindo sobre as duas pernas no solo, sem ferimentos.

Me embrenhei no grupo que rodeava o lugar de onde vinham os gritos, até alcançar um beco entre algumas casas de dois andares, de arquitetura semelhante à do Pônei Dançarino. Ali no chão jazia a razão dos gritos: um homem com o peito esfolado, de onde brotava sangue e vísceras. Era abraçado por uma mulher de cabelos negros volumosos que, desesperada, gritava “*Martin, Martin...*”, o que eu julgava ser o nome do morto.

—Miguel, não meu amor, meu querido... Não, MIGUEL!

Estava ainda tentando analisar a cena ao meu redor quando senti uma mão caindo sobre meu ombro, que me causou um alerta em todo o corpo e uma

necessidade iminente de entrar em luta corporal, quando reconheci o cheiro do meu mestre, que me tocou indicando sua chegada.

— Somente observe, sem movimentos bruscos. – Murmurou ele, ao se pôr ao meu lado diante da tragédia.

— Você acha que essa morte tem alguma relação com a missão que nos trouxe aqui, Olaf?

— Não tenha dúvidas menina, não tenha dúvidas. Vamos voltar à hospedaria, continuaremos a nossa investigação quando a noite cair e as pessoas sumirem para suas casas. Há mais para ser descoberto nessa cidade do que imaginávamos.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Preciso de você em Borknagar, investigando o roubo do corpo de Marsha, e não perambulando em outros reinos, Nadja! – Lucien praticamente berrava comigo, enquanto andava de um lado para o outro na sala do trono. Eu o seguia, gesticulando e caminhando, tentando me fazer ser ouvida.

— Você precisa entender, há uma maré de guerra vindo das fronteiras e ninguém no seu precioso conselho de nobres sequer citou isso para você! Além disso, há fortes indícios de que os culpados pelo furto do corpo da Beldade do Castelo Rubi estejam em Otyg. Me ordene, me mande fazer meu trabalho, não duvide de mim, Majestade.

— Como posso não duvidar de você se aparece no meio da noite, solicitando uma audiência quando já estou na cama com minha esposa e se põe a falar disparates!?

— Eu ia vir ao amanhecer, mas não consegui dormir. As coisas que o contato de Ross me falou, mais a visita de Wilhelme...eu precisava te contar o que sabia e precisava da autorização para partir em missão o quanto antes! Valachias está vivo e em Grai. É ele quem tem causado esses crimes sem sentido por Krônia, é ele quem...

— Chega, Nadja! Eu vi Valachias sendo executado, eu vi seu corpo sendo atirado às chamas. E nem enfie Wilhelme nessa bagunça toda! Acha mesmo que enfiar ele em suas obrigações me fará acreditar que ele veio até você depois de tantos anos adormecido!?

— Chega! Quer se manter cego e se negar a ver a verdade?! Ok, mas não ouse virar as costas para aquele que colocou essa porcaria de coroa em sua cabeça.

Jamais se esqueça, Rei Lucien: você só é rei porque Wilhelme o conduziu à ascensão e porque os ferais o apoiaram. Sem nós você teria morrido naquela guerra, ou estaria ajoelhado aos pés de Hector.

Lucien parou diante da mesa e a golpeou com as mãos espalmadas antes de olhar nos meus olhos:

— Eu nunca me esqueço disso. Afinal, vocês adoram me relembrar desse fato...— Havia desdém e fúria nos olhos e palavras do Rei ao me contemplar, sua mais fiel serva, que agora o olhava com profundo desprezo e distanciamento.

— A tua ingratidão para com o povo de garras e chifres há de ser a sua queda, Rei Lucien. Eu partirei ao amanhecer levando comigo os homens da Segunda Cavalaria que estiverem dispostos a me seguir, e realizarei a minha investigação, sendo honrada por você ou não.

— Você está desertando!? – Incrédulo, Lucien começou a rodear a mesa, se aproximando, enquanto eu me afastava em passos curtos, de costas, em direção à porta.

— Estou seguindo meus instintos, milorde. Afinal, como sua “cordial” esposa adora me lembrar, sou um animal, também. No final das contas, eu indo ou ficando não faz e nunca fez diferença para seu reinado. Não é mesmo, Rei?

Retirei o manto xadrez e os broches militares que levava sobre os ombros um a um, deixando-os cair no chão onde estava. Por fim, ergui a espada de cabo perolado que recebi das mãos de Lucien no dia que fui ordenada Capitã e, num último movimento de petulância, a ergui alguns centímetros acima de seu ombro e a soltei, causando um grande barulho quando o metal tocou o chão. Nesse momento, fiz uma leve mensura com os olhos cheios de lágrimas de raiva e deixei a sala a passos longos, virando de costas para o meu Rei, que me fitava sem reação.

ريال ∞Ω∞. ريال

21. *As areias cantam*

As vozes abissais me chamavam. O mestre desejava que eu fizesse algo e meu corpo já começava a se mover para seguir suas ordens. A gaiola ficou tranquila por tempo demais. Os ventos frios moveram as areias negras ao meu redor e o céu topázio começava a brilhar, indicando que a minha partida para algum lugar que ainda não sabia estava para começar. Minha mente ainda era minha por alguns instantes, antes de ser arremessada no mundo real, em algum lugar à beira do mar, diante de uma construção circular de pedra e mármore. Uma torre alva, coberta de heras e cercada de mato. Eu já estivera ali antes.

Havia uma magia forte circundando toda a estrutura. Meu corpo flutuou até os degraus de pedra partidos pelo tempo, meus pés malos tocaram ao subir até o grande arco ornamentado com runas e símbolos mágicos marcados a sangue. Ali era a morada ou o repouso perpétuo de algo, ou devia ser. Porém, as portas estavam partidas, a madeira rachada e dependurada pelas dobradiças. Entrei no espaço que compreendia a base da torre e me deparei com todas as janelas fechadas, cobertas com os mesmos símbolos da entrada e uma cadeira de espaldar alto, onde repousava um esqueleto usando um vestido longo de muitas saias e rendas, há muito deteriorado.

Sentado ao lado da cadeira estava um homem de longos cabelos brancos, olhos vermelhos como cerejas, com chifres pontudos e curtos subindo pela testa. Ele acariciava a ponta das falanges da mão da mulher morta delicadamente, antes de erguer os olhos para mim e esboçar um sorriso assustador, ao dizer: — Porque o grande mestre te mandou, carniceira? Você já nos trouxe de volta, ele já nos tem de novo. O que ele deseja agora?

Meu corpo agiu por si só, entregando ao estranho ser o objeto que eu havia tirado dos homens que assassinei há alguns meses, na floresta. O embrulho de alguns centímetros estava envolto em correntes prateadas extremamente finas. A voz na minha cabeça não me permitira o abrir, então, desde que o peguei, ele ficou preso junto ao meu corpo, em minhas roupas.

O homem de olhos rubros tocou o embrulho e desenrolou as correntes, abrindo o tecido que o envolvia e fitando o que parecia ser um punhado de páginas presas à uma capa de couro antigo.

— Então é isso. Valachias conseguiu mesmo fazer os navegantes terem tanto medo a ponto de mandar isso para Krônia, pensando que poderiam incumbir os

capricornianos de protegê-lo. Nosso maldito lorde tem a primeira parte do seu grimório e a passagem para sair do umbral.

Ele começou a gargalhar freneticamente, então, arremessou o embrulho desfeito contra uma parede e se levantou inflamado de ódio, soltou um grito de desespero e se jogou ao chão de joelhos, chorando. Minha mão estava em sua garganta, apertando até a ponta escura das minhas unhas ferir sua pele e o sangue escorrer pelas vestes estranhas e bordadas que o homem usava. Meus lábios sussurraram um feitiço negro e antigo, magia profana. O corpo do homem se cobriu em chamas imediatamente, as palavras sendo pronunciadas. E ele caiu, se desfalecendo enquanto o corpo ardia.

Observei o corpo sem vida diante de mim, enquanto o cheiro de carne queimada penetrava minhas narinas, o que devia me trazer alguma ânsia ou desagrado, mas não me trouxe nada. Por fim, o corpo começou a se remexer, tremendo violentamente, ao mesmo tempo em que os músculos e pele começaram a se refazer. Então, no chão aonde antes havia um cadáver carbonizado, ressurgiu o estranho de olhos vermelhos, cabelos longos e roupas rendadas. Inteiro e são. Sua boca começou a se mover e palavras ásperas surgiram, direcionadas a mim.

— Suma daqui carniceira, eu já entendi a mensagem. Guardarei a primeira parte do pergaminho amaldiçoado até que você obtenha as demais e eu possa recosturar o grimório.

Me virei de costas e deixei a construção flutuando novamente. Lá fora, o sol tocou a minha pele, mas o calor e a luz pareciam não penetrar na escuridão que me rodeava. No chão, uma poça d'água provavelmente oriunda de alguma chuva passada chamou a minha atenção e, minutos antes de eu ser enviada de volta à gaiola, vi sob a superfície transparente da água empossada o brilho perdido dos meus olhos azuis. E tudo virou escuridão e areia negra novamente.

ربال ∞Ω∞. ربال

As visões da menina de cabelos longos negros e olhos azuis como o céu da primavera continuavam a se confundir com meus sonhos. Eu quase podia ver a humanidade perdida por trás da marionete que ela se tornou. Uma espécie de véu de profunda escuridão ocultava o espírito dela, me impedindo de fazer contato. Porém, por alguma razão, eu via a essência dela, sentia seu sofrimento por infligir tanto mal a outras vidas. O sangue que ela derramava a destruía por dentro.

Foi através das visões que captei e senti que Valachias ainda estava vivo, e descobri que um dos navegantes que me devia favores poderia ajudar Nadja em sua

empreitada. O mesmo mestre que puxava as cordas da menina-marionete também era o que regia as ações do feiticeiro maldito há décadas. Todavia, revelar meu laço inexplicável com a criança colocaria dúvida nas informações e a Fúria Rubra certamente não confiaria tanto em mim, visto que aparentemente a pequena feiticeira sem nome era a origem de muitos dos problemas que vinham surgindo no Reino.

Em geral, dragões são vistos pelos ferais como seres de grande poder, pouco confiáveis. A verdade é que depois de tantas guerras e conflitos, poucos de nós restaram em Omnia, alguns mais ocultos que outros. Meu plano era deixar Krônia quando a primeira grande guerra envolvendo os feiticeiros brancos e librianos estourou.

Só não esperava que meu apetite pelo sangue e carne humanos naquela época me condenasse a ficar preso nessa mesma caverna por 200 anos e nem que isso, a longo prazo, levasse a tudo o que levou. Agora eu era um dragão encarcerado, que tinha um rei humano como acólito, uma espécie de vínculo que, por hora, eu não mais acessava.

Fui despertado dos meus devaneios pela chegada de um capricorniano puxando um carrinho cheio de lebres, frangos e outras carnes de caça pequenas. Meu jantar estava aqui. A viagem repentina de Olaf a pedido de Taranis fez com que a missão de me alimentar fosse repassada temporariamente aos capricornianos que moravam na floresta em torno de Enslaved.

Aquele era o terceiro juvenzinho de chifres curtos e cascos de bode diferente que aparecia naquela semana. Aparentemente, trazer comida para mim não era uma das atividades mais agradáveis para eles. O cheiro de medo nele era evidente, tanto que mal virou o carrinho no chão, à uma distância de pelo menos 5 metros de mim, o pequeno já acelerou as passadas e ia deixando correndo a caverna.

— Fique, meu caro visitante. Porque não aproveita a oportunidade e mantém uma conversa comigo? Quantos da sua idade podem dizer que tiveram a honra de conversar com o dragão azul, como você pode agora? Quantas primaveras possui? 50, 60 no máximo, acredito eu...

O jovem capricorniano tinha a feição de um adolescente humano, com cabelos volumosos e encaracolados que desciam desordenadamente pelos ombros. Os braços, até a ponta dos dedos, eram ornamentados com desenhos coloridos e, nas falanges, anéis de madeira esculpida completavam sua aparência, junto ao saiote de tecido cru trançado. Os pelos que cobriam as pernas de bode e o rabo possuíam um tom de marrom terra, com alguns toques de caramelo aqui e ali. Os

olhos, como todo olho do povo de Capricórnio, eram imensos e brilhantes, os dele na cor verde.

— Eu tenho 48 ciclos, grande Wilhelme, você é bom em estipular idades, mestre Dragão. Quanto à conversa, Taranis nos disse para evitá-la num tópico específico e de grande relevância nas orientações sobre alimentá-lo. Assim, adeus...

Mal o juvenzinho terminou de falar, se teleportou da caverna, deixando o cheiro da sua magia da terra pelo espaço. Certamente o Senhor dos Ossos havia sido enfático em dizer para manter alguma distância de mim. O que ele achava que eu poderia fazer? Devorar algum dos chifrudos juvenis que ele havia colocado pra me levar comida?

— Aquele velho coberto de ossos e sujeira não devia estar se metendo dessa forma comigo. – Resmunguei comigo mesmo, até perceber a chegada de outra magia em meu reduto. O espelho d'água tremeu no centro da caverna e gotículas começaram a se formar, enquanto as águas levemente iniciaram sua flutuação, formando a silhueta da face de uma colega de raça. Gwendolyn estava fazendo contato.

— Wilhelme, conseguiu mover mais pessoas para aquela terra chamada Otyg, em busca da vingança pelos meus lacaios perdidos?

— Duvidas das minhas habilidades em manipular os humanos, irmã verde esmeralda? Tenho minhas próprias razões para conduzir aqueles que nos ouvem para aquelas paragens. Há magia negra sendo fundida lá, Gwen, magia profana e que poderá trazer consequências por toda Krônia se não for impedida. Mais alguns dos nossos guerreiros mais confiáveis já estão por lá, porém, temo que a combinação da chegada deles com o que eles irão enfrentar criará um grande caldeirão de guerra, a ponto de transbordar.

— Taranis também está partindo para Otyg, hoje, ao cair da noite. Levará alguns jovens guerreiros capricornianos consigo. Receio que muitos não voltarão com vida e isso irá me despedaçar mais um pouco.

— Irmã, jamais entenderei suas ações. Se possuir um único lacaios para mim já me traz tantas emoções e reações não esperadas, como fica você, que possui uma gota do sangue de todos os que nascem em Ensiferum correndo nas veias e eles, parte da sua essência sob a pele, também.

— É o que nos torna mais fortes, irmão azul. É o que torna Ensiferum o que é. Uma terra de raízes entrelaçadas e almas que se cruzam. Essa é a beleza do lar que escolhi para repousar.

Após falar isso, o espelho d'água se desfez e a silhueta de água caiu como uma chuva de volta ao pequeno lago no centro da minha caverna. Estava completamente sozinho de novo com meus pensamentos. Nesse momento, percebi que já havia passado da hora de retomar meu vínculo com um certo Rei. Se havia um grande perigo rondando o reino cuja coroa eu havia ajudado um humano a conquistar, virar as costas ao meu laçao só serviria para me trazer mais problemas posteriores.

Era hora de falar com Lucien.

ريال ∞Ω∞. ريال

22. *Caminhos e presságios*

Taranis andava rondando a Terra dos Lagos mais do que o normal nas últimas semanas. Ele parecia estar em todo lugar, me observando treinando, mantendo conversas ocultas com Sucellus ou, simplesmente, parado em algum canto entre as árvores, meditando. Isso me assustava, ele me assustava. Numa manhã como outra qualquer, há poucas semanas de meu retorno à capital e ao meu lar, ele me abordou próximo a uma das lagoas, me estendendo um cordão trançado de couro, com um pequeno cristal vermelho e translúcido na ponta:

— Isto é um presente, jovem férrio. Será muito útil na jornada de volta para casa e poderá salvar sua vida.

Peguei o objeto pendurado entre os dedos longos e unhas afiadas do capricorniano e analisei a corda toscamente trançada, o pingente de cristal amarrado entre fios finos de uma espécie de lã, e não consegui segurar a expressão de aversão que se formou em meu rosto. Suspirei e lembrei de um dos costumes que o povo de Ensiferum tinha: o de jamais recusar presentes.

— Como um cordão poderia salvar a minha vida? Não faz sentido.

— Você passou seis meses em meio a criaturas como nós, vendo fadas quando a noite caía e a magia à sua volta, o tempo todo. Como não consegue acreditar que o cordão poderá te ajudar? Ele é encantado, possui um feitiço muito específico nele, algo que lhe será de bastante serventia. Ele mostrará quais pessoas merecem sua confiança ou não. Acredite.

— Por que eu devo acreditar que um cordão mágico poderá me ajudar em qualquer coisa quando estiver em casa?

— Porque eu vi você em meus sonhos, pequeno férrio. Vi você voltando para casa e não encontrando o lar que você esperava, da forma que desejava.

Antes que eu fizesse qualquer pergunta sobre o tal sonho que Taranis havia tido, ele desapareceu bem diante dos meus olhos, usando a magia de transporte tradicional dos capricornianos. No lugar em que ele estava restou somente algumas folhas sendo levadas pelo vento e a mim, segurando aquela estranha bijuteria feral, me perguntando como aquilo mostraria quem é confiável ou não.

— Entregou o Záfon ao príncipe? – Disse Olhos Prateados, enquanto mexia nas brasas da fogueira diante de si com um graveto, fazendo fagulhas subirem pelo céu noturno.

— Sim, já foi entregue em mãos, Sucellus. Tem ciência de que quando Cailleach descobrir que entregamos um dos Darans à uma criança humana ela certamente fará uma inquisição com nós dois, irmão?

— Com a grande mãe eu me entendo. Afinal, já se completaram 6 meses com o fério em treinamento em Ensiferum e ela nem se deu ao trabalho de vir até os lagos conhecer o futuro elo de ligação entre os librianos e os ferais. Enviar um presente poderoso com um menino que está indo para um lugar tão caótico como a capital se trata de uma bela prova de boa-fé.

— Que tipo de feitiço imputou ao cristal, Taranis?

— Um que o ajudará a reconhecer amigos e inimigos mais rápido que seus tenros olhos dourados e mente infantil o permitem avaliar. – Respondia Sucellus, apoiando-me em meu cajado e voltando o olhar às estrelas. – Os presságios nos ossos não são positivos, Sucellus, uma tempestade de sangue se aproxima e temo que chegará antes do próximo inverno. E sei que você também tem visto sombras nas estrelas. O que está por vir trará dor e morte por onde passar.

— O menino partirá em sete dias para Borknagar. Torçamos para que os presságios que eu e você estamos colhendo do plano Arcano não o alcancem antes de estar na capital junto ao pai e tendo a proteção do Rei e dos exércitos da Primeira e Segunda Cavalaria.

— Temo que os perigos na capital se deem pela desordem política que ali está imperando. Soube por Manni que o desaparecimento do corpo de Marsha gerou conflitos internos, até mesmo no lar real. E quanto à Segunda Cavalaria, vejo que não está ciente das recentes novidades sobre nossa amiga capitã metamorfa e dos seus comandados...

— O que houve com Nadja, Taranis?

— A Fúria Rubra voltou aos seus dias de rebeldia e agora não serve mais a Lucien. Ela desertou do posto de capitã e partiu da capital com um terço dos homens de sua cavalaria, que a acompanharam por livre e espontânea vontade. Segundo relatos, seguiu viagem para Otyg. Nossas preocupações com aquela terra estão só aumentando e isso me preocupa. Olaf já deve estar naquela região conduzindo a investigação que eu o incumbi.

— Algo muito sério deve ter conduzido alguém tão leal como Nadja a virar as costas para o Rei Lucien e rumar para este lugar onde pressentimos tantas inquietações.

— Por isso que estou partindo para esse reino também, levando alguns capricornianos comigo. A situação em Otyg deve ser solucionada antes que os problemas daquela terra se espalhem por toda Omnia e possa alcançar os Senhores das estrelas.

— Teme pelos dragões e não pelas demais raças que nesses reinos residem, irmão? Não entendo sua lógica.

Voltei meus olhos cor de cinza, opacos, em direção aos olhos prateados e brilhantes do irmão Sucellus, e disse com minha voz grave e serena.

— Não se esqueça da capacidade destrutiva que os dragões têm e daquele que se nomeia o protetor desses seres de poder. Se algum dragão morrer em meio a essa nova guerra que está nascendo, ou se eles forem à batalha, muitos sucumbirão. Os dragões que em Omnia fizeram morada devem em paz permanecer. Alastor não deve sentir que há razões para deixar as Ilhas Púrpura e voar para estas terras novamente. Afinal, este não é o pacto que fundamenta a existência há séculos do Conselho Púrpura, meu irmão?

Sucellus balançou a cabeça afirmativamente, tomou um punhado de terra do chão e depositou sobre as chamas para apagar a fogueira, antes de tomar o caminho ao encontro do garoto príncipe. E, então, quase em um sussurro, falou-me antes de deixarmos aquela clareira.

— Se o “Primeiro” sequer desconfiar que seus companheiros draconianos estão em perigo, não medirá esforços para mantê-los protegidos. E tudo aquilo que se pôr em seu caminho será esmagado. Manter Wilhelme e Gwendolyn seguros deve ser uma de nossas prioridades em meio a tudo que está surgindo, sem sombra de dúvidas.

23. *Uma princesa cativa*

— O que descobriu perguntando na praça? — Indagou meu mestre para mim, antes de eu me sentar na cama e arrancar a primeira das minhas botas, jogando-me no colchão de palha do quarto da hospedaria em que havíamos nos hospedado.

— Muito pouco. O homem que morreu se chamava Miguel e era um dos guardas do castelo. Disseram que ontem ele foi liberado do serviço ao amanhecer, mas não retornou para casa. O corpo foi achado nos fundos da casa, no estado em que você bem viu... e o que Senhor conseguiu descobrir? Mais alguma coisa nas tavernas?

— O mesmo que você e o fato que o infeliz morto era infiel e, provavelmente, também roubava moedas de ouro e comida do castelo, sempre que possível. Mas, no geral, era descrito como um soldado mediano, que não se metia em problemas.

— Hum... se ele não se metia em problemas normalmente, então os problemas foram ao encontro dele. Aqueles cortes no peito...que tipo de arma fez aquilo, Olaf?

— Minha questão não é que arma fez aquilo ou o quê. Mas porquê. Por que um soldado raso termina rasgado ao lado da própria casa?

— Talvez ele viu algo que não devia quando voltava do castelo, tentou fugir pra casa, mas foi alcançado antes. — Falei a primeira coisa que me veio à mente, antes de arrancar a segunda bota.

— Coloque as botas de novo. Vamos investigar ao redor do castelo e tentar refazer os passos do morto.

— O que!? Mas já é tarde, vão estranhar se ficarmos fuçando por lá, não? Eu ainda nem comi nada...

Olaf enfiou a mão no saco de viagem que carregava e me arremessou um pedaço de queijo de cabra, dos que havia trazido nas provisões. Pegou a faca que subiu junto com a refeição que servida quando chegamos e a ocultou na bota. Então, falou resmungando, enquanto ele próprio mordia um pedaço de pão de frutas.

— Eles podem me estranhar andando por lá. Só que você é uma loba... e eu sei muito bem que consegue passar entre os arbustos sem ser detectada, entrar e

sair sem fazer alarde. Por isso, eu serei a distração e você irá para lá, ver se descobre alguma informação nova.

Vendo que não haveria argumentação contrária que surtisse efeito naquela situação, enfiei os pés novamente nas botas, amarrei os cadarços apressadamente e joguei minha capa de couro marrom sobre os ombros. Enquanto amarrava os cordões que a mantinha a capa no lugar, notei que ela estava ainda menor do que eu me lembrava.

— Preciso de uma capa nova, essa aqui esta pequena. Mal caibo dentro dela...

— Se você não comesse que nem uma desesperada...mal engole e já está enchendo a boca de novo. — Falou ele, enquanto me olhava de forma zombeteira, carregando o lampião que havíamos pegado do quarto da hospedaria e usávamos para iluminar o caminho.

— Eu cresci e não engordei! Não vê que tô mais alta desde que cheguei? — Emburrei a cara, mordi meu queijo em silêncio e me concentrei em não deixar ele me irritar com as piadas. — Também preciso de botas, essas aqui tão quase sem solado.

— E eu preciso de paz e de estar em minha ferraria. Mas estou em outro país, andando no meio do mato no meio da noite, indo investigar não sei o quê. Veja, já dá pra ver o castelo ali entre as árvores, bem à frente. Vamos nos dividir aqui. Vou seguir pela trilha de pedras real até onde os soldados irão me interceptar e tentar observar ao redor. Você, se embrenhe na floresta e tente rodear o castelo buscando pistas.

Mal ele acabou de falar essa frase, um vulto surgiu da escuridão e o atacou com um golpe frontal, que meu mestre desviou com maestria. Outros foram surgindo da escuridão um a um. Olaf era bom em combate corporal e as lições que havia me passado também me tornaram uma oponente que dava algum trabalho, mas logo estávamos rodeados por muitos soldados, parecia que cada um que derrubávamos no chão era substituído por dois.

Nesse meio tempo, Olaf olhou para mim em meio à luta e falou apressadamente. — Eu vou abrir uma brecha e você deve correr para escapar daqui. Está me entendendo?

— O quê?! Mas e você?! Eles vão te matar! Não vou te deixar sozinho, vou me transformar e dar um jeito neles!

— De jeito nenhum. Nada de forma de lobo aqui. Foge, se esconde na mata. Vou me render e, depois, você descobre para onde vão me levar. Você será meu resgate. Um de nós tem que escapar daqui!

A visão de mais soldados vindo pelo caminho de pedras me afligiou, a ideia de vê-los machucando Olaf me rasgou o peito, mas o plano dele soava mais racional que o meu. As minhas últimas transformações tinham sido uma bagunça, numa delas Olaf teve que me amarrar com correntes de prata por sobre grossas cobertas em sua ferraria para eu não sair e ferir alguém. Em outra, quando fui caçar sozinha, tive dificuldades em recobrar a consciência humana e voltar da forma lupina. Ele tinha razão, deixar o lobo vir à tona era uma escolha arriscada demais.

Fugir e o deixar ali, porém, me amedrontava, então pensei em uma terceira opção. Olhei pro lado e mirei o guarda mais magro e que tinha o posicionamento corporal mais torto. O chutei com toda a força que consegui, levando-o ao chão. Então, rosnando e deixando um pouco da agressividade feral surgir em minha face, saltei por cima do corpo e saí correndo, arrastando-o pelas vestes na grama. Imediatamente os demais homens viraram em nossa direção, tamanho eram os gritos de desespero do homem.

— Ela vai me matar, vai me matar como mataram os outros guardas! Ela vai me devorar!

O escândalo do guarda foi suficiente para os demais tirarem a atenção total de Olaf, dando-lhe uns instantes. Ele se aproveitou e começou a atacá-los com uma espada que pegara de um dos soldados que desmaiamos. Após abrir alguma vantagem, meu mestre ferreiro conseguiu encontrar uma brecha e também saiu correndo, mas em direção oposta. Agora éramos dois fugitivos. Chutei o homem que berrava aos meus pés, na cabeça e o desacordando, e me embrenhei na escuridão, desaparecendo na surdina.

Corri até o ponto em que a ausência de ar em meus pulmões causou tonturas e visão turva. Segui pela mata, circundando as construções que rodeavam o castelo, indo cada vez mais longe possível do local da luta que havíamos tido. Me recostei na primeira árvore grande que vi, na qual podia esconder a minha silhueta, e me concentrei em tentar respirar e recobrar a compostura após a fuga.

Quando os batimentos em meu peito começavam a regularizar e o lobo já não berrava em minha mente pedindo para tomar conta da situação, ouvi uma voz feminina, cantando algo com voz chorosa, uma canção que soava como um acalanto, mas cheio de dor. Segui o som da voz através das árvores e arbustos

aparados, que indicavam que aquela parte pertencia ao castelo, e me confrontei com uma parede de pedra com várias janelas gradeadas.

Uma delas estava aberta e, sentada junto às grades, a pelo menos dois andares do chão, uma garota jovem, de cabelos castanhos longos e ondulados, cantava. Os olhos cobertos de lágrimas fitavam as estrelas do céu noturno e, sobre a cabeça, uma fina tiara de ouro e ornada com pedras vermelhas me trouxe a revelação. Aquela era a princesa Brunhild de Otyg. E ela estava aprisionada, como uma criminosa.

Naquele momento minha intuição me alertou que eu precisava conversar com a garota encarcerada, mas havia dois grandes problemas para isso. Ela estava a dois andares do chão e, provavelmente, havia guardas na região que se me detectassem não hesitariam em atacar. Decidi arriscar e tentar escalar o paredão de pedra, tirando vantagem da escuridão que a noite sem lua conferia ao lugar, buscando não chamar a atenção da jovem em um primeiro momento.

As pedras eram dispostas de forma irregular, o que dava bastante espaço para escalar com as mãos nuas como eu estava. Alcançar a lateral da janela em que ela estava foi relativamente simples, o difícil foi fazê-la falar comigo sem gritar de susto ou chamar a atenção de alguém. Sem opção, a não ser ir até o fim como plano, pulei no parapeito quase caindo da pedra e me equilibrando no último instante. Segundos depois ela soltou um grunhido e estava a ponto de gritar, quando subi no parapeito pelo lado de fora e juntei as mãos em posição de súplica.

— Se gritar os guardas vão vir e me matar. Eu só quero conversar com você. Sou sua aliada nesse momento, sério! – Disse baixinho.

A princesa pôs as mãos sobre a boca e me fitou com olhos inquisitivos e cheios de desconfiança, mas assentiu com a cabeça indicando que não chamaria ninguém. Sentei com as pernas cruzadas e mãos estendidas sobre as coxas, tentando pensar em como começar a conversa, só que nenhuma ideia de como fazer isso passou pela minha cabeça, sem parecer louca ou ameaçadora.

Senti uma enorme vontade de ter Nadja ou Olaf por perto. Eles saberiam o que fazer naquela situação. Eles conseguiam fazer de tudo. Então, a própria garota acabou iniciando aquele estranho diálogo, me tirando dos meus pensamentos:

— Quem é você e como conseguiu subir até aqui?

— Meu nome é Andarim. Eu e meu mestre viemos de Krônia para trazer uma encomenda para você e para investigar o desaparecimento de algumas pessoas

ligadas ao nosso reino. Quanto ao subir até aqui...digamos que não foi algo tão difícil. – Sorri. – Eu sou bem forte e é só uma escalada.

Mostrei os músculos recém-descobertos no braço após o tempo de treinamento físico ao lado de Olaf, porém, ao fazer isso, a manga longa da minha blusa desceu e mostrou as cicatrizes dos cortes das correntes de prata que foram usadas para me prender, em minha antiga vila.

A visão dos cortes vermelhos – fundos e ainda não cicatrizados – causou uma expressão de horror na menina. Puxei a manga e escondi as mãos envoltas em ataduras por debaixo das pernas, só me lembrando naquele instante que, para escalar a pedras, eu havia retirado as longas luvas de couro que usava para ocultar aquelas marcas. A menina me olhou com um ar de piedade e tristeza, falando com a mesma voz bonita com a qual estava cantando antes.

— Alguém te machucou? Por que as pessoas são tão cruéis e machucam alguém tanto assim?!

Pequenas lágrimas brotaram dos seus imensos olhos castanhos e ela começou a fungar baixinho. Naquele momento percebi que ela estava chorando por mim, que estava sentindo pesar por alguém que nem conhecia. Olhei para a garota através das grades e me toquei de que ela provavelmente tinha uma idade bem próxima à minha. Apesar de mais magra e mais delicada, estava presa, assustada e, ainda assim, chorava por mim.

— Porque as pessoas sentem medo. E o medo às vezes as leva a fazer coisas cruéis. – Respirei fundo e, então, continuei a conversa, tentando mudar o assunto e voltando ao meu objetivo ali. – Como uma princesa terminou presa numa cela, como uma criminosa?

A expressão da menina passou de tristeza para raiva em poucos segundos. Ela agarrou as grades e se inclinou em minha direção, falando com um tom de voz mais alto do que tinha usado até aquele momento.

— O desgraçado do Veiga me prendeu aqui! Desde que meu pai adoeceu do nada, ele se autoproclamou regente, por causa de uma carta idiota que meu pai escreveu há meses. Quando eu percebi que tinha algo de errado e quis exigir que o poder do meu pai fosse restituído e que os demais ministros ficassem cientes do que estava acontecendo, ele passou a me prender aqui todas as noites. Durante o dia, só posso andar pelo castelo rodeada de guardas e não me deixam mais ver meu pai há semanas.

— Quem é esse Veiga, afinal de contas? Por que os guardas e os serviçais não estão do seu lado, te protegendo desse cara? Isso não faz sentido, você é a princesa deles!

— Ele era o Ministro do Comércio, o braço-direito do meu pai. Papai o adorava e confiava nele demais. Aí, ele foi fazer uma viagem de negócios para encontrar os mercadores em Urd e voltou muito doente. Antes da viagem ele havia nomeado o Veiga como o regente de Otyg em sua ausência e, agora, o Veiga está usando isso para continuar sendo rei enquanto meu pai está na cama. Além disso, desde que meu pai voltou doente e ficou preso ao quarto, todos estão com um medo absurdo do Veiga. Os guardas olham amedrontados para ele e alguns dos ministros estiveram no castelo e juraram lealdade a ele, como se o próprio já fosse rei. Eu não consigo entender isso tudo, Andarim, como ele conseguiu controlar tudo assim...

Ponderei as novas informações que a garota me deu e percebi que precisava avisar ao meu mestre sobre tudo que havia descobrindo, mas antes precisávamos descobrir qual a relação de um regente traidor com o sumiço de dois ferais naquela terra. Recomecei a conversa, buscando mostrar a ela a importância de confiar e me contar mais alguma coisa que pudesse ajudar a solucionar aquela crise.

— Olha só, eu e meu mestre Olaf vamos dar um jeito de libertar você e ajudar seu pai. Só que antes, nós precisamos descobrir porque esse cara ficou tão assustador assim, a ponto de chegar ao trono e mandar em todo mundo dessa forma. Amanhã, quando ele te libertar, eu preciso que você mantenha olhos e ouvidos abertos. Se você ver qualquer coisa estranha, anormal, ou mesmo que te faça achar que está ficando louca, ao anoitecer vai me contar. Eu virei até aqui de novo, assim que a noite cair.

A menina começou a esfregar as mãos uma na outra e, depois, a alisar o vestido de dormir que usava. Estava ansiosa. Ela ia começar a falar novamente quando um barulho de ferrolho se abrindo ecoou no quarto atrás dela. Uma pesada porta foi aberta com um solavanco. Um homem gigantesco, vestido como guarda, entrou na cela aos berros, questionando a princesa sobre com quem falava.

Nessa hora, a movimentação de guardas do lado de fora também se iniciou e me vi em uma encruzilhada. Quando o grandalhão alcançou a garota, jogou-a no chão e olhou pelas grades. Porém, eu já havia me jogado em direção ao chão, caindo com tudo sobre meu braço direito, que pela posição que ficou e a dor que senti, havia se partido em um ou dois lugares.

Levantei com dificuldade e mancando um pouco, mas desatei a correr para dentro da floresta escura, deixando meus instintos de lobo me levar para perto da praia e longe do castelo.

Depois de muito correr, senti a dor dos ferimentos e ossos quebrados me afligir e percebi que precisaria parar para descansar e recobrar as forças. Vi, então, uma enorme árvore morta e retorcida no meio do que restava da floresta, cujo tronco era tão longo que ao menos 10 homens adultos poderiam abraçá-lo. Vi ali a minha chance de ter um refúgio e, mesmo frente a dor do braço e demais escoriações pelo corpo, escalei os galhos e me ocultei dentro do caule que, como havia previsto, já tinha sido em grande parte devorado por insetos e pela ação da natureza.

Já confinada dentro do espaço, peguei uma das minhas luvas de couro do bolso da calça e a mordi entre os lábios. Munida do que restava da minha coragem diante de um dia tão agitado, empurrei o braço deslocado para o lugar, suprimindo o grito de dor, igual Olaf já havia feito algumas vezes em nossas sessões de treinamento, quando eu caía ou era arremessada de mau jeito.

A dor e o cansaço tomaram conta e, enquanto eu tentava inutilmente enfaixar o antebraço onde uma ponta de osso apontava para o lado de fora, a escuridão veio e eu desmaiei.

ربال ∞Ω∞. ربال

Veiga estava vestido com alguma roupa de dormir pomposa e cheia de fitas e penas coloridas, tal qual um pavão brega e detestável. Assim que os guardas o informaram que alguém havia aparecido na janela da minha cela, fui conduzida à sua presença na sala do trono – a sala do meu pai – que agora esse patife ostentava como sua.

Ao entrar no salão, o antigo ministro de meu pai dispensou os soldados com um aceno de mão, me deixando sozinha com ele. Eu estava apavorada, mas ao mesmo tempo, lembrei-me das palavras da garota esquisita dependurada em minha janela e vi que precisava ser corajosa e aproveitar aquilo para tentar tirar alguma informação.

— Você sempre foi uma garotinha obediente. Por que não pode simplesmente continuar a ser? Não te dei um papel tão difícil assim de desempenhar: ficar calada, andar arrumada com seus vestidos e pérolas pelo castelo, não fazer perguntas, parecer sorridente.

A cada frase, o detestável regente que meu pai havia escolhido foi se aproximando de mim, até finalmente agarrar meu rosto entre os dedos e apertar minha boca, me encarando no fundo dos olhos.

— Diga agora, menina. Com quem estava conversando pela janela hoje?

A visão daquele homem magrelo e esguio, com seu cabelo negro cortado tão minuciosamente, inclinado sobre mim todo ameaçador, em outro momento teria me feito chorar ou fazer xixi na roupa ali mesmo, mas naquela hora, não. Ele não ia me deixar sem reação novamente. Instintivamente, cuspi em seu plácido rosto corretamente barbeado e pisei com meus sapatos forrados em seda com toda força que tinha em seu pé descalço.

Veiga me arremessou quase do outro lado da sala com um violento tapa. Então, caminhou lentamente para mim e me ergueu do chão pelos cabelos, me batendo novamente. A sequência de tapas prosseguiu por alguns minutos, até que a porta foi aberta num solavanco e uma pessoa que eu jamais havia visto penetrou a sala.

— Você quer que todos no castelo vejam que a agrediu? Ela ficará com tantas marcas amanhã que nem o pó de arroz poderá torná-la apresentável para estar na sala do trono quando os demais ministros aqui chegarem. — Falou com uma voz assustadora.

À essa altura, fui jogada no chão novamente e, ainda com o rosto voltado para o chão, recebi uma pisada de Veiga no rosto. Ele ficou apertando minha face virada para o tapete no qual eu havia caído, enquanto o recém-chegado caminhava em sua direção. Ainda assim, pude voltar os olhos com alguma dificuldade e ter pelo menos uma vista parcial daquele que impedira que a surra que eu levava se tornasse ainda maior, e fiquei terrivelmente assustada com o que vi.

A pele dele era branca como um papel e, seus olhos, vermelhos como os de um coelho. O cabelo tinha uma tonalidade loira acinzentada e descia preso em 3 tranças, jogadas sobre um dos ombros. Em volta de sua cabeça, vários tecidos coloridos faziam uma espécie de turbante. O rosto era lindo, mas de um jeito que me dava medo.

— Meu caro Temu, o que diabos está fazendo, aparecendo dentro do castelo assim? Entramos em um acordo que obviamente você chama a atenção demais andando pelos corredores. Quer que perguntas muito complicadas de serem respondidas surjam?

— Pressenti que algo não-humano estava rodeando a área e vim até aqui tentar localizar o que quer que seja. Contudo, foi boa a minha decisão de vir até o seu encontro, afinal, impedi você de ir contra os nossos planos e cometer uma idiotice.

— Eu já tenho o poder e, amanhã, isso só será definido quando os ministros se ajoelharem diante de mim ou morrerem. O Rei está moribundo e morrerá a qualquer minuto. Com sua morte natural e ausência de um filho homem para o suceder, restará a mim, como seu regente oficial, receber a coroa e gozar do meu reinado sem hesitação.

As lágrimas desceram pelo meu rosto e não consegui conter o choro ante a revelação de que todos esperavam que meu pai morresse a qualquer momento, para assumirem o seu lugar. E o que restaria para mim, depois disso? Eu seria morta, também? Eu só queria ver meu pai e me deitar em seu colo novamente, sentindo-me segura de novo.

O homem de cabelos alvos começou a andar em círculos pela sala, até finalmente parar diante de Veiga e tirar seu pé da minha cara com um chute. Depois, abaixou-se aos meus pés e passou a fazer carinho em minha cabeça. Seus dedos eram frios, e aquilo me causou arrepios.

— A menina é necessária. Se colocarem em dúvida a sua forma de ascender como rei, haverá guerra, com exércitos de toda Otyg e dos países aliados que a rodeiam. Ela precisa estar saudável e em pé ao seu lado na coroação. Só depois disso poderemos tirar a irritante princesa de cena.

— Você é um maldito bruxo. Dê alguma porção a ela ou controle sua mente, qualquer coisa que a faça estar amanhã de livre e espontânea vontade lá. — Veiga começou a andar pela sala do trono, se detendo no suporte de pedra negra que continha a coroa de meu pai, exposta sobre uma almofada vermelha.

— Meus talentos não têm nada a ver com curar ferimentos ou controlar mentes, lacaio. Além do mais, não se esqueça: Você não me dá ordens aqui, você se submete a mim. Minha magia não serve para isso, digamos que ela tem usos bem mais sangrentos. Acho que já está na hora de você se lembrar de quem está te entregando um reino em suas mãos. Se lembrar do que minha magia pode fazer...

Nessa hora, um cheiro de carne podre encheu o ambiente. Um frio e violento frio abriu todas as janelas do salão ao mesmo tempo. Pássaros negros, semelhantes aos corvos, entraram voando e foram diretamente contra Veiga, voando ao redor

dele e o atacando com bicadas por todos os lados. Ele gritava, se debatendo violentamente.

Em poucos minutos, o homem que simbolizava toda a minha raiva estava estirado no chão, em carne viva. O sangue escorria por todas as partes possíveis do seu corpo. Quanto a mim, estava em pânico, gritando abraçada aos meus joelhos, tentando proteger meu próprio corpo dos animais assassinos, que nem ao menos vi quando saíram pelas janelas abertas da mesma forma que vieram, ficando novamente nós três, sozinhos na sala.

O estranho pegou um pedaço do roupão destruído do usurpador do trono de meu pai e o usou para limpar seu rosto, onde algumas gotas do sangue do regente havia o sujado. Um som de gemido vinha do homem estirado, indicando que o regente de Otyg ainda estava vivo, apesar de tudo.

— Agora, se quer recuperar seu corpo para estar decente diante dos ministros amanhã, vai precisar se alimentar lá fora, sem deixar rastros é claro, meu pobre lacaio. Darei um jeito na menina por você, enquanto isso. Quanto a você, menina, não fique feliz. Ele ainda está vivo, por enquanto. Também não vou matar o seu pai, porque o veneno que dei a ele em alto-mar fará isto por mim. E você precisa entender: se você nos atrapalhar e bancar a corajosa amanhã, terminará como ele está agora ou bem pior. — Falou o assustador estranho, enquanto tirava um frasco de sua roupa e o embebia no mesmo tecido que usara para se limpar.

— Estamos entendidos, princesa? — Disse ele com sarcasmo na voz.

Estava tão apavorada que só me restou assentir com a cabeça que sim. Nesse momento, o estranho de olhos vermelhos apertou o tecido contra meu rosto e o cheiro que veio dele me fez ficar enjoada, depois zozza e, por fim, apaguei, não vendo mais nada.

ريال ∞Ω∞. ريال

24. *Conflitos no Castelo Esmeralda*

Os dois estavam discutindo de novo a plenos pulmões no quarto real. Do outro lado do corredor, onde eu havia escolhido para posto de vigília, dava para perceber que seria uma daquelas brigas demoradas e cheias de gritos e insultos. As farpas entre o Rei Lucien e a Rainha Asbel vinham sendo ouvidas por todo o castelo, desde que a notícia do desaparecimento do corpo de Marsha se tornou conhecida.

Naquela manhã haveria mais uma reunião com os treze Senhores do exército, os capitães das cavalaria. Treze?! Não... doze. Desde a partida de Nadja a Segunda Cavalaria não contava com um líder. A espada e a capa da capitã feral permaneciam jogadas sobre uma cadeira na sala do trono há semanas, e ninguém tencionava ter coragem de movê-las de lá sem receber um olhar fulminante do Rei, ou uma reprimenda em plena voz de comando. O assunto se tornou um tabu.

A porta do quarto se abriu repentinamente com um baque, batendo contra a parede, e dela saiu uma Asbel vestida com roupas leves, usadas para dormir, arrastando um roupão de seda decorado com fitas, descalça e muito alterada. Ela marchou até a metade do corredor, parou e me olhou diretamente, fazendo uma expressão de nojo ao me ver escorada na janela:

— Por que animais como você estão aqui em cima? Que eu saiba, você não descansa nesse andar. Suma daqui, monstro. Sua máscara de menino humano não me engana.

O desdém com que ela proferiu a palavra “animais” poderia até me causar algum sentimento negativo, contudo, os anos morando no castelo e tendo que lidar com seus rompantes de raiva neutralizaram qualquer ação dela sobre mim: era como lidar com um mosquito me rodeando, irritante, mas passável. Descruzei os braços e me apoiei sobre o parapeito da janela. Respondi, com o máximo de delicadeza que fui capaz de usar:

— Novas ordens de cima. Com os casos de ataques pelo reino e o sumiço do cadáver no Castelo Rubi, fui redirecionada para esse andar. Até o retorno de Liam de Ensiferum, estou incumbida de proteger você e o Rei Lucien.

Ela fechou a cara, pôs as mãos na cintura sobre a seda cor de pêssego e entrou no modo rainha cadela novamente, tentando me provocar alguma reação a todo custo.

— Não precisamos da sua proteção, Falcor, ou qualquer que seja o seu nome real. Porque não desaparece daqui e volta para as florestas, pro estábulo, pra qualquer longe da minha casa?!

— Eu não disse que estou feliz com as novas ordens. Só não tenho muita escolha quanto a isso. Sou uma prisioneira das circunstâncias, como você, rainha Asbel.

Ela me fuzilou com o olhar e começou a soltar uma série de insultos de nível bastante baixo, dirigidos a mim e a todos os não-humanos do castelo. A realidade era que nossa honorável rainha estava bastante descontrolada nos últimos meses.

Desde a partida de Liam e a notícias de que o corpo da irmã havia sido roubado, toda a plenitude e gala da rainha Asbel se reduziu a um quadro constante de irritabilidade e emoções à flor da pele. Tinha pena do rei por precisar estar tantas horas por dia perto dela.

Ao mesmo tempo, tinha uma certa empatia por ela. Era uma grande pressão para uma mulher nobre como ela estar enfrentando. Pessoas como ela eram advindas de mesas fartas e vestes de seda, como aquela que vestia, não eram acostumadas com filhos sendo levados para terras ferais, nem sepulturas sendo violadas daquela forma.

Do quarto, a voz forte de tenor do Rei se ouvia, chamando Asbel de volta ao leito. Respirei fundo e decidi que, pelo menos naquela noite, o rei teria alguma paz. Comecei a sussurrar um dos meus encantos para adormecer, um bonito, que era emitido sob a forma de um assovio, como o canto de pássaros.

A mulher imediatamente começou a se balançar no ritmo da melodia, até despencar adormecida em meus braços. Praticamente tive que saltar ao seu encontro para impedir uma possível queda ao chão. Os soldados humanos do outro lado do corredor viram a cena toda sem entender o que havia acontecido e se conformaram em só observar, enquanto eu a carregava de volta para o marido.

Abri a porta do quarto com um chute e a deposei nos braços do Rei Lucien, que já deixara a cama e vestia um robe, provavelmente se preparando para buscar a esposa nos corredores do castelo. Diante do olhar inquisitivo e assustado de Vossa Majestade, só me reservei a resumir a situação com uma frase. — Ela dormirá por algumas horas seguidas.

Saí imediatamente, ia retomar meu posto no fim do corredor, quando senti uma mão em meu ombro e me deparei com um Rei Lucien me olhando

severamente.

— Mannileach, espere.

— Majestade, sei que enfeitiçar sua esposa não é correto. Mas acho que está demasiadamente tarde para me dar lições de moral sobre como uso meus poderes ou não.

— Não, não vou te repreender pelo que fez. Só espero que tenha em mente que esse tipo de coisa só aumenta a raiva dela em relação a você. Desejo te pedir um favor, pessoal. Algo que não quero que veja como uma ordem real.

— A raiva da sua esposa já faz parte do meu cotidiano, lorde, não se incomode com isso. Estou curiosa sobre o favor. O que eu posso fazer pelo rei, que transcenda uma ordem?

— Esteja amanhã na reunião dos mestres do exército. Estou pedindo para usar seus poderes se for necessário, alguém naquele salão me traiu e preciso descobrir o quanto antes quem é, para cortar a raiz doente de uma vez por todas.

ريال ∞Ω∞. ريال

A reunião dos Senhores de exército estava com os ânimos tão exaltados quanto eu havia desconfiado que estaria. Gritos, tapas contra a madeira da mesa e expressões de raiva se espalhavam pelo salão de guerra, enquanto todos os 12 Senhores presentes buscavam falar ao mesmo tempo.

Os relatos se atropelavam e as ofensas mútuas começavam a brotar à meia voz entre os guerreiros presentes. Num canto, em pé, Mannileach, a capricorniana, observava tudo em completo silêncio, sob a forma humana do rapaz Falcor, a que usava para andar pelo castelo. Vi que eu estava a ponto de perder o controle da reunião, soltei um grito de comando e bati o cabo de minha espada contra a mesa, tentando dar um início oficial para aquele fatídico encontro.

— SILÊNCIO, HOMENS! Sentem-se à mesa, vamos conduzir essa reunião com alguma educação!

Um a um, todos os líderes das cavalarias se sentaram em pleno silêncio, o que foi de certo modo um alívio para mim, que esperava, até ali, maior resistência. Tomei um gole de água da taça prateada diante de mim e me pus a trazer os assuntos da reunião, torcendo para não ser mais interrompido.

— Como todos devem estar cientes, Nadja, a capitã da Segunda Cavalaria, deixou Borknagar e partiu com alguns homens de confiança rumo a uma missão

não oficial. A razão desta reunião é o que gerou essa partida. Então darei a oportunidade para aqueles que estão me escondendo algo, por menor que seja, falar de forma aberta e sincera, o que poderá manter os distintivos e postos de comando que vocês possuem. Uma rebelião está se formando à beira de nossas fronteiras e é impossível para mim acreditar que todos os lordes aqui presentes estão totalmente ignorantes sobre isso.

— Mas, Rei Lucien, do que está falando? Está querendo dizer que a deserção daquela capitã maluca o fez desconfiar de todos nós? Isso é um insulto gravíssimo! — Bradou Argus, Senhor da Terceira Cavalaria, batendo sua caneca sobre a mesa e respingando cerveja nos homens ao seu redor.

— Como pode nos ofender dessa forma! — Gritou Lancaster, outro dos lordes, do outro lado da mesa.

— Nadja partiu, deixando seu posto por sua própria escolha, mas sua atitude me alertou para a situação em Otyg e para o pouco empenho que tenho tido das demais cavalarias frente à crise que enfrentamos. Então, formularei de novo as perguntas: algum de vocês está ciente da crise no Reino de Otyg? E, se sim, por quaisquer razões optou por não relatar a mim, seu rei? Porque quando eu descobrir quem está ocultando informações, e eu irei descobrir, a punição será mais severa do que somente a perda de um posto.

— Senhor, acredito que o Senhor Vergil tenha algo a te contar. — A voz masculina e aguda de Falcor ecoou naquela sala de forma a sobrepor todas as vozes exaltadas que se misturavam em coro. A capricorniana havia captado algo.

Vergil eram um homem de confiança do antigo rei, Castilho, quando ascendi ao trono e fui coroado rei, após as Guerras Áureas. Foi um dos primeiros a se ajoelhar diante de mim, jurando lealdade. Quando encarei o rosto do meu comandante da Décima Cavalaria, pude entender o que a capricorniana havia sentido.

— Do que está falando, moleque? Quem permitiu que um adolescente como você estivesse presente em um conselho militar? — Argus falou de modo agressivo, levantando-se e indo em direção a Falcor, que se limitou a levantar uma sobrancelha e manter os braços cruzados.

— Argus, afaste-se de Falcor. Quanto a tu, Vergil, vou fazer a pergunta novamente, agora diretamente a ti: Você, como um dos meus capitães, está ciente da crise em Otyg?

— Não, Senhor, não estou ciente de nada. *Errrrrr...* trata-se apenas de uma infeliz coincidência, sabe? Estou com alguma febre e mal-estar há alguns dias, talvez isso tenha inspirado o jovem nobre a achar que eu estaria querendo falar algo... só preciso descansar um pouco e logo estarei bem.

Nessa hora, para a surpresa de todos, o militar se levantou, deu dois passos em direção a Lucien, tremeu por alguns instantes com a mão sobre o peito e caiu estatelado no chão. Imediatamente todos os homens na sala o rodearam, enquanto comecei a gritar, ordenando que alguém trouxesse logo uma curandeira. O homem parou de se debater e permaneceu no chão com os olhos abertos e a boca escancarada, morto.

Manni se ajoelhou junto ao corpo. Parecia estar disposta a usar seus poderes diante de todos na sala, mas o corpo do homem já estava sem vida quando ela o tocou. A curandeira chegou minutos depois e, após um exame minucioso da pele, garganta e olhos, declarou que o velho militar havia tido um mal do coração, que era uma morte por causa natural. Contudo, algo não se encaixava naquela situação. Dispensei a todos os capitães e dei ordens para que o corpo fosse preparado para o velório, e que sua esposa e filhos fossem avisados da perda.

Horas depois, já sozinho em meu quarto, percebi um vulto encostado à janela e imediatamente notei que a capricorniana havia ido até ali me reportar algo.

— O que viu na mente Vergil, Manni?

— Sabe que ler mentes em um ambiente tão cheio de humanos como você é uma tarefa muito complicada. Há muito zumbido, muitos pensamentos misturados, é quase impossível ter uma visão clara de qualquer coisa...

Sacudi as mãos interrompendo a fala e me aproximei da máscara humana que Manni usava para se misturar a todos no castelo. Fui direto ao ponto, a fulminando com o olhar, deixando claro que não queria mais ser enredado:

— Não me enrole feral, eu sei muito bem que você captou algo da mente dele. O que você viu ou ouviu, vindo do meu general?

Naquele momento, a cor dos seus olhos partiu de uma negra cor de carvão para uma violeta ametista, e uma voz feminina surgiu dos lábios do rapaz, revelando parte de sua real forma:

— Sussurros, pensamentos que desejavam se manter ocultos. Ele sabia que eu não era humana, que eu poderia o ouvir. Mas deixou escapar algo. Uma palavra. E foi ela que me fez dar aquele alerta.

Aquilo não estava certo. A presença de Mannileach no castelo, sob a forma de Falcor, era algo mantido sob grande sigilo. Ele era minha arma secreta e a última linha de defesa para proteger Liam, caso algo acontecesse antes de ele iniciar seu treinamento como Fério.

Fora uma das ordens que eu recebi do Conselho Púrpura, quando soube do papel que havia sido reservado ao meu filho caçula. Somente eu, Asbel e Nadja conhecíamos a verdade, e por razões óbvias, os demais capitães humanos e outros moradores do castelo não deviam saber desta informação. Como aquele capitão havia descoberto isso agora era um incômodo ainda maior.

A capricorniana se sentou na janela do meu quarto e a abriu. Então, falou, trazendo à tona minhas grandes preocupações: havia problemas dentro do meu próprio reino ainda maiores do que eu imaginava.

— Conspiração. Ele repetia mentalmente a frase “*ele não pode descobrir sobre a conspiração*” incessantemente em sua cabeça.

ريال ∞Ω∞. ريال

25. *Tendo visto a lua*

O dia ainda nascia e a luz também era pouca quando eu acordei dentro daquele tronco. O braço quebrado no dia anterior havia ido pro lugar depois do sono, o que mostrava que, apesar de não ter me transformado, a tendência de autocura dos metamorfos estava a meu favor. Subi pelo tronco e sentei sobre os galhos retorcidos para observar o espaço à minha volta, para entender onde eu havia parado ontem, após a fuga do castelo.

Ao contrário das florestas que existiam em Krônia e nas quais havia crescido, as árvores dali eram menos numerosas e mais espaçadas entre si. Não havia pinheiros, figueiras ou macieiras por ali e, pelo jeito, aquela espécie de árvore retorcida, com poucas folhas e tronco quase oco, era a mais comum.

Havia muitos arbustos, pequenas plantas com flores multicoloridas e folhas em um tom de verde quase amarelado. O cheiro do mar penetrava em meu nariz, indicando que após os morros que via, um pouco à frente e na direção contrária à do castelo, estavam as famosas falésias de Grai que Olaf havia me falado e o mar, algo que eu nunca havia visto.

A curiosidade de subir o morro e as pedras e, enfim, ver o “*grande rio de águas salgadas*”, como havia me descrito Nadja em uma de suas cartas, quase levava meus pés àquela direção, mas a preocupação com meu mestre desaparecido me fez retornar ao centro da cidade, em busca dele.

Tentei rastrear meu próprio cheiro e o de Olaf para refazer o caminho até a pousada em que estávamos hospedados evitando, é claro, me aproximar do castelo e ser notada pelo grande número de soldados que pareciam estar em todos os lugares. Depois de muito me esgueirar entre árvores e arbustos, me arrastando no chão em muitos momentos para não ser detectada, consegui enfim chegar ao centro da cidade, a ponto de ver o pandemônio que estava lá.

Havia dúzias de soldados em todas as esquinas. Muitos comerciantes de rua estavam sendo retirados dos seus pontos e mandados embora para casa aos gritos de que eram ordens reais. As ruas estavam sendo liberadas por alguma razão e, qualquer que fosse ela, os soldados pareciam procurar algo com o olhar, em sua inspeção geral.

Naquele momento tive a certeza de que estavam à minha procura, e de Olaf. Percebi que era mais seguro fazer o caminho até a hospedaria pelo alto e escalei a

primeira torre que vi. Saí pulando de telhado em telhado, até finalmente alcançar o teto do próprio Pônei Dançarino.

Havia memorizado qual era a janela do quarto em que nos hospedamos no dia anterior, assim, mesmo com algumas dificuldades e depois de derrubar algumas telhas enquanto me arrastava até ela, consegui me jogar para dentro do quarto.

As coisas estavam na exata posição que foram deixadas no dia anterior, quando saímos às pressas para investigar após o anoitecer. As sacas de viagem estavam abertas num canto e o conteúdo espalhado pelo chão, a roupa de cama sobre o catre desfeito e o resto do simples jantar deixado sobre a pequena mesa de madeira, próxima à porta.

— Olaf não veio aqui ontem... isso com certeza não é um bom sinal. - Murmurei para mim mesma, tentando articular os pensamentos.

Nesse momento, ouvi vozes exaltadas no andar de baixo e percebi que os soldados finalmente tinham nos rastreado até a pousada. Tive minutos para jogar os nossos pertences nas duas bolsas de couro que trazíamos, pendurá-las em ambos os ombros e me atirar pela janela, caindo sobre as pernas dobradas no meio da rua, em meio aos poucos passantes que estavam na via e que me olharam abismados quando perceberam a altura da qual eu me jogara. Do alto da janela, gritos e ordens se ouviam, mandando os homens me perseguirem pelas ruelas imediatamente.

Uma das coisas que eu fazia bem era correr. Eu podia ter uma pontaria péssima no arco e flecha, podia não conseguir cavalgar sozinha um cavalo sem o espantar com minha falta de jeito, mas eu podia correr bem. E era veloz, mais veloz que muitos dos filhotes rastreadores em Enslaved.

Às vezes eu ia assistir os treinos deles escondida na mata. Eles eram metamorfos de primeira linhagem, despertados na época certa. Treinados desde pequenos pro momento que se tornariam guerreiros valorosos para a vila. Entender que eu havia despertado de “forma errada” foi o mais complicado quando cheguei à vila. Foi a rabugenta da velha Bearn que, um dia, sentou-se diante de mim no círculo de tumbas e me disse o que eu tinha de “defeituoso”.

— Nós, de duas naturezas, mudamos nossa essência duas vezes ao longo das nossas vidas. Primeiro viramos lobos puros quando alcançamos a média idade, no final da infância, quando a lua cheia brilha sobre os céus. Então, aprendemos a controlar nossos novos sentidos, a sede de sangue, a fúria em nossa mente, ao ponto que podemos, assim, aprender a nos transformar quando quisermos e, por fim, chegamos à nossa forma mais triunfante: a de ferais, metamorfos meio lobos,

meio humanos. E, nesse ponto, temos domínio sobre quando viramos animalescos e sobre os instintos que adquirimos com essa nova forma. Mas você, criança... você é uma despertada. Sua forma, meio feral, meio humana, veio à tona antes de todo esse ciclo. O lobo puro não nasceu em você. Só uma criatura animalesca e incontrolável, que te controla totalmente quando vem à tona. Isso é um perigo para todos da nossa raça. Sem controle, sem direcionamento, você é só um animal selvagem poderoso e capaz de matar muitos não-ferais. E, com isso, tirar o véu do oculto que paira sobre nós. Nos revela ao mundo humano, que rejeita e ataca tudo que considera estranho. Você é um perigo para nossa raça. Coisas como você podem expor todos nós à morte.

Lembrar das palavras da Bearn me chateava. Saber que me viam como um perigo, como algo que precisava ser controlado e não amado, doía. Ainda assim, Olaf fez o possível para me ensinar sobre como me defender, sobre como lutar. E mesmo a contragosto, a anciã Bearn me ensinou o que eu precisava saber sobre o que eu era: poucos despertados tinham vivido por muito tempo e as informações sobre metamorfos assim eram poucas.

Nem sabia porque Bearn e a vila vinha ao meu pensamento agora. Na verdade, até sabia..., muita gente na vila esperava que eu falhasse em uma situação assim, que eu ficasse nervosa e perdesse o controle. Mas meu mestre dependia de mim. Se para tirar ele de algum perigo eu precisava bancar a aprendiz de ferreira, que pacientemente olhava o metal derreter para então trabalhar nele golpe a golpe com um martelo sem cessar, assim eu o faria.

Então, eu corri. O mais rápido que consegui, quase sem tomar fôlego. Escondi-me atrás das carroças, através das vielas mais apertadas, saltando muretas e telhados mais baixos. Corri até sair do centro da cidade, alcançar as famosas falésias beirando o mar e, ali, descer pelas pedras e me ocultar em uma fresta entre as rochas, respirando fundo e deixando o cheiro maravilhoso daquela água salgada me inebriar. Esperaria a noite cair novamente para, então, tentar desvendar o paradeiro do meu mestre perdido.

Ali, escondida nas frestas da rocha, comi do pouco pão e queijo que tínhamos levado para comer na viagem, bebi o resto da água que ainda estava em nossos cantis e tentei traçar um plano para quando anoitecesse. Olaf obviamente não havia voltado para a cidade após o confronto com os guardas, tampouco eu havia rastreado seu cheiro em outra direção para fora da floresta, o que me levava a crer que meu mestre devia estar em alguma parte da mata real.

Decidi abrir as sacas e ver o que levávamos conosco, e me desanimei um pouco ao perceber que não havia nenhuma arma dentro das bolsas, só os papéis que utilizamos para entrar em Grai, um pouco de comida seca, algumas peças de roupas, minhas e de meu mestre, velas e pedras de fogo. Joguei as bolsas no chão, revoltada, ao me lembrar, enfim, que havíamos enterrado as espadas e punhais fora dos limites da cidade, tencionando assim passar mais facilmente pela revista nos portões.

Quando as bolsas caíram no chão, porém, um ruído de madeira sobre a pedra me chamou a atenção. Peguei a saca maior, que era a de Olaf, e comecei a revistá-la. Localizei um forro falso, onde estava oculto um pequeno embrulho em tecido curtido, amarrado com fitas de um cetim trançado.

Por alguns segundos contemplei o objeto retangular em minhas mãos, tentando me lembrar do que se tratava, até finalmente me recordar que se tratava da encomenda que Taranis havia incumbido para nós a missão de entregar nas mãos da princesa de Otyg.

— Bem, agora que eu sei onde está a princesa, pelo menos essa parte da missão eu posso cumprir para o Olaf, não é mesmo?

Tomada de curiosidade e vendo que o sol ainda estava na posição do meio da tarde, achei que poderia dar uma olhada em o que era a tal caixinha e, assim, passar o tempo até ser mais seguro caminhar por ali.

Desenrolei os fios e desfiz os nós com cuidado para não danificar nada, deixando pro final o tecido verde musgo que havia sido dobrado em torno do objeto. Como eu imaginei, tratava-se de uma caixinha de madeira bem rústica. Ao abrir ela, tive uma grande surpresa. Em seu interior havia duas partes do que parecia ser um punhal: uma lâmina de um metal que nunca havia visto igual, com um brilho perolado e rosa, e sua empunhadura, que era um cabo reto sem ornamentos ou desenhos.

Peguei a lâmina partida na mão e admirei a cor estranha daquele metal, me perguntando do que seria feito aquilo. Então, peguei o cabo e encostei as duas partes, juntando em minhas mãos essa arma danificada. A visão daquele punhal, unido momentaneamente, trouxe-me perguntas e mais pensamentos. A quem ele pertencera? Em quais batalhas fora usado? Por que parte da nossa ida até Otyg incluía que ele fosse entregue em mãos à uma princesa que parecia não ter a menor ideia de como usá-lo?

Retornei as partes do punhal à caixinha, refiz o embrulho e o guardei embaixo da minha blusa, amarrado com bandagens sobre minha pele. Coloquei minha última camisa limpa, considerando que a do dia anterior possuía as marcas da luta que havia travado e respingos de sangue. Preparei-me para encarar o mundo fora daquele buraco na pedra no qual havia me enfiado. Assim que o sol se pôs e as primeiras estrelas surgiram no horizonte, escalei a falésia e saí em busca de Olaf, caminhando até a floresta real.

Rastrear uma pessoa não era exatamente uma habilidade que eu havia treinado muito, de modo que a única noção de como encontrar alguém que eu possuía era a de ir até o ponto em que nos desencontramos e, dali, tentar seguir o cheiro de Olaf. Mas havia dois pequenos problemas nessa ideia: chegar até a estrada de acesso ao castelo sem esbarrar com algum soldado e o fato de que, chegando lá, precisaria identificar um cheiro entre tantos o que passavam por lá, o que poderia levar tempo... coisa que eu não sabia se teria.

Mal tinha começado a me embrenhar entre as árvores retorcidas e os arbustos floridos e um cheiro diferente surgiu à minha volta, acompanhado de uma espécie de névoa que pareceu surgir do nada. O cheiro remetia a coisas antigas, como roupas guardadas em um baú, ao mesmo tempo em que lembrava folhagens e frutas que eu nunca havia cheirado ou provado.

Algo estranho estava acontecendo ali. Em instantes, em meio àquela fumaça que me rodeava, pequenas luzes foram surgindo, luzes essas que aos poucos tomaram a forma de seres com uma aparência quase humana. Porém, de um tamanho em miniatura, quase como bonequinhas, dotadas de longas e coloridas asas, semelhantes às de borboletas, de onde exalava o cheiro que eu havia sentido antes do surgimento, ali. Uma voz fina e aguda, então, cantou uma espécie de verso ou canção, enquanto voava me rodeando:

— Menina loba, por onde vais? Perdida estás ou procura algo que não encontras mais? Menina lobo, menina lobo. O que procuras está vivo ou está morto? Anda sobre o chão ou se arrasta no lodo. Come frutas ou bebe sangue de outros? Menina lobo, nos diga, és um devorador que caças ou algo que está por aí às traças?

Nadja havia me falado das fadas. Olaf havia me falado delas, também. Eram ligadas às florestas e às raças ferais. Mas eram mais antigas que todos nós. Bearn, uma vez, em uma das suas lições sobre meu corpo de lobo, me disse que todos nós pertencíamos ao plano Arcano, mas que as Fadas, elas pertenciam ao Plano Astral. Podiam ir de um plano para o outro, voando sempre que quisessem. Eram seres de

magia. Seres de poder e que se devia tratar com respeito e sinceridade: elas olhavam dentro do nosso peito e viam nossas emoções e pensamentos mais escondidos.

— Eu não entendo adivinhas e não sei cantar como vocês cantam. Então vou falar a verdade de forma direta, do jeito que meu mestre Olaf tem me ensinado a fazer: eu e meu mestre fomos mandados aqui para procurar dois ferais perdidos e entregar um punhal quebrado à uma princesa. Mas meu mestre sumiu ontem à noite, a princesa está presa em uma cela e eu não tenho ideia de por onde começar a procurar os amigos de Taranis.

As fadas retornaram a falar, uma após a outra e, em alguns momentos, como um coro de vozes, todas juntas.

— A menina loba um bom coração tem. Está sozinha e com fome, mas por hora só pensa em outro alguém.

— Menina loba, já que teu cerne bom é, algo que precisa iremos te dar. Uma verdade das que busca, iremos te ofertar.

— Então, pequena loba em pele de menina, venha conosco, temos algo a mostrar!

— Há uma caverna perto da água, ao lado daquele riacho que segue plácido ao mar.

— Ali, dois seres de longos chifres e cascos sangram e choram, para uma magoa ruim alimentar.

— Venha menina, venha conosco, porque pelo caminho nós iremos te levar!

A menção aos chifres e cascos imediatamente me fez perceber que uma parte da nossa missão havia sido alcançada:

— Os capricornianos! Me mostrem essa tal caverna, rápido!

Antes mesmo que eu terminasse de falar, as luzes coloridas das fadas já se afastavam sem demora, agitadas. Elas foram iluminando o caminho através da escuridão daquela noite de lua crescente, enquanto eu ia correndo entre arbustos, matagal e árvores de frutos alongados que nunca havia visto igual.

Chegamos a um riacho brando e seguimos através da margem, alcançando uma espécie de buraco, rodeado de algumas poucas rochas e muito limo. Abaixei ali e, depois de espantar um sapo na abertura, vi que havia um grande espaço

dentro dela, iluminado pelo que parecia ser a chama de velas. Olhei para trás, ainda com os joelhos enfiados na grama e murmurei as únicas palavras que me vieram à mente.

— Obrigada por me trazerem até aqui. Só espero que eles ainda estejam vivos...

Então, atirei-me buraco adentro, tendo visto como última coisa da superfície uma lua que brilhava num céu repleto de nuvens.

ريال ∞Ω∞. ريال

Quando acordei, não tinha certeza se estava vivo ou morto. Na verdade, não tinha a menor ideia do que havia acontecido. Minhas lembranças estavam nubladas até certo ponto e, mesmo quando eu me vi acordando sobre uma aparente cama confortável, com meus ferimentos da intensa luta da noite anterior cheios de unguentos e curativos, não tive certeza se aquilo era um sonho ou realidade.

O quarto em que eu acordei tinha outras camas e redes, do teto ao chão. Vários homens dormiam amontoados nelas e havia armas espalhadas por todo lado, também. Espadas, maçãs, arcos longos e bestas pareciam estar amontoados junto aos guerreiros que roncavam ali.

Sem entender nada e só sentindo que precisava sair dali e localizar o mais rápido possível Andarim, sentei na cama e já ia me levantar, quando minha cabeça rodou. Fui, então, acudido por um homem de cabelos espessos e longos, cor de lama, que pareceu surgir do nada ao meu lado, mas que aparentemente estava sentado ao lado do catre em que eu havia estado. O homem falou com um sotaque forte:

— Precisei te desmaiar com uma pancada forte para te trazer para cá, senão os soldados teriam o levado pro calabouço e os monstros teriam devorado suas vísceras, depois que te torturassem para saber quem és.

— Monstros? Do que está falando, homem? E porque me trouxe pra cá e me salvou dos soldados? Quem diabos são vocês?

Antes que me respondesse qualquer coisa, a porta foi aberta subitamente e mais um homem se juntou à pequena multidão dali. Esse vestia um uniforme da guarda real. Já estava entrando em posição de combate, quando o recém-chegado tirou a couraça resmungando algo em um idioma que eu não conhecia, revelando desenhos de círculos e ondas sobre seu peito.

— Navegantes... como eu fui parar no meio de um monte de navegantes!

O homem de cabelos castanhos ficou de pé e foi ao encontro do homem que ainda tirava as roupas de soldado. Iniciaram uma conversa à meia voz, naquele idioma que eu não havia reconhecido, mas que agora sabia se tratar de um dialeto navegante. Depois de alguns instantes de diálogo, voltaram-se pra mim e o homem do cabelo cor de lama, enfim, me respondeu.

— Quem nós somos não importa muito agora, Senhor Olaf de Enslaved. A Fúria Rubra chegou às fronteiras de Otyg. E a sua menina loba escapou por pouco dos soldados na cidade. Hora de sair dessa cabana e assumirmos uma postura menos defensiva. Seus interesses, de certo modo, são nossos interesses. Trabalharemos juntos. Ou prefere que eu te jogue por aí noite afora, sem armas ou tochas?

— Eu preferia saber mais detalhes sobre o que está acontecendo antes de decidir se estou com vocês nessa ou não...

— Perderemos muito tempo parados aqui te contando tudo. Vou resumir da forma mais prática: meu pai é Alestorm de Atila e serve ao Guilherme, o dragão azul. Estamos caçando um inimigo de meu pai que está envolvido na conspiração contra Vougan. Agora, está conosco ou não? Porque estamos partindo para a cidade imediatamente.

— Mas se não tenho muita escolha, dê-me uma espada e vamos para onde acha que devemos ir, homem! E que história é essa que a Fúria Rubra está em Otyg?

— Me esqueço que já foram colegas de armas. A própria se encontra nas fronteiras de Otyg em viagem, rumo a Grai. Nossos espíões nos avisaram por pássaros mensageiros. E ela não veio sozinha. Trouxe uns nove cavaleiros armados consigo e está passando por cima de todos os bloqueios de fronteira. Ela viaja rumo ao castelo, pronta para o combate! Só espero que chegue há tempo da crise que irá estourar amanhã.

— Amanhã? O que irá acontecer amanhã, afinal de contas?

— Quando o dia amanhecer, o Rei Vougan será declarado morto e o regente que assumirá a coroa está ligado a Valachias e aos Feiticeiros de magia negra que estão trazendo desgraça para os mares de Urd e para essa terra. Não é de nosso interesse que os Arianrhod deixem o poder em Otyg, ainda mais para um servo de magia sangrenta assumir no lugar.

O homem me estendeu minha capa de couro marrom e uma espada longa, com um cabo negro e adornado com ondas. Todos os homens foram sendo acordados um a um, já saindo da cama e vestindo capas, couraças de couro curtido e tomando armas. Logo o grupo deixou a cabana e me toquei que estávamos fora dos limites da cidade, em algum lugar entre a cidade anterior, Cruachan e Grai.

Do lado de fora da cabana, que por sinal era bem velha e, de longe, parecia abandonada, havia uma fogueira com mais alguns homens com tatuagens e pinturas de ondas e círculos à mostra, que passaram a distribuir uma concha com uma sopa de cheiro forte e marítimo para cada homem. Juntando comigo, éramos vinte homens. Quando a concha chegou até mim, a aparência e o odor me desagradaram de imediato, mas o homem que eu julgava ser o líder, o de longos cabelos castanhos, falou solenemente:

— Não há muita comida para todos. Evitamos ir à cidade para não chamar a atenção. Beba a sopa, é feita com ervas do mar e peixes secos. Dá energia e força para a batalha que iremos enfrentar.

— E que batalha é essa, afinal? Para onde iremos agora?

— Vamos caçar monstros nos calabouços do castelo! Se queremos derrotar Valachias e Veiga, precisamos descobrir quais criaturas ele invocou e mantém no castelo. Sem esses monstros ele perde o poder sobre os homens do castelo que se ajoelharam para ele.

Ainda atônito após ouvir aquelas palavras, vi o grupo se reunir, acender as tochas e iniciar uma caminhada floresta adentro. Porém, a única pergunta que ficava indo e voltando em meu pensamento, diante daquela bizarra conversa era: — Como assim, monstros?!

26. *Dias de Ira*

Assim que caí buraco adentro, percebi que a tal caverna não era mais uma formação da natureza. O espaço em que eu estava tinha sido modificado por pessoas, e muito. As paredes eram cobertas de tijolos cinzentos sobrepostos, por heras e outras plantas que se juntavam em lugares úmidos. Encostada em um canto, uma estante velha de madeira estava repleta de livros e pergaminhos cobertos de pó e teias de aranha. Um cheiro de podridão enchia o lugar, se misturando ao odor das velas queimando: por toda parte havia cera derretida ou tocos de velas ardendo.

Enquanto andava pelo lugar, logo identifiquei o que causava o cheiro de coisas podres e mortas que vinha até mim: junto à duas portas entreabertas havia uma pilha de ossos, na maioria, humanos. Passei por eles tentando evitar ao máximo pisar em algum, pois o barulho da quebra ou da derrubada deles poderia acusar a minha presença naquele lugar.

Abri uma porta e me esgueirei para dentro, me deparando com uma cena que me fez sentir um horror imediato. A porta dava para uma espécie de cela. Presos em correntes que desciam do teto e suspensos a metros do chão, dois capricornianos muito feridos.

O primeiro de quem me aproximei tinha um cabelo negro, cor de carvão, que descia em uma única trança longa, que arrastava numa poça de sangue abaixo dele. O peito possuía dezenas de rasgos profundos e alguns dos seus órgãos internos estavam à mostra. A cabeça estava caída em um ângulo estranho e logo percebi que seu coração não batia mais: já devia estar morto há algum tempo.

O segundo tinha cabelos avermelhados com as pontas tingidas de verde claro. Estava tão ferido quanto o primeiro, mas seu peito ainda subia e descia devagar, indicando uma respiração fraca. Peguei um banquinho no canto da cela, subi ao lado dele e estava tentando encontrar uma forma de soltar as correntes e libertá-lo, quando uma voz fraca e fina surgiu dos seus lábios, que mexiam com dificuldade:

— Estou morrendo. Tentar me tirar daqui é perda de tempo. Vai embora, menina, se os feiticeiros te encontrarem farão coisas tão horríveis com você quanto as que fizeram comigo e com meu companheiro.

Encostei meu ouvido junto à face do capricorniano para o ouvir melhor, ao mesmo tempo em que não consegui evitar as lágrimas que brotaram em meus olhos

diante do quadro que vi ali. Logo estávamos conversando baixinho e eu chorando ao mesmo tempo, sem conseguir me controlar.

— Quem fez isso com você? O que está acontecendo nesse lugar?

— Há um feiticeiro de cabelos brancos e olhos vermelhos. De uma raça que há muito tinha desaparecido de nossa terra. Ele usa uma magia ruim, que precisa de sangue e dor para acontecer. Ele usou essa magia no homem que se chama Veiga e ele não é mais totalmente humano. Ele tirou da nossa carne, corpo e vida para trazer coisas ruins para esse mundo. Logo ele estará de volta para terminar o que começou comigo e você precisa sair daqui, criança.

— Eu sou um monstro. Posso lutar contra esse feiticeiro, contra esse tal regente usurpador e contra qualquer um. Vou te tirar daqui e vamos te levar amanhã pro Taranis. Ele vai te curar, você vai ver.

— Não há amanhã para mim, menina. Não chore, porque a minha partida é inevitável. Não lute contra o que está no castelo, sendo um monstro como falas ou não, irás morrer.

Mesmo diante das súplicas do feral para deixá-lo, continuei a trabalhar nas correntes, buscando uma forma de libertá-lo. Logo vi que para soltar as correntes precisava de algo pontiagudo para forçar os trincos e encaixes. Fiquei uns instantes olhando à minha volta, tentando encontrar algo para isso, quando me recordei da caixinha junto ao meu corpo. Desenrolei o pano e tomei a lâmina partida, começando a soltar o primeiro gancho quando o capricorniano me olhou assustado, fitando diretamente à lâmina. Cuspindo sangue, começou a tremer e falar ao mesmo tempo:

— Essa lâmina, com essa lâmina você pode derrotar os monstros no castelo e eles não levantarem mais. Use essa faca neles e...

Antes de terminar o que estava falando, a cabeça do feral tombou pra frente, o corpo se debateu por uns segundos e muito sangue coagulado desceu por sua boca aberta. Ele havia partido, seu sofrimento havia acabado. Desci do banquinho tentando conter a avalanche de lágrimas que descia dos meus olhos, mas era quase impossível.

Eu sentia a dor daqueles seres que nem havia conhecido e uma sede de me vingar por eles se apossou de mim. Se o tal feiticeiro que havia feito isso com eles estava no castelo, no mesmo lugar em que a princesa estava presa, era para lá que eu iria. Porém, obviamente precisava de um plano e de armas.

Escalei a parede com dificuldade, escapando do buraco por onde havia entrado. A lua brilhava a meio céu, indicando que logo seria meia-noite e, algumas horas depois, o dia iria raiar. Precisava não só buscar as armas que eu e Olaf enterramos próximo aos portões de Grai, o que me levou a retornar meu pensamento para uma pessoa que precisava ficar ciente de tudo que eu descobri nas duas últimas noites.

— Preciso achar Olaf! O problema é: por onde começo a procurá-lo? – Falei comigo mesma, com os braços cruzados, esperando talvez um certo coro de vozes mágicas surgirem de novo e me indicarem como achar meu mestre perdido.

ربال ∞Ω∞ ربال

— Não parem, homens! Não iremos parar até estar diante dos portões do castelo real em Grai!

Nove cavaleiros da Segunda Cavalaria haviam me seguido. Nove loucos que sabiam que podiam perder seu título e posição no exército por acompanhar uma capitã desertora em uma missão não autorizada em outro reino. Desertora, era nisso que eu, Nadja, conhecida por ser uma das servas mais leais do Rei Lucien, havia me transformado nas últimas semanas: abandonei meu posto, cruzei o país e estava agora burlando o segundo entreposto de fronteira de Otyg, induzindo aqueles que ao meu lado cavalgavam a entrar de modo clandestino em uma outra terra.

Qual era a minha justificativa para tudo? Um dragão me contou que um inimigo de Krônia estava vivo e liderava uma conspiração contra uma família real aliada de nossa coroa. Se eu havia contado sobre esses detalhes para meus cavaleiros? É lógico que não, eles só corriam e lutavam conforme eu ordenava. Eles confiavam em mim e era baseado nisso que seguíamos juntos.

Ross era sempre o mais corajoso, ou cara de pau mesmo, em dirigir a mim as perguntas perniciosas e que os demais nem sempre tinham coragem. Ele cavalgava muito bem e era um dos poucos que me seguia casco a casco. Logo percebi que a proximidade do alazão dele com o meu não era à toa, e como já tinha previsto, uma pergunta foi lançada.

— Chefinha, então..., estamos meio que entrando em Otyg. Metade do exército de fronteira nos segue através das estradas reais e à frente, está na capital, que se não me falha a memória, também é bem vigiada em termos militares. Eu acredito totalmente na sua capacidade de lidar com situações caóticas, mas...

Parei o cavalo subitamente, virei na direção dele e soltei um berro a plenos pulmões, liberando de uma vez uma fala que já deveria ter feito a dias. Só que estava tão concentrada em chegar o mais rapidamente possível a Otyg que havia me reservado ao direito de ordenar mais e fazer menos.

— Não é uma missão suicida, ok? Eu não pretendo morrer aqui e não vou deixar nenhum de vocês sequer ficar perto disso! Porém, eu disse nos portões da Cidadela Esmeralda e digo aqui novamente: aqueles que desejam voltar, voltem. Aqueles que continuarem, tenham ciência. Vamos invadir a capital de um reino e exigir um encontro com um rei e uma princesa de uma linhagem real muito antiga, que podem estar em situação de grande perigo.

— Então, você está atraindo deliberadamente o exército que está fora de Grai para dentro da cidade, capitã? – Falou Dichen, aproximando-se de mim. — Esse é o seu estratagema?

— Sim, parte dele. Confesso que não trabalhei bem nos detalhes no meio disso tudo, mas se o Rei Vougan e sua filha Brunhild estão correndo perigo, a primeira parte da nossa missão em Otyg é encontrar uma forma de salvá-los. Usar o próprio exército deles para isso é só um caminho para nossa missão final.

— E qual seria ela, minha bela capitã? – Falou novamente Ross.

— Pegar o desgraçado do Valachias pelo pescoço e o levar arrastado para Krônia. Se esse lixo humano tem algo a ver com toda a crise que está acontecendo nos dois reinos, tenho certeza de que o próprio Rei Vougan ficará muito agradecido quando limparmos sua terra da presença desse traste!

— Senhora, entendo a sua ansiedade de alcançar logo a capital, mas os animais estão exaustos e nós também. Então, já que abrimos uma boa distância dos nossos perseguidores, o que acha de um pequeno descanso? Uma hora ou duas já revigoraria a todos e, quando o sol raiar, estaríamos entrando portão adentro em Grai...

Ross não conseguiu terminar de falar o que planejava. Ele nem ao menos viu o que o atingiu, só gritou de dor e cuspiu sangue diante de nós. Uma lança surgiu do nada e foi arremessada com tamanha força que atravessou o corpo do meu fiel companheiro de cavalaria de modo que a lâmina em sua ponta ficou visível.

Por detrás dele, vários homens vestidos como soldados foram emergindo, saltando de cavalos. Pareciam humanos, vestiam-se como humanos, mas seus gritos eram semelhantes ao de feras sedentas por sangue de dentro das florestas e o

cheiro que exalavam era pútrido e nada natural. Oito dos meus outros colegas de viagem se lançaram ao ataque contra os estranhos oponentes recém-chegados. Já meu amigo ruivo, só se ajoelhou no chão e, com os olhos cobertos de lágrimas, me chamou baixinho com a força que lhe restava.

— Capitã..., só diga a Sophie que eu a amava, muito.

Me joguei do cavalo do jeito que consegui, em direção a ele, deitei-o sobre a relva e estava a ponto de quebrar a lança para tentar removê-la quando as mãos ensanguentadas do meu amigo cobriram as minhas e com sua voz já bem fraca falou.

— É tarde, não perca tempo comigo. Não escapo dessa não, chefinha. Você sabe, né? A gente que vive de brigar pra viver sabe quando está indo embora de vez...

— Cala a boca, Ross, você está gastando energia falando asneira! – Quebrei a ponta da lança e joguei ela longe. Já estava o apoiando sobre meu corpo pra remover o cabo de madeira quando ele falou baixinho, de modo que só eu ouvisse.

— Chefinha, promete que não vai enterrar meu corpo na estrada? Promete que eu terei um daqueles funerais chiques, com flores?

Os ruídos de batalha cresciam à minha volta, mas eu os ignorava, por hora. Em pé e ao meu lado agora estava o sempre soturno Murab, que fitava Ross com os mesmos olhos de desespero que os meus. A lança havia rasgado vários órgãos internos e, agora, tanto eu quanto o chão em volta do nosso colega de cavalaria estava coberto por um sangue grosso e vermelho escuro. Ele tremia e gemia de dor ao mesmo tempo, o estrago era grande demais para ser suturado ou curado com ervas. Ross estava morrendo.

As lágrimas brotaram nos meus olhos e eu chorei desesperadamente, porque uma parte de mim sabia que quando dissesse o que ele queria ouvir, ele partiria. Passei a mão suja de sangue, secando o rosto molhado do choro e falei, por fim, com a pouca altivez de capitã que consegui reunir naquele momento, acariciando seu rosto, me detendo em sua barba ruiva bagunçada.

— Sophie saberá que morreu lutando como guerreiro e que a amava mais que tudo. E terá o funeral com mais flores e bebidas que toda Cidadela Esmeralda jamais viu...

Ele olhou para mim através dos seus belos olhos azuis, que já haviam conquistado muitas mocinhas em nossas aventuras e missões pelo reino, esboçou

seu sorriso sacana de sempre e falou quase em um sussurro:

— Obrigado, capit... – E morreu, nos meus braços.

Eu queria continuar a chorar, queria mesmo. Porém, naquele momento, depois de colocar o corpo de Ross no chão e olhar à minha volta, vendo todos os meus homens engalfinhados lutando contra soldados claramente pouco humanos, uma fúria gigantesca se apossou de mim: eu me vingaria por meu amigo, mataria todos ali, um a um. Sem piedade. E o primeiro seria o assassino do meu colega ruivo, que me olhava de forma assustadora, sem piscar os olhos, de cima de um alazão de pelugem escura, a poucos metros.

Apontei para ele e murmurei uma ordem ao único cavaleiro que ainda estava lutando: — Traga-o pra mim, Murab.

Murab sacou suas adagas e pulou no pescoço do soldado com uma velocidade tremenda. Ele arremessou o cara com um dos seus golpes de luta aprendidos nas terras desérticas e ergueu o pescoço, o imobilizando e trazendo em minha direção. Mas o soldado zumbi se desvencilhou dele, jogando-se no chão e correndo sobre os braços e pernas como se fosse um cachorro ou cavalo.

Então, guinchou como um animal selvagem e um quinto braço, agora com unhas longas como garras, simplesmente saiu de suas costas e tentou me agarrar. Logo, todos os outros soldados começaram a ter outras pernas, braços, mãos ou cabeças saindo de seus corpos. Dichen e Orfen foram os primeiros a se pronunciar diante do bizarro quadro que nos rodeava.

— Capitã, o que são eles?!

— Os ferimos com as armas, mas eles se levantam de novo! O que diabos está acontecendo aqui? Agora tão virando outra coisa, que tipo de monstros esses caras são?

— Isso, meus caros, são Draugres. São guerreiros que já foram humanos, mas hoje são cascas vazias e monstruosas que só seguem as ordens do seu Senhor.

— Senhor? Está dizendo que alguém controla eles?

— Não via criaturas como essas desde as guerras carmesim. Há um feiticeiro necromante por perto e eu vou tratar dele exatamente do mesmo jeito que lidei durante as batalhas na última guerra.

— E como fará isso? – Perguntou Pietr, decepando mais um braço de um Draugre magricelo com três cabeças que tentava morder sua perna.

— Na minha melhor forma, como feral.

Respirei fundo e deixei a fera fluir dentro de mim. O cheiro da matança, a raiva pela perda de Ross, o instinto de caça. Tudo ao mesmo tempo, tudo no seu devido lugar. Aquela era uma noite para feras e eu não perdia quando deixava de ser somente a Nadja, a capitã, e virava a que chamavam Fúria Rubra.

— Bem-vinda de volta, Ursa, faça o que achar que deve ser feito.

Só deixei o calor vir e me lancei à batalha, enquanto meu corpo ainda mudava, rasgando o pescoço do primeiro que veio contra mim, com um único golpe de minhas recém-nascidas garras.

ريال ∞Ω∞. ريال

O líder dos navegantes, que eu descobri se chamar Âmbar, pertencia a uma família de comerciantes especializados em mercados com raças ferais. Tinham negócios com metamorfos por toda Finntroll, Turisas e Krônia, muito embora possuísem contatos em nosso reino que fizessem essas negociações por eles, visto que não eram bem vistos pelo Rei Lucien. Também não eram bem quistos pelos capricornianos, após certas situações nas guerras carmesim: algo sobre tentar invadir Ensiferum e uma treta com um dragão verde atrás de escamas e que havia criado um grande problema para ser resolvido.

Âmbar aparentava ser um homem bem adulto à primeira vista, mas logo quando estava caminhando à sua volta, percebi que era bem mais jovem do que aparentava, muito embora a forma como comandava seus homens remetia a alguém com bem mais experiência de vida. Logo descobri que, por detrás do cabelo desordenado longo e da barba por fazer, havia um rapaz de somente vinte primaveras.

Na verdade, aos poucos percebi que o grupo de mais de vinte homens do qual eu fazia parte naquela noite era em geral bem “jovial”. O mais velho ali não devia passar de um quarto de século. Isso me trouxe alguma apreensão: afinal, ninguém quer entrar numa briga com criaturas que nem ao menos ainda sabe o que são e na companhia de pessoas cuja juventude possa significar falta de habilidade acumulada em batalhas.

Os navegantes haviam infiltrado homens entre os soldados do castelo. Foram eles que descobriram, após investigações noite adentro pelos corredores reais, que Veiga havia firmado uma espécie de acordo com Valachias e que ele havia trazido consigo a Grai um feiticeiro de longos cabelos brancos e olhos vermelhos sangue,

um homem que convocava monstros. O tal albino, como era descrito pelos navegantes, aparecia pouco no castelo e, sempre que estava lá, algo terrível ocorria: algum soldado sumia ou aparecia morto, animais domésticos enlouqueciam e se jogavam no mar. Comida apodrecia subitamente na cozinha.

Ele havia feito algo com o regente de Otyg, algo que o tornava menos humano e, desde então, as mortes e sumiços de serviçais e militares de patente rasa nos limites do castelo haviam triplicado. Principalmente aqueles que andavam pelos calabouços reais. A perspectiva de entrar no castelo através desses túneis e celas ficou bastante desagradável após ouvir essas falas, contudo, os subterrâneos eram a melhor forma de penetrar os muros reais de Grai sem ter que enfrentar um exército inteiro para tal.

A entrada que usariamos para entrar nos calabouços era o final de um canal, por onde o esgoto e dejetos do castelo eram atirados no oceano. Quando chegamos finalmente ao nosso fedorento destino de entrada, após uma caminhada na escuridão iluminados por tochas, só conseguia pensar que iria querer um longo banho após entrar no buraco escuro e cheio de grades diante de nós. Então, um pensamento cruzou a minha mente, o qual acabei falando em voz alta.

— Como assim esse lugar não é guardado por nenhum soldado? Tem algo de errado.

Âmbar enfiou as mãos entre as grades e, para minha surpresa, desencaixou e retirou uma das barras de ferro a jogando longe, mar adentro. Logo os homens faziam isso com todas e ele me dirigiu a palavra, com o rosto encoberto na completa escuridão de onde estávamos:

— Havia uma patrulha que se revezava ficando aqui. Todos foram mortos ou desapareceram, as patrulhas que os substituíram pegaram tanto medo dessa área que se negam a ficar aqui quando a noite cai, eles voltam pros prédios em torno do castelo e se escondem. Ainda assim, a covardia deles nos permitiu descobrir essa entrada e trabalhar na serragem dessas barras há semanas. Pronto, podemos seguir pelos túneis agora, fiquem juntos e evitem ruídos altos.

Os túneis pareciam um grande labirinto escuro, úmido e com um cheiro deplorável, do que achávamos se tratar esgoto. Porém, conforme penetrávamos neles em direção ao castelo, guiando-nos por um mapa que Âmbar carregava consigo, certamente roubado por seus homens infiltrados, percebi que aquele ambiente parecia mais sombrio e pouco convidativo do que de costume. Mesmo para um calabouço, estar ali andando despertava todos os meus instintos de “perigo” e “saia daí, tem alguma coisa muita errada nesse lugar”.

— Esse lugar me dá arrepios. — Murmurei achando que ninguém ouviria, mas Âmbar prontamente respondeu:

— Causa em todos nós, ferreiro do continente.

Depois de algum tempo andando pelo labirinto de esgoto e pedra, chegamos a um corredor mais longo, cheio de portas com grades, a parte principal dessa prisão arcaica. Nesse momento, encontramos uma surpresa não muito auspiciosa: pilhas de corpos se acumulavam caídos pelo chão de pedra, imersos numa mistura de sangue seco, limo e teias de aranha.

Enquanto caminhávamos túnel adentro, desviando dos cadáveres a cada passo, percebi que as vestes indicavam todo tipo de vítima, de mendigos a soldados rasos. Alguns, vestidos de tecido um pouco mais coloridos e bordados, indicavam serviçais. Aquela parte do calabouço havia se tornado um depósito de mortos, provavelmente um lugar para ocultar aquelas mortes e desaparecimentos.

— O que diabos aconteceu aqui? — Falei, ao sem querer chutar um crânio. Tem pessoas que parecem ter sido mortas ontem e outras, há meses atrás...

— Eu te disse, monstros. — Falou Âmbar, pegando sua tocha e levantando um pouco mais para dar maior iluminação.

Estávamos alcançando o fim daquele corredor, mas, ao fazer isso, a luz da chama mostrou uma nova surpresa para nós. Em pé, no final do corredor onde havia uma bifurcação que conduzia às escadarias que nos tirariam dali direto para dentro do castelo, um homem estava de pé, nos fitando através de olhos esbugalhados e com uma boca aberta com a língua torta, pendendo para fora. Suas vestes eram as de um soldado da guarda do castelo, mas estavam imundas e molhadas.

O cara parecia estar a ponto de cair no chão e só estava de pé porque se encontrava escorado no arco de pedra da passagem. Uma fumaça fina saía por entre seus lábios, indicando que ele respirava, muito embora não tenha feito nenhum movimento de guarda ao ver um grupo de invasores armados dentro de um lugar que ele aparentemente vigiava. O homem parecia tomado por um transe.

— Qual o problema com esse soldado?!... — Questionou um dos navegantes, pegando sua arma e já se preparando para um talvez confronto.

— Estranho... tem alguma coisa de familiar nesse cara. — Falei baixinho para mim mesmo, tentando me recordar o que nele estava me trazendo memórias.

O cara então gargalhou de uma forma estridente, lançou-se ao chão e começou a correr em nossa direção com as mãos no chão, como se fosse um animal quadrúpede, não um ser humano. Naquele instante, a lembrança que eu buscava na minha mente veio, enfim, à tona. Eu já havia lidado com seres iguais àquele cara, que ao se aproximar do primeiro navegante, jogou-se contra ele, derrubando-o no chão e o atacando com mordidas e arranhões.

— Draugre! – Gritei, anunciando o nome da criatura para todos, esperando que alguém já tivesse lidado com eles, além de mim.

— O que disse?!

Antes que eu pudesse responder à pergunta do jovem líder navegante, peguei a espada que havia recebido recentemente e decapitei o monstro com um golpe único, tirando-o de cima do jovem navegante, que ficou tão aturdido com o ataque que nem havia ao menos conseguido se libertar do monstro sobre ele.

Logo risadas e sons semelhantes se ouviram do fundo do corredor de onde havíamos vindo. Outros Draugres vinham se arrastando pelo teto e chão, nos caçando.

Um deles, dessa vez uma mulher, se lançou do teto em cima de mim e de Âmbar, que a chutou antes de cair, atirando-a contra a parede. Corri na direção dela e a chutei, virando-a para cima. Após segurá-la no chão com uma mão contra seu peito, decepei sua cabeça com a outra, antes que sua transformação se concluísse.

Quando me toquei, os outros homens do grupo já haviam percebido que só atacar nos pontos vitais não pararia aquelas criaturas e também estavam cortando as cabeças dos Draugres, mas parecia que eles não paravam de vir da escuridão. Em um determinado momento, Âmbar parou ao meu lado e olhou a um dos monstros que havíamos derrubado e, então, atirou sua tocha na carcaça, que começou a arder em chamas.

— O dia logo irá raiar! Não podemos mais perder tempo aqui, precisamos prosseguir.

Âmbar assoviou de uma forma diferente, fazendo três sons curtos e um mais longo. Prontamente os outros navegantes olharam para ele e assentiram com as cabeças. Agrupamos mais próximos e começamos a subir as escadarias do final do corredor, de costas, lutando pela frente com as criaturas que ainda surgiam. Dos andares superiores, o som do metal de armas sendo carregadas começava a ser ouvido, junto a um burburinho de vozes que vinha aumentando.

— Esse barulho todo aqui embaixo com certeza chamou a atenção dos guardas.

— Homens, armas em punhos daqui para frente. Hora de chegar aos pisos superiores desse castelo!

Continuamos a subir até alcançar um nível em que as escadas ficavam menos largas e retangulares. Como eu havia previsto, havia outros Draugres nas escadas acima, também. Essas escadas menores davam para novos corredores e câmaras, que pareciam ser de uma parte menos antiga do castelo. Ainda assim, o cheiro de morte e a presença de mais corpos e monstros indicava o que eu temia: o lugar era o ninho de um necromante. Avançávamos devagar, fazendo o possível para eliminar qualquer criatura que aparecia o mais rápido e silenciosamente que conseguíamos.

— O que são esses Draugres, afinal de contas? – Perguntou um dos navegantes mais jovens, que tinha a pele cor de canela e os olhos mais negros que já havia visto na vida.

— Já foram humanos. Humanos que foram atacados por uma criatura invocada por um necromante e sobreviveram. O que resta é essa casca em si que estão vendo. Eles ainda acham que estão vivos e bem por alguns dias, depois procuram a escuridão e vão deixando de ser pessoas. Viram outra coisa...

Procurei explicar da forma que eu havia ouvido essa mesma explicação há 15 anos no passado, quando Hector foi para o campo de batalha com um exército cheio de Draugres e acompanhado pelo necromante Valachias. Foram essas ações e envolvimento com a magia negra que selaram a sua sentença de morte, pedida pelo Conselho Púrpura, e que acabou sendo cumprida pelo exército de Lucien, que hoje detinha o título de rei.

Havíamos chegado a uma espécie de sala que já fazia parte dos pisos superiores do castelo, mas a porta que levava para o outro lado estava fortemente presa. Enquanto os homens trabalhavam para abri-la, subi em alguns baús e tonéis que estavam empilhados em um canto e observei pelas frestas o pátio do palácio, tentando ver o que os soldados estavam de fato fazendo do lado de fora, já que não haviam entrado nos túneis em nosso encalço.

Nesse instante, fui pego de surpresa ao olhar para lá e ver a minha pequena aprendiz, a quem eu julgava estar em segurança na hospedaria deitada numa cama quente, ser carregada com o corpo coberto de sangue para dentro de um dos prédios de pedra reais.

— Andarim! – Gritei pela pequena entrada de ar da dispensa, mas o som do meu grito foi abafado pela queda da porta de madeira gigante no chão.

Estávamos dentro do castelo e eu precisava salvar a minha menina.

ريال ∞Ω∞. ريال

27. *Dias de lágrimas*

O dia mal havia amanhecido quando fui arrancada da cela em que vinha sendo presa todas as noites e jogada no meu antigo quarto, que estava cheio de serviçais. Havia uma tina de água fumegante no centro do quarto e, sobre a minha cama, um dos meus mais requintados vestidos estava disposto. As aias que estavam ali não eram as que sempre me atendiam antes, eu nem reconhecia essas meninas como parte do serviçais do castelo.

— Sua Majestade Veiga nos deu ordem de prepará-la para a reunião com os ministros. Entre na água, precisamos banhá-la. — Falou a serviçal mais velha, que possuía um ar desagradável no olhar e na forma de falar.

— Então avisem para o traidor da coroa que não irei para porcaria de reunião alguma. — Cruzei os braços e sentei no chão do quarto, determinada a não me levantar dali.

A mulher fez sinal para os dois soldados que haviam me conduzido da cela até o quarto, que simplesmente me levantaram do chão e me jogaram dentro da tina de água. Logo, havia pelo menos três garotas à minha volta, que me forçaram a permanecer imersa na água e começaram o processo de me lavar e escovar, até que minha pele estivesse vermelha e dolorida.

Vendo que eu seria obrigada a passar por todas as etapas daquele processo humilhante sem poder questionar e considerando que na reunião estariam presentes os ministros que meu pai havia nomeado antes da doença, decidi ceder a situação e deixá-las me preparar para ir ao encontro do desgraçado do Veiga.

Enquanto isso, na minha cabeça, tentava formular algum plano para chegar ao quarto destinado ao rei, onde meu pai repousava ainda muito doente, informação que eu havia tirado de um guarda em troca de um dos meus brincos.

Por fim, já vestida e com o cabelo devidamente arrumado em uma longa trança ornamentada, fui guiada pelos soldados até a sala do trono, onde o regente traidor me esperava sentado no trono da minha família, usando roupas caras e seu sorriso mais debochado e infame possível.

— Bem-vinda à minha coroação, princesa Brunhild!

Ele se levantou do trono e veio ao meu encontro, me envolvendo em seus braços. Me desvencilhei e caminhei para trás, quase a ponto de vomitar nos pés

dele, por ser obrigada a olhar para esse traste antes de fazer a primeira refeição do dia.

— Como você pode ser coroadado se meu pai ainda está vivo e você nem ao menos pertence a linha sucessória real?

— Acredito, princesinha, que isso irá mudar em alguns instantes, pelos meus cálculos.

Nesse momento, o sino da torre mais alta do castelo começou a badalar, sete badaladas repetidas sete vezes: a indicação da morte de um monarca. O sinal da morte do rei. Meu pai estava morto e eu não conseguia assimilar aquilo.

— Na verdade, princesa, seu pai já não está entre nós desde a noite passada. Mas como os ministros do reino estavam para chegar agora pela manhã, decidi usar um pouco de dramaticidade para esse momento e ordenei que o sino só fosse tocado quando eles já estivessem a caminho do castelo, para que pudessem ouvir que seu amado rei estava morto. Logo, todos estarão aqui e discutiremos a minha ascensão como o próximo rei.

—Papai...— Meus olhos se encheram d'água e as lágrimas desceram pelo rosto, não importando o quanto eu lutasse pelo contrário.

Eu não podia chorar agora, precisava preparar o corpo do meu pai para o velório, precisava pensar em como faríamos uma despedida à altura do homem que ele havia sido. Meu pai não era do tipo carinhoso, na verdade, era bem pouco presente como pai em si. Confesso que após a morte da mamãe pouco o via, já que estava sempre entretida com aulas de etiqueta, costura, idiomas... às vezes nos esbarrávamos pelos corredores do castelo, eu entre minhas inúmeras aulas e ele entre suas reuniões e viagens. Mas quando nos encontrávamos, eu sentia o carinho em seus olhos, apesar da ausência de palavras. Quando eu o via, sabia que ele me amava, mesmo sem receber nunca um abraço.

Quando ele voltou doente, fui uma boa filha e estive todo o tempo possível ao seu lado. Cuidava dele noites adentro, colocando compressas de água em sua testa febril e o alimentando, mas os dias dele doente viraram semanas e, conforme seu quadro piorava, surgiu um pedido do boticário que estava cuidando dele. Pedido esse que foi acatado e reforçado pelo meu enfermo pai: o de que eu mantivesse distância do quarto, pois a doença do meu pai poderia ser transmitida para mim.

Eu desobedeci a ordem várias vezes após isso, mas a desconfiança que ele não mais acordaria, após a perda de consciência depois de uma crise de febres e delírios muito forte, me trouxe medo. Junto a isso surgiu o sentimento de que eu deveria ser uma boa menina e uma boa princesa, que eu deveria obedecer às ordens sem questionar. Passei a evitar aquele quarto, aquele corredor, aqueles pensamentos. No fundo, eu sabia que ele partiria como minha mãe, só não tinha coragem suficiente para estar ao lado dele naquele momento.

Ainda assim, mesmo com o coração quebrado, eu não desabaria na frente do assassino do meu pai. Então, enxuguei minhas lágrimas com a manga longa do vestido cor vinho em que havia sido vestida, ergui meu queixo e falei com a voz mais controlada e alta que consegui emitir naquela hora:

— Se me der licença, preciso acompanhar a preparação do velório do meu pai. Curta a sua “coroação”, Rei Veiga. Fiz uma leve reverência e então cuspi em seus pés e me virei de costas, pronta para sair da sala do trono.

—Sua!

Ele cambaleou em minha direção e me agarrou pelo vestido, me virando para ele e pronto para me agredir com um tapa. Porém, antes que ele desferisse o tapa, as portas da sala do trono se abriram e um pajem anunciou em voz alta a chegada do ministro das cidades inferiores, com o da agricultura.

Os homens entraram arrastando suas capas de tecidos ricos com passos ansiosos, e muito embora já tivessem em outros momentos me tratado com grandes honrarias, enquanto meu pai estava vivo, ao me verem ali só fizeram uma leve reverência e foram se sentar, quase como se eu não estivesse ali. De imediato percebi que eles pertenciam ao grupo de pessoas do reino que estava desde o princípio conspirando com Veiga contra meu pai, e isso me revoltou.

O traidor soltou meu braço e se sentou no trono para aguardar a chegada dos demais, já que poucos instantes após a entrada dos dois primeiros, outro pajem adentrou a porta anunciando a chegada do ministro do exército. Este entrou pisando firme, com a espada presa à cintura, e foi direto ao trono falar com Veiga, mas foi calado por um gesto dele e forçado a se sentar em sua cadeira no semicírculo em torno do trono por um grupo de guardas.

Assim, um a um os dezessete homens de confiança do meu pai chegaram para aquela reunião convocada pelo regente, dias atrás. As conversas paralelas entre eles citavam a morte do meu pai com certa desconfiança e temor. Quanto a mim, fui posta em pé próximo ao trono como se fosse uma estátua e ordenada a

ficar ali até o final da reunião, sem me mexer ou falar, quando a minha real vontade era gritar e muito.

Somente quando todas as cadeiras em torno do trono estavam ocupadas foi que Venon interrompeu o burburinho e as vozes paralelas cessaram. Ele fez um sinal aos soldados, que se retiraram junto aos pajens, só ficando na sala os ministros, ele e dois guardas segurando lanças, guardando a porta para que a sessão não fosse interrompida, e eu. Então, com sua voz irritante, proclamou entre os presentes em voz alta:

— Vamos ao que interessa, Senhores! Esse é o momento de uma nova alvorada para Otyg, um novo dia para esse reino nasce em definitivo hoje.

Todos olharam para ele de imediato, alguns com certa admiração perante a sua figura, outros com claro desconforto. Ele deixou o trono e começou a caminhar, passando diante das cadeiras enquanto falava.

— Hoje, meus estimados ministros e princesa Brunhild, é o dia em que todos se ajoelharão perante seu novo Rei, eu!

ريال ∞Ω∞. ريال

O sol há muito já havia saído, mas aqueles monstros continuavam chegando. O quadro era claro, aqueles Draugres tinham sido deixados ali para nos atrasar a chegar em Grai. Alguém na capital, que lidava com magia escura, sabia que ajuda de fora de Otyg chegaria em algum momento e planejava impedir qualquer ação em relação ao Rei Vougan e sua cidade principal. Em algum momento da luta os monstros subitamente pararam de se mover e o seu mestre, enfim, surgiu diante de nós.

O homem apareceu caminhando lentamente entre as criaturas pela estrada, os zumbis se voltaram para ele, o seguindo com os olhos como se a sua simples presença os atraísse. A aparência dele era diferente de tudo que já vi na minha vida: o cabelo era inteiramente branco como algodão, longo e espesso. Descia em camadas onduladas por sobre os ombros, as pontas sujas de vermelho com o que parecia ser sangue.

A testa estava oculta sobre um tecido embolado como um turbante e as roupas tinham um ar antigo e exótico, a calça larga e a camisa de botões que usava eram cheias de fitas e rendas gastas. Ele, por fim, parou a poucos metros de nós e um último detalhe de sua aparência ficou visível: um par de olhos intimidantes, vermelhos. Uma cor que eu nunca tinha visto em uma pupila.

— Eu devia saber que uma nuvem de Draugres não seria suficiente para matar a lendária Fúria Rubra.

Dentro da forma ursina eu não poderia respondê-lo com palavras humanas, então fiz só aquilo que me cabia. Lancei-me violentamente em sua direção, o atacando com uma patada. O necromante se esquivou com agilidade, saltando metros adiante e falando encantamentos em palavras antigas que eu não conhecia, palavras que fizeram os Draugres se moverem contra mim, me atacando. Eram vários e logo haviam dezenas de dentes afiados sobre mim, me cobrindo de mordidas desagradáveis.

Mesmo cercada de monstros, consegui ver quando Murab, Dichen e Orfen pegaram suas armas e circundaram o feiticeiro, o atingindo com golpes em três direções. Murab saltou sobre suas costas, enquanto Orfen e Dichen, cada um de um lado.

Ainda assim, o homem de olhos carmim rodou como se dançasse com meus aliados, desviando de cada golpe e falando mais feitiços. Alguns dos Draugres que estavam imóveis no chão passaram a se mover novamente e começaram a se jogar contra os três, obrigando-os a se defender dos zumbis e do necromante, que rodopiava e os chutava com grande agilidade.

A cena não poderia ser mais catastrófica: um feiticeiro cheio de truques, um pequeno exército de monstros que parecia não poder ser parado e um dos meus melhores homens mortos, com outros correndo perigo de perecer ali, também. Nesse momento, uma lembrança perdida veio à mente.

Na guerra, quando Hector, o cunhado de Lucien, se mostrou o real perigo entre todas as casas nobres ao fazer uso de magia negra para tentar conquistar a coroa, um elemento dos primordiais foi usado para o parar. Algo que conteve os guerreiros Draugres que os acólitos de feitiçaria haviam vinculado aos exércitos da casa Rubi:

— Fogo!

Nesse instante, eu já havia forçado minha transformação a retroceder e tinha aos poucos a minha voz humana de volta. Estava nua, coberta dos trapos da minha antiga roupa e em meio a vários Draugres que ainda tentavam me atacar, mas a memória das trincheiras de chamas que usamos nas batalhas para combater os zumbis ressurgiu na minha cabeça e vi que se não utilizássemos o fogo, estaríamos em grande desvantagem ali. Só assim poderíamos cessar os ataques dos monstros e, enfim, chegar ao homem de cabelos brancos.

As tochas que usávamos na noite anterior para nos locomover há muito haviam caído e apagado. Ali, desnorreada, tentava raciocinar o que poderíamos fazer quando avistei dois dos meus homens sentados próximos a dois dos nossos cavalos que haviam morrido, ambos tentando se recompor das horas de luta. Foi para eles que direcionei a minha voz, ao ver que os demais ainda lutavam:

—Precisamos de fogo! Peguem os materiais e acendam o maior número de tochas que puderem!

— Fogo? Pra que fogo?! – Retrucou Andross.

— Não discute comigo agora, infeliz, só obedece. O fogo irá parar os Draugres em definitivo!

— Certo, capitã.

Androx rolou sobre o gramado, alcançando o lugar em que as nossas bolsas de viagem haviam caído. Ele era irmão gêmeo de Andross e ambos haviam entrado junto no exército pouco antes da guerra, para fugir da fome em uma das províncias que eram dominadas por uma família nobre exploradora.

Os dois tinham um tom de pele único, mais cinzento que caucasiano, e cabelos negros, cortados na forma militar, com queixos largos e sobrelanceiras grossas e altas. A única coisa que diferenciava os dois eram as cicatrizes com as quais saíram da guerra: um tinha um leve corte abaixo dos lábios em direção à bochecha, enquanto o outro tinha um rasgo na lateral da orelha esquerda, que vinha em direção ao nariz.

Androx começou a esfregar as pedras de fogo freneticamente, resmungando um palavrão ou outro, visto que os objetos escorregavam entre seus dedos sujos de sangue e terra. Uma pequena chama surgiu e, com ela, reacendera uma das tochas. Em instantes, balançando a haste de um lado para o outro, ele afastou os Draugres que agora os rodeavam também, e ambos conseguiram se aproximar de mim, me entregando a tocha acesa e outra, ainda apagada.

O feiticeiro, vendo a nossa movimentação, começou a entoar mais cânticos maléficos e de dentro da floresta criaturas foram surgindo e se agrupando ao seu redor: seres feitos de ossos, carne podre e sombras que lembravam animais como cachorros e corvos. Ele parecia estar preparando a sua investida final contra nós e nós, a nossa contra ele.

Os demais homens da cavalaria, ao nos ver afastando os monstros com as tochas, se agruparam ao nosso redor também. Logo éramos um grupo de nove

peessoas apontando três tochas acesas para uma multidão de Draugres e outras criaturas que nos cercavam em todas as direções.

O feiticeiro branco antes havia tomado uma certa distância e só mandava seus lacaios nos atacar, mas agora também se aproximava, rodeado dos pássaros negros que ele havia conjurado. Meu instinto feral gritava e a urso me chamava a batalha. Estendi a tocha para Verdan: se era para morrer com meus estimados cavaleiros, eu lutaria até o fim, até o ultimo batimento do meu coração. Como a capitã da Segunda Cavalaria, eu os defenderia.

Como a capitã da Segunda Cavalaria, eu os defenderia.

ريال ∞Ω∞. ريال

28. *O chamado de um lar*

Minha partida de Ensiferum havia sido adiantada em uma semana. Sucellus não me deu detalhes do que havia gerado isso, mas o sumiço de Taranis após me entregar o colar e a movimentação constante de capricornianos de um lado para o outro me fez começar a ter medo do que estava acontecendo fora dos lagos, no mundo real. Minhas aulas se tornaram cada mais espaçadas e, muitas vezes, eu era deixado sozinho vagando pela floresta.

É claro que haviam lugares que ainda me eram proibidos de visitar, como o coração da lagoa, uma ilha que ficava no centro do maior de todos os lagos. Segundo Sucellus, eu ainda não estava pronto para conhecer aqueles que residiam ali. “— A hora chegará”, dizia ele.

Foi numa das muitas vezes em que eu estava parado ali em frente, contemplando a ilha – que nada mais era que uma árvore gigantesca fincada em algumas poucas rochas, com suas raízes afundando na água – que meu mestre chegou e me comunicou que o dia da partida havia chegado.

Olhos prateados calmamente me ajudou a fazer minha bagagem e me assegurou por diversas vezes que me auxiliaria a fazer a passagem de volta, através do véu. Havia caído uma chuva leve aquela manhã e quando chegamos aos limites de Ensiferum, ele silenciosamente só pôs sua mão feral em meu ombro e me conduziu passo a passo para fora daquele reino novo que eu havia conhecido.

Atrás de nós iam dois outros capricornianos levando meu baú com minhas coisas e o único som que se ouvia era o farfalhar das roupas se movendo e nossos passos – meus pés calçados com botas e os cascos dos meus companheiros sob as folhas e a grama no chão.

A neblina dessa vez não me apavorou tanto como quando no dia em que cheguei àquele lugar, mas saber que Sucellus estava ali comigo me ajudando a voltar por ela me aliviava a tensão que parecia que ia explodir meu peito. Eu me sentia mais seguro ao lado dele, me sentia junto a um amigo. Quando a nevoa do véu estava quase dispersando e as pedras do ancoradouro já eram quase visíveis no chão, uma mão surgiu e pegou a minha, me puxando para fora da bruma. Uma mão grande em comparação com a minha, com dedos longos, cor de ébano, e que pertencia a um rosto amigável de quem eu vinha tendo um bocado de saudades nos últimos meses.

— Falcor!

Meu amigo-amiga me abraçou fortemente, ignorando todos os protocolos reais e a presença dos outros soldados da Cidadela Esmeralda que nos observavam à certa distância. Esses homens, assim como os que me acompanharam na viagem da vinda até Ensiferum, pertenciam a Guarda Protetora Real, as capas de Xadrez Azul da Terceira Cavalaria indicavam isso.

Todos os soldados que eram enviados em missão assim, que envolviam as raças ferais, conheciam a existência dos povos não-humanos e tinham tido contato com criaturas antes ou depois de entrar no exército: eram pessoas escolhidas a dedo por meu pai, todos eles eram juramentados à coroa e não se importavam com o que viam ou ouviam, jamais compartilhavam com outros sobre isso. O silêncio era uma marca registrada entre aqueles que eram escolhidos como protetores diretos do rei e da família real. Então, eu sabia que eles veriam os abraços, bem como tudo ali, e nada diriam.

— Quanto tempo, nanico! – Falou Falcor, depois de se afastar de mim e cruzar os braços, me olhando de cima a baixo. – Espero que tenha aprendido muito com meus semelhantes. Destruíu alguma coisa por lá sem querer durante sua estadia ou Ensiferum ainda está de pé, inteira?

— Senti sua falta mais do que seu senso de humor e vontade de me sacanear. Mas, sim, aprendi uma coisa ou outra com eles. Vou te contar tudo até chegarmos em casa. – Olhei por sobre os ombros procurando Sucellus, mas meu professor feral e os outros capricornianos já haviam desaparecido nas brumas e minha bagagem estava no chão.

— Ele nem se despediu....

— Ele não é bom em despedidas, acredite em mim..., mas os pensamentos dele estarão sempre contigo até o próximo ano, quando você voltar.

Meu cavalo Bastian estava selado há alguns metros do arpoador da névoa. Quando me aproximei dele, passando a mão por seu pelo caramelo e sentindo seu calor, minha vontade de montá-lo aumentou ainda mais. Peguei sua rédea, pisei na sela e subi em um único movimento. Abracei o pescoço do meu amigo de quatro patas e fiquei alguns minutos ali, até perceber que o grupo estava pronto para seguir viagem. Com minha bagagem acomodada em um dos burros de transporte e Falcor cavalgando ao meu lado, iniciamos nossas viagens pelas estradas rumo ao encontro do meu pai, mãe e irmão.

— Como estão as coisas no castelo?

— Acredito que este assunto esteja na lista das coisas que eu não devo falar com você até chegarmos em segurança à capital.

— Sabia! Há problemas acontecendo por lá, não é? Por isso eu estou voltando antes do previsto.

— Bem príncipe, se você considerar que um dos capitães do seu pai morreu dentro da sala do trono, que a capitã da Segunda Cavalaria desertou e sumiu do reino, sim há alguns problemas.

— Não brinca! Nadja é a pessoa mais fiel ao meu pai de todo o reino, se ela partiu do nada, assim, as coisas estão mais feias do que eu imaginava.

— Você não tem ideia. Há uma conspiração em curso em um reino vizinho e desconfiamos que existem pessoas ligadas à Krônia que tem participação nisso. São tempos muito complicados para o reino do seu pai.

Parei o cavalo e olhei para o meu amigo, que me narrava tudo aquilo com sua aparente tranquilidade de sempre, uma postura tão serena que por vezes era um pouco perturbadora:

— Papai, digo, o Rei Lucien deve estar surtando com tudo isso. Ele me quer no castelo por achar que eu corro perigo longe da cidadela?

— Mas você não voltou por conta dos problemas políticos e palacianos, Príncipe Liam.

Falcor parou de falar, enfiou a mão dentro de uma bolsa de viagem presa ao seu cavalo, tirou um pedaço de tecido branco e estendeu para mim: um dos lenços rendados que minha mãe, Asbel, costumava carregar consigo.

— Sua mãe está decidida a abandonar seu pai e o castelo em Borknagar. Ela está de mudança para o Palacete Rubi e planeja levar Nótt consigo. Seu pai confia em você para ajudar a convencê-la a dissuadi-la dessa ideia.

— Espera aí! O que você está dizendo? Mamãe quer fazer o quê?!

ربال ∞Ω∞ ربال

Tudo era sobre quem iria sobreviver no final, nós ou eles. Não havia fogo suficiente, éramos poucos e estávamos exaustos. Era hora de voltar à forma de ursa e comprar aquela briga em minha figura mais forte. Já estava deixando o calor vir à tona e a transformação retornar, quando algo mágico aconteceu: as chamas de nossas pequenas tochas cresceram subitamente e começaram a levitar e subir,

formando círculos e ondas em direção ao alto, afastando os Draugres que já estavam subindo sobre nós.

Aos poucos, uma voz amiga veio aparecendo na floresta, junto a uma névoa densa que tomou o espaço que nos rodeava. Um som grave e profundo, de um feral muito antigo, ecoou pela estrada:

— Desapareçam, seres que há muito deveriam ter partido!

As chamas então se lançaram em ondas majestosas, muito maiores do que eram inicialmente, contra as criaturas. O fogo estava sendo comandado por um capricorniano de longos chifres enfeitados com ossos, dono dos olhos cinzentos mais amados que eu já conheci: Taranis estava ali.

Os Draugres e demais seres que o feiticeiro havia conjurado foram caindo pelo chão, ao mesmo tempo em que outros capricornianos foram emergindo da floresta. Os outros ferais começaram a caminhar na direção do necromante, entoando uma espécie de canção que fez surgir do chão raízes grossas de árvores que se enlaçaram em seu corpo, subindo pelos seus pés até seu tronco e ombros, imobilizando-o. Ainda assim, ele continuava a falar feitiços e mais algumas criaturas de sombra e ossos vieram da floresta, atendendo ao seu chamado.

O homem de cabelos brancos tentava se debater e se soltar das raízes que o prendiam, sem sucesso. Ao mesmo tempo, as chamas dançantes controladas por Taranis foram em sua direção, rodeando-o. Vi que aquela era uma chance para mim. Avancei contra ele já me transformando em minha forma ursina, investindo contra ele com uma trombada que o atirou no chão, quebrando até mesmo as raízes que os capricornianos haviam usado para o aprisionar.

Atordado, ele ainda tentou se levantar e lutar contra mim, mas antes que sua boca se movesse para pronunciar algum feitiço ou que ele se levantasse para me atacar, desferi uma patada contra seu rosto, tampando seus lábios e o segurando contra o chão. Então eu o mordi, rasgando sua garganta. Em instantes ele estava morto e eu, exausta, pelas horas de luta madrugada adentro.

Ajoelhei ao lado do corpo, analisando o estranho homem que tinha sido nosso adversário, me detendo na cabeça dele, onde o turbante de tecido havia se desenrolado, deixando visíveis duas marcas onde o couro cabeludo começava. Ali, dois chifres pareciam ter sido cerrados. O necromante de cabelos brancos e olhos vermelhos de fato não era humano, mas o que ele era, então? Ouvi o som dos cascos marcando a chegada de Taranis alguns minutos depois. Virei para ele e mostrei o que havia descoberto:

— Já viu algo assim?

— Não que eu me lembre. Mas ouvi histórias sobre...

Os outros seis capricornianos também avançaram até onde estávamos, analisando o corpo do homem, desviando dos monstros que ainda queimavam. Os ferais estavam armados com lanças e arcos longos, e ao chegar do nosso lado, um deles falou com a voz baixa e musical:

— Os soldados humanos que vinham seguindo a Ursina estão quase chegando. Conseguimos os atrasar e impedir de verem a luta, mas em instantes eles estarão aqui.

— Entendo, Murieliah. Fúria, encontre roupas. Preciso que você tenha uma aparência menos feral e mais humana para os recebermos.

Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, ele começou a falar um dos seus encantos musicais e a aparência dele e dos demais capricornianos mudou para a de soldados humanos com vestes do exército de Otyg. Dois dos companheiros ferais dele carregaram o corpo do feiticeiro, o ocultando na floresta, enquanto os demais apagavam as chamas pelo chão e faziam os restos mortais em cinzas desaparecer, simplesmente assoprando.

Logo a estrada estava vazia. Eu jvesti uma calça e uma blusa qualquer, que encontrei em minha saca de viagem. Ao longe, víamos os cavalos e soldados humanos se aproximando. Meus homens, por sua vez, contemplavam o corpo de Ross no chão, enquanto Murab e Verdan o envolviam em tecidos, cobrindo nosso companheiro morto.

— O que estava fazendo em Otyg, Taranis?

— Fui enviado por Sucellus. Os presságios dessa terra estavam aterradores, tivemos informações de vestígios de que a magia de sangue havia retornado ao continente. Achei providente vir o mais rápido que consegui.

Enquanto falávamos, os soldados de fronteira já haviam chegado, empunhando espadas e claramente exaustos por terem viajado a noite inteira em nosso encalço. O brasão em forma de leme, símbolo da família Arianrhod, era visível em seus uniformes. As vozes estavam exaltadas e eles não entendiam bem a cena que encontraram ali. Taranis continuou a se explicar.

— Além do mais, enviei alguém antes de mim e me preocupei com a possibilidade de ele estar em grande perigo, considerando a presença de magia

negra por aqui. – Ele falou baixinho, para que somente eu o ouvisse.

— Quem você enviou para cá antes? – Murmurei para ele, enquanto sentia uma espada ser encostada em minhas costas. Estávamos interpretando papéis e, naquele momento, eu era uma prisioneira pelo que havia entendido.

— Vocês são soldados da capital? Perseguimos esses invasores horas a fio, nos perdemos em um nevoeiro fortíssimo na madrugada e, agora, finalmente os encontramos.

— Seja bem-vindo, capitão de fronteira. Nós os interceptamos agora a pouco, depois do amanhecer. Deixem-me os conduzir ao castelo real e ao regente em Grai.

Meus homens demoraram um pouco a captar qual a mensagem daquela situação, mas ao me verem estender meus pulsos para os grilhões que o soldado de fronteira ia colocar, não tiveram nenhuma atitude impulsiva e esperaram meu comando. Olhei para eles, assentindo com a cabeça, e foram soltando cada um suas armas e se abaixando, em uma posição de rendição.

— Certo, companheiro de armas. Vejo que estão sem cavalos. Auxiliaremos a levar os prisioneiros ao castelo real. Andem homens, prendam os demais invasores.

— Os animais se perderam na luta. Devem ter retornado a galope para os campos em Grai. – Falava Taranis, escondido naquela aparência humana de soldado.

Logo, cada um de nós estava preso a um dos cavalos dos soldados de fronteira e o corpo de Ross, amarrado a um dos animais restantes. Recomeçamos nossa viagem para Grai, agora como prisioneiros dentro de uma caravana, indo muito mais devagar do que eu gostaria a princípio. Taranis viajava no chão, ao meu lado, e assim que percebi que os soldados de Otyg estavam entretidos e conversando entre si, retomei a conversa que estava tendo anteriormente com ele.

— Você ainda não me disse quem enviou antes para Otyg, a fim de investigar. Estou curiosa.

— Enviei um antigo companheiro de batalha seu. Alguém de grande estima sua. Olaf, o ferreiro de Enslaved. Ele e uma pequena feral, que trata como aprendiz, estão há alguns dias aqui na capital de Otyg.

— O que você disse?! Olaf está com quem em Grai? – Gritei com ele, o parando e o fazendo olhar para mim. Os outros homens imediatamente pararam os cavalos e ele teve que me desferir um tapa para manter a farsa. Continuamos a andar e ele, por fim, confirmou minhas mais extremas preocupações com uma frase:

— Andarim. Esse era o nome dela. Uma pequena lobinha de cabelos loiros e olhos verdes.

Naquele momento, me vendo ali, presa com meus companheiros de cavalaria, com um grande amigo morto, enrolado em uma capa e com a certeza de que Olaf e minha pequena Andarim poderiam estar em apuros na capital, vi que precisava mais do que nunca descobrir quais eram as reais intenções do feiticeiro Valachias com essa terra e, mais do que isso, qual a identidade do homem de cabelos brancos na estrada. Precisávamos chegar logo a Grai e *“que por todas as fadas, a minha pequena loba esteja bem”*.

— Taranis, lembre-me de uma coisa quando chegarmos a Grai?

— Hum, o que, Nadja?

— De matar o Olaf, por ter trazido a menina para esse caos.

ريال ∞Ω∞. ريال

29. *Entre garras e lâminas*

Veiga falava de forma impostada e cheia de palavras rebuscadas. Dizia aos ministros que como regente ordenado pelo Rei, antes de sua doença e falecimento, era o único indicado a assumir em definitivo a Coroa. Vangloriava-se de seu papel como ministro do comércio e de todas as supostas conquistas que havia trazido ao Reino.

À minha volta os ministros sussurravam entre si e infelizmente, alguns pareciam concordar com as coisas que o conspirador apresentava. Ele estava os convencendo e isso me enfurecia muito. Até que Aurelion, um dos homens mais velhos presentes e mais ligados à linhagem antiga do meu nome, já que iniciara seus trabalhos servindo ao meu avô, tomou a palavra e falou:

— A linhagem real ainda não foi extirpada como falas, Regente Veiga. A morte do Rei Vougan foi súbita e uma perda irreparável para Otyg. O trono pertence à família Arianrhod e, em nosso reino, a coroa é passada de forma hereditária. Você não é rei, porque não está na linhagem de sucessão.

— Mas o Rei Vougan não teve nenhum filho homem! Ele foi um homem fraco, que só teve uma única filha, a princesa Brunhild, que está aqui entre nós. — Gritou Larione, o ministro da agricultura que estava na outra extremidade da sala.

Aurelion se levantou de sua cadeira e começou a caminhar até mim, com os olhos cheios de água e emoções que eu conseguia sentir só de ver. Havia pesar, preocupação, mas principalmente carinho. Ele se importava verdadeiramente comigo e, naquele momento, percebi que seria meu maior aliado daqui para frente, não importasse o que eu fosse encarar.

— O sangue dos Arianrhod corre na menina. Se as normas antigas de nosso reino não permitem que ela seja coroada como Rainha por si só, que então aguardemos até que ela tenha idade suficiente para que um casamento à altura seja promovido. Que seu companheiro em matrimônio assuma um novo sobrenome como as antigas rainhas viúvas já fizeram em tempos de guerras e perdas.

Veiga se levantou do trono e foi até mim e Aurelion, pegou a minha mão à força e a levantou, fazendo meu pulso doer no processo.

— Me casarei com a princesa, então! Assim, me tornando seu consorte, a vontade do seu pai de que eu ficasse no comando do reino será respeitada e toda essa baboseira de linhagem real continuará...

Para minha real surpresa, vi alguns rostos esboçando sorrisos e balançando a cabeça, considerando a ideia, e não pude mais me conter. Então, gritei:

— Eu jamais me casarei com o assassino de meu pai!

Não permiti que ele falasse mais palavra alguma envolvendo um casamento comigo. Era um ultraje que ele achasse que poderia tomar a coroa e a mim de uma forma tão vil e falsa. Não sabia de onde havia surgido a coragem que me inflamava agora, mas não podia permitir que eu fosse presa para sempre a ele, ainda mais dentro de um matrimônio. O empurrei para longe de mim e deixei vir à boca todas as coisas que estavam entaladas na garganta desde o primeiro dia em que ele ordenou que eu fosse presa à uma cela.

— Vocês eram todos idiotas assim, enquanto serviam ao meu pai? Ou a doença dele os tornou tão incompetentes, dessa forma? Ele matou o seu rei! Conspirou com homens que estão aqui nessa sala para roubar a coroa, envenenou meu pai, ao qual vocês juraram fidelidade. E, agora, está envenenando o coração de vocês para que façam a minha desgraça e me deem a ele como esposa!

Aurelion juntou as suas mãos sobre suas vestes verdes, ricamente bordadas, e pronunciou de forma solene a todos, olhando para o usurpador do trono com uma expressão de desprezo perceptível:

— É uma acusação muito forte, minha princesa. Precisamos apurá-la com o conselho real. Até lá, o Regente Veiga não pode nem ser coroado Rei, nem muito menos contrair matrimônio com a Majestade Brunhild.

Os demais ministros imediatamente viram que era uma situação complicada. Se discordassem de Aurelion, poderiam ser acusados de ter tramado a morte de meu pai com Veiga, se a minha acusação fosse comprovada. Mesmo aqueles que eu já sabia que estavam enfiados na conspiração abaixaram a cabeça e nada falaram contra as palavras daquele estimado conselheiro da coroa. Talvez eu ainda pudesse escapar no fim das contas.

— Você não tem voz aqui, velho arrogante. – O assassino de meu pai soltou uma gargalhada ao falar isso, fazendo sinal para que os dois soldados da entrada avançassem para Aurelion, com armas em punho.

Enquanto isso, os demais ministros passaram a discutir entre si. Suas vozes se misturaram numa canção caótica: alguns defendiam que Veiga era o Rei ideal naquele momento. Outros falavam que eu deveria ser ouvida e que as acusações de conspiração eram muito graves para serem ignoradas.

No meio dessa bagunça, vi os soldados tentando conduzir Aurelion para fora da sala do trono, enquanto o ministro ia caminhando contra a parede do lugar, tropeçando nos meus próprios pés. Eu precisava conter aquela bagunça, mas não tinha ideia do que fazer, até ver um vaso de porcelana em uma das janelas e, sem pensar duas vezes, o tomar e atirar contra o usurpador, que havia voltado a se sentar no trono do meu pai, com o olhar mais petulante possível.

Ele se desviou no último momento, abaixando-se, de modo que o vaso não o atingiu diretamente. Mas o som da porcelana se partindo contra a madeira de lei do trono do meu pai fez com que o silêncio acontecesse, já que todos pararam de discutir para voltarem seus olhos para ele, que agora estava coberto de terra, pedaços de planta e cacos do vaso.

Veiga me fuzilava com o olhar e, nesse momento, sua máscara de homem da nobreza caiu de vez. Levantou-se do trono, marchou em minha direção e me jogou no chão com um empurrão brusco. Antes que eu pudesse me mover, pisou em minha mão e a apertou contra o chão. Alguns dos ministros ao verem a cena se revoltaram e, por ainda me serem fieis, lançaram-se contra ele tentando me proteger, incluindo Aurelion.

— Sua pirralha inútil! Não entendeu ainda que não pode me vencer? Agora eu sou poder puro, você deve se ajoelhar a mim, você deve ter medo de mim. E se não deseja se unir a mim como esposa, te matarei aqui mesmo e serei rei de uma vez, sem mais obstáculos. E se esses ministros inúteis querem tanto assim te proteger, morrerão todos com você agora mesmo, Princesinha.

A voz de Veiga parecia mudar conforme ele pronunciava as palavras, tornando-se algo gutural e animalesco. Seus olhos começaram a crescer e suas pupilas ficaram vermelhas. Seu rosto começou a se desfigurar, assim como todo o resto de seu corpo, que cresceu e ficou com um tom de pele roxo. Suas vestes se rasgaram quase inteiras e logo ele havia virado alguma coisa que parecia ter escapado de uma história de terror, daquelas que minhas aias me contavam nas noites de inverno.

Em suas costas, duas asas de morcego começaram a surgir e seus braços longos ganharam mãos assustadoras, donas de garras compridas e amareladas, com as quais agarrou o primeiro ministro que me protegeu e o arremessou contra uma das cadeiras, o matando imediatamente diante de todos.

— Pelos deuses, o que está acontecendo aqui!? – Gritou um dos homens presentes, que se sentou no chão sem reação diante do que estávamos vendo.

Um dos ministros, Larione, tomou a lança de um dos soldados e tentou apunhalar o monstro Veiga com ela, mas a criatura a segurou, levantando o ministro do chão por ela, e virou seu pescoço até que se ouviu um barulho de ossos quebrados e a vida do homem se foi. Outros ministros tentaram pegar espadas e machados que traziam consigo e atingir o ser assustador, mas ambos foram feridos por suas garras e caíram inertes em poças de sangue no chão.

Por fim, a maior parte deles, incluindo a mim e Aurelion, ao ver as mortes daquelas pessoas tentamos correr para as portas de saída, mas os soldados, que antes as bloqueavam, começaram de súbito a se transformarem também, ganhando uma aparência semelhante à do regente conspirador e fechando o acesso à porta:

— Ninguém sairá daqui com vida, meus servos vão garantir isso. Eu sou o Rei! E sentencio a todos aqui à morte.

A voz de Veiga soava cada vez menos humana. Ele se movia lentamente pela sala e, aparentemente, não conseguia usar as asas que tinha para voar, o que acabava sendo um alívio. Porém, não tardou para ele encurralar e matar outros ministros. Eu estava tremendo e chorando, abraçada ao Senhor Aurelion, que colocava seu corpo magro e idoso à minha frente, tentando me esconder. Logo restavam poucos homens com vida num lado da sala, escondidos atrás de duas cadeiras e nós dois encostados contra uma parede, quando ele se virou em nossa direção e veio arrastando seu corpo.

— Agora, vamos acabar com essa princesinha irritante e esse velho de boca grande.

Quando ele já estava diante de nós, levantando as suas garras a ponto de nos atacar, um barulho de pancadas começou a se ouvir do lado de fora. Até aquele momento, nenhum som vindo de trás da porta da sala do trono tinha sido ouvido, mesmo que os gritos e o som de desespero ali dentro fossem enormes, o que no mínimo deveria ter atraído alguém até ali para averiguar. Mas agora, se ouvia uma pessoa esmurando a porta com vontade.

Bam! Bam! Bum! No terceiro ruído potente, ambas as portas duplas vieram ao chão, se abrindo de forma avassaladora e caindo sobre os monstros que antes impediam a nossa saída. Para a minha surpresa, a garota esquisita de cabelos cor de palha, que há alguns dias havia aparecido na janela da minha cela, estava entrando porta adentro. Ela parou sobre as portas caídas, arrancou uma espada que estava fincada em seu ombro e a apontou para o monstro, que outrora tinha sido Veiga.

— Tenho uma entrega para essa princesa, aí. Então, se não se importa, poderia se afastar dela, por favor?

Ela entrou pisando sobre as portas e, ao mesmo tempo, pisando nos monstros embaixo dela, com uma calma que me espantou. Assim que ela penetrou pela sala dos tronos as portas foram jogadas longe e as criaturas de antes se levantaram e foram contra ela. O primeiro ela chutou tão forte à altura do queixo que foi lançado contra as cadeiras onde alguns ministros tentavam se esconder, caindo desacordado. O segundo foi para cima dela e tentou mordê-la diversas vezes, mas ela ia o empurrando e dando socos, até imobilizá-lo no chão com sua perna e olhar diretamente para mim.

— Brunilda, Brulhid... ah, não me lembro direito de seu nome. Oh, Princesa!

— É Brunhild!

— Que seja! Olha só, eu vou precisar de um pouco mais de força bruta para lutar com esses bichos. Então, pega logo isso aqui e não se assuste com o que vai acontecer comigo depois. Tudo bem? Não vai ser muito bonito não...

— Como assim? Pegar o quê? O que vai acontecer com você?

— Perguntas demais e pouco tempo para responder. — Ela atirou um embrulho para mim e só teve instantes para desviar de Veiga, que logo estava em cima dela, tentando rasgá-la com suas garras como havia feito com os ministros, antes, mas ela era rápida e rolou para longe. Vendo-a lutar daquela forma, só me restou abrir o embrulho e encontrar um pedaço de metal e um cabo de um punhal.

— Essa faca é sua, da sua família. Taranis mandou que ela lhe fosse entregue. É uma lâmina especial, capaz de matar criaturas iguais a essa. — A voz da minha salvadora saiu misturada ao som das brigas.

Ela estava levando a pior contra os três monstros e isso me deixava ansiosa. Não queria que ela morresse me ajudando. A garota começou a se despir das suas roupas, até só ficar com roupas de baixo, de um tecido pobre. Olhou de novo para mim.

— Princesa, se afasta de mim e dos monstros. Vá pro canto da sala e não saia de lá.

— O que você vai fazer?

— Sabe, eu também não sou exatamente normal. Às vezes é preciso um monstro para lutar com outro.

Nesse instante, ela também começou a se transformar em algo.

ريال ∞Ω∞ ريال

Quando eu cheguei aos arredores do castelo de Grai, horas antes já tinha pensado que seria bem difícil entrar pelos muros da construção. Com a minha furtividade, mesmo tudo fortemente vigiado não impediu que, faltando mais de 2 quilômetros até o castelo, eu já tivesse desmaiado e escondido uns seis guardas que me avistaram. Estava escondendo o sétimo homem que eu havia colocado para dormir com uma pancada na nuca dentro de um tronco oco no chão, quando me vi sem ideias de como entrar lá de uma vez e, de preferência, inteira.

Nesse momento, quando vi um grupo de soldados à frente, carregando um soldado ferido e adentrando os muros do castelo, percebi que aquela podia ser a minha solução. Apesar de tudo, eu ainda podia ser vista como uma criança aos olhos dos soldados. Se eu fosse “capturada” acabaria sendo levada para dentro com eles. Depois que eu entrasse, invadir em busca da princesa era só uma questão de oportunidade. Quem sabe meu mestre Olaf não estivesse preso por lá também e isso também me permitisse soltá-lo?

Decidi apelar para um elemento dramático, a fim de evitar mais brigas e confrontos. Me aproximei o máximo que consegui da entrada do castelo, me esgueirando e arrastando pela grama alta, levando amarrada nas costas a espada do último soldado que eu havia desacordado. Então, me pus de pé a poucos metros de um grupo de soldados, respirei fundo e finquei a espada em meu próprio ombro, até que uma quantidade boa de centímetros do metal ficasse dentro do meu corpo. O sangue jorrou de imediato e eu gritei frente a dor.

Saí me arrastando, lutando contra a vontade lupina de arrancar a espada e deixar meu corpo curar a ferida. Os soldados já corriam na minha direção desde o primeiro grito de dor, mas ao meu verem cheia de marcas de lutas, com o sangue descendo do ombro pelo braço esquerdo, me olhavam como se vissem um fantasma. Então, quando vi que já tinha a total atenção do grupo, me joguei no chão fingindo um desmaio.

Os soldados começaram a gritar e discutir entre si, enquanto alguns me erguiam do chão. O primeiro a tomar a palavra disse que eu parecia a menina que andava rondando o castelo e que deveria ser levada ao general real para interrogatório. O segundo a falar, disse que eu devia ser morta ali de uma vez, considerando que a espada em meu ombro era de um soldado de Otyg que eu poderia ter matado antes.

Fingir estar “desacordada” e ouvindo eles decidirem o que fazer comigo estava sendo hilário, principalmente porque pareciam não conseguir chegar a acordo algum sobre o que fazer. Depois de muito discutirem, prevaleceu a opinião que não tinham ideia do que fazer comigo e que precisavam da opinião de seus superiores. Até lá, eu seria mantida viva e pronto.

Fui carregada pelos dois braços, com as pernas arrastando no chão por metros até dentro do castelo. Depois de cruzarmos o que seria o pátio real, fui levada a uma construção com barras de ferro nas portas e janelas. Ali me jogaram de costas em um catre malcheiroso e fui deixada por alguns minutos sozinha. Logo, porém, surgiram duas mulheres, uma menina e uma adulta, que começaram a limpar a ferida em torno da espada fincada e o sangue pelo meu corpo.

— Pobre menina! Tão jovem e ferida desse jeito. – Falou a mulher com uma voz doce.

— O que será que ela fez para lhe enfiarem uma espada assim? Olhe essas roupas, será uma ladra? – Disse a menina. – Mas ela é forte, ela ainda está viva e respirando bem, depois de um golpe desses.

— Vamos ver se continuará viva depois de ir pro calabouço. Todos que foram levados para lá não sobreviveram. Desde que aquele desagradável do Veiga tomou o castelo para si, só tem morte por esse lugar. – O tom da voz da mulher ao falar do homem que, segundo a Brunhild, havia tomado o lugar do seu pai não era nada amistoso. Isso me animou. Talvez ela pudesse me ajudar.

— Pobre Rei... morreu naquela cama sem que ninguém conseguisse salvar ele.

— Pobre é da Princesa. Ouvi alguns guardas dizendo que o Veiga estava se vangloriando que tomaria a coroa de qualquer jeito, mesmo que tivesse que casar com ela à força. Pensa nisso, nossa adorável princesa com aquele patife! Ela merecia o príncipe de algum reino vizinho, alguém de boa índole, como ela.

— Mãe, mas ele poderá ser o nosso rei. Então vamos calar a boca e começar a retirar essa espada de dentro da garota... dizem que se ele não conseguir se casar com a princesa, pode até matá-la para ter a coroa de qualquer jeito.

—Ah, mas ele não irá mesmo!

Não aguentei nem terminar de ouvir a Senhora falando sobre o cara e me pus a levantar da cama, recompondo minhas roupas diante dos olhares assustados das duas. A espada não tinha sido retirada, ainda, mas eu não tinha exatamente muito

tempo e podia lidar com isso depois. A menina ficou olhando para mim sem reação, fitando a espada enfiada em meu ombro como se eu fosse um fantasma que estava em pé, ali, falando com ela. A mulher mais velha, porém, se recompôs mais rápido e me olhava diretamente, com uma mescla de curiosidade e assombro.

— Então, onde eu encontro a princesa nesse castelo, afinal de contas?

— Depende. — Respondeu a mulher adulta, que agora estava de pé e falando comigo.

— Depende do quê? — Rebatí logo a pergunta, tentando agilizar aquela conversa e sair dali o mais rápido possível.

— Você é aliada do traste do traidor da coroa ou da família real?

Estalei meu pescoço pelo desconforto da forma que fui carregada e jogada, tomei fôlego e falei logo a razão de eu estar naquela situação, confiando que elas estariam a meu favor.

— Eu vim para ajudar a princesa. E também para enfiar uma porrada na cara desse tal de Veiga, que é um ladrão de tronos no fim das contas, pelo que eu já ouvi até aqui.

— Saia desse prédio e entre pela cozinha, as portas ficam na lateral à esquerda do castelo. Vai ter guardas no caminho, mas são em menor quantidade do que pela frente. A sala do trono fica no segundo andar, no alto das escadas de pedras azuis. É o único lugar fechado com portas duplas, de madeira avermelhada. — Respondeu-me de imediato a menina que apertava um paninho úmido de água e sangue entre as mãos.

A Senhora só concordou com a cabeça e me despachou com a mão, indicando a saída. Saí pela cela entreaberta e dei de cara com um grupo de soldados entrando pelo corredor. Os que eu não consegui derrubar com chutes e socos, desviei pulando por cima e, logo, tinha alcançando a saída e o pátio real.

Ali havia muito mais soldados armados, alguns inclusive dos que me trouxeram para dentro do castelo. Eles se agruparam ao meu redor e eu já estava pronta para uma briga com bastante desvantagem quando um grupo surgiu de dentro de uma das construções, vindo em minha defesa e atacando os soldados. Para minha surpresa, entre eles, surgiu meu mestre Olaf, que ao me ver correu até mim, derrubando no caminho uns três soldados.

Ao vê-lo finalmente em pé diante de mim e bem, as lágrimas em meus olhos brotaram e o abracei com toda força que consegui. Quanto a ele, ao ver o objeto metálico em meu ombro, começou a indagar sobre como eu imaginava que faria:

— Andarim, tem uma esp...

Levantei a mão o calando e só aproveitei do seu abraço mais um pouco, antes de me afastar e olhá-lo novamente.

— Eu sei, eu sei. Tem uma espada em meu ombro. Tecnicamente fui eu que a coloquei aí. É uma longa história. Agora temos que resgatar a princesa Brunhilda.

— Não seria a Brunhild? A princesa de Otyg? O que tem ela?

— Sim, essa aí mesmo! Tem um cara mau que quer ser rei e agora quer virar marido dela à força. Ou até matá-la, se não conseguir.

Olaf refletiu nas palavras que eu disse a ele e me segurou nos ombros, olhando no fundo dos meus olhos, da mesma forma que fazia quando ia me falar algo importante.

— Vai na frente e ganhe tempo para a garota. Vamos dar um jeito nessa bagunça aqui e subir para te ajudar. Cuidado até lá, alguém daqui pode ter uma espada de prata e um ferimento dela pode ser mortal para você...

— Pode deixar, Olaf! Mas mestre... depois dessa viagem, eu acho que já estarei apta para aprender a forjar espadas. Não acha?

— Quando voltarmos a Enslaved, você forjará sua primeira espada curta, antes do início do outono.

Abri um sorriso gigante, derrubei um soldado que veio pro meu lado com uma rasteira e só respondi gritando, antes de correr para dentro do castelo:

— Estou ansiosa para isso!

Subi correndo pela porta da cozinha que as mulheres servas haviam me indicado. Ali, alguns serviçais se escondiam da batalha num canto da despensa, mas ninguém tentou me impedir de entrar, por medo. Os soldados brotavam de todos os lados, mas ao verem a briga do lado de fora, quase não deram atenção para mim, de modo que com um pouco de cuidado, consegui os evitar e logo alcancei a escada de pedra azul.

Pulei os degraus de dois em dois até alcançar o andar superior que, para minha surpresa, estava sem nenhum soldado, o que era no mínimo estranho

considerando todo o caos do lado de fora e o fato de que parecia estar acontecendo algum evento importante na sala do trono. Mal dei três passos no corredor, um monstro que parecia uma mistura de um cachorro com um homem pulou do teto em mim, me derrubando no chão.

Haviam outros, descendo pelas paredes e entrando pelas janelas. No fundo do corredor, alguns corpos de soldados mortos indicavam que aqueles monstros já estavam há algum tempo ali, impedindo qualquer pessoa de entrar na sala do trono. Depois de muito brigar com os dois primeiros que me agarraram e ver eles se levantarem mesmo depois de eu ter quebrado braços e os atirado com força no chão, acabei por simplesmente pegar um machado na parede e o usar para decapitar o primeiro que se jogou em mim.

O monstro não se levantou mais, então continuei a escavar o caminho até as portas cortando as cabeças das criaturas, até que elas ficaram tremendo no chão, mas não me atacando mais. Tive a intuição, então, que de algum modo bizarro elas se levantariam e voltariam a defender a porta. Só me restava me lançar porta adentro e encarar o tal do Veiga de vez, antes que isso acontecesse.

Assim, comecei primeiro tentando socar as portas para abri-las, mas vendo que era pesada e não cedia, passei a chutá-las com vigor, até ouvir a madeira rachar e ver o trinco de metal ceder aos meus golpes.

Então, finalmente entrei na sala do trono.

ريال ∞Ω∞. ريال

30. *Glória aos Bravos*

Andarim virou uma espécie de lobo ou algo assim. Ela ganhou um pelo cinzento longo e uma face de animal, mas era muito maior que qualquer loba que eu já tivesse visto. Um animal enorme, que andava sobre suas duas patas traseiras e que estava lutando com os três monstros na sala quase de igual para igual.

Eles se atacavam e se derrubavam no chão. Ela às vezes golpeava algum com mais força e parecia estar levando a melhor, mas quando a via caindo ou sendo ferida por um deles, só me restava gritar seu nome e ser corroída pela apreensão. Era um combate alarmante.

Quando eu chamava seu nome, ela não me respondia em palavras. Logo entendi que aquele lobo que ela havia virado não falava como gente. Ela parava e me olhava por alguns instantes, antes de voltar para a luta, sem me responder. Aurelion, ao meu lado, parecia tão preocupado com aquela batalha quanto eu.

— Sua amiga não vai resistir muito tempo. Eles são três e ela, uma só.

— Ela é forte, vai conseguir. — Por dentro, eu orava para todos os deuses dos mares e florestas que eu lembrava. Por fora, eu só gritava o nome dela e apertava a mão do velho ministro, tentando me manter calma.

Em um momento de desespero para mim, minha amiga loba foi jogada no chão por um deles e foi segurada contra o piso pelos dois outros monstros. Veiga, ao vê-la imobilizada, pegou uma lança do chão e foi se aproximando dela, arrastando a lâmina no chão e fazendo um barulho perturbador. Ele levava a arma só com seu braço esquerdo, já que o direito pendia imóvel e quase arrancado do corpo devido a ferocidade das mordidas que Andarim conseguiu dar nele.

— Uma lupina! Eu pensei que vocês só existissem em contos de terror e histórias de navegantes..., mas você está aqui e tinha que vir interferir nos meus planos. — Disse o usurpador do trono ao chegar até ela, colocar o pé sobre seu pescoço e completar. — Vou te matar primeiro, depois a princesa e todos aqueles que não se prostrarem a mim!

A forma de lobo da Andarim arfava e tentava se mover, se libertar dos três. Quando ele desceu a lança sobre seu corpo peludo, perfurando-a no peito com a lâmina, eu só consegui gritar e chorar, vendo-a se debater em desespero. Eu não

queria que ela morresse. Corri até perto do grupo e comecei a tentar chamar a atenção deles, de modo a pararem de feri-la, chamando-os e balançando os braços:

— Não! Soltem ela! Andem, venham me pegar!

Andarim olhou para mim através dos seus agora enormes olhos verdes na face de lobo e puder ver lágrimas brotando e descendo por seu focinho. Nesse momento entendi que ela também estava com medo. Um dos monstros largou Andarim e começou a vir em minha direção, quando sons de homens lutando do lado de fora da sala do trono começaram a ser ouvidos, o que captou a atenção dele e dos outros dois que ainda feriam a loba.

Da passagem onde antes haviam portas de madeira de lei foram surgindo guerreiros armados com espadas, lanças e machados. O grupo foi direto contra os monstros menores, tirando o que segurava Andarim do chão e atingindo o que vinha em minha direção com tudo. Havia um deles, um grandão loiro e mais velho, que usava uma trança loira em contraste à uma cabeça quase calva. Ele foi direto contra o Veiga, balançando um martelo pesado e o golpeando sem cessar:

— Ninguém encosta na minha aprendiz! – Cada palavra dessa frase foi acompanhada de um golpe contra o monstro Veiga, que começou a se debater, enquanto o grandalhão o atingia.

O assassino do meu pai começou a andar para trás, vindo em minha direção, mas de costas. Nesse instante, o embrulho em minhas mãos pareceu mais pesado e frio do que era e acabei derrubando-o sobre o tapete nos meus pés. Ao olhar para o chão, vi a lâmina estranha que estava nele, um pedaço de um metal rosa como pétalas de flores silvestres, que pareceu brilhar e mostrar para mim o que eu deveria fazer.

As palavras de Andarim, descrevendo-a como algo que podia matar monstros, voltaram à minha mente e ali eu soube qual era o meu papel naquela luta.

Peguei o pedaço de metal perolado entre os dedos e corri até o monstro usurpador, que ainda estava de costas para mim e tentando se proteger do guerreiro loiro furioso. A criatura nem viu quando eu empurrei a lâmina quase inteira em suas costas, entre as asas de morcego.

Um grito pavoroso se ouviu e ele se virou para mim e me atacou com um empurrão, usando seu único braço que ainda se movia. Fui jogada longe e a cabeça

latejava com o resto do corpo, mas pude me sentar e ver quando o ser começou a se debater e gritar, até começar a ficar inerte.

Para o nosso espanto, seu corpo que antes era carne roxa e escura, começou a virar pedra a partir do ponto em que eu o havia atingido com a faca, até se petrificar por inteiro.

Os dois outros monstros foram destroçados pelos demais guerreiros que haviam entrado na sala do trono. Um cheiro horrível surgiu quando um rapaz de cabelos compridos e rosto cheio de pinturas desceu uma tocha acesa sobre eles, ateando fogo nos cadáveres. No centro da sala, o homem loiro foi até Andarim e removeu a lança do seu peito, abaixando ao lado da fera e parecendo falar com ela com voz baixa e doce.

Me levantei ainda sem acreditar na cena que estava vendo, quando a estátua de Veiga foi partida em pedaços por uma Andarim furiosa e recém levantada do chão, ainda em sua forma animal. Ela soltou um uivo ao fazer isso e, ao notar o grande número de pessoas à sua volta, pareceu ficar inquieta. A loba se pôs em quatro patas e foi se movendo para um canto da sala, rosnando baixinho.

Senti que precisava me aproximar dela e fui chegando, buscando dar algum consolo ou cuidado com suas feridas, mas ela me mostrou seus dedos afiados e escondeu seu focinho entre as patas, me evitando.

— Andarim..., por que?!

— Ela está com medo de machucar você... só a deixe quietinha, logo ela voltará.

O guerreiro loiro do martelo segurou gentilmente a minha mão e vendo que eu estava a ponto de cair em lágrimas de novo, me afastou dela, me conduzindo até o centro da sala. Ali, ele levantou o trono do meu pai, que se encontrava caído no chão, me colocou sentada e fez uma coisa que causou alvoroço entre todos os presentes: pegou a coroa de regente real que estava caída no chão e a colocou em minha cabeça. A mesma coroa, com a qual Veiga ficou por semanas desfilando pelo Castelo, ele desceu sobre meus cabelos longos e em seguida, anunciou:

— Que aqui fique dito que a única soberana de Otyg se chama Brunhild de Arianrhod. A de grande bravura.

Aurelion, em um primeiro momento, olhou para aquilo cheio de surpresa, depois passou a bater palmas e se ajoelhou, fazendo uma grande reverência para mim. Todos os demais homens presentes, que haviam chegado com o grandão,

seguiram meu ministro e também desceram sobre seus joelhos me cumprimentando de forma solene. Mesmo os poucos ministros sobreviventes não tardaram a se inclinar, também.

No fundo da sala, uma Andarim humana, nua e coberta de sujeira e retalhos de tecido, inclinou sua cabeça levemente para mim. Então, subiu em uma das janelas abertas e saltou, desaparecendo.

ريال ∞Ω∞. ريال

Eu precisava sumir dali. Queria parabenizar a Brunhild e abraçar Olaf, mas não confiava na minha regressão naquele momento. Meu lado lupino gritava dentro de mim, pedindo sangue e caça. O lobo estava eufórico com a luta e queria mais. Queria ficar livre. Ele não estava exatamente contente comigo por eu ter forçado a minha natureza humana a voltar. Estava tendo uma briga dentro de mim e essa instabilidade podia ser perigosa.

A parte do pátio em que caí pela janela era relativamente perto do muro que dava para a floresta, mas nem tanto. Eu tentava caminhar até o muro, mas a cada passo que dava, caía no chão, com meu corpo tremendo e o calor da transformação indo e vindo. O lobo queria sair novamente e forçava o seu retorno.

— Lobo! Fica quieto dentro de mim! Acabou! Ganhamos! Por favor, seja bonzinho...

A possibilidade de eu me transformar de novo e de perder o controle das ações do lobo estava quase me fazendo chorar. Os ferimentos da luta com os monstros estavam se curando devagar e, dentro de mim, ele murmurava que em transformação eles se fechariam mais rápido e logo eu ficaria bem. Estava abaixada na grama, tentando me concentrar e me lembrar dos ensinamentos de como acalmar a fera, quando uma voz surgiu ao meu lado:

— Lobos não são bonzinhos. Eles são arrogantes, impacientes e insaciáveis. Iguais a você, pequena ferreira metida à heroína.

A voz parecia com alguma que eu já conhecia, mas eu não reconhecia o soldado em pé à minha frente, em sua roupa militar com o emblema de Otyg no peito. Ele se abaixou perto de mim fazendo movimentos mansos e uma nuvem de terra e folhas o envolveu subitamente, revelando um capricorniano que eu havia conhecido há semanas.

O feral que Olaf chamou de “Senhor dos Ossos” me olhava com seus grandes olhos cinzas escuros, que haviam me espantando em nossa cabana. O ser

que havia nos enviado àquela missão estava ali.

— Agora durma, criança. Vou acalmar o lobo e o pôr para dormir também.

Seus dedos finos e animalescos mal tocaram a minha testa e eu senti minha consciência desfalecer. Tudo foi ficando nublado e preto, eu tombei para frente no chão. Mas antes de apagar completamente, senti um cheiro que já há muitos meses não sentia, enchendo minhas narinas. Um cheiro de mel e flores, que pertencia à minha salvadora, Nadja.

ربال ∞Ω∞. ربال

Desci as escadas seguido pelo conselheiro Aurelion e a ainda assustada Rainha Coroada Brunhild. Enquanto ela passava, os soldados se inclinavam fazendo reverências a ela ou prostrando suas cabeças, demonstrando que a legitimidade de sua posição não seria questionada. Solicitei que os navegantes impedissem outras pessoas de entrarem na sala do trono, até decidirmos o que fazer com a bagunça que havia restado ali.

De antemão, concordamos que era preciso desaparecer o mais rápido possível com os corpos dos monstros no andar de cima, de modo que estes foram arremessados pela janela nos fundos do castelo e, de lá, destruídos em fogueiras por homens da confiança de Aurelion.

Mal havíamos chegado ao pátio e um ruído de cavalos chegando atraiu a nossa atenção. Dois grupos haviam chegado ao palácio, um de soldados fardados a cavalo e outro, de soldados e pessoas caminhando a pé, que parecia ser formado por prisioneiros. Para minha surpresa, identifiquei entre os detidos a minha própria aliada Nadja, que ao me ver ficou com uma expressão séria, parecia que queria pôr fogo em mim com os olhos.

Os soldados montados descreviam o grupo como invasores de Krônia que haviam forçado a entrada em Otyg, por isso tinham sido presos e levados até ali. Ao ver que a nova rainha estava perdida sobre o que fazer naquela cena e percebendo que o grupo em si era formado por pessoas da Cavalaria da própria Nadja, só me restou abaixar ao lado dela e falar ao seu ouvido:

— São meus aliados e seus, por consequência. Liberte-os e acabe logo com essa cena.

— O grupo está livre. Suas acusações estão sendo retiradas por mim, a Rainha Coroada de Otyg.

Os soldados de fronteira pareciam um pouco perdidos diante da ordem recebida, mas vendo que todos os demais homens e servos em volta deles estavam a tratando com honrarias de realeza, soltaram os grilhões dos presos, os deixando livres. Porém, mal Nadja foi libertada das correntes, veio caminhando a firmes passadas para mim e me agrediu de imediato com uma sonora bofetada. Fiquei aturdido, sem entender a razão daquela ação, até que sua boca se moveu e tudo me foi explicado.

— Onde está Andarim! Se você deixou algum mal acontecer a ela, eu irei...

— Você conhece a Andarim, também? Ela se arriscou tanto para me proteger... - A voz baixa e tímida da Rainha foi ouvida ao nosso lado.

Nadja ficou desconcertada ao visualizar a coroa na cabeça da jovem de cabelos castanhos e perceber sua falta de modos diante de uma Majestade. Ela engoliu em seco sua raiva por mim, se ajoelhou e respondeu à Brunhild de modo solene:

— Eu... nós, eu e eu... somos antigos amigos. Desculpe-me por minha atitude desrespeitosa. E sim, eu conheço a menina... onde ela está?

— Vou te levar até ela, Fúria Rubra.

A frase veio de um soldado de Grai, que veio da lateral do castelo andando calmamente. Ele indicou uma direção para nós e nos conduziu até uma parte afastada do pátio real, na qual Andarim dormia placidamente abraçada aos próprios joelhos, recostada em uma árvore. Nadja se abaixou ao lado da criança, afagou seu cabelo bagunçado e a tomou no colo.

— Rainha Brunhild, há algum lugar em que ela possa dormir mais confortavelmente?

— Venha, vou pedir que um quarto seja preparado para ela.

— Logo irei me juntar a vocês para também cuidar da menina. Ela está bem ferida do combate com os Umbrais. Vou infundir encantos nela para acelerar sua cura. O esforço foi demais até mesmo para uma lupina.

— Tudo bem, Taranis. Olaf, deixo com você qualquer situação a ser resolvida. Logo retorno para cá e você me contará o que aconteceu, detalhe por detalhe.

Concordei com a cabeça e vi o grupo de mulheres deixar o pátio, ficando somente meu velho amigo capricorniano, em sua máscara humana, e eu. Vendo que

não havia mais ninguém por perto, agarrei ele pela camisa e comecei a vociferar com toda raiva por tudo que tinha passado nos últimos dias.

— Taranis, seu chifrudo velho...

— Sem xingamentos, meu caro ferreiro. Tudo está em paz novamente em Otyg e os feiticeiros daqui partiram.

— Até pode ser, mas há muito ainda o que colocar em ordem nesse castelo, nesse reino.

— Então, vamos parar de diálogos desnecessários aqui fora. Pelo jeito, essa jovem Majestade precisa de uma mão ou duas para restabelecer o próprio reino.

ريال ∞Ω∞. ريال

31. Aqueles que estão destinados a partir

A manhã seguinte ao caos no castelo foi cheia de coisas a fazer e lágrimas a chorar. Todos pareciam entorpecidos com os traumáticos acontecimentos passados e um sentimento geral de perda e receio parecia encher todos os espaços do palácio.

Na noite anterior, Aurelion e Brunhild chamaram todos os serviçais do castelo e apresentaram uma versão cuidadosamente planejada dos acontecimentos sangrentos na sala do trono, na qual Veiga e um grupo de ministros e soldados haviam sido os assassinos dos demais, quando tentavam tomar a coroa à força.

Considerando que o estado dos corpos dos homens que haviam perecido ali e a destruição por toda a sala não passaria despercebida pelos servos, chegou-se à conclusão que a organização e limpeza daquele espaço deveria ser feito por outros, o que levou a rainha a contratar por uma boa soma de ouro os serviços dos navegantes.

Enquanto isso, Nadja e seus Cavaleiros iam dando ordens e reestruturando a guarda do castelo, enviando mensageiros por toda Otyg comunicando que a jovem princesa ascendeu ao trono como a nova rainha, mesmo com sua pouca idade.

Assim, naquele amanhecer posterior à morte do Rei de Otyg e de mais de dez ministros de confiança do antigo rei, incluindo seu regente em exercício, a capital Grai chorou seus mortos em um funeral coletivo à beira dos muros do castelo. Os soldados mortos encontrados no calabouço e pelo castelo foram sepultados em covas em um lugar de honra no terreno real, antes do amanhecer e de forma solene. Brunhild se mostrou uma verdadeira Majestade ao acompanhar todos os ritos funerários de pé, mesmo que o dia mal tivesse raiado, despertando a admiração de todos.

Os capricornianos nublaram quaisquer pensamentos envolvendo monstros no castelo, tirando-os da mente de todos que ali estavam, de modo que a morte dos inocentes passou a ser vista só como consequência de uma luta contra um grupo de traidores do reino. Assim que esse primeiro funeral terminou, um cortejo fúnebre dos ministros e do Rei Vougan iria partir rumo a cidade. Eu ouvia as cornetas e o falatório do lado de fora indicando que o grupo estava para sair, mas no momento, estava sentado junto a cama de Andarim, observando-a dormir.

— Tem certeza de que o Senhor não deseja acompanhar a coroação oficial da Rainha? Você teve um grande papel nisso e seria um convidado de honra, lá.

— Tenho obrigações aqui para com ela... além do mais, Nadja estará lá com seus Cavaleiros para proteger e acompanhar vossa Majestade.

— Sua amiga Nadja é uma líder nata e uma força da natureza. Ela colocou o castelo em ordem, reestruturou os guardas do castelo e ajudou a escolher um novo general para o exército, tudo em uma única noite. Trata-se de uma mulher formidável! Seria fantástico que ela aceitasse o convite de Brunhild para permanecer em Otyg, servindo a essa casa.

— Sim, ela é. Mas a lealdade de Nadja está bem longe daqui, no reino de Krônia para ser mais exato. Porém, você é um grande ministro, também. Sei que já enviou cartas chamando os nobres ao castelo, a fim de exigir lealdade à Brunhild e escolher um novo governo. Vejo um novo e brilhante horizonte surgindo para Otyg, com você auxiliando—a governar.

— Sabe que você e a menina tem um lar nesse castelo e nesse reino no momento que quiserem isso, não é mesmo?

— Vossa Majestade tem tentado me convencer disso desde ontem, mas sabe como é: o lar me chama. Tenho a minha ferraria, a minha vila... quanto à Andarim, ela é meio imprevisível. Talvez queira ficar, talvez queira partir. Ela irá para onde seu coração disser.

— Bem, a Rainha iria querer que eu pelo menos tentasse convencê-los. Vou indo acompanhar a Majestade lá fora. Estimo melhoras para a sua criança, Olaf de Enslaved, o ferreiro mais corajoso que já conheci.

ريال ∞Ω∞. ريال

— Tem absoluta certeza disso, Orfen e Dichen?

— Temos, Capitã! Voltamos à estrada com os capricornianos para buscar o corpo do necromante e ele havia desaparecido.

— E quanto ao covil de magia que Andarim comentou sobre? Você o encontrou, Murab?

— Destruído, Nadja. Alguém ateou fogo no lugar e não restou nada lá, além de cinzas. Alguém desejava fortemente impedir que as coisas lá ocultas fossem investigadas.

— Estamos lidando com pessoas ardilosas, capitã. — Falou Verdan, sentando sobre uma das pernas e se aconchegando no banco de pedra do pátio real de Grai.

— Rastreamos o nome do Valachias por toda a capital de Otyg, mas é como se ele tivesse desaparecido no ar.

La retomar as perguntas aos homens que havia enviado em pequenas missões, quando vi um dos navegantes se aproximar e pedir a palavra com um gesto.

— Senhora, nosso comandante atendeu seu desejo de uma conversa. Ele está aqui e pergunta se pode atendê-lo no momento, lá fora dos muros do castelo, sozinha.

Meus homens de imediato levantaram e se prostraram ao meu redor, demonstrando desagrado pelo pedido do líder navegante em falar comigo sozinha. Mesmo eu não recebi bem aquele pedido, mas considerando que somente o jovem dos mares poderia me trazer as informações de que eu necessitava, o dispensei com a mão falando que logo iria ao encontro do mestre del.

— Pretende mesmo andar por aí sozinha com esse cara? Mura me encarou, rodando sua faca curva, com o olhar sombrio.

— Preciso de informações. Ele as tem. Além do mais, sei que vocês irão nos observar de longe. De qualquer modo, sou bem fortinha para me cuidar, não é?

O líder navegante estava em pé, ao lado de uma fogueira. Seu rosto estava coberto pelas tradicionais pinturas de ondas e espirais que seu povo mantinha pelo corpo. Os cabelos longos, antes bagunçados, agora estavam presos em uma longa trança ornamentada com conchas. Mesmo suas roupas civis tinham sido mudadas para as vestes leves, de tecidos com cores fortes, folgadas no corpo. Na cintura, uma espada curva bem longa de lâmina cor de cobre era agora visível.

— Seu nome é Âmbar, correto? Como se envolveu nessa bagunça de necromantes, monstros e conspirações reais?

A beleza e juventude do jovem ficou mais clara quando ele se aproximou do fogo da fogueira para me responder. Ele provavelmente não tinha nem 18 anos.

— Meu pai, meu avô e toda a minha ascendência tem uma boa relação com os dragões. Sejam eles do continente antigo ou das terras além do Mar de Urd. Devemos alguns dos nossos mais valiosos tesouros a conselhos de dragões em outras épocas. Quando Wilhelme pediu informações e auxílio com o sumiço do corpo de uma nobre em Krônia, meu pai não hesitou em nos enviar para conseguir descobrir algo. E aqui estamos, agora. É isso. Porém, acredito que haja outra informação minha que é realmente mais desejada que essa. Algo sobre um certo rato do continente, chamado Valachias.

— Sim, eu quero saber tudo o que você sabe sobre ele.

— Bem, ele aprontou com algumas pessoas que não deve aprontar. Mexeu com coisas proibidas em lugares sagrados. Em suma, ele roubou algo que estava selado pelo povo do Oceano. E você sabe como os sereianos não perdoam quem deles tira algo. O povo de Peixes não ficou feliz por perder essa coisa mágica que ele pegou, principalmente porque parece que era algo ligado à escuridão, algo que eles deveriam esconder.

— E deixa eu adivinhar: você não vai me dizer exatamente o que é, correto?

— Se você não descobrir o que ele roubou por si só, seria fácil demais para a lendária Fúria Rubra. Nosso povo também tem o direito de manter seus segredos.

— E como eu descubro isso então, afinal de contas?

— Comece investigando seu próprio continente... algumas das respostas que procura estão em um lugar que vocês chamam de Torre de Marfim.

— Torre do quê!?

Mal tive tempo de terminar minha pergunta e o rapaz já havia saído de perto de mim, caminhando até o grupo de homens de seu povo que o aguardava no alto de um morro. Olaf apareceu do meu lado subitamente nesse meio tempo. Por alguma razão, senti que não os veríamos mais em Otyg depois daquela noite.

— Não posso voltar para Borknagar sem todas as respostas, Olaf.

— O que isso quer dizer, Nadja?

— Preciso de um favor, um daqueles grandes e importantes.

— Na última vez que me pediu um desses, terminei tendo uma aprendiz com péssimo temperamento e tendência a virar um lobo assassino a cada lua cheia. Anda, fala logo qual o tamanho do problema que deseja me passar.

— Preciso que reporte o que houve em Otyg pessoalmente ao Rei Lucien. Mais do que isso, preciso que conduza meus homens de volta para casa, na Cidadela Esmeralda, e que dê um bom enterro ao meu cavaleiro Ross. Um com muitas flores.

— O quê!? Mas eu tenho obrigações em Enslaved! Se você se esqueceu de que eu preciso alimentar um dragão, cuidar da minha ferraria, da Andarim? E a menina? É para eu levá-la comigo para a capital? Não! Andarim não pode ir à capital. Seria perigoso expô-la assim àqueles patifes que me odeiam.

Conversávamos andando em torno da fogueira. Eu falava e gesticulava com os braços abertos. Ele, tentando pôr fumo em seu cachimbo e me seguindo com o olhar. Respirei um pouco, fui até ele e segurei a sua mão, fazendo-o olhar em meus olhos um pouco.

— Eu só confio em você para isso. A menina ficará comigo por uns dias, depois eu pedirei ao Taranis que a acompanhe até Enslaved. Se eu voltar agora à Krônia, Lucien será obrigado a me prender pela deserção. Sou mais útil para o reino sendo uma guerreira livre, que pode ir em busca da verdade, até mesmo fora das nossas fronteiras.

— Sei que é o certo a se fazer, mas, nossa... me preocupo com a menina sozinha no vilarejo. Sabe que meu irmão não é exatamente um fã dela, não sabe?

— Taranis dará um jeito nele quando chegarem lá. Por hora, pense. Se partirem amanhã com meus cavaleiros estará de volta à Enslaved poucos dias depois de Andarim chegar.

— Certo, Nadja, pode avisar aos seus homens do nosso arranjo. Todavia, esse é o seu último favor grande e problemático que eu aceito. Entendido?

— Eu prometo. Reunirei os homens para dar as últimas informações sobre amanhã.

— Vou ver a Andarim, então. Ela anda dormindo tanto para se recuperar que mal a pego acordada. Consiga alguma comida e bebida para nós. Se vou ficar sem a companhia da menina por uns dias, seria legal que pelo menos a noite de hoje fosse um pouco mais festiva.

— Farei isso. Antes preciso encarar a raiva dos meus homens quando lhes der a notícia de que não partirei com eles para a capital.

— Você é a Fúria Rubra. Enfrentou uma guerra, serve a um rei e lutou com um necromante. Lidar com seus homens deveria ser o menor dos seus temores.

— Acredite, Olaf, eles podem ser bem aterrorizantes quando querem. — Rimos juntos, caminhando rumo ao castelo, cada qual indo lidar com suas próprias despedidas.

ريال ∞Ω∞. ريال

As palavras entravam por meus ouvidos, mas pareciam não fazer sentido. Olaf surgiu no meu quarto e disse que precisava me contar algo importante. E então, em um fôlego só, sem nem respirar direito entre as palavras, me contou que

precisaria viajar para a capital de Krônia, para fazer um favor para Nadja. Um pedido que ela fez que envolveria que ele fosse para longe de mim por um período de tempo inicialmente curto.

Eu estava revoltada e discutia com ele sem parar. A possibilidade de passar vários dias junto a Nadja em Otyg era algo incrível e que queria muito. Mas saber que ele iria para longe me deixava apreensiva. E se ele não voltasse? Ele falava que logo eu estaria em Enslaved, porém, não falava nada sobre minha “mãe” adotiva estar lá comigo.

Era como um quebra-cabeça faltando peças, como se algumas coisas ainda estivessem ocultas para mim. Por fim, acabei me dando por vencida e o deixei falar tudo que estava com vontade, dos sermões sobre a cabana e a ferraria, até sobre como eu deveria me comportar.

— Quando estiver na ferraria, lembre-se de alimentar o fogo. Mesmo que não forje nada, acenda a chama todos os dias.

Concordei com essa e toda a lista anterior de orientações sem questionar, até o momento em que um pensamento veio à cabeça.

— Mas e a espada? Você me prometeu que me ensinaria a forjar uma espada completa e agora está me dizendo que não vai fazer isso e que, ainda por cima, irá me abandonar?

Ele parou de catar seus pertences pelo quarto e de preparar sua saca de viagem, olhou para mim de uma forma carinhosa e se abaixou na minha frente, onde eu estava sentada na cama.

— Eu não vou te abandonar, Andarim. É só uma viagem inesperada. Mas eu voltarei, por isso estou te explicando como quero que cuide da ferraria em minha ausência.

— Isso é uma promessa?

— Eu prometo! Você ainda é minha aprendiz e há muito ainda a aprender sobre o ofício.

— Para que eu seja a melhor ferreira de Krônia?

— Para que seja a melhor ferreira de Krônia.

A menina parecia desolada quando viu Olaf partir com meus homens da Segunda Cavalaria, alguns dias antes. Eu vi as lágrimas e a tristeza dela quando me abraçou ao vê-lo cruzar os portões de Grai. Agora eu me sentia mal com tudo, pois não queria ferir mais ainda os sentimentos dela, mas minha própria partida era eminente. Cada minuto que eu passava em Grai contribuía para que o rastro de Valachias e de seus comparsas desaparecesse.

Assim, em uma noite de chuva forte, quando a grande maioria dos habitantes do castelo já se encontrava dormindo há horas, me reuni com Taranis e transmiti minhas orientações finais antes da minha partida. Havia decidido ir durante à noite e sem me despedir de Andarim, para tornar o processo menos doloroso para ambas. Passamos muitos dias juntas em Grai, aproveitando o castelo e a companhia da Rainha Brunhild e de uma da outra. Agora era chegada a hora de seguir meu caminho e cumprir a missão que eu havia definido para mim naquele momento.

— Deve levá-la em segurança para Enslaved e a vigiar, pelo menos até que Olaf retorne de Borknagar.

— Não posso ser babá de uma lupina, Nadja. Tenho minhas próprias crises em Ensiferum para solucionar.

— Você não precisa estar todo o tempo por lá. Só apareça de vez em quando e mantenha ela viva, fora de problemas.

— A pequena loba respira problemas. Mesmo que eu a prenda, é capaz de ela aprontar alguma... vai mesmo partir assim e deixá-la para trás? Ela sofrerá.

— Os dias aqui em Grai foram como poesia para mim, Taranis. Os passeios, as refeições e brincadeiras. Poder cuidar dela e ver que mesmo depois de tudo que passou pode rir e ser feliz..., foi tudo muito bom. Foi como ter uma filha e uma vida normal, como qualquer mulher. Mas eu sou uma guerreira, Senhor dos Ossos, e já está na hora de Nadja voltar a ser a Fúria Rubra.

Vesti a capa de peles que Brunhild me presenteou dias antes, subi no cavalo ignorando a água que caía forte dos céus e o esporeei, ganhando velocidade e correndo rumo à escuridão, deixando o castelo para trás e, com ele, Andarim.

ريال ∞Ω∞ ريال

— Ela partiu, não é mesmo?

— Sim, agora a pouco. Como sabes?

A menina havia saído do castelo e se aproximado de mim tão sorrateiramente que eu quase não a senti chegando. Estava de pé, descalça e enrolada em um lençol. Os cabelos loiros desciam soltos sobre os ombros e os olhos molhados, talvez de lágrimas, talvez da chuva. Não dava para saber ao certo.

— Ela vinha se despedindo de mim a cada abraço e olhar. No fundo eu sabia que ela não iria ficar. Ninguém mais fica.

Havia um certo rancor misturado com pesar na voz da criança. Decidi mudar o rumo da conversa e mantê-la longe de cair no choro, na minha frente.

— Amanhã começaremos os preparativos para nossa própria viagem, criança. Está pronta para voltar para a vila dos metamorfos?

— Nem um pouco. Mas será legal contar para a velha Bearn que lutei contra aqueles monstros sozinha e voltei viva.

— Vá dormir, menina loba. Amanhã precisará se despedir da Rainha Brunhild, também. Será um dia longo e eu não sou tão paciente quanto Olaf e Nadja ao lidar com crianças. Então, volte pro quarto e nem pense em tentar seguir a Fúria pela floresta.

— Eu nem tentaria isso. — Falou Andarim, já andando de volta para o corredor, arrastando o lençol no chão molhado.

— Por que não? — Perguntei intrigado com a afirmação tão categórica dela.

— Ninguém cavalga melhor do que a Nadja. Eu nunca a alcançaria, mesmo se quisesse.

32. *Nestes horizontes de pedra*

— Qual a probabilidade de eles terem sido emboscados ou sofrido algum ataque no trajeto?

— Nenhuma, Senhor! Enviamos um destacamento grande de soldados com eles. Sabe que levo muito a sério a missão de ser capitão da Terceira Cavalaria. — Bergan falava isso com um ar orgulhoso, enquanto arrumava a ponta dos seus negros bigodes para cima, usando a lâmina de sua espada com um espelho.

— Mas já faz sete dias desde que em tese eles deixaram Ensiferum. E nenhuma notícia desde então! Deveriam chegar hoje e, até agora, nada. Sinto que eu devia ter ido pessoalmente buscá-lo.

— Meu Senhor Lucien, me permite ser menos soldado e um pouco mais amigo pessoal no que irei dizer: acredito que pelo menos me considere assim, como eu considero ao Senhor, Majestade.

— Sempre, Bergan. Desde Vintersorg você tem sido bem mais que só um militar a meu serviço. Prossiga.

— Você, como Rei, tem a seu dispor as treze cavalarias. Tem soldados, cavalos e poder político. Mas cá entre nós, uma das suas armas secretas mais fortes está nesse castelo. Oculta, mas, ao mesmo tempo, aos olhos de todos. Aquele moleque que chamam de Falcor foi com meus homens para Ensiferum. E tenho absoluta certeza de que não deixará que ninguém encoste no príncipe Liam.

— Do que está falando, afinal? — Bergan sabia de algo sobre a capricorniana que protegia meu filho e isso ficou claro naquele momento.

— Você pode não compartilhar tudo comigo, meu Rei. Só que há coisas que sabemos só por olhar e deduzir. A vida lutando dá essas possibilidades. O garoto não é humano, basta analisá-lo por mais de dez minutos. E meu instinto me diz que ele poderia fazer picadinho de metade dos soldados que servem ao Senhor, se ele quisesse.

— Ficaria muito lisonjeado e feliz se não compartilhasse as suas certeiras intuições por aí, Bergan.

— Há, há, há! Fique tranquilo, Majestade. Você tem todas as razões do mundo para não compartilhar tudo com todos. Eu sou só o capitão da sua guarda

peçoal, que te servia antes em sua antiga cidade. Por que eu teria uma língua maior do que a boca ou de minha lealdade?

Ele gargalhou dando tapinhas em meu ombro. As rugas em seu rosto contrastavam com o olho esquerdo cego e a cicatriz de rasgo em sua face. Lembranças físicas das lutas que trilhamos juntos na última guerra e que conquistaram os 15 anos de paz que tivemos desde então.

— Olhe no horizonte! Seu filho já está quase aqui! Não disse que suas preocupações eram desnecessárias?

Ele apontou por sobre meus ombros, mostrando o início da ponte de pedra que conduzia à passagem até os portões inferiores do Castelo Esmeralda. Ali, um grupo de soldados surgia aos poucos, cavalgando e portando estandartes com o símbolo de meu reinado, a Asa de Dragão. Entre eles, estava já visível meu filho, que agora trazia os cabelos castanhos claros mais longos do que eu me lembrava, de quando me despedi dele. Meu Liam estava em casa.

ربال ∞Ω∞ ربال

Meus planos de deixar Borknagar e passar um tempo em meu castelo natal pareciam a cada dia mais claros em minha cabeça. Entretanto, a notícia de que meu filho mais novo logo estaria em casa me fez repensar essa decisão e, por fim, adiá-la. Tentava me ocupar, desde então, bordando novas tapeçarias, lendo ou simplesmente evitando a companhia de Lucien, fazendo passeios com minhas aias.

Todos me criticavam silenciosamente com o olhar pela forma como vinha tratando meu esposo, que era, sobretudo, meu Rei. Mas eu não conseguia mais esconder a raiva com a situação do nome e da história da minha família sendo jogado na lama, que parecia que ele não se importava.

Eu não conseguia me desvencilhar daquela eterna sensação de que ele não se importava comigo de verdade e, pela primeira vez desde que havíamos nos unido em casamento, desejei espaço como sabia que outras mulheres nobres obtinham de seus esposos. E estava disposta a tudo para tê-lo. Estava entretida com uma costura na minha sala pessoal quando a porta foi aberta de forma barulhenta e Lucien surgiu, arrastando uma das suas belas capas de veludo, anunciando com um enorme sorriso no rosto:

— Nosso filho chegou! Venha recebê-lo comigo! Onde está Nótt?

Coloquei a costura sobre a mesa, ainda sem acreditar no que ouvia.

— Liam está aqui?

— Está cruzando a ponte de pedra agora! Venha receber seu filho comigo. — Ele estendeu sua mão enluvada para mim, esperando que eu a segurasse.

Fiquei em dúvida e sem reação por alguns segundos, mas acabei a envolvendo com a minha e o acompanhei escadas abaixo até o pátio real. O grupo estava desmontando dos cavalos quando chegamos lá. Meu garoto saltou do seu alazão cor de caramelo e correu para mim, me envolvendo com um abraço afetuoso.

Por fim, me soltou e pulou no pai, o abraçando de igual forma. Quando ele soltou a Lucien, pude reparar melhor nele e a sua aparência me assustou. As roupas que antes lhe eram ajustadas estavam frouxas e curtas. Suas canelas apareciam rente as calças que agora não cabiam mais. Ele estava mais alto com toda certeza e seu cabelo era uma loucura longa e desordenada, que parecia não ver um pente há meses.

— Está mais magro! — Foi a única frase que consegui falar ao ficar tão atônita com seu estado. Puxei ele pelo braço e ergui a manga de sua blusa vendo que sua pele branca agora estava cheia de arranhões e pequenas cicatrizes.

— Seu cabelo precisa de um corte... e olhas essas roupas!

— Asbel, controle-se... Haverá tempo para isso tudo depois. Agora vamos comemorar! Tragam comida e bebida a todos, que os soldados também sejam servidos com fartura! — Lucien falava de forma animada e foi levando a mim e a Liam para a sala de refeições, onde o almoço já começava a ser colocado sobre a mesa.

Sentei-me e me pus a observar meu garoto mais novo comer e, novamente, fiquei impactada com o que vi. Ele respondia às perguntas que fazíamos sobre sua estada na tal “Terra dos Lagos” com poucos detalhes ou de forma monossilábica. Enquanto falava, por várias vezes de boca cheia por sinal, atacava a comida com fervor, o que me levou a pensar que passou necessidades longe de casa.

— Você passou fome naquele lugar de selvagens, por acaso?

— Não, mãe! Eu tinha muita comida lá, certo? Só estava com saudade de comer algo que eu mesmo não tenha colhido da floresta, pescado ou caçado.

— Liam não me parece ter passado fome, Asbel. Só me parece estar apreciando uma boa comida, afinal de contas.

— Para mim ele parece um monstro, igual aos que ele conviveu nos últimos meses.

Olhei com raiva procurando quem havia tido a audácia de falar isso do meu filho e me surpreendi ao perceber que a voz que havia dito aquelas coisas pertencia ao meu primogênito Nótt, que estava parado na entrada da sala olhando de forma desagradável para o irmão.

— Exijo respeito para com seu irmão, Nótt! Meça suas palavras em nossa presença e na dele. Lucien se levantou da mesa visivelmente irritado com Nótt, batendo contra a madeira com as mãos enquanto falava.

— Olhe para ele, pai! Não tomou nem ao menos um banho ou trocou essas roupas imundas. E está aí, comendo como um animal e mal respondendo a vocês.

Liam então começou a rir. Rir, não, a gargalhar. Ele se levantou bem devagar da mesa, levando uma coxa de frango em sua mão e foi marchando até o irmão com um sorriso de zombaria. Chegou tão próximo ao irmão mais velho que me pergunto se o iria atacar com um soco ou abraçá-lo, mas para nossa surpresa, pegou o pedaço de frango e o enfiou no bolso do requintado casaco de Nótt. Então, limpou as palmas sujas na camisa do meu filho mais velho que, sem reação, ficou parado. Depois, vimos atônitos Liam sair andando da sala de refeições, cantarolando em uma língua que não conhecia.

Nótt olhou para suas roupas e para si mesmo com uma expressão de nojo. Olhou para a direção em que Liam se foi e pareceu estar a ponto de explodir de raiva. Lucien, por fim, o chamou antes que ele tomasse a decisão de ir até o irmão e consumir a briga que aparentemente estava a ponto de retomar.

— Nótt, sua conduta aqui foi imperdoável! O que estava pensando?

— Mais tarde, pai! Mais tarde!

Então, meu segundo filho deixou a sala de forma desrespeitosa, deixando a mim e a Lucien sem saber o que fazer ou como reagir. Só me restou tentar manter diálogo com meu esposo, que parecia tão assombrado quanto eu com a cena.

— Liam está estranho... diferente. – Murmurei para ele. Atrás de nós, os serviçais começavam a guardar os talheres e louça da mesa.

— Só espero que, mesmo com essa diferença, sua volta seja suficiente para mantê-la aqui, em nosso lar.

Ele me olhava de forma triste, falando com a voz calma de sempre. Pensei muito em me levantar e ir até ele, o envolvê-lo com meus braços, o beijar e ter perto. Porém, minha rigidez de nobre me dizia que seria perder a batalha que vinha travando contra ele e achei melhor deixar a sala antes que aqueles pensamentos de carinho virassem ações.

— Obrigada por trazê-lo para casa mais rápido. Mas isso não muda meus planos, só os atrasa um pouco. Eu preciso ver onde está Liam e procurar um alfaiate para conseguir roupas novas para ele, um barbeiro... eu só preciso ir.

Saí da sala sem olhar para trás, sentindo que Lucien me acompanhava a cada passo. Me sentia um pouco mais infeliz e longe dele quando agia assim. Mas, por hora, eu não sabia como fazer as coisas de um modo diferente. Então, me absteve de pensar demais em tudo e busquei uma fuga, sendo o que deveria ser por hora, a rainha e a mãe.

ريال ∞Ω∞. ريال

33. Lá onde as árvores cantam

A primeira coisa que percebi ao voltar para casa é que as pessoas passaram a me tratar de forma diferente. Todas elas, a começar pela minha família. Fosse na forma de falar comigo, fosse quando me olhavam pelos cantos dos olhos pelo castelo. Me sentia como um bicho exótico sendo exposto em uma feira, um daqueles pássaros coloridos que alguns castelos tinham para enfeitar. Sendo observado e medido. E isso estava irritante demais.

Passei a evitar aglomerados de pessoas. Treinava sozinho, cavalgava sozinho. Só não podia evitar as refeições em família e essas eram meus reais martírios. Mamãe mal me dirigia a palavra sem me criticar em algo, Nótt me olhava permanentemente como se estivesse com nojo de mim.

E bem, tinha o papai. Ele tentava ser agradável, chamando a atenção do meu irmão quando ele era rude comigo, tentando me incluir nos diálogos em grupo, nas atividades do castelo. Era isso, ele tentava. Mas o problema não era ele, era eu. Ele era o Rei, meu irmão era herdeiro. E eu? O rapaz estranho que ficou seis meses longe da capital com a desculpa de estar recebendo instrução em uma casa nobre distante.

Nesses dias eu passei a então entender como a capitã Nadja se sentia no castelo. Todas as vezes que alguém era rude com ela, principalmente minha mãe, era dessa forma que ela era atingida. E isso criou uma sensação persistente de nó na garganta em mim.

Principalmente porque eu olhava para Falcor e me perguntava se meu amigo-amiga também passava por isso. Assim, um dia eu acordei antes do sol mal surgir, me vesti sozinho e fui para o quarto dele para tirá-lo da cama. Ele não entendeu muito bem quando eu disse que iríamos a um passeio, só me seguiu sem reclamar muito, montou em seu cavalo e me acompanhou.

Fomos cavalgando rumo ao norte, nos embrenhando pelas trilhas na floresta real, até o momento que achei que já estávamos longe o suficiente do castelo. Ali, numa clareira entre as rochas e árvores, coloquei meu plano em prática.

— Anda, Falcor! Me mostra!

— Mostrar o quê, Majestade?

— Sua cara de verdade. Sabe, com chifres, cascos. Sua forma feral...

Falcor me olhava intrigado. Percebi que estava tentando ler minha mente no início, mas de súbito parou de penetrar em minha cabeça e me perguntou com palavras mesmo.

— Por que isso, do nada?

— Você vive me protegendo e, para isso, vive escondendo o próprio rosto. Hoje e aqui você pode ser você mesmo, só um pouco, você pode ser só o que você é...

Ele pareceu meio confuso no início, cheguei a pensar que não faria o que eu pedi. Porém, aos poucos uma nuvem de folhagens o rodeou e a sua forma capricorniana apareceu. A Manni com sua pele escura como a noite, seus imensos olhos turquesa e seus chifres verdes adornados com fitas e penas coloridas apareceu diante de mim.

— Fazia anos que eu não te via assim....

— Você tinha um bocado de medo dessa forma quando era mais novo. Achei que era mais prudente evitar me transformar desde então.

— Faz sentido. Bem, temos algumas horas longe do castelo. O que acha de um pouco de treino de combate à forma capricorniana para passar o tempo?

— Acho que o príncipe está começando a pensar como um Fério!

— E isso é algo bom? – Perguntei, tirando minha camisa e jogando no gramado, para não sujá-la treinando.

— Você não sabe o quanto!

ربال ∞Ω∞. ربال

Retornamos ao castelo mais de quatro horas depois de termos saído. Assim que cruzamos a ponte de pedra da entrada, avistamos muitos cavalos sendo cuidados por cavaleiros e servos andando de um lado para o outro. Soldados de mais de uma cavalaria podiam ser vistos conversando entre si, alguns passando entre nós apressados.

— As capas indicam que tem pessoas da Terceira e da Primeira Cavalaria aqui. Os capitães devem ter sido convocados ao castelo por meu pai. – Falou Liam, que já havia desmontado de seu cavalo e entregado a rédea de Bastian para mim.

Vários soldados iam em direção às escadarias do castelo, alguns dos quais pararam e cumprimentaram Liam com uma reverência leve. Vendo que o dever

como príncipe o chamava, me adiantei a dispensá-lo do pátio para o castelo.

— Pode se aditar e ir se preparar. Logo seu pai estará te chamando para a refeição. Cuido dos cavalos e, mais tarde, te encontro.

Um outro grupo de soldados, que parecia estar seguindo um deles, passou rápido por nós, esbarrando em Liam e em mim. Não consegui identificar quem era a pessoa ou a que cavalaria pertencia, pois, o homem estava sem a sua capa ou uniforme militar. Vimos o cara alto subir as escadarias e eu me perguntei porque ele nem ao menos havia pedido desculpas pelo esbarrão no príncipe, que ficou com uma expressão irritada após isso, mas decidi deixar para lá e já estava me afastando para o estábulo, quando ouvi Liam murmurar.

— Manni, Manni... Mannileach!

— Ei! Por que está me chamando dessa forma aqui dentro do castelo?

Voltei-me para um príncipe com uma expressão assustada, que havia retirado suas luvas de cavalgada e olhava algo que segurava na palma de sua mão direita. Em suas mãos, um cristal vermelho translúcido brilhava intensamente.

— Uma gema de Oníria. É um dos tesouros do nosso povo. Como conseguiu um Záfon?

— Taranis me deu ela antes que eu viesse para a capital. Disse que ela me ajudaria em momentos de dificuldade a identificar amigos de inimigos. Por que ela está brilhando?

— O encanto nela indica pessoas que tem pensamentos ruins sobre nós. É um encanto bem difícil de fazer, na verdade. Quem passou do seu lado quando ela começou a brilhar assim?

— Aquele homem que esbarrou em nós, agora a pouco. O capitão da Primeira Cavalaria, Argus.

Gemas como aquela poderiam se enganar. Era um fato, mas a pedra ardia e brilhava com mais força a cada instante, e um som melodioso começava a sair dela. A pedra cantava, buscando que sua mensagem fosse ouvida para além do brilho que emanava. Percebi que precisaria fazer uma escolha: seguir meus instintos e ir atrás do tal Argus ou esperar e não tomar atitudes impensadas.

Ainda estava refletindo nisso quando minha intuição me apontou uma coisa: que talvez a joia não estivesse só indicando alguém que tinha pensamentos ruins sobre o Príncipe. Talvez ela estivesse nos alertando que alguns daqueles

pensamentos estavam sendo postos em prática naquele momento, com alguém próximo à Liam. Só me restou gritar para Liam e sair no encalço do capitão:

— Encontre o seu pai agora! Vamos nos dividir para achá-lo mais rápido.

Ele ficou surpreso em um primeiro momento, porém, quando viu a urgência em minha voz tomou o caminho das escadarias do castelo, enquanto eu fui correndo pela porta lateral. Não podia me transportar usando magia pelo lugar, considerando que haviam tantos soldados e servos circulando por lá e alguém poderia me ver. Só me restava andar e o procurar como se fosse humana. Tentei limpar minha mente e localizar a voz dos pensamentos do Rei Lucien, mas havia muito ruído, muitas vozes e pensamentos misturados pelo castelo: não ia conseguir encontrá-lo com a rapidez que queria.

Por fim, já no último andar do castelo acabei trombando com o próprio Liam que também estava à procura do pai, já diante da sala do trono. Empurramos as portas juntos, ao mesmo tempo, sem nem pedir licença aos guardas que faziam a vigia do local. Lá dentro estavam Nótt e Asbel sentados na mesa de reuniões com alguns conselheiros reais. Eles nos olharam de forma inquisitiva e só não fizeram cena porque Liam, de imediato, começou a falar com a voz aflita.

— Cadê meu pai?

— O que foi, Liam? Que desespero é esse? – Perguntou Asbel, levantando-se da mesa e se aproximando do filho.

— Anda! Me diz que você sabe onde ele está, onde foi!

— Ele saiu para dar uma caminhada pelos jardins com o Argus. Sabe como eles gostam de fazer isso e pareciam ter alguns assuntos importantes para tratar lá. Não deveria ir lá e atrapalhar. – Respondeu Nótt, saindo da cadeira e andando também até o irmão.

— Liam, temos que ir para o jardim. Agora.

Apontei a janela e ele de imediato entendeu qual era meu plano. Subimos no parapeito, eu levemente abaixado e o príncipe apoiado em minhas costas. Saltamos para a árvore mais próxima à janela, de onde Liam tomou impulso e alcançou o solo com grande agilidade. Pulei um pouco além, no próximo pinheiro, e também descii no chão, um pouco mais à frente. Ali, fora do castelo, com menos ruído e pessoas, pude seguir o pensamento de Lucien:

— Eles estão perto do lago ornamental! – Gritei para meu companheiro. Corremos na direção que indiquei e logo avistamos os dois, Argus e Lucien, um diante do outro e aparentemente tendo uma conversa amistosa.

Porém, quando vi o capitão das Primeira Cavalaria estendendo um estranho cantil para o Rei, diferente do que carregava sempre consigo, senti que havia algo de errado. Liam foi mais rápido do que eu e atirou uma faca de arremesso na mão de Argus, derrubando o objeto. Puxei a minha lâmina curva e me pus em guarda a ponto de bloquear que o cavaleiro puxasse a espada que levava na bainha à direita do corpo.

Só que Argus era um guerreiro ambidestro, que levava duas espadas longas presas em duas bainhas. Assim, sua mão esquerda ainda estava livre para puxar a espada, se desvencilhar de mim e quase a afundar em Lucien, sendo impedido dessa vez pelo próprio rei, que bloqueou o ataque com sua própria espada a centímetros de ser ferido. Ele empurrou o capitão para trás, segurou a empunhadura de sua arma com as duas mãos e falou com voz de comando para o homem que havia tentado o atacar:

— O que está acontecendo aqui, Argus?! Liam e Falcor, por que surgiram do nada atacando assim ao meu capitão?

— Ele ia te dar veneno! Eu tenho certeza de que tem veneno nesse cantil que ele estava te oferecendo. – Falou um ofegante Liam, apontando uma segunda faca de arremesso para Argus.

— Viu como ele sacou a espada e atacou ao Senhor quando o impedimos?

— Do que está falando, moleque? Só saquei a espada para me defender desse rapaz louco que anda atrás de você como guarda-costas e que me atacou diretamente, logo depois de você. Só estava oferecendo ao seu pai um pouco do licor novo que recebi de presente.

— Argus! Exijo respeito para quando se dirigir verbalmente a alguém da minha família. Ele não é nenhum moleque: é meu filho e seu príncipe, uma Majestade para você.

— Ele? Uma Majestade. Já me basta ter que conviver com o fato de que enviou a própria descendência para ter com os monstros em uma terra selvagem e ainda me diz que devo tratá-lo de forma respeitosa depois de ter atacado um general aliado sem motivo?

— Você tentou atacar seu próprio rei com sua espada! — Tentei fazer o Rei entender o que estava acontecendo ali. Lucien parecia um pouco confuso ao olhar de Argus para nós, como se ainda não tivesse percebido que um ataque à sua vida havia acabado de acontecer.

— Pai, a joia de Ensiferum me mostrou que ele faria mal a você. — Liam levantou o cordão em que carregava a gema onírica. Os olhos de Lucien se estreitaram ao ver o objeto e percebi que não era a primeira vez que ele tinha contato com um artefato de Ensiferum como aquele. Ele abaixou a própria espada, a colocou em sua bainha e estendeu sua mão para o capitão.

— Argus, se realmente isso tudo se trata de um grande mal-entendido, solte suas espadas e nos deixe te conduzir até o castelo. Vamos lidar com tudo isso com sensatez.

— Conduzir por quem? Por esse seu filho que agora é amiguinho dos monstros? Ou por essa coisa de pele escura que se faz passar por humana quando não é? Ou por você, que é um Rei fraco que não merece a coroa que ostentas?

Naquele momento, Argus deixou completamente de soar como um respeitável cavaleiro do exército e mostrou a sua real faceta, a de um traidor. Ele parecia a ponto de entrar em combate com nós três ao mesmo tempo, principalmente quando puxou a segunda espada da bainha e passou a segurar as duas em guarda.

— Vou acabar com vocês usando minhas próprias habilidades. A artimanha do veneno seria perfeita para outras circunstâncias.

O que o capitão não contava é que aquela cena toda já tinha tirado a minha paz há muito tempo e que havia decidido deixar minha sutileza e máscara. Assim, me aproximei dele já proferindo um encanto, com o qual conjurei para que pássaros da floresta e do jardim o rodeassem e tirassem sua atenção. Ao mesmo tempo, Lucien e Liam avançaram e tomaram as espadas do capitão, que caiu de joelhos, desacordado, quando emiti mais uma magia, dessa vez para que ele ficasse sonolento e não oferecesse resistência à prisão.

Enquanto Liam e Lucien erguiam o capitão e o entregavam a um grupo de soldados que apareceu de repente, olhei para o lado e vi Asbel e Nótt parados, olhando tudo com uma expressão séria. O capitão da Primeira Cavalaria estava meio acordado, meio dormindo, quando o próprio Rei Lucien fechou as algemas em torno dos seus pulsos.

— Você está preso, Argus de Behemoth!

ريال ∞Ω∞ ريال

— Majestade, sei que o momento não é dos melhores, frente aos recentes acontecimentos dessa manhã. Mas uma pessoa acabou de chegar ao castelo e solicita uma audiência com o Senhor, com grande urgência. – Era Bergan quem falava comigo, parado na frente da porta entreaberta.

Estava parado na sala do trono tentando organizar meus pensamentos depois de um longo interrogatório que travei com todos os homens da Primeira Cavalaria. Manni em sua forma de Falcão estava ao meu lado o tempo todo, usando suas habilidades para penetrar na cabeça daqueles soldados e identificar mentiras e verdades que dali surgiam. Estava cansado, sem vontade de ver qualquer pessoa e pedi para ser deixado sozinho na sala do trono e só ser interrompido frente a algo muito relevante.

O interrogatório havia revelado mais cedo que haviam outros conspiradores entre as famílias nobres, cujos nomes ainda eram desconhecidos. Mesmo o veneno que Argus tentou me oferecer era uma grande incógnita. O que sabíamos é que era do mesmo tipo que havia sido usado para vitimar o Rei de Otyg, Vougan, e que após meu próprio adoecimento, a minha família passaria a sofrer ataques até deixar o castelo.

— Tudo bem, Bergan, diga logo de quem se trata e eu decido se irei ou não recebê-lo. – Disse ao meu capitão, indo me sentar no trono.

— Tem um homem, ele diz se chamar Olaf. Tenho a impressão de já tê-lo visto antes, mas não me recordo de onde e nem sei a qual cidade ou Senhor ele responde.

— Bem, se é o Olaf que acredito que seja, ele só responde ao próprio martelo e orgulho. Mas vive em Enslaved, cercado por aqueles que chamam de ferais. Mande-o entrar, eu o receberei. Ou há mais alguma coisa que gostaria de me falar antes disso?

— Ele acabou de chegar ao Castelo trazendo consigo os homens da Segunda Cavalaria que deixaram Borknagar com a capitã desertora, mas a própria Nadja não retornou com eles.

— Mande-o entrar agora e fique na porta vigiando. Não permita que ninguém adentre a sala enquanto ele estiver aqui comigo.

Alguns minutos depois, Olaf entrou pelas portas da sala do trono, andando de forma cautelosa pelo espaço. Parecia bem mais velho do que eu me recordava. Seu cabelo loiro, agora mais puxado para o branco, descia em uma trança fina contrastando com a careca no alto de sua cabeça, que parecia ter aumentado nos últimos anos em que não o vi. Ele estava com roupas de viagem, bastante gastas e sujas e parecia exausto. Ele ia se abaixar sobre um joelho para fazer uma grande reverência, mas o impedi vendo seu cansaço.

— Você não precisa dessas coisas depois de tanto tempo. Venha aqui, caro amigo.

Nos abraçamos forte e sentamos na mesa de reuniões. Servi para ele uma taça de vinho e a pus diante do homem, que parecia tomar coragem para iniciar sua fala.

— O que te traz à capital, Olaf? O que aconteceu com você e onde está Nadja?

— A resposta para a primeira pergunta é uma longa história que contarei para você hoje aqui. Quanto ao paradeiro de Nadja, isso é um mistério que ficará para ambos. A magia da escuridão voltou à Omnia, Lucien, e ela está no encalço de pistas para descobrir como e porquê.

— Ela não voltará, então?

— Não até descobrir respostas. Tanto para o Senhor quanto para o Conselho Púrpura, que logo dará as caras em seu reino. Ela está em uma jornada própria, por hora. — Ele tomou mais um gole do vinho e prosseguiu. — Agora vou contar para você o que ocorreu comigo e Nadja em Otyg, conforme as orientações que ela mesmo deixou.

As horas foram se passando e a garrafa de vinho foi sendo esvaziada enquanto Olaf me falava sobre toda a conspiração e as criaturas do necromante em Otyg. Também falou sobre outras coisas da qual eu não tinha ciência ainda, como o fato de que o dragão Guilherme estava despertando e de que, no momento, ele era o responsável por alimentá-lo. Quando a garrafa já havia acabado, pousamos nossas próprias taças vazias sobre a mesa e ele anunciou, com uma voz meio bêbada, meio sonolenta:

— Isso é tudo o que eu tinha para te passar, Rei Lucien. Cumpri a missão que a Fúria me designou: te trouxe as informações que precisava, pessoalmente. Seus homens estão de volta à capital. Ainda preciso fazer o velório do pobre Ross, que

morreu lutando em Otyg. Acho que preciso só de uma boa noite de sono para terminar tudo e voltar para Enslaved, assim que possível.

Olaf já estava se levantando e deixando a sala do trono. Entretanto, diante de tudo que ele havia me contado e dos acontecimentos recentes no Castelo Esmeralda, percebi que não poderia deixá-lo ir, não ainda.

— Ainda tenho algo a te dizer Olaf, espere.

— E o que seria, meu Rei?

— Olaf de Enslaved, o ferreiro das feras, eu te nomeio a partir desse instante novo capitão da Segunda Cavalaria. Você agora está preso a um juramento de servidão a este castelo e à minha coroa.

— Você não pode fazer isso, Lucien! Eu preciso voltar a Enslaved. Não posso deixar a vila ainda e não tenho vontade de me juntar ao exército, ainda mais assim.

— Sim, eu posso, Olaf. Eu preciso de pessoas de confiança ao meu lado. Eu preciso de você. É chegado o seu momento de liderar algo. Esses homens e meu reino precisam de um capitão e já fiz minha escolha. Bem-vindo à Cidadela Esmeralda. Este será seu novo lar.

ربال ∞Ω∞. ربال

Epílogo: Um réquiem em sangue e neve

V iajar com Taranis era sem graça. A palavra entediante podia ser descrita usando uma pintura da cara desse chifrudo velho e enjoado que vivia me repreendendo sempre que me animava a fazer alguma coisa. No começo ele até se esforçava para manter um diálogo, ouvir as minhas perguntas com alguma atenção, mas logo eu me sentia batendo papo com uma árvore ou com um esquilo na floresta, falando e falando e não sendo respondida. Ou melhor, ele só me respondia se fosse para dar alguma lição de moral ou falar sobre algum assunto que eu não entendia bem, minuciosamente. Ou seja, chato.

— Por que você não pode nos transportar para Enslaved mesmo?

— Nós só podemos levar de um canto para o outro os nossos próprios corpos. Não há magia capricorniana para transportar outras raças entre lugares assim.

— Ahá! Então tem uma magia para isso em algum lugar e você não sabe ela!

— Não é só sobre “não saber”, menina loba. Cada ser tem sua magia. Cada parte dela é de um ser. Essa magia só não é parte do meu povo.

— Você é muito chato e adora ficar me falando de coisas chatas. Se cada ser tem sua magia, por que não me ensina a queimar coisas ou a fazê-las voar?

— Metamorfos não são versados nesse tipo de magia, Andarim. Vocês transformam seus corpos em formas animais. É disso que a sua magia se compõe.

— Ou seja, nossa magia é chata também. — Resmunguei, parei e olhei à nossa volta. Aquelas árvores e pedras já me eram familiares, já estávamos nos arredores de Enslaved.

— Ainda bem que já estamos quase chegando em casa ou eu morreria de tédio se tivesse que ouvir mais uma lição sua.

— Você disse a mesma coisa há três dias atrás e depois de dois dias. E ontem, por sinal, duas vezes. Você é uma criança muito emburrada, sabia disso? Mas tem razão sobre algo, o atalho que tomamos nos trouxe bem rápido até a Vila, cruzando a floresta. Apesar de termos nos atrasado porque inventou de parar para caçar de novo ontem, iremos chegar mal a noite tendo caído.

— Só acho estranho que deveríamos ter cruzado com algum filhote treinando ou algum dos homens mais velhos pela mata. Se eu não me engano, à frente é o

campo de treinamento de arco e flecha, lá deve ter alguém ainda guardando as flechas e os arcos.

Estávamos andando pela floresta, evitando as estradas e caminhos normais pela razão óbvia de que Taranis não queria ficar se transformando e ocultando sua face feral. No fundo, eu também me sentia mais confortável ali, entre as árvores, do que tentando cavalgar e sendo rejeitada por todo cavalo que tentava subir. Era como se todo animal que eu tentasse cavalgar tivesse medo de mim e não me deixasse subir em seu lombo e isso era bem ridículo, na verdade.

Porém, passamos o campo de treinos, as primeiras casas e logo, estávamos no centro da vila, mas tudo parecia silencioso e abandonado, de um jeito assustador. Onde estavam todos? Enquanto eu olhava de um lado para o outro, tentando entender o que estava acontecendo, senti um cheiro diferente na mata, um que entrou por meu nariz e queimou: era cheiro de madeira e palha queimada. Um cheiro forte de cinzas que me rodeava, mesmo não tendo nenhuma fogueira ou nada ardendo à minha vista.

— Alguma coisa está queimando. Taranis, está sentindo esse cheiro?

Taranis pareceu ser tomado por alguma coisa subitamente, porque me atirou no chão e gritou: — É uma armadilha!

Nesse momento, foi como se o véu de um sonho caísse e a aparência de tudo ao nosso redor mudasse: as casas estavam pegando fogo. Havia pessoas, ferais e humanos, mortos ou feridos, no chão. Do outro lado, em frente à torre de madeira que era o lar do Líder Mikael, um enorme homem leão lutava com um homem que tinha chifres curtos e cabelos brancos curtos.

— Estamos sendo atacados, Taranis!

O capricorniano se posicionou sobre mim, com uma pata de bode de cada lado do meu corpo, me protegendo. Ele pegou seu bastão cheio de ossos e penas e, com ele, desviou uma bola de fogo que foi arremessada em nossa direção por outro ser de cabelos brancos e chifres que surgiu pulando de um dos telhados, dessa vez uma fêmea com um longo vestido azul.

A mulher começou a atacar Taranis com um espada e magia ao mesmo tempo, e ele fazia o possível para mantê-la longe de mim. Um vento frio soprou e dos céus desceu uma garota assustadora, vestida completamente de negro, rodeada de pássaros feitos de sombra que pareciam entrar e sair de suas vestes e de seu corpo. Ela caminhava até nós e meu instinto me dizia que era perigosa e mortal.

— Corra, menina! Se esconda em algum lugar seguro.

Taranis gritava para mim, enquanto ainda lutava contra a mulher de cabelos brancos que parecia estar quase levando a melhor no combate. Rolei no chão, me desviando da luta dos dois e me pus de pé, tentando buscar em minha mente um lugar seguro no qual poderia me esconder na Vila. Porém, mal eu comecei a correr e senti algo atravessando meu corpo. Uma dor horrível me preencheu.

A garota de negro estava parada à minha frente com uma mão estendida e dentro de mim uma grande estaca dura como pedra e completamente negra estava cravada. Aquela coisa fedia a magia ruim e no momento em que a toquei com meus dedos tentando tirá-la, se desfez em milhares de borboletas pretas que voaram sumindo rumo ao céu.

Quando olhei para cima, vi uma coisa que me espantou: estava nevando em Enslaved, mas não era inverno. A fuligem das casas que queimavam subia para o alto e descia cobrindo tudo, como se fosse uma neve cinzenta. Cinza como os olhos de Taranis, que agora avançava na direção da garota feiticeira que havia me ferido.

Sangue e neve, essas duas coisas pareciam que estavam sempre juntas quando algo ruim acontecia comigo.

Eu havia sido ferida com magia e o lobo estava em desespero, porque o rasgo em meu ventre era grande demais para ser curado mesmo que eu me transformasse. Caí de joelhos primeiro, depois com as costas para trás. Senti o sangue descendo pelo ferimento e encharcando todo o meu corpo. Minha vista começou a ficar embaçada e, logo, não conseguia me mexer mais. Só conseguia ver os flocos de neve cinzenta descendo sobre meu corpo e ouvir os batimentos do meu coração irem ficando mais fracos, mais lentos até, enfim, pararem.

Continua...

ريال ∞Ω∞. ريال